

EXPEDIENTE

AOS DIGNOS SRS. ASSIGNANTES.—A *Revista do Rio de Janeiro* abre, com este numero, o segundo trimestre do segundo anno.

Firmes no empenho a que sempre nos havemos conservado adstrictos, continuaremos a pugnar, quanto em nossas forças caiba e quanto o favorecerem as circumstancias, pelo maior engrandecimento e importancia deste periodico.

O numero dos collaboradores, diminuto ao principio, de presente, mercê de nossos esforços, compõe-se dos srs., alguns dos quaes vantajosamente collocados na litteratura nacional: Miguel Lemos, J. E. Teixeira de Souza, R. Teixeira Mendes, Theophilo Dias, A. Fontoura Xavier, Dr. Generino dos Santos, Lins de Albuquerque, A. Pereira Simões, Vicente Barreiros, Dr. F. A. Ferreira da Luz, Dr. Casimiro de Assis, Cypriano de Carvalho, R. T. Leitão de Almeida, Arthur Barreiros e Arthur Azevedo.

Soccorremo-nos do ensejo para declarar, outrossim, que a responsabilidade moral e litteraria de nossos artigos corre á conta de seus auctores: a direcção responde tão sómente pelos seus edictoriaes.

AGRADECIMENTO.—Aos illustrados collegas da imprensa brasileira, que com tão extremado cavalheirismo, nos dispensaram, movidos da bemquerença, palavras generosas e em extremo honradoras, rendemos o publico testemunho de todo nosso reconhecimento.

Para as dividas do coração ha uma moeda obscura, mas imperecedoura: a gratidão.

PERIODICOS E DIARIOS. — Recebemos e agradecemos: *Reforma*, *Revista illustrada*, *Mosquito*, *Eschola*, *Diario de Pernambuco*, *Tempo*, *Arauto de Minas*, *Theophilo Ottoni*, *Rezendense*, *Jornal do Recife*, *Diario de noticias*, *Noticiador*, *Jornal do Pilar*, *Liberal*, *Mosaico Ouro Pretano*, *Conservador Penedense*, *Diario de Campinas*, *Jornal do Penedo*, *Liberal victoriense*, *Espirito Sanctense*, *Gazeta do commercio*, *Tribuna*, *Pedro II*, *Liberal do Pará*, *Cearense*, *S. Joannense*, *Conservador*, *Despertador*, *Jornal do Pará*, *Jornal da Parahyba*, *Diario de Minas*, *Tribuna do povo*, *Constituição*, *Publicador maranhense*, *Provincia*, *Commercio do Amazonas*, *Jornal para todos*, *El maestro* e *Correio de Cantagallo*.

SR. F. P. — V. S. em seu artigo diz que tem talento e lê muito.

Isso é lisonja.

Nós tambem estamos convencidos de que V. S. lê.

E até relê

E até... treslê...

Licções de politica positiva

POR

J. V. LASTARRIA

ADVERTENCIA

E' este o titulo de uma obra publicada recentemente no Chile, que assignala mais uma conquista da philosophia positiva e que attesta ao mesmo tempo o gráu elevado de adiantamento intellectual dessa feliz republica. O sr. Lastarria, já muito conhecido em seu paiz e no resto da America pelos seus escriptos e pelas altas funcções politicas que por vezes foi chamado a exercer, acaba de converter-se ao novo regimen scientifico e de consignar essa nova phase de seu espirito no livro a que nos referimos. Este facto é tanto mais significativo quanto o sr. Lastarria pertence á classe dos legistas, na qual, como se sabe, a nova philosophia tem encontrado maiores resistencias e invenciveis repugnancias. Estes dous motivos—a importancia da obra e a qualidade do convertido, levam-nos a traduzir aqui a primeira licção, que é quanto basta para dar idéa da convicção do escriptor chileno e da applicação que elle procura fazer do methodo positivo á sciencia politica.

Rio, 28 de março de 1877

MIGUEL LEMOS

SUMMARIO — I — Idéa da sciencia politica. — II — Classificação da sciencia politica. — III — Limites da sciencia politica. — IV — Methodo positivo.

I

IDÉA DA SCIENCIA POLITICA

A politica é uma sciencia de applicação que ainda não está constituida, estando comtudo elaborados seus materiaes.

E uma sciencia de applicação porque seu objecto é combinar os principios geraes da philosophia com os factos sociaes e dar-lhes applicação á medida que as novas tendencias da sociedade indicam sua necessidade.

Para que a politica seja uma sciencia constituida capaz de uma evolução, é mister que preencha duas condições, que são communs a todas as sciencias em sua constituição. Consiste a primeira em reconhecer e verificar as propriedades da materia a qual, no que diz respeito á politica, não é outra sinão o corpo social. A segunda consiste em estabelecer sobre essas propriedades uma doutrina abstracta, susceptivel de evolução, isto é, de um progresso por meio do qual o conhecimento humano se eleve ás verdades cada vez mais geraes e abstractas.

Até agora a politica não se emancipou da sociologia, como sciencia. Muitos são os materiaes reunidos, desde a antiguidade, em monographias, em tractados philosophicos, mais ou menos geraes, em obras didacticas mais ou menos especiaes, em minudencias de applicação ou em estudos concretos, dominando em uns a philosophia theologica, em outros a metaphysica, e geralmente nos modernos uma philosophia positiva incompleta, na qual a verificação experimental tem sido desvirtuada pelas illusões de um methodo puramente subjectivo.

É mister penetrar neste immenso arsenal, em que os instrumentos uteis estão de envolta com os imprestaveis, e em que ha elementos para todas as construcções, desde a do imperio uno e absoluto até a das repubblicas antigas em que se transportava esse imperio das mãos de um monarcha para as dos funcionarios temporarios; e desde o que pretende mascarar a unidade do commando com os atavios da monarchia modesta até a das democracias embryonarias, que se ensaiam nestes eculos, conservando a mesma unidade do poder.

Mas qual será a luz que ha de guiar-nos nesse dedalo confuso de doutrinas fascinadoras, de erros seductores e de illusões consoladoras, que parecem encaminhar-nos para a verdade, quando só nos afastam della ou nos extraviam? Não póde ser outra sinão a luz da verdadeira sciencia.

Sim, mas não é facil distinguir a verdadeira da falsa sciencia, e com a melhor intenção podemos enganar-nos, como tantos philosophos, que sem ser daquelles que de industria tem procurado fundar *a priori* a philosophia do despotismo ou da escravidão, tem-se extraviado e tomado uma illusão pela verdade.

Para evitar este extravio, é indispensavel que procuremos conhecer, antes de tudo, o logar que póde corresponder á politica na serie das sciencias, e em seguida estudal-a com methodo seguro em seus fundamentos e em suas leis, isto é, nos factos e nas idéas que delles devemos abstrahir. Em outras palavras, determinemos primeiramente sua natureza, e depois o modo de estudal-a philosophicamente. A philosophia de uma sciencia distingue-se da propria sciencia. Admittindo, como diz Stuart Mill, que a palavra philosophia significou sempre o conhecimento scientifico do homem como ser intellectual, moral e social, ella comprehendendo tudo quanto o homem póde conhecer, mas sómente com referencia ao modo de conhecê-lo, isto é, á doutrina das condições do entendimento humano. A philosophia de uma sciencia consiste desta maneira no processo que emprega o espirito para descobrir suas verdades, para verificá-las e coordená-las em uma ordem methodica, tendo em vista a maior clareza de concepção e da commodidade mais immediata. A philosophia de uma sciencia se compõe portanto de duas partes principaes: o methodo da investigação e as condições da prova. Aquelle indica o caminho que deve seguir o espirito para obter as conclusões, estas o modo de verificar a sua certeza. Por conseguinte, vamos estudar a sciencia politica, procurando coordenar seus resultados e suas verdades, e verificá-las de um modo evidente, para obter por meio deste processo philosophico a *politica positiva*.

II

CLASSIFICAÇÃO DA SCIENCIA POSITIVA

A philosophia positiva, cujo caracter fundamental consiste em considerar todos os phenomenos como submettidos a *leis* invariaveis, tendo como absolutamente inacessivel e vazio de sentido para toda investigação, o que se chama *causas*, quer primeiras quer finaes, classifica as sciencias em uma ordem historica e logica, que corresponde á ordem natural em que ellas se têm constituido umas depois das outras.

Nesta classificação, porém, só se tracta das sciencias fundamentaes pois que apesar de compôr-se em seu conjuncto o saber humano de conhecimentos especulativos e de conhecimentos de explicação, de sciencias geraes e de sciencias particulares, basta formar a serie das primeiras, para comprehender a ordem que corresponde ás segundas.

Em primeiro logar as sciencias têm um fim elevado e directo, como é o de satisfazer a necessidade fundamental que experimenta nossa intelligencia de conhecer as leis de todos os phenomenos, e na sua classificação é mister não esquecer outra necessidade de nossa organização, a que exige que se nos apresentem os factos em uma ordem que possamos conceber com facilidade.

Esta necessidade de nossa organização é tão effectiva, que quando não podemos dar-lhe satisfacção, concebendo os factos com facilidade de um modo positivo, voltamos ás explicações theologicas e metaphysicas, que por sua vez tiveram por origem essa mesma necessidade. Seria isto uma inconsequencia. A philosophia positiva, que é o conjuncto do saber humano, isto é, o estudo das forças da materia e das condições ou leis que regem estas forças, distingue-se da philosophia theologica e da metaphysica em que ella é da mesma natureza que as sciencias de onde procede, ao passo que a theologia e a metaphysica são de outra natureza e não podem nem guiar as sciencias nem ser guiadas por ellas. As sciencias, a theologia e a metaphysica não têm uma natureza commum. Esta natureza commum só existe entre a philosophia positiva e as sciencias.

A formula encyclopedica adoptada pelas sciencias fundamentaes as colloca nesta ordem, constituindo o saber humano para logo com o objecto e terminando-o com o sujeito: mathematica, astronomia, physica, chimica, biologia e sociologia.

Funda-se esta classificação, segundo Littré, em tres pontos que constituem a philosophia positiva.

E' o primeiro a jerarchia das sciencias, que apparecem divididas em tres grupos correspondentes ao conjuncto que chamamos natureza: o grupo mathematico-physico, isto é, das propriedades ou forças physicas com suas condições numericas, géometricas e mathematicas; o grupo chimico, com suas accões exercidas molecularmente; o grupo organico, com suas propriedades vitaes. Este suppõe os dous primeiros, o grupo chimico suppõe o grupo physico, e só este não suppõe outro.

(Continúa)

MATHEMATICA

LXVII

Dynamica. — Theoria do movimento variado rectilíneo.

O objecto essencial da Dynamica consiste no estudo dos movimentos variados produzidos pelas forças *continuas*, pois a theoria dos movimentos uniformes devidos ás forças *instantaneas* é uma simples conse-

quencia immediata das tres leis physicas, que constituem os alicerces da Mecanica racional.

Na Dynamica dos movimentos variados ou das forças continuas distinguem-se dous casos geraes: o movimento de um ponto e o movimento de um corpo.

Provém esta distincção de que, em certos casos, todas as partes do corpo movendo-se exactamente do mesmo modo, basta determinar o movimento de uma só dentre ellas, sem attenção alguma ás condições de ligação do systema: em outros, e é este o caso mais geral, cada parte do corpo ou cada corpo do systema movendo-se de modo differente, cumpre examinar estes differentes effeitos e conhecer a influencia, que sobre elles exercem as relações características do systema considerado.

A segunda theoria sendo evidentemente mais complicada, do que a primeira, é por esta que convém iniciar o estudo especial da Dynamica.

Relativamente ao movimento de um ponto, a questão geral consiste em determinar com toda a exactidão as diversas circumstancias do movimento curvilineo composto, que resulta da acção simultanea de differentes forças continuas, suppondo perfeitamente conhecido o movimento rectilineo, que tomaria o movel sob a influencia de cada força, considerada isoladamente.

Como se sabe, este problema é susceptivel de ser encarado em sentido inverso, quando tem-se em vista descobrir quaes as forças que sollicitam o corpo, pelas circumstancias características, directamente conhecidas do movimento composto.

Mas antes de entrar no exame philosophico destas duas questões geraes, devemos estudar uma theoria preliminar importantissima: a do movimento variado considerado em si mesmo, isto é, a theoria do movimento rectilineo produzido por uma unica força continua, que actúa sempre na mesma direcção.

Esta theoria elementar é indispensavel para estabelecer as noções fundamentaes, que se apresentam constantemente em todas as partes da Dynamica.

Eis o nosso modo de conceber a Mecanica racional, em que ella consiste essencialmente.

Observamos, ha pouco, que na questão dinamica directa era preciso suppôr conhecido o effeito de cada força de per si, visto ser a verdadeira incognita do problema geral, o effeito determinado pelo concurso de todas as forças.

Esta observação é incontestavel.

Mas então, qual será o objecto desta parte preliminar da Dynamica, que se destina ao estudo do movimento resultante da acção de uma unica força continua?

A apparente contradicção é devida ás expressões pouco exactas, ordinariamente empregadas e pelas quaes uma tal questão pareceria tão distincta e tão directa, como as verdadeiras questões dynamicas, quando apenas é um preliminar.

Para bem penetrar o seu verdadeiro character, faz-se mister observar que o movimento variado, produzido por uma unica força continua, póde

ser definido de muitos modos, dependentes uns dos outros, e que, por consequencia, nunca poderiam ser dados simultaneamente, embora cada um possa ser separadamente o mais conveniente, donde resulta a necessidade de saber passar, em geral, de um qualquer dentre elles para todos os outros; é nestas transformações que consiste propriamente a theoria geral preliminar do movimento variado, erroneamente denominada: estudo de uma força unica.

Estas differentes definições equivalentes de um mesmo movimento variado resultam da consideração simultanea das tres funcções fundamentaes distinctas, embora correlativas, que nelle se póde considerar, o *espaço*, a *velocidade* e a *força*, considerados como dependentes do tempo decorrido.

A lei do movimento póde ser dada immediatamente pela relação entre o espaço percorrido e o tempo gasto em percorrel-o, e importa então determinar a *velocidade adquirida* pelo movel a cada instante, isto é, a velocidade do movimento uniforme que teria logar si a força continua deixando de repente de activar, o corpo só se movesse em virtude da impulsão natural resultante, segundo a lei de persistencia, do movimento já effectuado; é egualmente interessante determinar tambem qual seja, a cada instante, a intensidade da força continua, comparada a de uma força acceleratriz constante, sufficientemente conhecida, como, por exemplo, a gravidade terrestre, unica força deste genero, que nos é bastante familiar para servir de typo conveniente.

Em outros casos, pelo contrario, o movimento poderá ser naturalmente definido pela lei que rege a variação da velocidade na razão do tempo, e donde será preciso concluir a relativa ao espaço, bem como a que se refere á força.

O mesmo aconteceria si a definição primitiva do movimento consistisse na lei da força continua, que nem sempre poderia ser dada immediatamente em funcção do tempo, mas algumas vezes em relação ao espaço, como por exemplo, quando se tracta da gravitação universal, em outros casos, em relação á velocidade, como no caso da resistencia dos meios.

Emfim, considerando esta ordem de questões sob o ponto de vista mais extenso, é preciso admittir, em geral, que a definição de um movimento variado póde ser dada por uma equação qualquer, podendo conter ao mesmo tempo estas quatro variaveis uma unica das quaes é independente: o tempo, o espaço, a velocidade e a força.

O problema consistirá em tirar desta equação a determinação distincta das tres leis characteristics relativas ao espaço, á velocidade e á força, em funcção do tempo, e, por consequente, em mutua correlação.

Este problema geral reduz-se sempre a uma investigação puramente analytica, por meio de duas formulas dynamicas fundamentaes, que exprimem, em funcção do tempo, a velocidade e a força, quando se suppõe conhecida a lei relativa ao espaço.

O methodo infinitesimal conduz a estas duas formulas com extrema facilidade.

Para obtel-as, basta, com effeito, considerar, conforme o espirito

deste methodo, o movimento como uniforme durante um intervallo de tempo infinitamente pequeno, e como uniformemente acelerado durante dous intervallos consecutivos.

Desde então, a velocidade, supposta momentaneamente constante, será naturalmente expressa pela differencial do espaço dividida pela differencial do tempo, e a força continua será medida pela relação entre o accrescimo infinitamente pequeno da velocidade e o tempo gasto em produzir este accrescimo.

Assim chamando t o tempo decorrido, e o espaço percorrido, v a velocidade adquirida e i a intensidade da força continua a cada instante, a correlação geral destas quatro variaveis simultaneas será expressa analyticamente pelas duas formulas fundamentaes :

$$v = \frac{de}{dt}, \quad i = \frac{dv}{dt} = \frac{d^2 e}{dt^2}$$

Por meio destas formulas, todas as questões relativas a esta theoria preliminar do movimento variado reduzir-se-ão immediatamente a simples investigações analyticas, que consistirão ou em differenciações, ou, na maioria dos casos, em integrações.

Considerando o caso mais geral, em que a definição primitiva do movimento proposto fosse apenas dada por uma equação entre as quatro variaveis, o problema analytico consistirá na integração de uma equação differencial de segunda ordem, relativa á funcção e , e que frequentemente poderá ser inexequivel, attenta a extrema imperfeição actual do calculo integral.

(Continúa)

ENTRE MOÇAS

(Continuação)

V

Neste interim já o commendador, de braço sempre com o sr. José Tavares de Almeida, havia chegado juncto de Sophia. Feita a apresentação, o commendador sentiu atravez das luvas a mão gelida da moça e só elle ouviu um nome pronunciado a medo :—Luiz !

Passada a primeira commoção, o resto da noite levou-se cantando, tocando e conversando. Só Carlotinha se mostrou triste depois da entrada do commendador Torres.

Quando Sophia pôde fallar a Luiz, disse-lhe :

— Nem sabes quanto me fizeste soffrer !

— Quiz ter certeza de que eras a mesma. Julguei-te infiel, confesso.

Alli está quem te salvou.

Luiz, assim fallando, apontava para Carlotinha, que se debruçava tristemente á sacada. Era já depois do chá ; no entanto só naquella occasião notára Sophia a tristeza da amiga e, indo abraçal-a, perguntou-lhe commeiguice :

— Que tem? Pois logo hoje que me vê tão alegre se lembra você de ficar assim?

— Eu? Sophia, amo muito a você, minha amiga!

— E então eu não a amarei também?

— Eu sei!

— Má! E' por ter esta duvida que está triste?

— Sim, sim, é; você é uma ingrata.

(*Continúa*)

CHRONICA

Ainda os *judas*.—O *Ganganelli*, judas com pretensão a folha séria.—O Sr. R., da *Revista Illustrada* e o Osorio.—Quintino Bocayuva.—Ainda o Sr. R. — Versos de senhora.—Versos de homem.—Saude.—Pastoral—*reclame*.

Quem leu a nossa ultima chronica, na parte em que nos referimos aos miseraveis pasquins, que costumam ser distribuidos em sabbado de alleluia, facilmente comprehenderá o prazer com que transcrevemos a seguinte noticia da *Gazeta*:

« No dia de hontem (sabbado de alleluia) era costume ser esta cidade invadida por uma verdadeira praga de pamphletos, a que se dava o nome de *Judas*, em que eram atacadas, sempre de uma maneira brutal e sem reboço algum, a honra de muitos cidadãos e de muitas familias.

« Parecia que não havia remedio para tão grande mal, pois que varias tentativas para o extinguir haviam sido frustradas. Este anno, porém, graças ás acertadas providencias do Sr. Dr. Acacio de Aguiar, foi apprehendida a quasi totalidade desses papeis, a ponto de não apparecerem pelas ruas. E' um bom serviço prestado á causa da moralidade, e que folgamos de registrar. »

A venda dos *judas*, porém, foi só prohibida na rua; em todas as livrarias, inclusive a do nosso sympathico editor, venderam-se centenas desses nojentos papeis.

Cremos que não ha lei neste paiz que possa ser empregada no sentido de reprimir tão grave abuso.

Mas o *judas* é um sophisma...

E contra essa grande arma, o sophisma, só existe outra, por ventura maior, o arbitrio.

Quando o arbitrio corrige o que a lei protegeu com o olvido, merece louvado.

★ ★

A fallar em judas:

Appareceu mais uma folha caricata: *Ganganelli*.

E' mal escripto, mal desenhado, mal impresso, mal lithographado e, por conseguinte, mal recebido.

Foi distribuido em sabbado de alleluia.

Por essa circumstancia, como pela linguagem com que o rabiscaram, digno se torna do nome de *judas*, tendo de menos sobre estes apresentar-se com pretensão mais lauta.

Aos redactores do *Ganganelli* enviamos os mais sinceros pesames.

*
* *

A fallar em jornaes caricatos :

O sr. R., no ultimo numero da *Revista Illustrada*, que prima sempre pelos seus excellentes artigos e magnificos desenhos, disse, que só uma coisa extranha, no meio dos preparativos que se fazem para receber o general Osorio : é que ninguem se prepara para receber o cidadão honrado, o pae de familia exemplar, o politico sincero, mas simplesmente o bravo.

Parece-nos que, por via de regra, o Sr. R. pouco tem a extranhar.

Si fôssemos fazer ovações a todo o cidadão honrado, pae de familia exemplar e politico sincero que aportasse ás nossas plagas, seria um nunca acabar de foguetes e illuminações.

Que alluvião de cidadãos honrados transpõe a todo o momento a barra do Rio de Janeiro !

Quanto pae de familia exemplar nos traz todos os dias o trem de Serra-acima !

Não chegou hontem de Barra-Mansa o sr. Manuel Raymundo, modelo de politico sincero ?

Não apparecem e desaparecem mensalmente, semanalmente, diariamente, desses modelos ?

E o mesmo por ventura acontece com os bravos ?

Nada, não, senhor.

Os bravos são raros, por isso mesmo que, na opinião de toda a gente, menos na do sr. R., é mais difficil conduzir com valentia um exercito, o que é ser bom cidadão, do que amar a mulher e os filhos e não virar casaca em politica.

Tinha graça si os cidadãos honrados, paes de familia modelos e politicos sinceros abalassem-se de suas casas, para deitar luminarias ao Osorio, si elle fosse tão sómente politico sincero, pae de familia modelo e cidadão.

E' um bravo : *à tout seigneur tout honneur*.

*
* *

Quintino Bocayuva é neste momento o alvo de uma eloquente demonstração de apreço de muitos de seus admiradores, que desejam offerecer-lhe uma imprensa.

Ainda este facto vae com vista ao sr. R., da *Revista Illustrada*.

Si em Quintino Bocayuva reconhecessem apenas o cidadão honrado, o pae, etc, e não o jornalista civico, illustrado e convencido, que todos conhecemos, haviam de offerecer-lhe uma imprensa ?

Bôas !

Assim tambem eu, e talvez o proprio sr. R., logravamos o direito de reclamar, por descobrirmos em nós outros os mesmos meritos.

*
* *

Damos a ler ás excellentissimas leitoras desta chronica os seguintes versos humoristicos, roubados por mão indiscreta a uma talentosa Nor-tista, ligada, por consanguinidade, a um desses homens-glorias, que a morte tão cedo arrebatou dos braços da patria.

São versos viajados... e cumpre-nos agradecer aqui ao ladrão a

obsequiosidade com que nos trouxe, no fundo de sua mala, e confiou-nos o precioso objecto furtado.

E' a primeira vez que a *Revista do Rio de Janeiro* publica versos de senhora, circumstancia esta que mais valor empresta ao estimavel e delicado authographo.

Eis os versos, aos quaes —é ver!— não faltam sabor e engenho:

Nunca fui cosinheira. Faço versos
e folhetins rabisco algumas vezes.
Quando escrevo poesias, não me aperto:
que o digam minha penna e meu tinteiro,
bons amigos na vida que estremeço.
Um lettrado conhecido e de talento,
o Machado de Assis—si não me engano,
lê sempre com agrado meus trabalhos,
e me tem muita vez elogiado.
Quem eu sou muito bem sabem-no todos:
meu nome aos quatro ventos tem voado.

Não gósto da costura.—Eu admiro
a celebre invenção do grande Singer:
é só esta a homenagem que lhe rendo.
Com a agulha não me ageito; me acommódo
com o piano, o dezenho e cantoria.—
Pespego-me de tarde na janella,
e leio meu romance predilecto.—
Sou moça muito *chic*, as horas passo
com fitas e com flôres me enfeitando;
no espelho de chrisal limpo e brilhante
endireito a gravata e ponho a trança.
Em cosinha não entro: a minha cutis
não supporta o calor de um fogareiro;
não se fez a fumaça p'ra meus olhos!
A mesa para mim é uma delicia;
gósto bem de um pratinho saboroso,
mas de tudo que tenho apreciado
ao vatapá só cabe a primasia.

Gulotona bahiana, minha amiga,
vatapá succulento fez-me um dia;
e comi, e comi um prato inteiro.
Delicia divinal, manjar celeste,
quem te inventou, magia culinaria?
Cae-me agua do bico, quando lembro
o prazer que me déste e me dás sempre!

No outro dia, sentada á secretária,
esta carta escrevi á minha amiga:
« Gostei do vatapá. Manda dizer-me
o processo empregado. Estou anciosa
por saber o mysterio com que encantas
o paladar mais fino e delicado. »

« A receita que pedes, eil-a aqui:
Bem socada a farinha e peneirada
vae á panella com bastante agua,
sal, e uma roda de cebola apenas.
Com a rosea unha o camarão descasca,
— vê bem, — do secco que se vende ás libras:
pisa-os em pedra ou em pilão pequeno;
alguns inteiros deixarás de parte.

Mistura tudo : deita bem pimenta,
que a boquinha te faça ardente e rubra.
Mexe sempre a panella, não descances :
fogo brando, sinão péga no fundo,
e queimando-se, adeus ás encommendas !
Si ficar muito grosso, deita-lhe agua ;
si ralo, engrossarás com mais farinha :
(aqui exige o teu talento a arte).

Colhér de seis vintens, colhér de páu
a preferencia deve ter no caso.
Quando no meio da fervura esteja
prova a panella e vê o que lhe falta ;
juncta-lhe azeite de dendê bem fino,
desse bem fino que a Bahia exporta,
até corar-se de amarello a massa.

Que fique bem cosido ; e assim feito
perderá todo o gosto da farinha.
Quando prompto estiver, deita-o no prato,
e pinga-lhe o azeite inda uma vez.
Dou por finda a tarefa, e estou contente !
Não quero Pantheons, dispenso glorias.
O que viso é bem pouco ; peço apenas
que te lembres de mim todas ás vezes
que o appetitoso vatapá comeres. »

Um poeta meio tolo (Socega, meu P., não é contigo...), estando em nosso escriptorio e lendo os versos acima publicados, escreveu de improvisos os seguintes alexandrinos, que por si só não lhe fariam de certo uma reputação :

Senhora, os versos teus revelam grande engenho,
inspiração corrente e graça natural ;
saudar o teu talento enthusiastado venho :
tens por agulha a penna e a lyra por dedal !

A tua producção achei-a tão bem feita,
ha tanta *verve* alli, tão verdadeira está,
que, ao acabar de ler a métrica receita,
encheu-me a bocca d'agua o bello vatapá !

Eu não tenho familia aqui (ninguem me inveje) ;
não tenho quem me faça um vatapá siquer ;
mas transmitto a receita ao dono de meu *frege*,
que, nesse ponto só, me serve de mulher.

*
* *

E termino a chronica desejando estejam de saúde os meus amaveis leitores, que o hão de estar, si leram, o que é provavel, a famosa Pastoral do sr. D. Pedro Lacerda, que principia assim :

Aos que lerem, saude em o Senhor !

Vem vindo (Com licença dos philologos Francisco Leão e José Piccanço) o tempo da fallada peregrinação á cidade eterna, e como a inscripção dos peregrinos não corresponde ainda aos desejos da padralhada, o nosso bispo faz *réclames* em fórmula de pastoraes.

Tem graça...

X. Y. Z.

Arthur Azevedo

POESIAS

Mãe

Ella sorri-se ! A trança
descae-lhe em froixo laço,
e brinca-lhe ao regaço
a virginal creança.

Depois, o olhar, que alcança
do céu a curva e o traço,
inunda o leito escasso
de sol, de amor, d'esperança !

O' mãe ! quantas delicias
na urna de aureo brilho
que n'alma os sonhos tem !

Que mundos de caricias
n'um beijo de teu filho !
n'um teu sorriso, ó mãe !

F. QUIRINO DOS SANTOS

Lavas de um craneo

Doce filha dos languidos prazeres,
são horas de sahir, deixa a mansarda.
Prepara os puffs, põe mantilha negra,
a noite já vem perto, ella não tarda.

Eu já sinto o torpor suave, brando,
que coa-nos nas veias o cognac ;
ouço da orgia os sons melodiosos,
os sublimes delirios de Offenbach !

Somos moços, de que nos vale a vida
sem libarmos a taça dos prazeres ?
Que insipidez si Deus nos povoasse
este planeta só de castos seres !

*
* *

A ceia ! á ceia ! A espuma do champagne
a subir da Bohemia no crystal !
Um bardo a improvisar canções alegres
tendo por muza a deusa bacchanal !

As mulheres ardentes, caprichosas,
as filhas de Sevilha e de Pariz,
as lindas brasileiras côr de jambo,
as pallidas madonas côr de liz.

Ajuncta a tudo isto, si quizeres,
uma walsa de Strauss de quando em quando...
Vaporosas walchirias, semi-nuas
nos braços do prazer doudas walsando.

Linda filha dos languidos prazeres,
deixa o triste cynismo da mansarda.
Deita os postigos, põe mantilha negra...
A noite dos prazeres pouco tarda...

*
* *

Abrança-me, hespanhola côr de aurora,
com olhos em languor sempre nadando;
os teus braços inundam-me este peito
de um tepido calor, suave, brando...

Quando beijo-te a trança dos cabellos,
lustrosos como o ebano polido,
sinto-me remogar, anceia o peito,
contenho o coração todo incendiado !

Abrança-me, hespanhola, mostra o rosto
que se occulta nas rendas da mantilha;
eu quero respirar os teus perfumes,
tu que lembras os lyrios de Sevilha.

As tuas mãos macias, delicadas,
tão veiadas de azul, tão purpurinas,
para beijal-as vale bem a pena
arriscar umas libras esterlinas...

Miseria ! Phantasia, onde me levas?...
Emmudece no seio, coração !
Como póde pensar em taes prodigios
quem não possui um nikel de tostão ?

LINS DE ALBUQUERQUE

A mucama

I

Eu nasci lá na fazenda
de uma creoula e um feitor ;
vim pequenina p'ra côrte,
p'ra casa de meu senhor ;
eu sou mulata prendada
guardada como um penhor.

Á noite nhan-nhan me ensina
n'uma carta de A B C ;
engommo fólhos, babados,
faço renda e tuyauté,
e quinaus em *toilette*
não ha mulher que m'os dê.

Que sou garbosa e bonita
não só o espelho me diz,
como alguém, cuja cabeça
andar á roda já fiz...
Tenho uns olhos matadores...
Sou realmente feliz !

Quando os senhores passeiam
são por mim acompanhados.
Já se sabe : eu vou no *chique*,
a conquistar namorados.
Da nhan-nhan e da senhora
visto os vestidos usados.

A nhan-nhan calça umas luvas ;
— descalçada eu levo a mão ;
vae cobertinha de joias :
— eu joias não levo, não ;
mas o caso é que dos moços
provoco mais a atenção.

Todos me acham bonita,
todos me dizem gracejos !
Com meus olhinhos travessos
acendo muitos desejos.
Uns dão suspiros, e outros
estalam sonoros beijos.

A nhan-nhan tudo observa,
mas tudo faz que não vê ;
fica ralada de inveja,
ralada não sei porque,
e por tu já não me tracta,
— me tracta por *vocemecê*.

Não tenho culpa de certo
de ser mais linda, mais bella :
ella é donzella e bonita ;
eu sou formosa e — donzella ;
mas os meus olhos travessos
são mais travessos que os della.

II

Nhan-nhan namorava um moço,
bonito como os amores ;
e conversavam na chacara
por entre folhas e flôres ;
eu juncto ao portão ficava...
Podiam vir os senhores...
Mas, a nhan-nhan em sahindo,
a namorada era eu ;
por minha causa é que o moço
tanto perigo correu !
Ella julgava ser dona
daquillo que era só meu.
Pedi a *nosso* bemzinho
que se casasse com ella.
— Eu sou mulata, lhe disse,
seja embora uma donzella. —
— Qu'importa seres mulata,
respondeu, si és assim bella ? —
— Você não casa commigo,
commigo branco não casa ;
mas uma vez que o bemzinho
à nhan-nhan arrasta a aza,
si desposal-a... Percebe ?
ficamos todos em casa...
Dicto e feito : meu sanctinho
pediu a mão de nhan-nhan :
o papá não poz embargo,
não pôz embargo a mamã ;
e se casaram na Lapa
faz anno e meio amanha.

III

A' noite, quando dormindo
socegadinha na cama,
sinto uma mão que me bole,
ouço uma voz que me chama...
Quem ha de ser ? *Elle mesmo*
que vem fallar co'a mucama.

A harpa

(MOORE)

Esta harpa, com que suspiro
por ti, ó candido lyrio,
contam que outr'ora nas ondas
tambem chorou seu martyrio.

Era uma sereia, e vinha,
por noites d'almo luar,
ver nas praias encantadas
a causa do seu penar.

Mas com peito inamolgavel
ella via o amor,— e os cantos
ouvia á que lhe ensopava
o aureo cabello com prantos.

Um dia, o céu apiedado
de seus delirios e maguas,
bondoso em harpa converte
a linda filha das aguas.

S. Paulo, 1876

Solta-lhe os longos cabellos,
que nos braços espalhados
vibram sons melodiosos
em cordas de oiro mudados.

Mas sorriso, graças e alma
de mulher lhe conservou,
quando o corpo da sereia
no d'harpa se transformou.

Ahi tens por que minha harpa
tem transfundido atégora
no ledó canto amoroso
triste cantar de quem chora.

Mas dirá de hoje por diante,
por amor á variedade,
perto de ti — meus ardores,
e longe — minha saudade.

THEOPHILO DIAS

Cançoneta

AO AMIGO PAULO SIMÕES

Musica de L. Raiol

Vendo os teus olhos, formosa,
de meu peito n'um cantinho
o amor teceu um ninho
de mil aves ideaes.

Si tu queres bem ouvil-as,
vem pousar juncto a meu seio,
pois as notas do gorgoeio
são os trinos de meus ais.

Quando eu tive de deixar-te,
por fatal necessidade,
nos meus olhos a saudade
veio abrindo um novo mar.
Si quizeres ir-lhe ao fundo
da paixão nas verdes vagas,
eu farei do pranto as bagas
lindas joias de um collar.

Ao partir eu de teu lado
um — adeus — que tu me déste,
qual mimosa flôr agreste,
me engrinalda o coração.
Tenho agora, ó minha bella,
flôres, joias, doces cantos,
vem encher tu os encantos
desta minha solidão.

Maranhão, 1877

J. E. TEIXEIRA DE SOUZA

EXPEDIENTE

Recebemos :

PERIODICOS E DIARIOS — *Reforma, Mosquito, Revista Illustrada, Imprensa Industrial, Monarchista, A Paz, Monitor Campista, Correio Noticioso, Piracicaba, Piracicabano, Jornal do Commercio* (Porto-Alegre, Pelotas e Alegrete), *Commercial, Tribuna de S. Carlos, Diario de S. Paulo, Diario de Campinas, Sentinella, Thesoura, Ipanema, Revista Gabrielense, Éco de la niñez, Caldense, Theophilo Ottoni, Éco Bananalense, Crença, Provinciano, Esperança, Diario de Minas, Monitor do Norte, Arauto de Minas, Mercantil, Correio Paulistano, Itatiaya, Primeiro de Março, El maestro e Angrense.*

Agradecemos.

Sr. J. L. — Os seus versos merecem publicados.

LICÇÕES DE POLITICA POSITIVA

POR

J. V. LASTARRIA

(Continuação)

Neste grupamento não figuram sinão forças ou propriedades. O segundo ponto essencial da philosophia positiva consiste em separar o abstracto do concreto, pois as sciencias concretas dependem das sciencias abstractas, e não estas daquellas. O dominio das sciencias independentes é o dominio abstracto ; o das sciencias dependentes é o dominio concreto. O terceiro ponto essencial estriba-se no seguinte, que chegando a ser positivas todas as sciencias, tem estas de renunciar á toda investigação sobre a essencia das cousas, sobre as causas primarias e as causas finaes, isto é, sobre o que em metaphysica se chama *absoluto* ; e sendo a philosophia positiva a filha das sciencias, deve renunciar tambem, como ellas, á mesma investigação, pois o saber humano não é mais do que estudo das forças, que pertencem á materia, e das leis que regem estas forças.

Para que possamos formar uma idéa mais clara desta classificação, repetiremos a singela exposição que della faz Stuart Mill : « Comte, diz elle, classifica as sciencias segundo o gráu de complexidade dos phenomenos, de modo que cada sciencia depende das verdades de todas as

sciencias que a precedem, augmentadas das verdades particulares que lhe são peculiares.

« Assim as verdades do numero são verdadeiras em todos os casos e não dependem sinão de suas proprias leis, e por isto é que a sciencia dos numeros, que se compõe da arithmetica e da algebra, pôde ser estudada sem necessidade de nenhuma outra sciencia. As verdades da geometria suppõem as leis numericas, e o estudo mais especial das leis particulares dos corpos extensos, mas não exigem outras : pôde-se estudar a geometria, portanto, independentemente de todas as sciencias, menos a do numero.

« A mechanica racional presuppõe as leis do numero e as da extensão e conjunctamente com ellas outras leis, as de equilibrio e movimento. As verdades da algebra e da geometria não dependem absolutamente destas ultimas, e seriam verdades ainda mesmo que estas fossem o contrario do que são, mas não poderiam ser comprehendidas nem expôr os phenomenos de equilibrio e movimento, sem suppôr as leis do numero e da extensão, taes como existem em realidade. Os phenomenos da astronomia dependem destas tres classes de leis, e demais da lei de gravitação a qual não tem influencia sobre as verdades do numero, da geometria ou da mechanica. A physica presuppõe as tres sciencias mathematicas e tambem a astronomia, pois todos os phenomenos terrestres experimentam influencias, que derivam dos movimentos da terra e dos corpos celestes. Os phenomenos chimicos dependem de todas as leis que precedem, além daquellas que lhes são peculiares, principalmente das leis da physica e com especialidade das leis do calor e da electricidade. Os phenomenos physiologicos dependem das leis da physica e da chimica, e demais das que os regem. Os phenomenos da sociedade humana obedecem ás suas proprias leis, mas não dependem sómente destas, sinão de todas as leis da vida organica e animal, ao mesmo tempo que das da natureza inorganica, por actuarem estas na sociedade, não só pela sua influencia sobre a vida, mas tambem determinando as condições physicas em que a sociedade tem de desenvolver-se. » ¹

O logar que corresponde á politica, como sciencia secundaria, está entre as que formam o conjuncto da sociologia, a qual, considerada como sciencia fundamental, tem por objecto a sociedade inteira e completa, no tempo e no espaço, não como uma entidade abstracta, mas como um todo natural vivente, composto de seres humanos, que obram livremente segundo sua natureza delles.

A materia da sociologia ou sciencia social é pois o genero humano distribuido em sociedades, e as propriedades ou forças desta materia são representadas pelas aptidões inherentes a estas sociedades.

No estudo das leis que regem estas forças, a sociologia não separa o homem da sociedade, nem este do genero humano, porque o seu desenvolvimento é um só, e por conseguinte suas leis são as mesmas. Mas esse desenvolvimento segue distinctas ordens, segundo as aptidões sociaes, que são as propriedades ou forças da humanidade.

¹ STUART MILL, *Auguste Comte and Positivisme*. 1 vol.

Apresenta-se em primeiro lugar o desenvolvimento historico, a evolução que a humanidade faz no tempo, em virtude da propriedade que tem de progredir, e a sociologia ao estudar esta evolução, como um phenomeno natural, fórma a *historia*, descobrindo que a evolução, como todas as nossas concepções principaes, tem passado successivamente por tres estados theoricos differentes — o estado theologico, no qual se acredita que esta evolução é regida por vontades sobrenaturaes: — o estado metaphysico, em que ella é explicada por principios *a priori* tomados, não nas cousas, mas nas vistas do espirito; e o estado scientifico ou positivo, emfim, que tracta de descobrir as leis effectivas e naturaes que a regem, pelo uso bem combinado do raciocinio e da observação.

Mas isto não é toda a sciencia social, não obstante a evolução historica da humanidade comprehender as distinctas ordens de desenvolvimento, porque a historia estuda todas as aptidões sociaes, isto é, todas as propriedades ou forças de que ellas dependem.

Aquella sciencia geral e fundamental tem de subdividir-se, dando origem a outras varias sciencias secundarias, segundo o character do desenvolvimento social que estuda. E seguindo a ordem objectiva, o primeiro que se apresenta é o que corresponde a outra propriedade da sociedade, em virtude da qual esta tracta de accomodar ao principio do direito todos os arranjos de sua organização e de sua autonomia. O fim racional da sociedade, e por conseguinte do homem, depende de condições que estão sujeitas á cooperação humana, condições que, por um lado, são constituídas pelos objectos do mundo exterior submettidas á actividade do homem e destinadas a seu serviço, e que por outro lado, são constituídas pelas acções dependentes da intelligencia e vontade humana. O conjunto destas condições externas e internas, necessarias ao desenvolvimento e á realisação do fim da sociedade e dependentes da vontade, é o que constitue o *Direito*.

Dahi a sciencia do direito, sciencia secundaria, que, como sciencia positiva, deve subdividir-se, quanto á applicação de seus principios, em sciencia do direito privado, que se applica á vida e ás relações privadas do homem, e em sciencia do direito publico, que se refere ás relações das sociedades entre si e á vida e organização politica da sociedade.

Este ultimo ramo da sciencia do direito, parte especial da sociologia, é a *Sciencia politica*, a sciencia do governo da sociedade, a que estabeleceu uma doutrina abstracta, susceptivel de evolução, sobre as propriedades ou forças sociaes, que entram na organização politica.

Em terceiro lugar, a sociologia, como sciencia fundamental da evolução humana, estuda o desenvolvimento industrial, que corresponde a outra propriedade social, a necessidade do trabalho. A sociedade, em virtude desta propriedade, attende á sua manutenção natural progressiva, creando e multiplicando as riquezas. A sciencia secundaria que estuda as leis desta força chama-se *Economia politica*.

Em quarto lugar, depois de ter constituido a sociologia as sciencias secundarias que têm por materia e objecto a propria humanidade, procede ao estudo individual do homem, seguindo a ordem do methodo posi-

tivo, que constitue para logo o saber humano pelo objecto para terminal-o pelo sujeito. Estudando o homem, a sociologia constitue a sciencia que a philosophia positiva chama *theoria subjectiva da humanidade*, e que comprehende: 1º a theoria mental ou psychologia, que estuda as faculdades do ser intelligente; 2º a *logica*, que é a sciencia das fórmas do pensamento, a que estuda as condições intellectuaes a que está submettido o conhecimento, o qual não resulta jámais sinão da realidade objectiva combinada com a ordem subjectiva; 3º a *moral*, que é o estudo das relações necessarias do homem, abarcando a alma humana em todo seu exercicio, isto é, em suas tres manifestações funcçionaes de intelligencia, sentimento e actividade; e 4º a *esthetica*, que é a theoria da representação ideal e sympathica dos diversos sentimentos que caracterisam a natureza humana, pessoal, domestica e social; a theoria da arte em geral, da traducção sensivel do estado do espirito, pela palavra ou por qualquer outro meio.

Desta maneira a sociologia completa seu proprio circulo, como o fazem por sua vez as demais sciencias fundamentaes, e procedendo desde as leis que regem a evolução geral da humanidade, até as que marcam o desenvolvimento industrial e subjectivo, fórma a historia, a sciencia do direito, na qual se comprehende a sciencia do governo, a economia politica, a psychologia, a logica, a moral e a esthetica.

(Continúa)

MATHEMATICA

LXVIII

Dynamica. — Theoria do movimento variado rectilineo

A concepção de Lagrange relativa á Analyse transcendente, privando este immortal geometra das facilidades que offerece o emprego do methodo infinitesimal para o estabelecimento das duas formulas dynamicas fundamentaes, foi elle levado a apresentar a theoria do movimento variado rectilineo sob um ponto de vista novo, cuja importancia não tem sido ordinariamente bem apreciada, e que, entretanto, muito se presta a derramar abundante luz sobre a verdadeira natureza destas noções elementares.

Lagrange mostrou em sua *Theoria das funcções analyticas* que esta consideração dinamica consistia em imaginar um movimento variado qualquer como composto a cada instante de um certo movimento uniforme e de um outro movimento uniformemente variado, assimilando-o ao movimento vertical de um corpo pesado, lançado com uma impulsão inicial.

Mas, para dar a esta luminosa concepção todo o valor philosophico, cumpre apresental-a sob um ponto de vista mais elevado, como dando origem a uma theoria completa da assimilação dos movimentos, inteiramente semelhante á theoria geral dos contactos das curvas e das superficies.

Para isso, supponhamos dous movimentos rectilíneos quaesquer, definidos pelas equações $e = f(t)$, $E = F(t)$; que os dous moveis cheguem no fim do tempo t a um mesmo logar; e consideremos a sua distancia mutua depois de um certo tempo $t + h$.

Esta distancia, que será igual a differença dos valores correspondentes das duas funcções f e F , terá evidentemente para expressão, segundo a formula de Taylor, a série :

$$[f'(t) - F'(t)] h + [f''(t) - F''(t)] \frac{h^2}{1.2} + [f'''(t) - F'''(t)] \frac{h^3}{1.2.3} + \text{etc.}$$

Por meio desta série, poder-se-á, por considerações inteiramente analogas ás empregadas na theoria das curvas, fazer uma idéa clara da assimilação mais ou menos perfeita de dous movimentos, pelas relações analyticas mais ou menos extensas das duas funcções primitivas f e F .

Si as suas derivadas de primeira ordem tiverem o mesmo valor, existirá entre os dous movimentos o que poder-se-ia chamar uma *assimilação de primeira ordem*, analoga ao contacto de primeira ordem nas curvas, e que poder-se-á caracterizar, sob o ponto de vista concreto, dizendo que o movimento dos dous corpos será o mesmo durante um instante infinitamente pequeno.

Si, além disso, as duas derivadas de segunda ordem tomarem o mesmo valor, a assimilação dos movimentos tornar-se-á mais intima, e elevar-se-á a segunda ordem; consistirá physicamente então em que os dous moveis terão o mesmo movimento durante dous instantes infinitamente pequenos consecutivos.

Ajunctando ainda a estas duas primeiras relações a egualdade das terceiras derivadas, estabelecer-se-á entre os movimentos considerados uma assimilação de terceira ordem, que fal-os-ha coincidir durante tres instantes consecutivos, e assim por diante indefinidamente.

O gráu de similhança dos dous movimentos, determinado analyticamente pelo numero das funcções derivadas successivas, que tiverem respectivamente o mesmo valor, terá sempre para interpretação concreta a coincidencia dos dous moveis durante um numero egual de instantes consecutivos, como sabemos ser a ordem do contacto das duas curvas, medida geometricamente pela communidade de um numero correspondente de elementos successivos.

Si a lei caracteristica de um dos movimentos propostos contiver, em sua expressão analytica, algumas constantes arbitrarías, poder-se-á *assimilal-o* a um outro movimento qualquer até uma ordem marcada pelo numero destas constantes, que serão então determinadas pelas equações destinadas a estabelecer, pela theoria precedente, este gráu de intimidade entre os dous movimentos.

Esta concepção fundamental faz-nos ver a possibilidade, pelo menos sob o ponto de vista abstracto, de adquirir um conhecimento cada vez mais profundo de um movimento variado qualquer, comparando-o successivamente a uma serie de movimentos conhecidos, cuja lei analytica depende de um numero cada vez maior de constantes arbitrarías, e que poderão, por conseguinte, ter com elle uma coincidencia cada vez mais prolongada.

Mas, assim como a theoria geral das constantes das linhas, applicada á medida da curvatura umas pelas outras, sabemos que deve se reduzir effectivamente á comparação de uma curva qualquer primeiramente com uma linha recta, e depois com um circulo, por isso que estas duas linhas são as unicas bastante conhecidas para servirem utilmente de typo em relação ás outras ; assim tambem a theoria dynamica relativa á medida dos movimentos uns pelos outros deve ser limitada á comparação effectiva de todo movimento variado, primeiramente com um movimento uniforme em que o espaço é proporcional ao tempo, e depois com um movimento uniformemente variado em que o espaço cresce na razão do quadrado do tempo, ou antes, para abranger todo em uma só consideração, com um movimento composto de um movimento uniforme e de um movimento uniformemente variado como o de um corpo pesado animado de uma impulsão inicial.

Estes dous movimentos elementares são, com effecto, como observa Lagrange, os unicos que nos são bastante familiares, para que possamos applical-os com exito á medida de todos os outros.

Estabelecendo esta assimilação, acha-se, pela theoria precedente, que todo movimento variado póde ser a cada instante comparado ao de um corpo pesado que tivesse recebido uma velocidade inicial igual á primeira derivada do espaço percorrido, considerado como uma função do tempo decorrido, e que estivesse animado de uma gravidade medida pela segunda derivada desta mesma função, o que nos conduz ás duas formulas fundamentaes obtidas pelo methodo infinitesimal.

O movimento proposto coincidirá durante um instante infinitamente pequeno com o movimento uniforme expresso pela primeira parte desta comparação, e durante dous instantes consecutivos com o movimento uniformemente accelerado, que corresponde á segunda parte.

Deste modo formar-se-á, pois, uma idéa clara do movimento do movel a cada instante é da maneira pela qual varia de um movimento a outro, o que é restrictamente bastante.

Embora a concepção de Lagrange, assim generalisada, conduza, a final, aos mesmos resultados que a theoria ordinaria, é facil todavia reconhecer a sua superioridade racional, pois que estes dous theoremas fundamentaes, nos quaes até então se via o termo absoluto dos esforços do espirito humano, relativamente ao estudo dos movimentos variados, podem ser encarados agora como uma simples applicação particular de um methodo muito geral, que nos permite abstractamente entrever uma medida muito mais perfeita de todo movimento variado, embora poderosos motivos de conveniencia obriguem-nos a só considerar a medida primitivamente adoptada.

Comprehende-se, pelo que precede, que si a natureza nos offerecesse um exemplo simples e familiar de um movimento rectilineo no qual o espaço crescesse proporcionalmente ao cubo do tempo, accrescentando ás nossas noções dynamicas ordinarias a consideração habitual deste movimento, obteriamos um conhecimento mais profundo da natureza de um movimento variado qualquer, que poderia então ter com triplice movimento assim composto, uma assimilação de terceira ordem, e que per-

mittir-nos-ia encarar directamente o estado do movel durante tres instantes consecutivos, emquanto que somos presentemente obrigados a nos deter em dous instantes.

Sob o ponto de vista analytico, em lugar de limitarmo-nos ás duas primeiras funcções derivadas do espaço relativamente ao tempo, este methodo daria logar a considerar simultaneamente a terceira derivada, que teria desde então tambem uma significação dynamica, que actualmente não possue.

Nesta supposição, assim como consideramos ordinariamente a força acceleratriz para representar-nos as variações de velocidade, teríamos egualmente uma consideração dynamica propria para figurar-nos as variações da força continua.

O nosso estudo geral dos movimentos variados tornar-se-ia mais perfeito ainda, si, ampliando esta hypothese, existisse além disso um movimento conhecido no qual o espaço fosse proporcional a quarta potencia do tempo, e assim por diante.

Mas, na realidade, entre os movimentos simples em que o espaço percorrido cresce proporcionalmente a uma potencia inteira e positiva do tempo decorrido, a observação nos fornecendo apenas o movimento uniforme produzido por uma impulsão unica e o movimento uniformemente accelerado que resulta da gravidade terrestre, segundo a descoberta de Gallileu, somos obrigados a parar nos dous primeiros gráus da theoria precedente para a medida geral dos movimentos variados quaesquer.

Tal é a verdadeira explicação philosophica do methodo universalmente adoptado, apreciado o seu valor real.

Insistimos nesta explicação, porque esta concepção fundamental parece-nos não ser ainda apreciada de um modo conveniente, apesar de ser a base de toda a Dynamica.

(Continúa.)

ENTRE MOÇAS

(Conclusão)

V

Carlottinha debalde tentava encobrir a tristeza forçando um riso.

— Feia !

— Ah, nunca me esquecerei da historia da *sempre-viva* !

— Juro que te amo com loucura.

Depois que todos sahiram, o sr. José Tavares, esfregando as mãos de contente, dizia á filha:

— Estou arrebatado, Sophia ! Vi durante toda a noite que te portaste excellentemente para com o commendador. Tu és uma boa filhinha !

— E' *elle*, meu pae.

— Elle ? Elle quem, filha ?

— Luiz, o guarda-livros.

— Tu endoudeceste ? Pois o commendador é *elle* ?

— Depois que sahiu daqui foi tão feliz que tirou a sorte grande de Hespanha...

— Emfim, o homem faz e Deus desfaz. Agora, o que é certo é que o commendador é um homem bem avisado, o que não era o Luiz de outro tempo. Tudo se aperfeiçoa e melhora. Então, estás contente, não é, filhinha ?

Sophia beijou-o muito.

VI

Quinze dias depois as salas do sr. Tavares regorgitavam de convidados. Sophia casava-se.

Carlotinha foi a ultima a deixal-a e quando se despediu chorava como uma creança, abraçando e repetindo á amiga :

— Amo-te muito, Sophia !

A moça estava longe de comprehender a intenção daquelle dicto.

VII

Carlotinha passou por uma transformação total. Até o sr. José Tavares, que, como já dissemos, era homem muito alheio a certas coisas, a estranhava.

Dir-se-ia que entre ella e Sophia, entre aquelles dois corações tão identificados, deveria sempre existir uma antithese de sentimentos : quando uma trazia o semblante envolto em tristeza, a outra chilreava como um passarinho ; quando uma era um portento de alegria, a outra só se ria por vezes.

— Você já não é a mesma, Carlotinha... Cumpre-me agora perguntar-lhe como já me fez você uma vez : porque não tem aquella sinceridade de outros tempos ?

— E' desconfiança sua. Eu já não sou uma creança, você sabe. Acha, meu bem, que ficaria decente n'uma senhora aquelle palrar dos dezoito annos ?

— Qual historias ! Mas, queridinha, o que exijo não é que você seja um papagaio ; quero sómente vê-la alegre. Porque não se casa ? O dr. Carvalho quer tanto a você... toda moça deve casar, é tão bom o casamento ! — Carlotinha, você me faz mal assim !

— Estou contente, vê você, feitico ?

E Carlotinha dizendo isto procurava reproduzir as momices de outr'ora ; mas a tristeza afinal abraçava-a em suas garras matadoras.

Um dia o irmão chamou-a de parte.

— Carlotinha, não convem que isto continue. Você vae dizer-me o que tem.

— Eu nada tenho, Lucio.

— Você nada tem e no entanto eu descobri tudo !... Você evita sempre o Luiz ; você ama-o, Carlotinha !

— Cala-te !...

A moça, querendo tapar com a mãosinha a bocca do irmão, olhava desvairada para os lados.

— Queres fazer duas desgraçadas ?

— Que coração tem você, minha irman!...

— Amo-o, Lucio, é exacto: disse baixinho como si temesse que até as paredes a trahissem: quando o vejo só, tenho vontade de me arremessar a seus pés e declarar-lhe tudo, mas quando o vejo ao lado de Sophia a felicidade inebria-me. Oh! como me sinto feliz vendo-a feliz!

— Carlotinha, isto é a tua morte!

— Nunca me senti com tanta força para viver!

E a moça, indo sentar-se ao piano, começou a preludiar o primeiro nocturno de Choppin, uma das peças que havia certo tempo tocava sempre.

VIII

Eu podia terminar o conto dizendo-te que, quando Sophia teve o primeiro filho, Carlotinha foi madrinha, e que todo o amor que lhe sobrava ainda no coração, si é que algum sobrava, empregou-o ella no afilhado, alegria de seus dias, consolo de sua velhice. Tambem me era dado terminal-o assim:

— As moças garrulas, risonhas e descuidosas, como Carlotinha, nem sempre são voluveis e inconstantes. Muitas vezes é justamente entre ellas que existem os espiritos capazes dos maiores sacrificios. Taes temperamentos, quando amam ou quando soffrem, são de certo os que mais tomados ficam pela paixão.

No primeiro caso, porém, correria o risco de não fallar verdade. Deixei de frequentar as salas onde encontrava Carlotinha, Sophia, Luiz e Lucio, e nunca mais tive noticia nem delles, nem do rumo que tomaram na vida.

No segundo caso, alguém poderia dizer de fóra: — E esta! Não é que o tal sujeito mette-se a moralista! Ora, outro officio, amiguinho; o seculo está moralisado de mais.

Por isso, como não gósto de escrever sinão o que observo, e não me aprazendo tão pouco ser taxado de pretencioso, deixo aos cuidados de tua imaginação, paciente leitor, a conclusão deste conto.

1876

PAULO SALEMA

ROSA BRANCA

(Continuação)

Ricardo continuava desvairado; dos olhos saia-lhe um como vapor vermelho.

— Não! o que tenho seguro não no hei de perder. Eis a noite; parto-me e Catharina me acompanhará. Dirás o que quizeres e eu direi contigo; mas não te deixarei este precioso penhor.

Fallando assim, curvára-se para levantar Catharina; procurava chamal-a á vida; attrahiu-a a si, sobre o peito: dir-se-ia que ia arrebatá-la, pelo menos foi o que se figurou a Ricardo.

O mancebo precipitou-se para Catharina, arrancou-a das mãos da duqueza, a quem repelliu como o vento repelle uma folha secca.

— Vae-te ! disse elle, vae-te, monstro sahido do inferno ! Não toques na minha esposa ! Faze o que quizeres, dize o que quizeres ; mas não toques em Catharina.

— Queres que eu grite ? disse a duqueza.

— Dá um passo, levanta um dedo, entreabre os labios, replicou Ricardo, atreve-te só a olhar-me de frente e eu chamarei tambem ; mas para te levantarem o cadaver !

E de um só movimento desembainhára a espada ; o aço flammejava menos brilhante do que a sua pupilla.

— Ah ! murmurou elle vendo empallidecer a duqueza, ah !... recuas, rainha ! Fazes bem !

Ella recuava com effeito aterrada.

O mancebo levou-a assim até o limiar. Ella sahiu, e dirigiu-se ao porto. A multidão abriu-se muda á sua passagem. Dir-se-ia que aquella mulher seguia, atomo obediente, o sulco de chamma escapado do olhar de Ricardo.

Uma scena dolorosa succedeu ás violencias d'esta entrevista. Os que poderão penetrar juncto do duque de York encontraram-no ajoelhado, chorando ao pé de Catharina ainda prostrada no chão.

Tentára o mancebo debalde revocal-a á vida. Parecia morta, si não fosse o imperceptivel vapor que lhe saia d'entre os labios e imbaciava a superficie de aço que Ricardo assustado acabava de apresentar-lhe diante da bocca.

Não tardou o quarto a ser invadido. Suzana foi a primeira a entrar nelle, tão commovida com a dor do principe como com o estado de Catharina. Os medicos que foram chamados não podiam conhecer o mal, não podendo adivinhar a causa.

A duqueza de York não recobrou nem a vista nem a palavra em toda a noite e dia que se seguiram. Em vão Suzana indagou a origem da doença ; em vão procurou o segredo della nos olhos inchados de Ricardo : o principe não se abriu com ella nem com os cortezaes. Esperava o duque de Kildare, então na vanguarda do exercito. Não tinha esperanza sinão em Deus.

Os medicos capitularam emfim de catalepsia a molestia de Catharina. Tinham consultado o seu Aristoteles. Ricardo accusava-os de mentirosos. Ella estava mas era morta ! dizia elle ; si assim não fosse « resistiria aos seus soluços, á sua voz supplice » não se ergueria ao contacto das lagrymasde que elle lhe inundava a fronte desbotada ?

A escoceza, com os olhos pregados no leito da dor, como que já exprobava a Ricardo não operar um milagre. Achava-o demasiado afflicto para homem que sentisse a consciencia tranquila. O excesso daquella sua angustia fazia-lhe suspeitar a existencia de algum remorso.

(Continúa)

THEATROS

S. Pedro : *O Terramoto das Antilhas, Sixto V.* — Cassino : *A princeza de Arandellas, Bitú, Sampaio & Comp., Entre a Phenix e o Cassino.* — Alcazar : *La belle Hélène, Étoiles.* — Nova tropa. — Phenix : *A pelle do lobo.* — Gymnasio : *Rectificação.* — Boatos.

Depois que se reabriram os theatros, é esta a primeira vez que nos deparam elles algumas novidades.

Mas que novidades !

Si as cousas continuarem neste estado, melhor fôra se prolongasse a quaresma até o S. Silvestre, e quem de direito mantivesse a interdicção dos espectaculos publicos.

— No S. Pedro,—é sina ! — faz as delicias da nobre classe um dramalhão do velho D'Ennery, — *O terramoto das Antilhas.*

Alli, quando não é Bourgeois, é D'Ennery, o festejado auctor.

E quando não é D'Ennery, é Bourgeois, para variar.

A companhia do sr. Guilherme da Silveira dá um rasoavel desempenho á nova peça, que foi posta em scena com o cuidado que distingue a empreza.

— Ensaiam um drama de... De quem?... Ora, de quem ha de ser ? De D'Ennery ! — *O papa Sixto V.*

Este ao menos tem, sobre muitos, a superioridade da historia.

O papel de Sixto V está confiado ao intelligente actor Dias Braga.

— No Cassino está em scena *A princeza de Arandellas*, ou coisa que o valha, producto de mais uma extravagancia do actor Martins.

As *Arandellas* foram *bifadas* cynicamente de uma peça portugueza, já de si insolente de fastidiosa que é.

— Agora quer o Cassino fazer dinheiro com *Bitú, Sampaio & Comp.*, o que me parece difficil emquanto tiver á sua frente essa outra firma, Galvão & Comp.

E si assim acoimo os estimaveis emprezarios, é porque me parece estarem no firme proposito de só montar peças, que afugentam espectadores e, por consequinte, fortuna.

— O Cassino representou, ha pouco, uma comedia do Penna : porque não põe em scena as restantes producções daquelle formosissimo engenho, que não deveram arredar nunca do palco nacional ?

Venham as nossas bellissimas comedias brasileiras !

Venham os nossos Macedos, que os temos e tel-os-hemos !

Comtanta que não nos deem zés-titos...

— Além do *Bitú, Sampaio & Comp.*, a empreza Galvão, Martins... *Sampaio & Comp.*, dar-nos-á *Entre o Cassino e a Phenix*, que se prepara para o beneficio do Sr. Galvão.

— O Alcazar deu-nos, em *reprise*, *La belle Helene*, parodia da peça que com o titulo de *Abel, Helena* moureja pelo palco da Phenix.

Não se póde conceber petulancia maior do que a da Theodora (leiam Theodorá), *étoile* n. 1, metter-se a cantar o difficultoso papel de Helena.

Não ha bitola que meça a audacia da Suzanne, *étoile* n. 2, em persuadir-se um momento de que podia dar ligeira idéa siquer do bello papel de Páris.

Abri uma bocca maior do que a de qualquer uma das referidas *étoiles*, ou do que ambas junctas com o addendo das das sras. Ismenia e

Apollonia, ao saber que um sujeito que, ha pouco, cantava córos na Phenix era o encarregado do papel de Calchas, o grande augur de Venus!

Como isto vae, sancto Deus!

Decididamente a coisa menos commum nos nossos theatros é o senso commum.

— Já fiz reparo em que a sra. Suzanne, depois que se coseu com as estupidas bengalladas do S. Salvadorsinho de Mactos, deu para fazer de homem...

Atice-lhe, *mademoiselle*.—

— Dizem, porém, que já chegou o sr. Arnaud e a tropa (*troupe*), que fôra buscar a Paris.

Teremos o *Kosiki*, *La morjolaine*, *Le pot au lait*, *Jeanne*, *Jeannette*, *Jeanneton*, *Docteur Ox*, etc, as novas *bouffoneries* de lá?

Veremos...

— Na Phenix representou-se esta semana *A pelle do lobo*, comedia em um acto, original do sr. Arthur Azevedo, o parodista n. 6. (*)

Sobre esta comedia não aventuro juizo: a *Revista do Rio de Janeiro* vae publical-a, portanto os seus leitores, que os meus são, julgarão por si.

Sómente direi que o desempenho não correu bem mal.

— O Gymnasio deu a casca... por falta de lastro.

Realmente sinto que a um grupo intelligente e trabalhador, como era o do Gymnasio, tivesse escasseado o favor publico.

A proposito, uma rectificação ao juizo que sobre *O frade negro* aventei em minha ultima resenha theatral:

O frade negro não é producção exclusiva do sr. Souza Pinto; este illustrado cavalheiro escreveu a oratoria de collaboração com o intelligente actor, nosso amigo, o sr. Julio Xavier.

— Termino, dizendo que não tarda ahi a companhia de Furtado Coelho, provavelmente com o mesmo gasto e regasto repertorio, e já se falla em Ferrari e Narizano.

ELOY, o heroe

FILAGRANAS

Armenio Euripedes recebeu, pelo correio urbano, esta urbana informacão:

« Meu charo e espirituoso Armenio.

« O F. G. e o P. dizem da *Revista* o que Mafoma não disse do toucinho.

« Principalmente de ti, fazem juizos, que só a pau deveriam ser vingados.

« O Azevedo tambem tem sido *estrangulado*.

« Avisa-te

« *Um amigo e apreciador.* »

N. 1—Vasques.

» 2—Augusto de Castro.

» 3—Joaquim Serra.

» 4—Guimarães Palerma.

» 5—Garrido.

Socegue o nosso mysterioso amigo e apreciador: não é dahi que nos ha de vir o mal.

*
* *

Mafoma, quando dizia mal do toucinho, já sonhava com o dicto sr. P.

*
* *

FABULA INSTANTANEA

(*Invenção-Bob*)

Espera Figueiró por Lino, por Moysés,
por Alfredo e José (que paciencia austera !);
e por João, Feijó,—enfim, ao todo, dez...

Quem espera *dez*, espera!

*
* *

Nas enfermarias da Misericórdia, segundo ouvimos a um aproveitado academico, ha um preto que tem lançado nas dejeccões grande quantidade de peças inteiras de esqueleto, taes como tíbias, vertebraes, etc.

Isto dá margem a suppôr que o preto engole ratos...

Estamos daqui a ouvir dizerem os leitores: « Nós não engulimos... a pilula...

Ou:

« Nós não comemos... araras. »

No entanto afiançamos a veracidade do facto, que offerecemos á *Gazeta de Noticias*.

*
* *

OUTRA FABULA INSTANTANEA

(*Invenção-Carneiro*)

Perguntava « *O que quer?* » Armando a Zé Amaro;
« bellissimo presente eu quero lhe fazer. »
O outro escolhe logo o presente mais caro...

Quem diz « *O que quer?* » ouve o que não quer.

*
* *

O ultimo numero do *Mosquito* expõe o seu parecer a proposito de uma traducção recentemente publicada, *Depois da morte ou a vida futura*, de Luiz Figuier.

A noticia, criteriosa e acertada, carece, todavia, de uma rectificação, que nos apressamos em apontar.

Ahi vae o equivoco e a competente corrigenda:

« *Depois da morte ou a vida futura segundo a sciencia*, por Luiz Figuier. — E' uma obra de phantasia, que não tem o merecimento dos outros trabalhos de vulgarisação scientifica do mesmo auctor. Mais ou menos entrelaçado com a metaphysica e com os problemas de finalidade e de origem, sobre os quaes o espirito humano tem-se esgotado em considerações estereis, esse livro não vem adiantar de uma linha a solução desejada pelo homem. Segundo a *philosophia positiva*, o *assumpto* de que o auctor se occupa está addiado para uma epocha remota, para quando as sciencias estiverem largamente desenvolvidas. »

A *philosophia positiva* não diz, nem podia dizer, que a solução do problema da vida futura depende dos futuros progressos da sciencia.

O que declara, porém, é que, perante a sciencia, taes problemas são

inaccessiveis á intelligencia humana, por isso que acceitando ella (a philosophia positiva) só o que a experiencia verifica, é claro que não podia affirmar, nem negar tão pouco, cousa alguma a respeito de taes questões, que estão fóra do alcance dos methodos scientificos, unicos que a philosophia positiva reconhece.

*

* *

MAIS UMA FABULA INSTANTANEA

(Invenção-Mosquito)

A esperar cança Abel a paciencia,
cança o espirito, a idéa ha pouco mansa,
Tudo cança, até mesmo a impaciencia !

Quem espera sempre al cança.

*

* *

O outro dia, passava um nosso amigo pelo largo do Rocio, e ouviu de um rapazito a seguinte quadra, entoada com musica não sei de que modinha popular :

Certo typo do direito;
do Instituto orador,
terá geito para tudo,
mas não tem para escriptor.

*

* *

O *auctor* do methodo Hudson não é de Angra dos Reis, como dizia um senhor, ha tres dias, na rua dos Ourives, mas sim de Angra do Heroismo.

Si é verdade o que se diz, houve grande *heroismo* da parte do inimigo dos *reis*.

*

* *

O nosso amigo Fontoura Xavier, antes de poeta-socialista, era um simples discipulo de Nicolau Tolentino.

Concorrendo elle comnosco a uma sessão da camara dos deputados, tendo longamente examinado um *testa de ferro* ministerial, improvisou estes versos :

Ha nesse fraco olhar sem luz nem vida,
nesse ente ratão do parlamento,
a mudez devotada ao ministerio
e o singelo epitaphio do talento.

E basta !

X. Y. Z. & C.

POESIAS

A morte do parlamentarismo

AO SR. FONTOURA XAVIER—POETA SOCIALISTA

Que le haro, sur eux, chez nos fils se prolonge !
—HYPOLITE STUPUY, *L'anarchie morale*.

Pois que já nem é dado ao neto dos Bourbons
salvar do escarneo o baixo-imperio-bragantino,
que a musa de Offenbach ensaie o rir ferino :
—A' scena o empenho de honra, ignobeis histriões !

Então ! ficaes ahi a olhar para os cordões
do telegrapho electrico á espera do *divino* ?
Caligula fallou em 'stylo sybillino ?
—Incitatus á scena ! A' scena os *medalhões* !

O' povo, eil-os alli, os cynicos farçantes !
Sahiram como estão das urnas vacillantes
e vão para o poder, como quem vae á orgia !

A' anarchia moral, que reina em toda parte,
elles só têm a oppôr... o guizo ou o bacamarte !
—Quem compra para esterco a podre monarchia ?

S. Paulo, 1877

GENERINO DOS SANTOS

Canção

Pela manhan nas flóridas campinas
das noites estivaes o orvalho chora :
são lagrymas do céu, que a flôr devora
pela manhan nas flóridas campinas.

A natureza a trescalar perfumes
o valle de frescor e os montes pêja ;
além da selva á penedia alveja
a natureza a trescalar perfumes.

A virgem deixa seu casebre, occulto
nos ramos bastos dos jasmins virentes,
quaes vagalumes dos paúes ausentes,
a virgem deixa seu casebre occulto...

E vae na lympha borrifar seus labios,
banhar a fronte da frescura amena ;
levára a noite a divagar serena
e vae na lympha borrifar seus labios...

As borboletas, que do rocio vivem,
pousam nas folhas de cheiros a planta ;
e a virgem passa e com seu busto espanta
as borboletas, que do rocio vivem.

Tudo é poesia no sertão : ao longe
as aves cantam : matinal gorgueio !
Os serros fumam, que celeste enleio !
Tudo é poesia no sertão ao longe.

JOSÉ LEÃO

O « sim » e o « não »

Na hora em que te casares,
eu desejo, inda que seja
achar-me occulto na egreja,
sem que ninguem dê por mim ;
eu quero ouvir os teus labios
voluptuosos, rosados,
dizerem ao padre « sim »...

.....

Depois, finda a cerimonia,
entre esplendido cortejo,
e fingindo certo pejo
em face da multidão...
eu quero vêr com que *cara*
dizes aos teus namorados,
na porta em alas parados,
dos olhos n'um volver: « não » !

LINS DE ALBUQUERQUE

Amor e geographia

COUPLET

Aos ignorantes :

« A Asia, a luxuosa, a seductora huri,
tem setecentos e noventa e tantos mi-
lhões de habitantes.
Europa, a culta Europa, apenas tem tresentos
e dous milhões.
Quasi duzentos
tem Africa, o paiz dos miseros lamentos,
onde os grilhões
á humanidade fazem vis affrontas.
Tu, America, que teu fastigio apromptas
com tanto affinco,
sómente contas
oitenta e cinco.
Na Oceania, porém, paiz quasi defunto,
que nasceu hontem,
não é de admirar se contem
quatro por juncto. »
A' minha amada :
« Pois entre a gente
por este vasto mundo derramada,
quem me entende e me ama — és tu, sómente. »

1875

ARTHUR AZEVEDO

EXPEDIENTE

Agradecemos a offerta das publicações :

ESTUDO SOBRE A ORTHOGRAPHIA DA LINGUA LUSO-BRAZILEIRA, pelo padre Francisco Antunes de Siqueira.—Estamos em completo desaccordo com o auctor deste *Estudo* : não nos parece bom, nem sequer novo, o plano apresentado para a reformação orthographica de nossa lingua.

Desde muito temos para nós decidido que a derivação etymologica é a unica racional, erudita e até artistica no escrever.

Prova bastantemente nosso juizo a França, tão seguida nas frioleiras como repellida nas questões de vulto : das linguas modernas cremos ser esta a mais bem disposta e assente ; e o seu dictionario, memoravel trabalho de uma academia de sabios, segue a derivação latina. Com tão bom exemplo não devemos recuar.

Pedimos, pois, muito respeitosamente ao auctor deste livrinho dispensar-nos maiores considerações acerca de seu *Estudo*, que, como lavor do espirito, deve de ser tido em alguma conta.

PERIODICOS E DIARIOS.— *Liberal do Pará, Itatiaya, Liberal, Diario de Sergipe, Conservador Penedense, Jornal do Aracaju, O vigilante, Diario e Gazeta de Campinas, Monitor do Norte, Diario de Noticias, Diario de Pernambuco, Jornal do Recife, Publicador Maranhense, Telegrapho, America Illustrada, Diario de S. Paulo, Arauto de Minas, S. Joannense, Angrense, Conservador, Despertador, Jornal do Penedo, Monitor de Taubaté, Piracicaba, Piracicabano, Constituição, Cearense, Pedro II, Tribuna do Povo, Jpanema, Correio Noticioso, Liberal Victoriense, Provinciano, Americano, Correio da Tarde, Lidador, Espirito-Santense, Gazeta do Commercio, Theophilo Ottoni, Mercantil, Commercial, Éco do Sul, Diario de Minas, Éco Litterario, Mosaico, Correio de Cantagallo e Aurora.*

Sr. S. D. — Si, como diz, sente *as garras do cruel ciúme a sangrarem-lhe o coração por amor da inconstante Marcia*, dirija-se ao pae da pequena, e deixe-nos nas horas do Senhor. Isto de estafeta de amores.... Temos conversado.

MATHEMATICA

LXIX

Dynamica. — Theoria do movimento curvilineo de um ponto.

Examinada a importante theoria preliminar relativa ao movimento variado rectilíneo, vejamos qual o character philosophico da verdadeira Dynamica racional directa, isto é, do estudo do movimento curvilineo produzido pela acção simultanea de differentes forças continuas, começando ainda por supôr que o movel seja um ponto, ou, que todas as moléculas do corpo movendo-se de modo inteiramente identico, cada qual se move isoladamente sem ser affectada pela sua ligação com as outras.

Devem-se distinguir, em geral, no movimento curvilineo de uma molecula, submettida á acção de forças quaesquer, dous casos profundamente distinctos: um em que, completamente livre, descreve a molecula a trajectoria resultante da combinação das forças propostas, outro, em que, pelo contrario, está sujeita a mover-se sobre uma curva ou sobre uma superficie dada.

A theoria fundamental do movimento curvilineo póde ser estabelecida de dous modos muito diversos, conforme se toma por base um ou outro destes dous casos, porque cada um delles póde ser tractado directamente e é ao mesmo tempo susceptivel de se ligar ao outro, as duas considerações sendo quasi egualmente naturaes, conforme o ponto de vista em que o espirito se colloca.

Partindo do primeiro caso, será bastante, para deduzir o segundo, encarar a resistencia, tanto activa como passiva, da curva ou da superficie sobre a qual o corpo é obrigado a permanecer, como uma nova força a ajunctar ás forças do systema proposto, como se faz em Statica.

Si, pelo contrario, preferir-se estabelecer préviamente a theoria do segundo caso, a elle reduzir-se-á o primeiro, considerando o movel como obrigado a descrever a curva que deve effectivamente percorrer, o que será bastante para formar as equações fundamentaes, embora esta curva seja primitivamente conhecida.

Apezar de ser este ultimo methodo pouco empregado, convém caracterizar os dous, para dar uma idéa justa e completa da theoria geral do movimento curvilineo, attendendo a que cada um delles tem importantes vantagens especiaes.

Consideremos, pois, o primeiro.

Começando por examinar o movimento curvilineo de uma molecula completamente livre, submettida á acção de forças continuas quaesquer, pódem-se formar de dous modos distinctos as equações fundamentaes deste movimento, deduzindo-as por dous modos diversos da theoria do movimento rectilíneo.

O primeiro modo, que a principio foi o mais empregado pelos geometras, embora, sob o ponto de vista analytico, não seja o mais simples, consiste em decompôr a cada instante a resultante das forças continuas

que actuam sobre o movel em duas forças, uma dirigida segundo a tangente á trajectory descripta, outra segundo a normal.

Consideremos então, durante um instante infinitamente pequeno, o movimento como rectilíneo e tendo logar na direcção da tangente, segundo a primeira lei physica do movimento.

A progressão do corpo neste sentido será evidentemente devida á primeira destas duas componentes, a qual por conseguinte, poder-se-á adaptar a formula fundamental, que se applica ao movimento rectilíneo.

Esta componente, que aliás é igual á força acceleratix total multiplicada pelo coseno de sua inclinação sobre a tangente, será pois expressa pela segunda funcção derivada do arco da curva relativamente ao tempo.

Desenvolvendo esta equação pelas formulas geometricas conhecidas, e introduzindo no calculo as componentes da força acceleratix total parallelamente aos tres eixos coordenados rectangulares, chega-se ás tres equações fundamentaes ordinarias do movimento curvilíneo.

O segundo modo mais simples e mais regular, devido a Euler, e depois geralmente adoptado, consiste em obter immediatamente estas equações decompondo directamente o movimento do corpo a cada instante, bem como a força continua, de que elle está animado, em tres outros no sentido dos tres eixos coordenados.

Pela terceira lei physica fundamental, o movimento segundo cada eixo sendo independente dos movimentos segundo os dous outros, não é devido sinão a componente total das forças acceleratrizes parallelamente a este eixo ; de sorte que o movimento curvilíneo é assim substituido continuamente pelo systema de tres movimentos rectilíneos, a cada um dos quaes se póde immediatamente applicar a theoria dynamica preliminar.

Chamando X, Y e Z, as componentes totaes, parallelamente aos tres eixos dos x , dos y e dos z , das forças continuas que actuam a cada instante dt sobre a molecula cujas coordenadas são x , y e z , obtêm-se immediatamente as equações :

$$\frac{d^2 x}{dt^2} = X, \quad \frac{d^2 y}{dt^2} = Y, \quad \frac{d^2 z}{dt^2} = Z,$$

ás quaes se chega por um longo calculo seguindo o primeiro modo.

Taes são as equações differenciaes fundamentaes do movimento curvilíneo, pelas quaes todas as questões de dynamica relativas a um corpo cujas moleculas se movem de modo inteiramente identico, reduzem-se a problemas puramente analyticos, desde que os dados tenham sido expressos de modo conveniente.

Considerando em primeiro logar a questão geral directa, que é a mais importante, tem-se em vista, conhecendo a lei das forças continuas de que o corpo está animado, determinar todas as circumstancias do seu movimento effectivo.

Para isto, qualquer que seja o modo pelo qual seja dada esta lei, já em funcção do tempo, já em funcção das coordenadas, já em funcção da velocidade, bastará, em geral, integrar essas tres equações de segunda ordem, o que dará logar a difficuldades analyticas, maiores ou menores,

que a imperfeição do calculo integral poderá tornar em muitos casos insuperaveis.

As seis constantes arbitrarías, successivamente introduzidas por esta integração, determinar-se-ão, aliás, attendendo ás circumstancias do estado inicial do movel, de que as equações differenciaes não poderão conservar vestigio algum.

Obter-se-ão assim as tres coordenadas do corpo em função do tempo, do modo que se possa assignalar com todo o rigor a sua posição a cada instante; e achar-se-ão depois as duas equações caracteristicas da curva descripta, eliminando o tempo entre essas tres expressões.

Quanto á velocidade adquirida pelo movel em uma epocha qualquer, poder-se-á desde então determiná-la também pelos valores de suas tres componentes, no sentido dos eixos

$$\frac{dx}{dt}, \frac{dy}{dt}, \frac{dz}{dt}$$

Cumpré aliás observar, a este respeito, que esta velocidade v poderá frequentes vezes ser immediatamente calculada por uma combinação muito simples das tres equações differenciaes fundamentaes, que dá evidentemente a formula geral $V^2 = 2 S [X dx + Y dy + Z dz]$, pela qual uma só integração bastará para a determinação directa da velocidade, quando a expressão collocada sob o signal S satisfizer ás condições conhecidas de integrabilidade relativamente ás tres variaveis x , y e z , consideradas como independentes.

Esta propriedade não tem logar relativamente a todas as forças continuas possiveis, nem mesmo em relação a todas as que nos apresentam effectivamente os phenomenos naturaes, pois ella não poderia verificar-se, por exemplo, para as forças que representam a resistencia dos meios, ou os attrictos, ou, em geral, para todas aquellas cuja lei primitiva depende do tempo ou da propria velocidade.

A observação precedente é com razão encarada pelos geometras como tendo uma extrema importancia para simplificar as investigações analyticas a que se reduzem os problemas de dynamica, porque a condição enunciada verifica-se constantemente, como é facil provar, no caso em que todas as forças continuas de que o corpo está animado são tendencias para centros fixos, actuando segundo uma função qualquer da distancia do corpo a cada centro, mas independentemente da direcção.

(*Continúa*)

SCIENCIA POPULAR

IV

TRES SENTIMENTOS

(*Recordações de uma conversação com o Dr. Gabriel*)

Eu perguntava sempre a mim mesmo : — Porque nem todas as cousas nos deixam a mesma impressão ?

A's vezes vemos um rosto, temos noticia de uma acção, examinamos um objecto, e sentimos agradabilissima satisfação; outras vezes é uma inveja, um desejo immenso de possuir ou de ser auctor da cousa o que nos vem atormentar; e outras ainda é uma aversão, um desprazer o que ella nos inspira.

Nos meus tempos, por exemplo, conheci tres moças — Joannita, Maria e Julia. Quando eu via Joannita, admirava-a tanto, sentia tão grande satisfação, e tinha tanto gosto em que todos a vissem, que ia chamar o José Eduardo, o Arthur, os Barreiros, o Leão, o Mesquita, o Fontoura, o Aluizio e o Salema para mirarem-na; e o interessante é que elles por sua vez faziam o mesmissimo que eu! — Mas quando via Maria... era egoista, confesso, sentia não sei que coegas no coração, não sei que prurido pelo corpo, tinha cada desejo! Quando via Maria, só queria que fosse possivel vivermos sempre junctinhos, eu e ella, longe das vistas do mundo, n'uma cabana dentro na matta ou n'um palacio das *Mil e uma noites*, onde todos os creados fossem authomatos e nós sós os unicos que tivessesemos uma alma sensivel! Eu tinha ciume de quem se sentia como eu diante della e raiva de quem a não julgava um pomo de venturas e delicias! — Com a Julia acontecia-me completamente o contrario: quando a via ficava triste, sentia um grande desprazer, fugia para longe, evitava-a; de um mundo de sonhos e esperanças cahia em um marasmo de decepções! Quando me lembrava de Julia, o desejo que me vinha logo, era que ella não me apparecesse nunca. Infeliz moça! mas pela ventura, era eu culpado do que sentia?

Esta diversidade de impressões produziam tambem em mim e em meus amigos os actos do Custodio e os do Francisco; ao passo que nem eu nem o Salema nem o José Eduardo sentiamos o mesmo que os outros ao saber do que dizia e fazia o Octaviano. O Custodio era uma bôa pessoa, o Francisco um rapaz sem gosto e sem senso, e o Octaviano—palavras dos outros—um homem assim assim...

No entanto Joannita, Maria e Julia eram todas da mesma idade, eram tres irmans, irmans no sangue e nas maneiras e educação. Joannita, Maria e Julia só se differenciavam nas feições e delicadeza de fórmãs.

Custodio, Francisco e Octaviano viviam na mesma sociedade; só suas índoles eram diversas.

— Quem sabe? perguntei eu muitas vezes ao pensar nestas cousas; quem sabe si não são as diversas e variadas combinações das feições; as disposições de nossos pensamentos; a educação differente de cada um, que produzem estes sentimentos tão deseguaes?...

Um dia encontrei um velho com quem muito me dei logo; chamava-se Gabriel Antunes e era doutor. Muito estudara aquelle homem, era um erudito, um sabio e um excellente character; por todas estas razões o estimei grandemente. Quantas vezes não conversamos junctos! O Dr. Gabriel Antunes não obstante ter como unica alegria a familia e por unica ambição derramar a instrucção, que com tanto trabalho lograra adquirir, era odiado e perseguido por muita gente. Aquelle pobre velho mais escravo da theoria que da pratica imaginava-se em um mundo social diverso daquelle em que vivia! Eu o procurava sempre, e era esta uma

razão para que elle muito me estimasse tambem. Horas e horas levavamos junctos ; quando estava apasiguado, embrenhava-se nos vastos campos da sciencia e explicava-me tudo que lhe perguntava e instruia-me enthusiasmado ; quando faziam-lhe alguma picardia malsinava a humanidade e sentia consolo confiando-me suas maguas. Uma tarde em que, com meu mestre e amigo, admirava o magnifico panorama da praia de Icarahy, communiquei-lhe meus pensamentos a respeito de nossas impressões e sentimentos. O Dr. Gabriel, sem que me permittisse siquer um aparte, fez a seguinte prelecção, que citarei de memoria a bem de quem desejar aprender :

— Sim, senhor ; a Esthetica, ou sciencia que estuda os sentimentos sympathicos, é assim mesmo que ensina.

— A perfeição das fórmãs, a feliz combinação dos traços inspira-nos um sentimento puro e desinteressado, o sentimento do *bello* ; sua Joannita é uma moça *bella*. Um chinez, um filho da Barbaria que a visse sentiria o mesmo que você sente. E é este o caracter principal do objecto, pessoa ou cousa *bella*. Mas a Maria é que eu chamarei uma rapariga *bonita*. Não é esthetico ou sympathico o sentimento que ella inspira ; porque é egoista, e a Esthetica só estuda os sentimentos desinteressados. Não só nisso differe o *bonito* do *bello*. Aquelle depende de muitas circumstancias, da educação que tem cada individuo, dos pensamentos, da indole, dos costumes ; por exemplo, eu ainda hoje morro por uma rapariga moreninha, de olhos rasgados e negros, de cilios aveludados e fórmãs palpitantes ; no entanto um chinez lambe os beiços quando vê a mulher de olhos obliquos e alongados, de pé chato como pé de cabra, de cadeiras largas, e dengosa ; um africano perde a cabeça e chama de bonita a uma patricia negra e lustroza como o alcatrão ! A moça *bonita* não o é consequentemente para todos ; quando é *bella* ninguem deixa de prestar-lhe homenagem. O sentimento do *bello* é soberano e magnanimo ; o sentimento do *bonito* é bandoleiro. Assim você pela Joannita sente amisade, sentimento desinteressado ; pela Maria você sente amor, diabinho egoista e enfatuado como elle só !... No mesmo caso está tudo mais ; esta praia, por exemplo, inspira-nos o sentimento do *bello* ; mas aquelle cavallo que alli passa em baixo e que é de bôa estampa e anda que é um gosto inspira-nos o sentimento do *bonito*. Vendo a praia, a idéa que tenho é de admirar-a ; vendo o cavallo, a idéa que tenho é de possuil-o e montal-o.

— Mas, meu Doutor, ha objectos cuja presença nem me traz a idéa de possuil-os nem de veneral-os....

— Já ia chegar lá ; taes objectos inspiram-nos um sentimento esthetico, sentimento que é um meio termo entre os dous de que fallei ; isto é, mais sensivel que o primeiro e menos platonico que o segundo : é o sentimento do *agradavel*.

— Pelo que vejo é este sentimento que me inspira Julia.

— Nada, não, senhor ; a Julia inspira-lhe o sentimento do *feio*. Um sentimento completamente contrario ao sentimento do *bello* ; mas esthetico porque como aquelle é desinteressado e tão geral quanto elle. Este sentimento em vez de amizade inspira-nos a versão.

— Já vejo. No mesmo caso estão as acções do Custodio, Francisco

e Octaviano. No mesmo caso está tudo que nos cerca. A lua e o sol são objectos *bellos*; um abraço, um muchocho, uma walsa são no geral coisas *bonitas*; um aleijão é uma coisa feia; não é assim?

— E' isto mesmo; mas quero fallar-lhe ainda de um outro sentimento esthetico. Ouça-me: não existem certos objectos cuja presença o fazem ficar a principio acabrunhado e descontente: você tenta comprehendel-os e não póde; mas vindo depois um juizo da razão você se convence de que não conseguirá comprehender e admirando-o então, se sente possuido de alegria e satisfação?

— Pois não; uma tempestade, por exemplo.

— Sim, senhor; uma tempestade: o valor da Niobe, de que nos falla a fabula, vendo morrer seus filhos um a um; a resignação da mãe de Christo como a pinta o Evangelho, emfim a idéa de um grande poder ou de uma grande força no exercicio de toda sua acção, inspiram-nos este sentimento. E' o sentimento do *sublime*...

Infelizmente para mim, para o leitor e para o Dr. Gabriel, nossa conversação foi interrompida neste ponto. Um dos inimigos mais encarniçados do bom velho passou-lhe pela frente rosnando como um cão. Inverteram-se os papeis: o erudito doutor começou a procurar consolações em meu coração, como eu procurava as verdades em a sua sabedoria.

LUIZ

BIBLIOGRAPHIA

DEVANEIOS

POESIAS DE AFFONSO CELSO JUNIOR

Surgem do chão muitas vezes, nos climas tropicaes, plantas mofinas que adoecem de mimosas. Expostas no descampado á crestadora acção de um sol de fogo, vão pouco e pouco esmorecendo, descorando, perdendo a vida; mas succeda que a tempo mão bemfazeja lhe preste auxilio, afastando-lhe aservas damninhas, chegando-lhe terra fresca e pondo-a á sombra, vêl-a-heis subito endireitar-se, enrijar dia a dia, crescer, vingar, á força de cuidados, copar-se no correr dos annos, estrellar-se de flores na primavera e no outomno vergar ao peso dos fructos.

Assim o talento artistico, si o guia a critica sensata. Desgraçadamente não temos critica que se desvele por tantissimas bellas intelligencias que ahi pullulam a cada canto: fulgem um momento com luz mortica e se apagam como meteóros ephemeros. E nem só succumbem á mingua de solitudine, e nem só mata-as o frio da indifferença, sinão que não raro o carro triumphal das felizes mediocridades de industria os esmaga na passagem.

Não ha luz sem sombra; não ha lava sem fumo; não ha real merecimento sem inveja que o deprima. Procurar sem interesse, mas sem amor e sem odio, — mas imparcialmente, encaminhar, com sadios conselhos, na arena litteraria cada luctador inexperiente que apparece,

revelando-lhe o bom ou o mau, que embelleza, ou afeia seus trabalhos, — já pela confrontação dos primeiros com os ultimos da propria lavra do auctor novel, — já pela comparação com os de boa decisão de lavra estranha; fazendo-lhe sobreluzir cada progresso, — antepondo-lhe aos olhos cada erro onde o seu espirito resvalou em falso: — eis a missão do critico que quizer prestar um serviço relevante ás bellas-lettras do paiz.

Foi por isso que, quando purpurearam o nosso horisonte litterario as *Alvoradas*, de Lucio de Mendonça, magoou-nos que os poucos que dellas fallaram não dissessem sequer uma palavra sobre o abysmo que medeia entre este seu ultimo e aquelle seu primeiro volume, das *Névoas matutinas*; é por isso ainda que sentimos que os que têm tractado dos *Devaneios* do sr. Affonso Celso Junior não tenham feito uma reflexão ao menos sobre o mar-longo interposto entre este ultimo e o seu primeiro livro, dos *Preludios*.

*
* *

Acabámos de percorrer pela segunda vez as 100 paginas dos *Devaneios*; temol-as ainda diante dos olhos, e sobra-nos desejo de relê-las mais vezes.

O que sobretudo nos encantou foi o aroma de modestia que perfuma a primeira pagina do livro; foi tambem a ingenuidade nunca desmentida desde esta até a extrema pagina. Captivaram-nos essa modestia e essa ingenuidade, não porque o auctor as manifeste simplesmente, sinão porque, — e principalmente por isso, — revela-as a seu pezar, sem o saber, sem o sentir. Tanto estamos convencidos disto que receiamos se affronte, declarando nós desde aqui que o sr. Affonso Celso Junior, para a idade que tem, apresentando trabalho do theor dos *Devaneios*, é o embryão de um talento poderoso, — não vaga promessa, mas definitiva realidade entre os nossos homens de lettras, e de nenhum sabemos que em tão verdes annos tenha dado á litteratura tão sazonados fructos.

Quem dos *Devaneios* disser que o livro dá esperanças tão sómente, ou não o leu ou folheou-o muito pela rama e irreflectidamente.

Irreflectidamente, repito, porque as delicadezas do estylo encobrem sob sua singeleza muita perola bellissima cujo brilho e harmonia furtam-se, de subtis, aos olhos cegos e aos ouvidos surdos do apreciador trivial, ou não o leu, — e esta hypothese parece-me que vinga, — supposto o desleixo da critica *louvaminheira*.

Antes de entrar na apreciação do livro, cumpre-nos aqui fazer um reparo que nos resalve a sobriedade de citações a que nos obriga a estreiteza das columnas de uma revista.

E' de estylo na *afilhadagem litteraria*, no acto de derramar a agua da pia baptismal da séde do elogio de encommenda sobre a cabeça do infantil pimpolho, exclamar o padrinho n'um accesso de entusiasmo fervente: « Que habilidoso rapaz! Si lhe fossemos narrar todas as habilidades, não se acabaria nunca... a cerimonia. »

E sahem do aperto com esta sagacidade. Não succede o mesmo comnosco. Conhecemos de hontem o sr. Affonso Celso Junior, e de hoje

o seu livro; julgámos do livro um dia depois de ter a felicidade de conhecer-lhe o auctor; portanto si dissermos que têm os *Devaneios* primores que não cabem nos escassos limites do espaço de que dispomos, é porque realmente assim o é, salvo o engano da nossa despretenciosa noticia.

Feito este reparo, entremos em considerações que mais de intimo entendem com o livro.

*
* *

« Nem todo o homem que soffre é poeta, — escreveu o cantor dos *Tymbiras*, — mas duvido que a alma do poeta não soffra. »

Com effeito assim é. Para exalçar-se ás regiões da poesia, a alma precisa ser primeiramente recalçada pelo sentimento; e sentir como poeta, seja qual fôr a sensação ou o sentimento, é sempre soffrer. Cada acção sobre sua alma tem reacção immediata, que se traduz nos seus cantares, deduzida em notas apaixonadas. A alma que se contrahe é como ave que se compõe para desferir o vôo. E, dizei-me, qual foi essa alma que antes de pungida pelo sentimento, ou seja a alegria que mata, ou a dôr que consola, ou o enthusiasmo que exalta, jámais creou azas para remontar aos céus?

Pois bem! Foi nesses momentos em que a alma se assenta á sombra de sua propria tristeza; em que o pensamento vaga indeciso no pelago da incerteza e da duvida, e deixa-se arrebatado pela onda de todas as melancolias, indifferente ás paragens onde o arraste esse mar de phantasias brilhantes, — tão doce é o canto de suas sereias, — tão harmonioso é o murmurio de suas aguas estrelladas de illusões; foi nesses primeiros passos que retrahido e timido commette o moço na vida, onde, mal penetra, presente todo o seu nada; foi dos 16 aos 17 annos que Celso escreveu estes versos.

Lêde, e adivinhae pelo perfume a violeta que se esconde:

. Pallidas flores
nascidas no vergel de *meus receios*
não exalam perfumes, nem olores
os pobres versos meus! os *Devaneios*!

Por isso elle os não escreve para todos, mas para

Vós todos que nutris almos anhelos
nos sonhos irreaes de encantos cheios,
que viveis a formar lindos castellos
no doirado paiz dos *Devaneios*.

.
São rimas sem valor: estro nascente
produziu-os sem fórmulas nem torneios,
mas foi o coração — elle sómente
quem dictou-me os humildes *Devaneios*.

Tudo isto é muito lyrico; mas de um lyrisimo tão sincero, tão espontaneo, que só praguentos acharão pecha que lhe assacar.

Esta expansão sincera e ingenua é o caracteristico dos *Devaneios*. A musa de Affonso não pertence ao genero daquellas que se desesperam sem consolo possivel; não orvalha as fingidas lamurias a que restringem

o bello os piegas exaggerados, os hypocondriacos do ultra-sentimentalismo; não tiritam com a febre terçan do romantismo delirante. Elle tem, como a creança, a lagryma tão prompta como o riso, lagryma de resentimentos mimosos, — riso de agastamento infantil, nuvem que passou sem tomar corpo no céu de suas phantasias.

Por isso, quando lhe amarga o pensar nas tribulações da vida, e ennegrecem-lhe a creança os bulções da magua, — sem motivo talvez, — mas nem por isso menos real, porque o espirito soffre realmente imaginando que soffre, quando elle vê a luz de uma illusão afundar-se na tréva densa de uma desesperança, — então

Só nutre uma chimera :
que a mão da negra morte
transforme tudo em pó !...

Agora a transição

*Mas logo um doce effluvio,
meu ser inteiro invade ;
socega a tempestade,
se apaga o meu Vesuvio ;
termina a escuridade
que foge n'um deffluvio,
e eu nado n'um diluvio
de grata claridade !*

Então tudo serena ;
resurge a estrella amena
n'um céu azul sem fim ;
— é ella a mãe cuidosa
que resa fervorosa,
pedindo a Deus por mim.

O bello está no verdadeiro. A sombra de uma duvida pôde perturbar durante um momento a alma candida do poeta-creança; mas essa sombra desaparece á lembrança de sua mãe. Isto é bello porque é natural, e todo o coração de filho sente e comprehende a verdade destes versos.

O livro de Affonso Celso Junior é fertil nesses sonetos-prodigios, em verso de sete syllabas, ¹ de que nos dá tão primorosos exemplos o muito nosso Gonçalves Crespo, modelo favorito do nosso academico.

Não creia o illustre poeta que estes *caprichos poeticos* tragam a morte da poesia, como alguém avançou-lhe.

Eis aqui um outro muito para admirar, e que dispensa commentarios. Não o citamos por ser o mais completo entre os do livro, pois o perfeito não é mais nem menos, é simplesmente — perfeito, e os sonetos deste theor nos *Devaneios* difficultam a escolha ao gosto mais delicado.

Intitula-se

IRMANS

Olhae que linda scena,
que quadro encantador ;
— diviso uma açucena
nas mãos de uma outra flôr.
Rivaes na vida amena,
no viço e no frescor,
tem ambas côr serena,
tem ambas puro alvor !

* Segundo a *Arte* de Carvalho.

Mas uma só germina,
no prado juncto á rosa
na veiga entre os jasmins ;
e a outra... És tu, menina,
que brincas descuidosa
da infancia nos jardins.

Nestes quadros é felicissimo o pincel do nosso poeta. Analysaremos mais um e concluiremos. Seja — *O velho*.

Era um ancião, cuja fronte encaneceram os gelos dos annos ; mas a expansão franca dos risos nunca lhe sahira dos labios.

Levemente encurvava o nobre vulto,
da existencia ante as maguas os pezares ;
via-se o fogo de um *ardor occulto*
na *fervente* expressão dos seus olhares.

Eis ahi uma estatua perfeitamente cinzelada. Admirae agora como se analysa feição por feição um sentimento que só o artista sabe desentranhar da alma e desparzil-o no marmore.

Contava que jámais na vida inteira
sentidos prantos derramado havia,
conservava attitude sobranceira
no meio da desgraça e da agonia.

Mas no dia em que a filha caridosa
levou-me juncto ao berço do filhinho,
trahiu seu rosto uma expressão ditosa
de ineffavel prazer e de carinho.

Contemplando as feições e a fôrma rara
do neto que em socego dormitava,
o velho riço que jámais chorára
convulsivo tremia e soluçava !...

Isto é que é saber manejar o buril !

A poesia não é a arte de assoprar hyperboles, de dispôr filigranas cobrindo falsas imagens que a seu turno vestem chimeras e quejandas parvoices vacias de sentido. Si haveis de despedir metaphoras pelos plainos azues da abobada celeste atraz de cherubins, anjos e fadas para povoar a vossa imaginação, olhae antes para a terra e deixae, mesmo nos versos de creança, transparacer a idéa de humanidade. E' o caso de dizer-se com Guilherme de Azevedo, um dos maiores corypheus do realismo em Portugal:

O seculo apesar de gasto e doentio
não póde já escutar o cantico sombrio
que falla de ideaes e coisas sem valor.

E é este desapego das pieguices lyricas o que mais admiramos em Celso, por ser elle ainda tão moço.

Entretanto o livro não é escoreito, e escoimado de defeitos em absoluto ; não o é, nem o podia ser, attenta a inexperiencia, desculpavel mesmo pela idade do auctor.

Não é sem pezar que vamos romper alguns destes mimosos collares, para arrancar-lhes raras perolas falsas, que illudiram o olhar ainda mal seguro do joven poeta.

Queremol-o advertido neste ponto por seu proprio interesse ; podiamos fazel-o verbalmente, porém maculas são essas que merecem signaladas

à luz publica para aviso aos incautos, que desejam correr fados literarios.

Eis os principaes sinões. Alguns versos ha que precisam ser formados na leitura — como :

Scintillam sobre ella uns lubricos olhares

Procurámos de proposito ferir esta falta para dizer ao auctor que o caso não é para exclaimar-se com o oleoso zoilo da eschola realista, — o critico... do Castellões : *ha erros de metrificação*.

Em outros logares, procurando o poeta evitar a ambiguidade, os verbos transitivos são empregados com acção relativa, prevalecendo sempre o sentido dubio, — como :

No alveo do regato areia fina e clara
ao pé da linda hebréa encobre rica e avara.

Sangre Affonso Celso as riquissimas minas classicas do precioso metal que doira as fallas, mas tendo o cuidado de apural-o do cascalho ; monde a folhagem de sua elocução, e allie a singelesa lyrica, que distingue os seus versos, aos assumptos sociaes, em que no prologo do seu livro promette entrar, quando se sentir com força para essa empreza.

Não temos presumpção de lhe querer traçar caminho. E' um conselho de quem sinceramente admira o seu talento precoce.

CHRONICA

Julia Malheiros Freire. — A lingua portugueza. — Hoteis, botequins, deputados e senadores. — O sr. Octaviano e o methodo-Hudson. — Parabens. — O *Figaro* e o *Mequetrefe*. — Quem mais dá ?

Falleceu no dia 18 do corrente, ás 6 horas da manhan, D. Julia Malheiros Freire, um dos mais perfeitos exemplares de virtudes domesticas que o chronista conhecia.

Era casada com o Illm. Sr. Feliciano Freire da Silva, e muito de proposito não lhe damos os pesames nesta occasião, não só porque já verbalmente cumprimos com esse dever que nos impôz a amisade, como desejamos não se persuadam os leitores de que vimos, por via de regra, fazer o elogio da mulher em consideração ao marido.

Não ! O nosso intuito é deixar consignado nas columnas desta *Revista* o nome, que veneramos, dessa excellente senhora.

Filha, esposa, mãe e amiga, ninguem o foi com mais consciencia. Deixou nove filhos de 14, 12, 10, 8, 7, 6, 5, 3 e 1 annos...

Fique, portanto, archivado nestas columnas, como em nosso coração, o nome de JULIA MALHEIROS FREIRE.

*
* *

Acha-se constituida uma nova sociedade com o intuito de estudar e analysar os auctores classicos brasileiros e portuguezes, que hajam escripto em lingua portugueza.

Não nos parece esse o mais seguro nem o mais commodo meio de reerguer o inimitavel idioma, o maior thesouro que nos legaram os portuguezes, dos atascadeiros para onde o arrastaram a ignorancia e o deleixo.

Já a tão ridicula *Associação Reformadora da Lingua Portugueza* deu em droga ; é provavel que esta siga o mesmo descaminho. Queremos crer que o unico modo de lograr adquirir o perdido, é cada um, individualmente, pôr peito em escrever com decencia, limpeza e senso commum.

Nada de sucias !

*
* *

Continúa a febre de hoteis e botequins.

Foi aberto um hotel na rua da Assembléa, e um botequim... na camara dos deputados.

*
* *

Estes senhores passam os dias forjando descomposturas arrevezadas.

E' um trocar de amabilidades que encanta. E' de malcreado para baixo. Com a fundação do *botequim* é de esperar que as discussões tomem calor, e os deputados... gêlo.

*
* *

O Senado está em férias.

Tambem... os *velhos* precisam de descanso.

Senectus est morbus.

Os srs. senadores, que apreciam o aljofarar da boa e genuina Bass, frequentam constantemente o *botequim* de seus collegas da temporaria.

Com tão bons freguezes o lucro da casa ha de ser quasi fabuloso.

Não é porque os homens bebam muito, não ; bebem pouco, mas a miudo.

Segundo corre, o sr. Anizio é o guarda-livros.

Que guarda-livros, sancto Deus !

*
* *

O sr. Octaviano provou de sobra que o methodo Hudson é d'elle, que o imaginou, que o fez, que o mandou imprimir, que o deu de graça, que o espalhou por toda a parte.

O patricio lá das ilhas vae bufar com a prova, pois o Hudson, o grande, o immenso, o incomparavel Hudson não tem capacidade para fazer um syllabario ! Protestamos !

O sr. Hudson sabe fazer methodos, discursos, grêves, artigos ; sabe fazer tudo.

Até faz versos...

*
* *

Ao avisado cavalheiro que estampou, no ultimo numero da *Revista Illustrada*, um artigo referente a certo romance, os noosos parabens.

De muito que nos preocupa o intento de tornar publico o valor desse livro; ou, por outra, de lhe pôr a calva á mostra.

Não basta a critica, mais erudita que desprevenida, do respeitado litterato sr. conselheiro Castilho e as *Impressões de leitura*, inscientes e insossas, do illustre desconhecido sr. Carneiro. E' mister que a luz se faça sobre quem quer repartir litteratura á imitação de Christo, distribuindo pão e peixe na montanha.

Para o conseguimento deste empenho incitamos o referido cavalheiro a proseguir na honrosa tarefa que chamou a si, assegurando-lhe que, onde lhe fraquejar o animo, de que Deus o preserve, surgiremos nós, fracos, mas resolutos.

*
* *

Temos para nós que o lapis do caricaturista têm a mesma responsabilidade da penna do escriptor.

Infelizmente assim não o entende o Sr. Faria, desenhista.

Acaba de desenhar o *Figaro*, folha ultra-governista, e vae desenhar o *Mequetrefe*, que é tão republicano como o Hudson.

Quem dá mais? quem dá mais?

X. Y. Z. & C.

POESIAS

Teus olhos

Não ha luz nem ha luar,
que tenha tanta harmonia,
como o brilho que irradia
teu languido, humido olhar.

Tenho visto em lagos fundos
tremar o grato clarão
de estrellas que errando vão
pela abobada dos mundos...

E d'agua á ferida flôr,
banhada de effluvio sancto,
sóbe a musica de um canto
inaudível, sem rumor.

Como placido o ar se alaga
nas vibrações dessa luz,
no teu olhar que seduz
todo meu ser se embriaga !

E leva-me esse clarão
a crença inteira embalada,
como a palmeira sagrada
o indio da tradição.

Como o cinto de plumagem,
teia de côres subtis,
aperta as curvas gentis
da americana selvagem,

teus olhos, brando collar,
cinto limpido de auroras,
prendem-me ás teias sonoras
do teu mavioso olhar.

Muita vez, quando me dás
que eu te vá seguindo os rastros,
julgo ouvir um nucleo de astros,
que dentro em mim se desfaz.

E doces ancias de amor
voam-me da alma, suaves,
bem como em bandos as aves
se erguem de uma arvore em flôr.

Mas si a tribu matinal
fugindo, sacóde o galho,
chuva tremula de orvalho
borrifa o secco areal.

O bando de rolas mansas,
o orvalho nos areaes,
são as minhas esperanças
e a dôr de quando te vaes.

Ah ! volve-me ondas serenas
de tua luz ideal !
Sejamos um élo apenas
da existencia universal !

O olhar te prende aos espaços;
os astros prendem-te aos céus :
— para chegar juncto a Deus
basta que eu siga teus passos !

E' tarde...

O beijo me foi dado finalmente !
Era já tempo : a lucta foi renhida...
Até que vi-a pallida, rendida,
estender para mim a fronte ardente !

Era em pleno verão. A noite quente
trescalava perfumes de baunilha...
Ella, envolvida em nuvens de escomilha,
reclinava-se em mim tão docemente !...

Não me invejeis a sorte, ó realistas :
a sós co'uma mulher, longe das vistas
do mundo fallador em horas taes...

Pois vós exclamarieis : Que tontura !
Ter entre os braços tanta formosura
e só fruir-lhe um beijo e nada mais !?...

LINS DE ALBUQUERQUE

Carneireida

(LOCAL)

Elle Carneiro foi pela ascendencia ;
n'um carneiro montou quando pequeno ;
foi morador do Alto da Carneira ;
e um *carneiro* (chapeu) mais tarde uzou.
Em certas eleições fez de *carneiro*,
(arrebanhou-lhe o voto um potentado) ;
a cabeçada de um carneiro, um dia,
n'uma cama tres dias o prostrou.
Os filhos seus Carneiros foram todos,
e o mais novo morreu de carneirada ;
expirou sem soltar um aí ao menos...
morreu como um carneiro o pobretão !
Matou-o de um carneiro o sarrabulho
(fatal indigestão, fatal !) ; descança
ao lado de um Carneiro como elle,
em carneira de pedra ao Gavião.

Maranhão, 1871

ARTHUR AZEVEDO

EXPEDIENTE

Recebemos as publicações :

CONSIDERAÇÕES AO CORRER DA PENNA, pelo pharmaceutico Teixeira de Azevedo.—Tracta do projecto de um novo regimen sanitario com relação aos interesses da profissão pharmaceutica.

PERIODICOS E DIARIOS.—*Figaro, Reforma, Mósquito, Revista Illustrada, Imprensa Industrial, Monarchista, Monitor Campista, Angrense. Gazeta e Diario de Campinas, Diario de S. Paulo, Sentinella, Jornal do Penedo, Espirito-Santense, Diario de Sergipe, Americano, Piracicaba, Piracicabano, Tribuna de S. Carlos, Ipanema, Tietense, Provinciano, Mosaico Ouro-pretano Jornal do Povo, Rezendense, Caldense, Arauto de Minas, Echo do sul, Despertador, Conservador, Monitor do norte, Correio de Cantagallo, Diario de noticias, Jornal de Valença, A ordem, Mercantil, Jornal do commercio (Porto-Alegre, Pelotas e Alegrete), Diario de Pernambuco, A provincia, Diabo a quatro, Soberania, Correio da tarde, Publicador maranhense, Jornal para todos, Revista juvenil, Constituição, Liberal do Pará, Theophilo Ottoni, Itatiaya, Commercio do Amazonas, Pedro II, Commercial, Aurora, Liberal, Situação, Popular e Mosaico.*

Agradecemos.

SR. CHUY.—As suas composições são bastante regulares. Á nós, si nos sobeja vontade, falta-nos espaço.

Desculpará.

LICÇÕES DE POLITICA POSITIVA

POR

J. V. LASTARRIA

(Continuação)

III

LIMITES DA SCIENCIA POLITICA

Em 1830, Augusto Comte apontava como uma das propriedades fundamentais da Philosophia Positiva o poder ser ella considerada como a unica base solida da reorganisação social, que deve terminar o estudo da crise em que se acham, ha longo tempo, as nações mais civilisadas.

E, para apoiar esta idéa, accrescentava estas singelas reflexões : « Não é mister provar que as idéas governam e transtornam o mundo,

ou, em outros termos, que todo o mecanismo social descança finalmente sobre opiniões ; e sobretudo que a grande crise politica e moral das sociedades actuaes procede, em ultima analyse, da anarchia intellectual. Nesse mal mais grave consiste de feito esta profunda divergencia, que existe agora entre os espiritos a respeito de todas as maximas fundamentais, cuja fixidez é a primeira condição de uma verdadeira ordem social. Emquanto as intelligencias individuaes não tiverem adherido por um sentimento unanime a um certo numero de idéas geraes capazes de formar uma doutrina social commum, não se póde dissimular que o estado das nações será por necessidade essencialmente revolucionario, apesar de todos os paliativos politicos que se adoptarem ; e não se sustentará realmente sinão por meio de instituições provisórias.

« Certo é egualmente que, si esta reunião dos espiritos em uma mesma communhão de principios se poder conseguir algum dia, della procederão necessariamente as instituições convenientes, sem dar logar a um sacudimento grave, tendo-se já dissipado por esse unico facto a desordem maior. E' para ahi que deve dirigir-se principalmente a attenção dos que comprehendem a importancia de um estado de cousas verdadeiramente normal.

« Em resumo, a desordem actual das intelligencias depende, em ultima analyse, do emprego simultaneo das tres philosophias— philosophia theologica, philosophia metaphysica e philosophia positiva. E claro é, com effeito, que si qualquer destas tres philosophias obtivesse uma preponderancia universal e completa, haveria tambem uma ordem social determinada, emquanto o mal consiste sobretudo na ausencia de toda organização verdadeira.

« E' a coexistencia destas tres philosophias oppostas o que impede absolutamente o mutuo assentimento sobre um ponto essencial qualquer. Si esta maneira de ver é exacta, segue-se que não se tracta já sinão de saber qual das tres philosophias tem direito de prevalecer pela natureza das cousas ; e todo homem sensato deverá em seguida empregar os seus esforços em concorrer para seu triumpho, quaesquer que tenham sido, antes da analyse particular da questão, suas opiniões particulares. Reduzida a questão a estes simples termos, não deve ella ficar incerta por muito tempo, pois é evidente que a philosophia positiva é a unica destinada a prevalecer, segundo o curso ordinario das cousas.

« Só ella tem estado constantemente em progresso desde uma longa serie de seculos, ao passo que suas antagonistas tem ido constantemente em decadencia. Si com razão ou sem ella, pouco importa ; o facto é incontestavel e isto basta. Póde elle ser deplorado, mas não destruido, nem portanto descuidado, sob pena de entregarmo-nos a especulações illusórias. Esta revolução geral do espirito humano está hoje realisada quasi completamente : não falta já sinão completar a philosophia positiva, comprehendendo nella o estudo dos phenomenos sociaes e resumil-a em seguida em um corpo de doutrina homogenea. Quando este duplo trabalho estiver adiantado sufficientemente, o triumpho da philosophia positiva se dará espontaneamente e restabelecerá a ordem na sociedade. »

A empreza é vastissima. Mas nos quarenta annos transcorridos, depois que o fundador da philosophia positiva traçou esta nova trilha, tem-se feito um grande labor, de que principalmente ha aproveitado a sociologia. Não fallemos das sciencias exactas que têm quasi completado sua evolução, prevalecidas dos progressos, que já haviam realizado, quando Comte traçou a philosophia especial de cada uma. As sciencias do grupo mathematico-physico, as do grupo chimico e as do grupo biologico renunciaram já a qualquer investigação ácerca das causas efficientes e finaes. Nada admittem que não esteja evidentemente provado. Não estudam, como diz Littré, sinão a materia e suas forças ou propriedades, nem conhecem materia sem propriedades ou forças, nem forças ou propriedades sem materia. Quando descobrem um facto geral em alguma destas forças, adquirem a posse de uma lei, e esta lei se converte logo em uma potencia mental, porque se transforma para o espirito em um instrumento de logica; em potencia material, porque tambem se transforma em um meio de dirigir as forças naturaes.

A sociologia, porém, apesar do grande impulso que recebeu, não tem conseguido igual valor positivo para completar sua evolução, nem logrado ainda formar um corpo de doutrina homogenea; porque no estudo dos phenomenos sociaes, a metaphysica encontra seus ultimos reductos em alguns espiritos obsecados, e sobretudo, porque um poder politico-religioso que se vae, tem sua base na philosophia theologica, e, no naufragio de sua fortuna, pugna para perverter e tergiversar tudo, condemnando os esforços e progressos da philosophia positiva, e procurando fazer retroceder a concepção dos phenomenos sociaes para a epocha em que só a theologia os explicava, dirigia e governava. Comtudo, a critica philosophica penetrou já nos dominios da sciencia social, e applicada á investigação historica como ao estudo das relações voluntarias e necessarias do homem e ao desenvolvimento industrial e artistico, se constroe a historia, como sciencia da estatica e de dynamica da sociedade, a sciencia do direito, a moral e a esthetica, bem que ainda ficam na penumbra da metaphysica a psychologia e até a logica, emquanto a sciencia fundamental da biologia lhes prepara o seu porvir positivo pelo estudo dos phenomenos cerebraes.

De todos estes ramos da sociologia, é a sciencia politica talvez a que mais resultados tem colhido da applicação da philosophia positiva ao estudo dos phenomenos sociaes e de suas leis; até agora, porém, não se tem grupado em um quadro as propriedades ou forças do corpo social, que estão em relação com sua organização politica, nem se ha formado uma doutrina homogenea e susceptivel de uma evolução, porque não se tem conseguido definir e estabelecer a lei generica a que obedecem essas propriedades ou forças. Uns têm tractado esta sciencia sem separal-a da sociologia geral, esquecendo que o que a caracteriza é o desenvolvimento do principio do direito. Outros tem-na estudado exclusivamente no mechanismo governamental, prescindindo dos phenomenos sociaes, e procurando estabelecer abstractamente, e não poucas vezes com um criterio metaphysico, os principios do direito publico. Uns e outros têm por conseguinte tractado de um modo incompleto, attribuindo os ultimos todo o

interesse á discussão das fórmulas de governo, ao contrario dos primeiros que, com Augusto Comte e Stuart Mill, têm sustentado que sendo uma lei a correlação necessaria entre a fórmula de governo existente e o estado de civilização contemporanea, são inuteis e sem valor as interminaveis discussões e as innumeraveis theorias relativas ás fórmulas de governo, consideradas abstractamente.

Esta conclusão que, á primeira vista parece incontestavel, não tem exactidão em seus termos. Exacta é a correlação existente entre a fórmula do governo e o estado de civilização contemporanea, mas si deu isto razão para dizer-se que cada povo merece o governo que o domina, não dá para assegurar que é necessario supprimir da sciencia aquellas discussões e aquellas theorias. As revoluções de todos os tempos, e principalmente as modernas, mostram sobretudo em America, que os povos se dão governos contrarios áquelles que destroem, e por conseguinte não adequados ao estado de sua civilização naquelle momento, e isto prova que aquellas theorias são indispensaveis na sciencia, afim de que os povos possam guiar-se na nova senda. O que importa é que na exposição abstracta que dellas se fizer como doutrina, não se prescinda dos phenomenos sociaes, para não cahirmos em illusões metaphysicas, como Platão, para não fundal-as no mysticismo theologico, como De Maistre, e para não construir um systema puramente subjectivo, como Rousseau. E' mister fundar a doutrina da sciencia politica na propria sociedade, e construil-a com a theoria das leis, que regem as forças sociaes.

Para realisar este proposito e limitar a sciencia politica devemos proceder — primeiro a um estudo comprehensivo da evolução social da humanidade e conhecer as leis de seu progresso, — em segundo logar ao exame da organização social — e em terceiro a deduzir desta a organização politica, suas fórmulas e seus principios.

(*Continúa*)

MATHEMATICA

LXX

Dynamica.—Theoria do movimento curvilineo de um ponto

Tomando em sentido inverso a theoria geral do movimento curvilineo de uma molecula livre, si quizermos determinar, pelas circumstancias caracteristicas do movimento effectivo, a lei das forças acceleratrizes que poderão produzi-lo, a questão será muito simples sob o ponto de vista analytico, visto como consistirá apenas em differenciações.

Porque será sempre possivel, por investigações preliminares mais ou menos complicadas, que repouzarão em considerações puramente geometricas, deduzir, da definição primitiva do movimento proposto, os valores das tres coordenadas do movel a cada instante em funcção do tempo de-

corrido ; e desde então, differenciando duas vezes estas tres expressões, obter-se-ão as componentes das forças continuas segundo os tres eixos, donde poder-se-á concluir logo a lei da força acceleratriz total, de qualquer natureza que ella seja.

E' assim que as tres leis geometricas fundamentaes achadas por Kepler para os movimentos dos corpos celestes que compoem o nosso systema planetario, conduz-nos a lei de gravitação universal, que torna-se depois a base de toda a Mecanica geral do Universo.

Estabelecida a theoria do movimento curvilineo de uma molecula livre, é facil fazer nella entrar o caso em que esta molecula está sujeita a permanecer n'uma curva dada.

Basta, como sabemos, comprehender entre as forças continuas a que a molecula está primitivamente submettida, a resistencia total exercida pela curva proposta, o que permittirá considerar o movel como inteiramente livre.

Toda a difficuldade inherente a este segundo caso reduz-se, pois, a analysar com toda exactidão esta resistencia.

Ora, para isso, é preciso distinguir, primeiramente, na resistencia da curva, duas partes muito diversas, a que denominaremos resistencia *statica* e resistencia *dynamica*.

A resistencia statica é a que teria logar mesmo quando o corpo estivesse immovel ; ella provem, da pressão exercida sobre a curva proposta pelas forças acceleratrizes de que está animado; assim obtel-a-hemos determinando a componente da força continua total, segundo a normal a curva dada no ponto que se considera.

A resistencia dinamica tem origem inteiramente diversa ; ella é gerada pelo movimento, e resulta da tendencia constante do corpo a abandonar a curva que é forçado a descrever, para continuar a seguir, em virtude da primeira lei fundamental do movimento, a direcção da tangente.

Esta segunda resistencia, que se manifesta na passagem do corpo de um elemento da curva para o elemento seguinte, é evidentemente dirigida a cada instante segundo a normal a curva situada no plano osculador, e poderá, por conseguinte, não ter a mesma direcção que a resistencia statica, si o plano osculador não contiver a recta, segundo a qual actúa a força acceleratriz total.

E' a esta resistencia dinamica que se dá, em geral, o nome de *força centrífuga*, attendendo a que as unicas forças acceletrias consideradas a principio pelos geometras eram forças *centripetas*, ou tendencias para centros fixos.

Quanto á sua intensidade, considerando esta força centrífuga como uma nova força accleratrix, será medida pela componente normal que produz, a cada instante infinitamente pequeno, a velocidade do movel, quando passa de um elemento da curva para outro.

Acha-se assim facilmente, depois de haver eliminado os infinitesimales auxiliares introduzidos a principio por esta consideração, que a força centrífuga é sempre egual ao quadrado da velocidade effectiva do movel dividido pelo raio de curvatura correspondente da curva proposta.

Finalmente, esta expressão fundamental, bem como a propria direcção da força centrífuga poderiam ser obtidas pelo calculo, introduzindo antes esta força de um modo inteiramente indeterminado nas tres equações differenciaes geraes do movimento curvilíneo.

Assim, depois de ter determinado a resistencia dynamica, compola-hemos convenientemente com a resistencia statica, e, fazendo entrar a resistencia total entre as forças propostas, o problema reduzir-se-á immediatamente ao caso precedente.

A questão mais notavel deste genero consiste no estudo do movimento oscillatorio de um corpo pezado sobre uma curva qualquer (e particularmente sobre um circulo e sobre uma cycloide) cujo exame philosophico deve naturalmente ser feito na Physica.

Seria superfluo considerar aqui distinctamente o caso em que o movel, em lugar de ter que descrever uma curva dada, fosse apenas obrigado a permanecer sobre uma certa superficie.

E' pelas mesmas considerações que se reduz este novo caso, aliás pouco importante nas applicações, ao de um corpo livre.

A unica differença que então existe, é que a trajectoria do movel não é a principio completamente determinada, e, para conhecê-la, cumpre ajunctar á equação da superfcie proposta uma outra equação fornecida pelo estudo dynamico do problema.

(Continúa)

ROSA BRANCA

(Continuação)

Um correio, chegado do exercito, interrompeu esta situação. Lord Kildare prevenia o principe das boas disposições da cidade de Exeter. Offerecia-se ensejo de conquistar aquella chave do paiz. Bastava, dizia elle, a presença do filho de Eduardo para fazer cair as portas e as barreiras. Cumpria marchar sem demora. Ricardo olhou em torno de si e só viu olhos enxutos e reluzentes de ambição. Que é uma amante, uma mulher para selvagens rebellados? Si o duque hesitasse, podiam-no appellidar de covarde. Ordenou, por tanto, a partida, e como, si deixasse ficar Catharina, lh'a poderiam arrebatár, mandou-a metter n'uma gaandê liteira; deu-lhe uma guarda de escoceses e, occultando sua angustia sob a mascara da armadura, conduziu a Exeter os seus sequazes ebrios de esperança.

Elle alimentava no coração prazer, não de conquistar um reino, mas de morrer como heroe sobre o tumulo de Catharina.

Além disso, a accusação da duqueza de Borgonha impellia-o aos extremos da raiva. Sob o peso de tamanho odio, não succumbiria elle, si fosse apeuas um homem vulgar? Teria acaso a duqueza dicto verdade? Não seria Ricardo mais do que um impostor? Teria elle roubado a mão de uma princeza? Seria apenas o seu destino substituir Simnel no escarneo? Em todo o caso a morte, sempre a morte!

Espicaçado por esta serpente, o mancebo voou para juncto de lord Kildare. Encontrou-o retrocedendo para vir ao encontro do soberano. Com olhar de falcão, Ricardo conheceu-lhe de longe o estandarte e o penacho e, correndo a encontral-o, tomou-o pela mão, levou-o para onde não podesse ser ouvido, e contou-lhe o apparecimento da duqueza, as suas injurias, as suas revelações.

Com os olhos fitos nos olhos do ancião, Ricardo prescrutava o reflexo de uma incerteza, aguardando a sentença.

— Oh ! exclamou elle, Patrick, fala-me verdade ; preciso de a saber, tenha eu de a ir arrancar ao teu coração !

Lord Kildare não respondia. Passava, elle tambem, por uma e uma das pungentes provações que soffrera o desditoso Ricardo. Perguntava á sua razão o sentido daquelle enigma ; e não no encontrava, e tremia de chegar tambem a suspeital-o.

Era, porém, um homem esforçado, de um grande coração. Não acreditava nos monstros cuja precoce malvadez inverte a ordem habitual da vida, e torna o adolescente mais habil que o ancião. Sabia ler n'um rosto humano e pesar as lagrymas.

— A verdade, dizeis ! replicou elle emfim, de que m'a pergunteis me admiro.

Quem melhor do que vós a póde saber ? Quem melhor do que vós sabe si sois o duque de York ou um embusteiro ? A duqueza de Borgonha reconheceu-vos ; depois renegou-vos. Que importa para a vossa consciencia ? A duqueza possui um profundo espirito : tinha hontem necessidade de que fosseis seu sobrinho ; hoje talvez terá necessidade de que já o não sejaes. E' grave o caso, si attendermos ás consequencias ; porque a sua mudança póde trazer comsigo a mudança de toda a Inglaterra ; mas que importa a Ricardo de York que a duqueza o chame hoje Perkin Warbeck ? Ricardo melhor do que ella sabe que é Ricardo.

— Si sei ! exclamou o malaventurado.

— Pois bem, continuou Kildare, eu tambem no sei. Vi a cicatriz que vos ficou do meu punhal ; reconheci o meu principe : a minha convicção está feita. Patrick não muda de certeza como uma creança. Tão pouco muda de affeição. Está comvosco, milord, e comvosco ficará. A minha resposta é clara, creio eu.

— Querido e nobre Patrick ! murmurou Ricardo suffocado pelos soluços ; que quer dizer essa angustia ? eu não n'a percebo. Perde-se um alliado, ganham-se outros. Os escoceses acreditam em vós e seguem-vos ; a vossa alliança com elles é um firme penhor da sua amizade. Conservastes tudo, digo-vol-o eu, e nada perdestes.

(Continúa)

A PELLE DO LOBO

COMEDIA EM 1 ACTO

Escripta em 1875 e representada pela primeira vez, no Rio de Janeiro, no theatro Phenix Dramatica, em 10 de Abril de 1877.

A ANTONIO FONTOURA XAVIER

PERSONAGENS

CARDOSO, subdelegado.....	Sr. LISBÔA.	MANUEL MARIA.....	Sr. MACHADO.
AMALIA, sua mulher.....	D. IZABEL.	VICTORINO	» VICENTE.
APOLLINARIO	Sr. VASQUES.	O COMPADRE	» ANDRÉ.
PERDIGÃO	» LEAL.	UMA PARTE.....	N. N.
JERONYMO.....	» PINTO.	Dois soldados de policia.	

A scena passa-se no Rio de Janeiro

Actualidade

Direitos de representação reservados

ACTO UNICO

Sala, secretaria, relógio de mesa, etc., etc.

SCENA I

CARDOSO, AMALIA, (*vestidos para a cerimonia e promptos para sahir*)

UMA PARTE, (*que logo sahe, á porta do fundo.*)

CARDOSO. — Sim, sr.; sim, sr.! Póde ir com Deus. Descance, que hoje mesmo serão dadas as providencias que o caso exige.

PARTE. — Ás ordens de V. S. (*Retira-se*)

CARDOSO. — Safa !

AMALIA (*Erguendo-se*). — Deixar-te-ão desta vez ?

CARDOSO (*Passeando*). — E mettam-se !

AMALIA. — Heim ?

CARDOSO. — E mettam-se a servir o paiz !

AMALIA. — Para que acceitaste esta maldicta subdelegacia ?

CARDOSO (*Ainda passeando*). — Eu não acceitei : pedi. Mas já te tenho dicto um milhão de vezes que os serviços prestados ao paiz e ao partido pesam muito no animo daquelles que me pódem fazer galgar mais um degrau na escala social.

AMALIA. — Deixa-te disso, Cardoso: um degrau dessa tão fallada escala social, não vale de certo o sacrificio que te custa essa auctoridade de cá-ca-ra-cá. São uns desfructadores, eis o que são! Has de ser pago com um pontapé. Verás...

CARDOSO. — Hei de ser promovido na primeira vaga que apparecer. O Cantidiano está por pouco a bater a bota. Verás si o lograr é ou não é meu!

AMALIA. — Fia-te na virgem e não corras.

CARDOSO. — E uma vez que acceitei o cargo...

AMALIA. — A carga, deves dizer.

CARDOSO. — Venha com elle o sacrificio. Antes de tudo, o dever!

AMALIA. — Estamos promptos para sahir ha duas horas.

CARDOSO (*Consultando o relógio de mesa*). — Ha duas horas e dois minutos.

AMALIA (*Embonecando-se ao espelho*). — Creio que não chegamos a tempo para o baptisado.

CARDOSO. — Que remedio terão elles, sinão esperar pelos padrinhos?

AMALIA. — E o carro na porta ha tanto tempo!

CARDOSO. — Anda com isso, anda com isso! E mettam-se!

AMALIA. — Heim?

CARDOSO. — E mettam-se a servir o paiz!

AMALIA. — Vamos. Não percamos mais tempo.

CARDOSO. — Vamos. (*Vão sahindo. Batem palmas.*)

AMBOS. — Bateram.

CARDOSO. — Quem é?

APOLLINARIO (*Fóra*). — Sou eu.

AMALIA. — Eu quem?

APOLLINARIO (*No mesmo*). — Um criado de V. S.

CARDOSO. — Entre quem é.

AMALIA. — Temol-a travada! (*Entra Apollinario. Pisa macio e falla descançado*)

SCENA II

OS MESMOS E APOLLINARIO

APOLLINARIO (*A' porta do fundo*). — Dá licença, sr. Subdelegado?

CARDOSO. — Entre, senhor. (*Vae outra vez pôr o chapéu na secretaria*)

APOLLINARIO (*Entrando e sentando-se em uma cadeira que deve estar no meio da scena*). — Não se incomode V. S. Estou muito bem. V. S. como tem passado?

CARDOSO. — Bem, obrigado. O que pretende o senhor?

APOLLINARIO. — Sua senhora tem passado bem, sr. subdelegado?

AMALIA. — Bem, obrigada. O senhor o que pretende?

APOLLINARIO. — Ah! estava ahi, minha senhora? Os meninos estão bons?

AMALIA. — Que meninos, senhor?

APOLLINARIO. — Os seus filhos, minha senhora.

AMALIA. — Não os tenho. E esta!

APOLLINARIO. — Pois levante as mãos para o céu e dê graças a Nosso Senhor Jesus Christo! (*Signaes de impaciencia em Cardoso e Amalia*) Eu tenho tres, tres! Todos tres machos, felizmente. Mas que consumição! que canceira! Quando não está um doente, está outro; quando não está outro, está outro; quando não está nenhum, está a mãe; quando não está a mãe, está o pae. A's vezes estão, filhos e paes, todos doentes. E' preciso chamar a vizinha para dar-nos qualquer coisa. E' uma lida, minha rica senhora! Peça a Dens que lhe não dê filhos. Olhe... (*Mostra-lhe a cabeça*) Não vê?

AMALIA. — O que? O que?

APOLLINARIO. — Já estou pintando... Ainda ante-hontem... Ante-hontem não... Quando foi, Apollinario? Segunda... terça... Foi ante-hontem mesmo... Eu tinha acabado de tomar o meu banhinho e de ouvir a minha missinha...

CARDOSO (*Interrompe-o*). — Meu caro sr., tomo a liberdade de prevenil-o que temos muita pressa e não podemos perder tempo. Iamos sahindo justamente quando o sr. entrou...

APOLLINARIO (*Erguendo-se*). — Nesse caso, sr. doutor...

CARDOSO. — Perdão; não sou doutor.

APOLLINARIO. — Fica para outro dia... Eu vinha dar a minha queixa mas... (*Comprimenta*) Sr. doutor... minha sra... (*Vae sahindo*).

CARDOSO. — Venha cá, sr.: já agora diga o que pretende.

(*Continua*)

FILAGRANAS

O *Globo*, sem deixar de ser um grande jornal, deixou de ser um jornal grande.

Antes assim....

Tendo á sua frente o luminoso talento, que se chama Quintino Bocayuva, é de esperar que brisas de feição o condusam a salvamento, por entre os mil abrolhos da imprensa.

*
* *

E agora tu, ó Tito !

Eu li a tua saudação a Bocayuva, e não pasmei, e não disse mal de ti, e não deplorei o tempo perdido, encyclopedico *doctoribus*, não ; por que tu rabiscaste a *Mimi* ; porque despejaste a *Zahra* aos monturos das ruas ; porque és o digno pae dos *Filhos da fortuna* ; porque és auctor dramatico ; porque expectoras maximas salobras ; porque és orador do Instituto ; porque em summa és *Zé*, ó milagreiro, ó glorioso, ó bem-aventurado Tito !

Mas, francamente ! o teu escripto está bom, está mesmo muito bom...

Tu *acompridas* os teus periodos para *curar a causa*, para descobrir que *o erario é o coração da patria*, para *aventar sangrias*.

Temos resolvido pois, ó *Zé* ! uma apothese á tua gloria : cavalgarás a *besta de carga* e, do *profundo somno em que dormimos*, nos despertarás *conjugando o verbo da liberdade nas supremas regiões* !

*
* *

Depois disto, só uma :

FABULA INSTANTANEA

Devia a Deus Lopez terrivel conta ;
mas o Chico Diabo, o grande cabo,
da lança lhe metheu a rude ponta !

Quem deve a Deus, paga ao *Diabo*.

*
* *

Em um livro ultimamente aqui publicado, que se intitula *Do amor proprio ao amor de Deus*, encontramos, a pags. 20 e 21, vinte e tantas vezes repetida a palavra *harmonia*...

Imaginem os leitores que desharmonia !

*
* *

A pags. 95 a 104 (!) transcreve o auctor a nota e circular que, como chefe de secção da secretaria da agricultura, redigiu, solicitando informações officiaes, ás presidencias das provincias.

E esta !

*
* *

Estavamos convencido de que os trabalhos officiaes eram, por via de regra, trabalhos anonymos...

E a que vem um aviso-circular, em livro que se intitula *Do amor proprio ao amor de Deus?*

Custa a crêr !

*
* *

Depois disto, só outra :

FABULA INSTANTANEA

Tres moças lavam fructas ; a primeira
uma laranja lava, appetitosa ;
lava a segunda uma goiaba enorme...

—
Um mamão lava a outra.

*
* *

O auctor dessa *fabula instantanea* dá um premio a quem lhe der uma rima para *outra*.

Escrevemos *outra* em gripho, para não supporem que é uma rima para outra rima.

O premio, que o poeta offerece, é uma rima para *polvora*.

*
* *

Entre os generos de primeira necessidade, annunciados em catalogo, no *Globo*, pela Companhia Cooperativa de Consumo, acham-se... *jogos de paciencia* a 1\$800 réis.

Tenham paciencia os senhores accionistas...

*
* *

Orapasito, que cantava na rua a quadra que publicámos nas ultimas *Filagranas*, veio dizer-nos que deviamos escrever :

Certo typo do direito ;
do Instituto orador,
para tudo terá geito,
mas não tem para escriptor.

Como elle cantava, e não :

Terá geito para tudo, etc.

Como escrevemos.

Pois está feita a corrigenda.

X. Y. Z. & C.

POESIAS

Prologo de um poema inedito

O livro de minh'alma estava em branco ainda ! ...
— Ninho de eterna infancia e de innocencia infinda,
por onde a sombra só da aza mais pura e leve
nunca passou de longe a macular-lhe a neve.
Nem um longinquo tom de pallida lembrança...
nem um sonho siquer... nem mesmo um esperança
a ressumbrar no albor da face humedecida
desse botão de lyrio abrindo-se na vida !
Nem um laivo de sol nas petalas algentes,
— beijo de amor que afflase as emoções olentes
da tumida corolla ; e em tepidos vapores
as entregasse á brisa, a interprete das flores.
Era o fresco embryão de uma illusão precoce,
que apenas distillava uma fragrancia doce
como a que envolve em véos de rubra castidade
o seio da mulher na floração da idade.

Branca nympha a embalar-se em sua concha pura,
era talvez minh'alma um sonho de ventura
no eden aberta em flor de ignota primavera,
sem fructo e sem serpente, a desdobrar-se á espera
da Eva que sorrindo apparecesse um dia
nesse reino feliz do amor e da pcesia.

Ao resvalar no céu, das azas de um mysterio,
— da lagryma do Christo ergueu-se vago e ethereo
o vulto de Eloah !... Da vaga o argenteo seio
tambem tremeu de amor no mais suave aneio,
quando sentiu rasgar-se em turbilhões serenos,
deixando vir a flux a vaporosa Venus,
mystica flôr do oceano a rebentar da espuma !...
Linda visão sem véus, mostrando uma por uma
todas as perfeições da fórma torneada,
que núa assim dir-se-ia em languidez vasada
dos modelos do amor no molde mais perfeito,
nas pomas tinha o céu saltando-lhe do peito.
Era o proprio ideal, rompendo docemente
a chrysalida azul de uma illusão dormente.
Era a fusão da vida e encarnação de um sonho,
fazendo-se mulher, fructo feliz, risonho
de concepção divina e angelica estrutura
a resumir do bello a synthese mais pura.
Assim sentiu minh'alma estremecer no seio
um segredo a formar-se em descuidoso enleio.
E abrindo o livro em branco, a folheal-o a tóa,
foi deixando-se erguer como o quer que é que vóa.

E' que mais uma folha appareceu-lhe aos olhos,
de manso a revolver-lhe os intimos refolhos,
como uma aza do amor a se agitar com medo
de perturbar-lhe o somno e a despertar tão cedo !
Mas, já não 'stava em branco ; e se exhalava agora
um como que perfume, um halito de aurora
dessa pagina nova aberta aos vinte annos.
E um suave rubor de timidos arcanos
dava-lhe o colorido ingenuo da pureza,
quando lhe rompe o instincto os véus da natureza,
e o espirito fluctua ao fluxo de um desejo,
e o labio se confrange a torneiar um beijo.

Teu nome estava escripto, e li-o de joelhos !...
Era a primeira uncção dos sanctos evangelhos
dessa Biblia a entrever no verbo da esperança
o Messias do amor, que foste tu, creança !
Bahia, 1873.

CASTRO REBELLO JUNIOR

Nota eolea

Tu és a folha cahida
dos arvoredos dos céus,
nota que vogas tangida
nos echos d'harpa de Deus.

Ondina que se balança
das aguas sobre o docel,
vogas no mar da esperança
como um doirado batel.

E vogas, pluma perdida,
pelos espaços dos céus,
nota que voas tangida
nos echos d'harpa de Deus !

Mas onde vaes, descuidada
nas azas de ameno estio,
flôr que vogas embalada
pela corrente do rio ?

Buscas a ilha da vida
no mar silente dos céus,
nota que voas tangida
nos echos d'harpa de Deus ?

O' folha ! desce da bruma ;
batel, não vogues assim !
Colhe as velas uma a uma,
vem ancorar juncto a mim.

Eu tenho a alma embebida
nas melodias dos céus,
nota que vôas tangida
nos echos d'harpa de Deus.

Eu sei do porto, o abrigo,
que tu sonhavas além ;
eu levo a ilha commigo
que tu procuras, oh ! vem !

Deixa essa fórma sem vida,
vem ouvir os cantos meus,
notas que vogas tangida
nos echos d'harpa de Deus.

Tu não és folha, ó donzella,
não és ondina, nem flôr ;
tu és mulher,—és mais bella,
és minha luz, meu amor.

E voga agora, ó querida,
voga ao som dos cantos meus,
nota que ias perdida
nos echos d'harpa de Deus.

DR. FERREIRA DA LUZ

O juramento do arabe

Baçús, mulher de Ali, pastora de camellas,
vio de noite, ao fulgir das rutilas estrellas,
Wail chefe minaz de barbara pujança
matar-lhe um animal. Baçús jurou vingança.

Corre, célere vôa, entra na tenda e conta
a um hospede de Ali a grave e inulta affronta.

« Baçús, disse tranquillo o hospede gentil,
« vingar-te-ei com meu braço ; eu matarei Wail. »

Disse, e cumpriu. Foi esta a causa verdadeira
da guerra pertinaz, horrivel, carniceira,
que as tribus dividiu ; na lucta fraticida
Omar, filho de Amrú, perdera o alento e a vida.

Amrú que lanças mil aos rudes prélios leva
e que em sangue inimigo irado os odios céva,
incansavel procura, e é sempre embalde, o vil
matador de seu filho, o tredo Muhalhil.

Uma noite na tenda a um joven prisioneiro
recem-colhido em campo, o indomito guerreiro
fallou severo assim : « Escravo, attende e escuta :
aponta-me a região, o monte, o plaino, a gruta
em que vive o traidor Muhalhil, dize a verdade ;
dá-me que o alcance vivo, e é tua a liberdade. »
O moço perguntou : « E' por Allah, que o juras ? »
— Juro.

« Ouve-me bem : sou o homem que procuras !
« Muhalhil é o meu nome, eu fui que espedacei
« a lança de teu filho e aos pés o subjuguei. »
E intrepido fitava o attonito inimigo.

Amrú tornou : « E's livre ; Allah seja contigo ! »

GONÇALVES CRESPO

A Manoela Lucci

Como um leproso cão que não tem dono
anda o drama na côrte ao ponta-pé ;
tem agora um balcão, — perdeu seu throno ;
deixou de ter um manto... e tem libré !

Tu, Estrella do Norte, peregrina,
vem ser a caridosa mesinheira ;
curar-lhe a funda chaga tens por sina ;
cumpre pois a tua sina, ó forasteira !

Mas contra ti levanta-se maldicta
a vesga inveja ; coração raivoso,
não te quer consentir tamanha dita ;
quer derribar-te desse altar formoso...

O talento, Senhora, é como a rosa,
que não póde occultar os seus perfumes ;
tomou-te o pulso a inveja, ó flôr cheirosa,
e a inveja se morde de ciumes.

Essa deusa... do mal, anjo... do crime
te quer arremear seu frouxo raio ;
não te movas siquer, mulher sublime :
manda pizal-a aos pés por teu lacaio...

Rio, 1875

ARTHUR AZEVEDO

EXPEDIENTE

Obsequiaram-nos com as seguintes publicações :

MAGUAS E DORES, por L. de F. Nicolau do Rego. — Os seus versos, meu charo poetaço, para nada prestam ; mas o papel.... ah ! o papel !...

PERIODICOS E DIARIOS. — *Figaro, Reforma, Mosquito, Revista Illustrada, Monarchista, Monitor Campista, Angrense, Gazeta e Diario de Campinas, Diario de S. Paulo, Sentinella, Jornal do Penedo, Espirito-Santense, Diario de Sergipe, Americano, Piracicaba, Piracicabano, Tribuna de S. Carlos, Ipanema, Tieetense, Provinciano, Mosaico Ouro-pretano, Jornal do Povo, Rezendense, Caldense, Arauto de Minas, Echo do sul, Despertador, Conservador, Monitor do norte, Correio de Cantagallo, Diario de noticias, Jornal de Valença, A ordem, Mercantil, Jornal do commercio (Porto-Alegre, Pelotas e Alegrete), Diario de Pernambuco, A provincia, Diabo a quatro, Soberania, Correio da tarde, Publicador maranhense, Jornal para todos, Revista juvenil, Constituição, Liberal do Pará, Theophilo Ottoni, Italiaya, Commercio do Amazonas, Pedro II, Commercial, Aurora, Liberal, Situação, Popular, Mosaico, S. Joannense, Tribuna do Povo, O tempo, Jornal do Assú, Jornal do Recife, Jornal do Pará, Telegrapho, Diario do Maranhão, e Cearense.*

PARTIDA. — No vapor do 1º do corrente, partiu para Pernambuco, com sua Exma. familia, o nosso distincto amigo e collaborador sr. Antonio Pereira Simões.

Engenheiro civil pela Eschola Polytechnica, onde deu provas de talento, applicação e esmerado tracto, o sr. Pereira Simões vae repousar das lides academicas na sua provincia natal.

A *Revista do Rio de Janeiro*, para a qual collaborou, quer na parte scientifica, quer na litteraria, occultando sempre o seu nome por excesso de modestia, é-lhe devedora de assignalados serviços, prestados sempre com a melhor vontade.

Receba, pois, o sr. engenheiro A. Pereira Simões os nossos sinceros votos de amizade e gratidão.

LICÇÕES DE POLITICA POSITIVA

POR

J. V. LASTARRIA

(Conclusão)

IV

METHODO POSITIVO

Neste estudo, antes de mais nada, devemos procurar combinar sabiamente o raciocínio com a observação por meio de um methodo certo e geral, pois todo conhecimento resulta sempre de uma realidade objectiva combinada com a ordem subjectiva. Em outros termos, em todo conhecimento ha duas coisas, como diz Littré, a quem seguimos nesta exposição do methodo, o objecto e o sujeito: o objecto dá a materia do conhecimento e o sujeito dá a forma. A maneira mental de conhecer não é mais arbitraria, nem menos determinada do que a maneira de seu objecto, que se procura conhecer: ambas tem suas leis. Mas a logica póde sem difficuldade funcionar no vazio, como já o fez durante todo o reinado escolastico do syllogismo, em que recebendo puras figuras, não mechia sinão figuras. Não obstante, as condições mentaes do conhecimento não eram então por isso menos fielmente observadas. O que faltava era a realidade objectiva. Por sua vez, esta realidade objectiva não está sempre, em todos os momentos da evolução, em um estado que lhe permitta entrar sob as funcções e jogo da logica; e é esta entrada successiva sob o orgão da logica que forma o progresso da sciencia.

Por conseguinte, para pormo-nos a coberto de illusões e erros, é necessario adoptar um methodo rigorosamente experimental, o qual outro não é sinão o positivo, ou com mais propriedade, o *methodo deductivo*, que é inteiramente diverso do methodo subjectivo.

Ambos estes methods coincidem em um aspecto, e é em procederem ambos por via de consequencia e encadeamento, porém nem o ponto de partida é o mesmo, nem o mesmo o systema das consequencias e encadeamento. No methodo subjectivo o ponto de partida é uma concepção do espirito que estabelece, como se diz, *á priori*, certo principio metaphysico do qual faz suas deducções. No methodo deductivo o ponto de partida é um resultado da experiencia, fornecido ou pela inducção ou pela generalisação da inducção, como acontece com o principio da gravitação universal, que é o ponto de vista universal de que dependem todos os factos particulares da mecanica celeste. O systema das consequencias e do encadeamento não é menos opposto nos dois methods. No subjectivo as consequencias são metaphysicas como o ponto de partida, não tem necessidade sinão de satisfazer a condição de ser logicas, mas sem as confirmações *a posteriori* da experiencia: assim pódem ellas estender-se até perder de vista. No methodo deductivo as consequencias só tem valor em virtude de sua verificação experimental; a deducção indica e a experiencia verifica. Tam-

bem ellas não se exercem sinão com lentidão, e mediante um trabalho absolutamente analogo ao que creou experimentalmente o ponto de partida.

Comtudo, o methodo subjectivo póde ás vezes adoptar como ponto de partida um resultado geral da experiencia, uma generalisação da inducção, mas para d'elle deduzir consequencias que sugere a imaginação ou uma logica subjectiva, e que a experiencia não confirma. Neste caso, que não deixa de ser frequente, o principio de que se parte é verdadeiro, mas o systema de deducção é falso, e por tanto falsas são tambem as consequencias que se estabelecem. Este caso póde dar-se até na applicação do methodo deductivo, quando não se leva em conta que nem todas as sciencias se prestam em qualquer caso á deducção rigorosamente experimental, pois, como temos dicto, nem sempre a realidade objectiva se acha em estado de poder entrar sob as funcções da logica experimental, em todos os momentos da evolução de uma sciencia.

Ha um principio fixo, que póde servir a este respeito de guia, e vem a ser que o poder de deducção é mais restricto á medida que a sciencia de que se tracta é mais elevada na jerarchia scientifica. Póde-se deduzir admiravelmente em mathematica; deduz-se plenamente em mechanica celeste; deduz-se ainda muito, porém menos, em physica; a deducção é menos notavel em chimica; reduz-se muito mais em biologia e chega ao seu minimo em sociologia.

Por conseguinte nada mais enganador que o methodo subjectivo nas sciencias elevadas, principalmente em sociologia, a mais elevada de todas; porque não procurando este methodo a confirmação da experiencia, e limitando-se sómente á ligação das premissas com as consequencias, não opéra elle sobre as cousas, mas sobre illusões. Assim se formam os systemas metaphysicos, em que, sobre dados adquiridos de qualquer maneira, estabelece-se uma longa serie de arranjos sociaes encadeados uns com os outros. Pouco importa que estes dados sejam verdadeiros ou falsos: si falsos, a deducção padece da mesma falsidade; si verdadeiros, a deducção torna-se impracticavel; de modo que nos dous casos, só se persegue uma illusão. Este methodo teve a sua epocha, que não voltará. Amadurecida pelos seculos, a humanidade não quer usar da faculdade, que tem o methodo subjectivo, de estabelecer os principios *a priori*, e não póde usar da faculdade de tirar consequencias, sinão nos limites concedidos por cada sciencia, limites tanto mais restrictos, quanto mais complicada é a sciencia. Em uma palavra, ao methodo subjectivo, a humanidade substituiu o deductivo, que está submettido á dupla condição de ter pontos de partida experimentalmente verificados.

O methodo deductivo carece pois da inducção, ou methodo inductivo, e fórma com este uma escala dupla, estabelecendo assim a homogeneidade do espirito. A inducção, como diz Stuart Mill, é a operação que descobre e prova as proposições geraes, a operação da mente pela qual inferimos que o que conhecemos como verdadeiro em um caso ou casos particulares, é tambem certo em todos os casos semelhantes; em outros termos, a inducção é o processo pelo qual concluimos que o que é verdade em certos individuos de uma classe, ou o que é verdade em certos tempos, o será tambem em eguaes circumstancias em todos os tempos. Para ele-

varmo-nos por este processo ás verdades geraes, que nos podem servir de ponto de partida para a deducção, não devemos nos apartar da experiencia, porque só por meio della podemos verificar o que experimentamos, pois no fundo a experiencia nada presuppõe fôra della. Sabemos pela pratica que o sol allumia, que a agua apaga a sede, e não temos outra fonte para estender ou verificar estas conclusões, sinão outras inducções simillhantes. Cada dado, como cada inducção, tira seu valor de si mesmo e de seus immediatos, pois é sempre a experiencia quem julga da inducção. Havemos pois mister da experiencia para saber em que grau, em que casos, em que especie de casos nos poderemos fiar da experiencia. A experiencia deve ser consultada para sabermos della em que circunstancias os argumentos que della se tiram são solidos.

Tomando para base a experiencia e para prova a inducção e o methodo deductivo ao mesmo tempo, podemos dar á politica um valor positivo, como sciencia experimental, no possivel, procurando sempre limitar a deducção ás consequencias mais proximas, que nos são ministradas pelo trama dos acontecimentos, pois é aventurar-se irmais longe e procurar predizer o futuro em phenomenos tão complexos quanto variaveis.

Nesta applicação do methodo deductivo á sociologia, ha uma particularidade em que estão de accordo os philosophos positivistas, a começar por Comte e Stuart Mill, e vem a ser que no estudo dos phenomenos sociaes não se póde proceder procurando conhecer unicamente as minudencias ou os factos elementares, mas o conjuncto historico. Os elementos dos phenomenos sociaes são os sentimentos e as acções do homem, cujas leis são as da natureza humana. Quem, partindo desta observação, acreditasse que a sciencia social se póde deduzir destas leis geraes da natureza humana, já que os phenomenos que o homem apresenta em sociedade resultam de sua natureza como individuo, expor-se-ia a cahir no côro dos philosophos que, como Bentham, tem pretendido fazer positiva a sciencia, construindo-a com aquellas leis geraes, sem levar em conta a historia, a não ser para verificá-las. Não deve ser assim, porque á medida que a sociedade se desenvolve, seus phenomenos se determinam, não pelas simples tendencias da natureza humana, mas pelas influencias accumuladas das gerações passadas sobre a geração presente. Os mesmos homens, que apresentam um phenomeno social, que resulta de sua natureza como individuos, não são seres humanos abstractos, mas seres humanos historicos, que a sociedade formou e fez taes como são. E' por isto que os factos sociaes são conjunctamente o resultado das acções e das situações humanas, e devem ser estudados complexamente para deduzir suas leis da concordancia de cada phenomeno social com as leis conhecidas da natureza humana.

Dahi a differença na applicação do methodo deductivo. Nas sciencias physicas, em geral, a inducção fornece as leis dos factos elementares, e uma vez conhecidas, applica-se a deducção para conhecer as leis das combinações complexas, pois a observação especifica dos phenomenos complexos funciona verificando as leis obtidas, pela deducção. Em sociologia, em geral, é necessario inverter este processo, pois ao passo que

naquellas sciencias a experiencia especifica dos factos complexos é que serve para verificar as leis, que a deducção vae tirando da lei do facto elementar, nesta sciencia é a observação especifica do phenomeno complexo a que suggere a lei e a deducção quem a verifica nos casos particulares. Assim, emquanto nas sciencias deductivas se procede analyticamente do particular para o geral, em sociologia, e por conseguinte em politica é mister proceder sempre syntheticamente, do geral para o particular.

MATHEMATICA

LXXI

Dynamica. — Theoria do movimento curvilineo de um ponto

Consideremos o segundo modo geral de constituir a theoria fundamental do movimento curvilineo de uma molecula isolada, partindo do caso em que a molecula está previamente sujeita a descrever uma curva dada.

Toda a difficuldade consiste então em estabelecer directamente o theorema fundamental relativo á medida da força centrífuga.

Ora, para isso, basta considerar em primeiro logar o movimento uniforme do corpo n'um circulo, em virtude de uma impulsão inicial, e sem força alguma acceleratrix, como fez Huyghens, a quem se deve a base desta theoria.

A força centrífuga é desde então proporcional ao seno-verso do arco de circulo descripto n'um instante infinitamente pequeno, convenientemente referido ao tempo correspondente, donde é facil concluir, com Huyghens, que ella tem por expressão o quadrado da velocidade constante com a qual o movel descreve o circulo, dividido pelo raio deste circulo.

Uma vez obtido este resultado, a sua combinação com uma outra noção fundamental, devida a Huyghens, conduz immediatamente ao valor da força centrífuga n'uma curva qualquer.

Basta, para isso, conceber que a determinação desta força, exigindo sómente a consideração simultanea de dous elementos consecutivos da curva proposta, o movimento póde ser sempre encarado como tendo logar no circulo osculador correspondente, porquanto este circulo apresenta relativamente á curva dous elementos successivos communs.

Póde-se pois directamente applicar, a uma curva qualquer a expressão da força centrífuga, achada a principio para o caso do circulo, e estabelecer como no primeiro methodo, porém com maior simplicidade, que ella é em geral igual ao quadrado da velocidade, dividido pelo raio do circulo osculador.

Este modo de proceder offerece a vantagem de dar uma idéa mais clara da força centrífuga.

Uma vez tractado com toda a generalidade o caso do movimento n'uma curva determinada, é facil reduzir á elle o caso de um corpo completamente livre, descrevendo a trajectoria que deve naturalmente resultar da acção simultanea de certas forças acceleratrizes quaesquer.

Basta, com effeito, considerar o corpo como obrigado a permanecer sobre a curva que tem realmente de descrever, o que vem a dar no mesmo, pois pouco importa em Dynamica, desde que o corpo não possa percorrer outra qualquer curva, que esteja a ella sujeito pela natureza das forças de que está animado, ou por condições de ligação especiaes.

Desde então este movimento dará origem a uma verdadeira força centrífuga, expressa pela formula geral, que já nos é conhecida.

E' claro agora que, si a força continua total de que o movel está animado foi a principio considerada como decomposta a cada instante em duas outras, uma dirigida segundo a tangente á trajectoria, e a outra segundo a normal, situada no plano osculador, esta ultima deve necessariamente ser igual e directamente opposta á força centrífuga.

Ora, esta componente normal, tendo para expressão a força continua total multiplicada pelo coseno do angulo, que a sua direcção fórma com a normal, egualando este valor ao da força centrífuga, formar-se-á uma equação fundamental donde poder-se-ão tirar as equações geraes do movimento curvilineo, já obtidas pelo outro methodo.

Para isto não ter-se-á outra transformação a fazer, sinão introduzir nesta equação, em lugar da força continua total e da sua direcção, as suas componentes segundo os tres eixos coordenados, e substituir, na formula que exprime a força centrífuga, a velocidade e o raio de curvatura pelos seus valores geraes em funcção das coordenadas.

A equação assim obtida decompor-se-á naturalmente em tres, pois que devendo ter logar para um systema qualquer de forças acceleratrizes e para uma trajectoria qualquer, deve verificar-se separadamente em relação a cada uma das tres coordenadas, consideradas momentaneamente como tres variaveis inteiramente independentes.

Estas tres equações serão completamente identicas ás encontradas pelo outro methodo.

Ainda que este modo de obtel-as seja muito menos directo, e exija maior jogo de calculo, era necessario indical-o distinctamente, porque se presta a esclarecer, sob um ponto de vista muito importante, a theoria ordinaria do movimento curvilineo, tornando sensivel a existencia da força centrífuga, mesmo no caso de um corpo livre, noção sobre a qual o methodo commumente adoptado, em geral, deixa muita incerteza e obscuridade.

(Continúa)



SCIENCIA POPULAR

V

A RIQUEZA

(Outra opinião má do Theophilo)

Eu não penso como elle pensava quanto á *riqueza*; neste ponto sou da opinião dos economistas inglezes : — a riqueza é a grande somma de parcelas pequenas e heterogeneas ; isto é, considero rico só o sujeito que possue um pouco de tudo : de modo que suas necessidades diversas e variadas possam todas ser satisfeitas sem incommodo do visinho.

E affianço-te que meu amigo Theophilo andava errado no tocante á essencia da riqueza.

— Rico, Luiz, rico sabe você quem é ? Rico é quem possue muito dinheiro, mas muito ; porque o dinheiro é a mola do universo, é a chave de todas as portas, é o ponto de apoio para todas as alavancas.

Era para ser ! tambem o Tobias dizia que isto tudo era o *interesse pessoal*....

Ah, meu Theophilosinho, é que não tiveste nunca quem te contasse certas cousitas, que hoje sei. Tu não conhecias aquella allegoria do avarento, que pediu a uma *fada*, como dizia minha avó, lhe dêsse a dita de converter em ouro tudo que tocasse e que afinal de contas morreu de fome, porque não podia mastigar e degerir o metal precioso. Tu não sabias do que se deu com o Robinson, que na ilha deserta olhava para uma moeda, como nós olhamos para um marisco !...

Amigo e senhor leitor, não pense como o Theophilo, cuide de surtir sua casa de todo o necessario, eduque bem o seu espirito, e considere o dinheiro como um meio e não como um fim, que vosmecê será uma pessoa rica. Eu a vosmecê só desejo muito bem, porque atura as minhas massadas ; e accresce que sou homem muito experimentado...

A riqueza é o conjuncto de bens materiaes e espirituaes, que servem para satisfazer as nossas necessidades.

E tenho dicto.

LUIZ



A PELLE DO LOBO

(Continuação)

APOLLINARIO (*Vollando-se e preparando-se como para um discurso, com força*). — Sr. Subdelegado...

CARDOSO. — Não é preciso gritar tanto...

APOLLINARIO. — Esta noite fui roubado.

CARDOSO. — Diga.

APOLLINARIO. — Dezoito cabeças de criação... 18 ou 19...Hontem estive em nossa casa um cunhado meu, irmão de minha mulher, empregado no Arsenal de Guerra, e não tenho certeza de que elle levasse alguma galinha comsigo, mas creio que não. Em todo caso, foram 18 ou 19 cabeças, não fallando em um bonito gallo de crista, que comprei no mercado, não ha 15 dias.

CARDOSO. — Muito bem. O senhor chama-se...

APOLLINARIO. — Apollinario, um criado de V. S.

CARDOSO. — Apollinario de que?

APOLLINARIO. — Apollinario da Rocha Reis Paraguassú. (*Dando um cartão*) Olhe, aqui tem V. S. meu nome e morada.

CARDOSO. — Bem; póde ir descansado, que serão dadas as providencias que o caso exige.

APOLLINARIO (*Preparando-se outra vez para um discurso e elevando muito a voz*). — Ainda não fica nisso, senhor doutor!

CARDOSO. — Já tive occasião de dizer-lhe, primeiro, que não é preciso gritar tanto; segundo, que não sou doutor.

APOLLINARIO (*Com a mesma inflexão, porém baixinho*). — Não fica nisso! Eu conheço o gatuno!

CARDOSO. — E porque estava callado?

AMALIA (*Não se podendo conter*). — Com effeito, sr. Paraguassú!

APOLLINARIO (*Atarantado*). — Heim! (*Fallando cada vez com mais descanço*). Não conheço eu outra coisa! Chama-se Jeronymo de tal, um ilheu, um vagabundo, que foi ha tempos cocheiro de *bonds* e agora não sáe da venda de seu Manuel Maria, ao qual dizem que vende por um precinho de amigo, o que... (*Acção de furtar*) V.S. sabe qual é a venda de seu Manuel Maria? E' a que fica mesmo em frente á casa de meu cunhado, do mesmo que esteve hontem em nossa casa, e sobre o qual estou em duvida si levou ou não levou a gallinha. (*A Amalia*) Mas que bonito galinho, senhora! V. S. dava oito mil réis por elle com os olhos fechados... Era branco, branquinho, como aquelles patinhos do Passeio Publico. Uma crista escarlata! Que bonito gallo!

CARDOSO. — Vamos ! Não temos tempo a perder ! Faça o favor de sentar-se áquella mesa e dar a queixa por escripto.

APOLLINARIO. — De muito bom gosto, senhor doutor (*Obedece*).

CARDOSO. — E o senhor a dar-lhe ! Já lhe disse que não sou doutor.

APOLLINARIO. — Isso é modestia de V. S.

AMALIA. — Parece de proposito, sr. Paraguassú.

CARDOSO. — Deixa-o lá. (*Vae para juncto de Amalia*) Que massador ! E mettam-se !

AMALIA. — Não chegaremos a tempo.

APOLLINARIO (*A' mesa*). — Esta penna está escarrapachada, sr. subdelegado...

CARDOSO. — Vou dar-lhe outra... vou dar-lhe outra...

AMALIA. — Anda... Tem paciencia... Acaba com isso. (*Cardoso vae abrir a secretária e muda a penna da caneta*).

APOLLINARIO. — Muito obrigado. Que incommodo tem tomado V. S. ! Mas tambem não ha quem não diga á bocca cheia : Aquillo é que é um subdelegado ! Zelo até alli !... E' o pae das partes !

CARDOSO. — Faça o favor de escrever o que tem de escrever...

APOLLINARIO. — A's ordens de V. S. (*Escreve*)

CARDOSO (*Vollando para juncto de Amalia*). — Decididamente peço a demissão!

AMALIA. — Isso é o que já devias ter feito ha muito tempo.

CARDOSO. — Olha que é bem difficil supportar uma massada assim... E mettam-se !

AMALIA. — Heim ?

CARDOSO. — E mettam-se a servir o paiz !

AMALIA. — Pede a demissão, Cardoso, pede a demissão.

APOLLINARIO (*Da mesa*). — sr. subdelegado, faça o favor de me dizer o modo porque devo principiar este requerimento... Em materia de policia sou completamente leigo... Diga-me só o cabeçalho... O cabeçalho ! O resto vae...

CARDOSO. — Ai, sr. Paraguassú ! O sr. é massante ! Tenho estado a atural-o ha meia hora !

AMALIA (*Olhando para o relógio*). — Ha meia hora e sete minutos.

CARDOSO. — Estamos muito apressados, meu caro senhor... não posso estar com isso...

APOLLINARIO. — Eu quiz retirar-me quando V. S. disse que...

CARDOSO. — Vamos lá ! Escreva no alto — Illm. Sr.

APOLLINARIO. — *O Illm. Sr.* — já cá está.

CARDOSO. — Bem. (*Dictando*) « O abaixo assignado, morador nesta freguezia, á rua de tal, n. tal »...

APOLLINARIO (*Escrevendo*). — ... numero 13...

CARDOSO. — « queixa-se á V. S. de que, hontem, ás tantas horas da noite... »

APOLLINARIO. — « Queixa-se » é com x ou ch ?

AMALIA. — O' céus ! (*Rindo-se*).

CARDOSO. — Como quizer ! Não faço questão de orthographia.

APOLLINARIO. — Vá com ch. (*Acabando*)... « da noite »...

CARDOSO. — Como está!? (*Vendo*) Fulano de tal, tal, tal. Ah! (*Ditando*) Furtaram-lhe tantas gallinhas...

APOLLINARIO (*Escrevendo*)... e um gallo de crista...

CARDOSO — as suspeitas de cujo furto faz recahir em Fulano de tal. (*Consultando o relógio*) E mettam-se!

APOLLINARIO (*Escrevendo*). — « Fulano de tal, vulgo Barriga-cheia. Prompto!

CARDOSO. — Na outra linha « Deus Guarde a V. S. »

APOLLINARIO. — « a V. S..... »

CARDOSO. — Na outra linha: « Illm. Sr. Subdelegado de tal freguesia. »

APOLLINARIO. — Prompto.

CARDOSO. — Assigne.

APOLLINARIO. — « ...Apollinario da Rocha Reis Paraguassú. (*Er-guendo-se*) Prompto.

CARDOSO. — Bem; agora póde ir descansado, que serão dadas as providencias que o caso exige.

APOLLINARIO. — Com licença, sr. Subdelegado... A's ordens de V. S...

CARDOSO. — Passe bem.

APOLLINARIO. — Minha senhora.....

AMALIA. — Viva. (*Volta-lhe as costas*)

APOLLINARIO. — Sem mais incommodo. (*Sahida falsa*)

CARDOSO. — Safa!

AMALIA. — Saíamos, saíamos quanto antes! Póde vir outro..... (*Vão sahindo*)

APOLLINARIO (*Voltando*). — Ia-me esquecendo, Sr. subdelegado...

CARDOSO. — Outra vez!

AMALIA. — Assustou-me até!

CARDOSO. — O que mais deseja?

APOLLINARIO. — Hoje, logo depois do almoço, encontrei-me cara a cara com o tal Jeronymo!

CARDOSO. — Que Jeronymo, senhor?

APOLLINARIO. — O Barriga-cheia, o tal que me furtou as gallinhas...

CARDOSO. — E o que tenho eu com isso, não me dirá?

APOLLINARIO. — Direi, sim, senhor. Com licença. (*Desce á scena e senta-se*) Chamei-o de ladrão! Disse-lhe assim: « Você é um ladrão! » — Com licença da senhora.....

AMALIA. — E o que tem meu marido com isso?

APOLLINARIO. — E' que o sujeito tomou tres testemunhas, e diz que me vae processar por crime de injurias verbaes.

CARDOSO. — Mas, emfim, faz favor de me dizer para que voltou cá?

APOLLINARIO. — Vim prevenir a V. S. de que...

CARDOSO. — Vá prevenir ao diabo que o carregue!

APOLLINARIO (*Levantando-se*). — Senhor, doutor.

CARDOSO (*Gritando*). — Já lhe disse que não sou doutor!

APOLLINARIO (*Imitando-o*). — Isso é modestia de V. S.!

CARDOSO. — Saia! Ponha-se ao fresco! Suppõe o senhor que sirvo de joguete?

APOLLINARIO.—Mas V. S...

CARDOSO.—Saia !

APOLLINARIO.—E' que.....

AMALIA.—Oh ! senhor, já é a terceira vez que se lhe diz—saia.

APOLLINARIO.—Minha senhora, eu... (*Tornando a sentar-se, com todo o socego*) Com licença.....

AMALIA.—Oh ! isto é de mais !

CARDOSO.—Então, não ouve !

APOLLINARIO.—Quero justificar-me !

CARDOSO (*Ameaçador*).—Cuidado, Sr. Paraguassú !

APOLLINARIO.—Bem, V. S. está em sua casa : manda. (*Levantando-se e comprimentando*) A's ordens de V. S.

CARDOSO.—Viva ! A mais tempo ! (*Passea agitado*)

APOLLINARIO.—Minha senhora....

AMALIA.—Passe bem. (*Sahida falsa de Apollinario*) Que inferno ! que inferno ! E mettam-se !

APOLLINARIO (*Vollando*).—Acredite, senhor doutor, que eu não queria de fórmula alguma....

CARDOSO (*Desesperado*).—Ah ! elle é isso ? (*Agarra uma cadeira e levanta-a, correndo para Apollinario*)

AMALIA (*Muito afflicta*).—Ah ! (*Suspende o braço de Cardoso. Ficam todos n'uma posição dramatica*)

APOLLINARIO (*Com todo o sangue frio*).—Tableau ! (*Desapparece*)

SCENA III

CARDOSO e AMALIA

CARDOSO.—Vês, Sinhá, vês como um homem se deita a perder ?

AMALIA.—Sim, sim, mas vamos, anda dahi !

CARDOSO (*Cahindo na cadeira que tinha nas mãos*).—E que dôr de cabeça fez-me este bruto !... E mettam-se !

AMALIA.—Heim ?

CARDOSO.—E mettam-se a servir o paiz !

AMALIA.—Espera... vou buscar a garrafinha de agua-florida. (*Sahe e volta com a garrafinha*)

CARDOSO.—Depressa... depressa, Sinhá ! (*Amalia esfrega-lhe as fontes com agua-florida*) Bem... basta... Está prompto... Ai ! que ferroadas ! Deita a garrafinha em cima da mesa e vamos, vamos ! (*Amalia deita a garrafinha sobre a mesa e vae dar o braço a seu marido*).

AMALIA.—Vamos ! (*Sahem e voltam*) Esqueci-me do leque. (*Entra a D. B.*)

CARDOSO (*Fallando para dentro*).—Que demora, Sinhá, que demora ! Ainda ha de vir alguém, verás ! (*Passea*) Então não achas esse leque ? Ai ! minha cabeça ! E mettam-se ! (*Quebra-se alguma cousa dentro*) O que foi isso ? ! O que foi isso ? (*Corre tambem para a D. B.*)

AMALIA (*Dentro*).—O meu frasco de agua da Colonia !

CARDOSO (*Dentro*).—Que pena!

AMALIA (*Dentro*).—Ah! cá está o leque! (*Voltam á scena, de braço dado e dirigem-se para a porta*).

CARDOSO.—Já estou suando. (*Procura nos bolsos*). Não tenho lenço.

AMALIA.—Oh que massada! Quanto mais pressa mais vagar. (*Sahe correndo pela D. B.*)

CARDOSO.—E mettam-se, heim? E mettam-se a servir o paiz!

AMALIA (*Voltando com um par de meias na mão*).—Toma, toma... Apre! (*Dá-lh'o*)

CARDOSO.—Isto é um par de meias, Sinhá! Estás a metter os pés pelas mãos! (*Restitue-lh'o*)

AMALIA.—Como está esta cabeça, meu Deus! (*Sahe e volta com um lenço*) Toma... Vamos... Uf!

(*Continúa*)

THEATROS

Cassino.—O sr. Martins.—*No Castellões*.—*Entre o Cassino e a Phenix*.—O dr. M. S.—S. Pedro.—*Sixto V.*—S. Luiz.—*A filha unica*.—L'Alcazar Lyrique et sa troupe.

O unico theatro, que nos tem dado alguma coisa de novo, é o Cassino; essas novidades, porém, não prestam para nada.

Parece que não ha dia em que o primeiro comico nacional, o sr. Martins, não desentranhe do lodo de seu talento uma *perola* qualquer.

Hontem era a *Princeza não de sei que*; hoje é *No Castellões*, comedia que, pelo cartaz, parecia coisa original, com dialogos entre o sr. Joaquim Serra e um enorme queijo suiso, monologos de camarões, etc.; mas não... *No Castellões*, é *Uma chavena de chá*.

Em gyria theatral chama-se a isso um arranjo; a repartição de policia é que devia dizer o verdadeiro nome que lhe compete.

— *Entre o Cassino e a Phenix* é o titulo de uma comedia, escripta, tambem para o Cassino, pelo sr. dr. M. S. (Manuel de Souza?)

E' tão desavergonhada esta producção, que a platea do Cassino corrou e baixou os olhos, o que foi o mesmo que se corasse e baixasse os olhos um permanente perdido.

O sr. dr. (Em leis ou medicina?) fez uma desastrada estréa; somos de opinião que S. S., em vez de tentar escrever para o theatro, que não é « marimba que preto toca, » procure causas, si é advogado, ou casos, si é medico.

— O S. Pedro prepara ainda o *Xisto V*, para beneficio do sr. Guilherme da Silveira e estréa do sr. Dias Braga e de um tal sr. Alvares.

— O S. Luiz, depois de representar, em *reprise*, *A filha unica*, que ainda não vimos, reatou o fio das representações da *Pera de Satanaz*.

— No Alcazar la nouvelle troupe de Mr. Arnaud leva á scena, si bien qui mal, diversas peças de canto e çanconetas. La nouvelle troupe

compõe-se de quelques farceurs, engagés aux cafés chantants des Champs-Elyzées, a Paris.

C'est pas la peine...

Como os annuncios de Mr. Arnaud sont publiés en portugais misturado com francez, la critique ne doit elle pas être aussi melangée?

ELOY, O HERÓE

CHRONICA

O general Osorio. — Epopéas modernas. — 2 de maio. — Tavares Bastos. — As abas de um capote. — O Instituto Brasileiro dos Surdos-Mudos. — Louvor em bocca propria...

Ruidosos têm corrido os ultimos dias, e o heróe de 2 de maio, embriagado de gloria, recebe jubiloso a recompensa devida ao muito que fez em prol da patria, justamente penhorada.

Ainda bem que, desta vez, não esperaram os brasileiros pela morte do compatriota illustre, para chamal-o *immortal*, e cantar-lhe em prosa e verso os feitos grandes.

Consagrado pela gratidão popular, mira-se o bravo em um triumpho verdadeiramente romano. Assim devera ser, e assim é!

Arcos, bandeiras, flôres, corôas, retratos, discursos, espectaculos, versos, vivas, fogos de artificio, luminarias, etc., coisas que não valem nada em certas occasiões e valem um Pantheon em outras, nada lhe tem faltado, nada lhe devera faltar.

Essas flôres nascem no mesmo galho em que rebentam as que os *habitués* do Alcazar atiram aos pés das roucas *étoiles*, mas purificam-se pela intenção de festejar com ellas o soldado heroico.

As poesias, que os vates desoccupados alinhavam cheios de enthusiasmo e baldos de talento, rimam todas *gloria* com *victoria*, para variar; mas têm, na situação, o mesmo valor das epopéas de Homero. Questão de fórma...

Tudo o que fizerem pelo inclyto general é pouco: façam muito, muito e muito; e não terão feito tudo.

A *Revista do Rio de Janeiro* já teve ensejo de saudal-o; novamente associa-se ao jubilo do povo, e, com o povo, brada, cheia de patriotismo e de amor: HONRA AO GENERAL OSORIO!

★ ★

Este mez recorda-nos o passamento de um batalhador, tambem, mas batalhador da tribuna e da imprensa: Tavares Bastos.

Eis ahi um brasileiro illustre, cuja gloria foi toda posthuma, ao envez da do soldado brioso, de quem fallámos.

Em um de seus proximos numeros, a *Revista do Rio de Janeiro* publicará um excellente artigo sobre Tavares Bastos, da lavra de um de seus mais distinctos collaboradores; artigo que dorme na pasta das *materias*, como dizemos cá em casa, á espera de espaço.

*
* *

O protector desinteressado da mocidade malaventurada, o famigerado moralista das publicações a pedido, o sr. João Antonio Capote espalhou pelos leitores do *Globo* um philantropico artigo sobre a secca no Ceará e o sr. ministro do Imperio.

Desse escripto deduz o chronista :

1º, que o caridoso cavalheiro offereceu SETE MIL saccas de farinha e milho ás victimas dessa flagellação da natureza ;

2º, que o mesmo compadecido publicista escreveu ao referido ministro do Imperio, *fazendo praça* n'um vapor para duas mil saccas de generos de primeira necessidade.

*
* *

Commumente, entre nós (e cremos que entre todos), quem lê o artigo dispensa-se de ler os documentos, que o instruem, porque estes não são mais que uma repetição do primeiro.

Ora, casualmente, lemos a carta dirigida pelo sr. Capote ao ministro e della concluimos :

1º, que o piedoso cearense offereceu *tão sòmente* logar para as duas mil saccas de café, etc ;

2º, que o supra generoso cavalheiro remetteu para o Ceará, para serem vendidas, *por sua conta*, as sete mil saccas de farinha e milho ; isto é, que ainda pretende auferir proventos da desgraça alheia...

*
* *

Oh ! a caridade !... a piedade infinita do sr. João !...

Fazer suppôr que estendeu sobre os outros o seu capote, quando quer se cobrir com elle a si proprio !

*
* *

Visitámos, ha dias, o Instituto dos surdos-mudos, á rua das Laranjeiras n. 62, e agradecemos aqui a maneira attenciosa e delicada pela qual fomos recebidos não só pelo illustrado director daquelle importante estabelecimento, o sr. dr. Tobias Rabello Leite, como pelo distincto professor sr. dr. Menezes Vieira.

Si ha felicidade possivel nesta terra para o individuo, que nasceu sem o precioso attributo de ouvir, e, consequentemente, sem o de fallar, — eil-a, representada por aquella caridosa instituição official.

O bello edificio com as suas vastas accomodações, aulas regulares e disciplinadas, jardim, recreio, etc., depara áquelles infelizes um mundo relativamente superior ao nosso, por isso que a seus cuvidos não chega a maledicencia dos homens, e seus gestos resumem-se aos necessarios á pratica das condições essenciaes da existencia.

O surdo-mudo Gustavo, filho de Pernambuco, e que frequenta, naquelle estabelecimento, a classe mais adiantada, respondeu em nossa presença a diversas perguntas, que lhe foram dirigidas pelo seu incansavel professor, o citado sr. dr. Menezes Vieira.

Esas perguntas, com se referirem a cousas de actualidade politico-européa, foram satisfeitas pelo mesmo Gustavo, o que muito nos admirou

porque a muitos conhecemos de excellentes tympanos e melhor lingua, que ignoram absolutamente si ha Europa, quanto mais o que se passa por lá.

Para finalizar, e sem commentarios :

Segundo a ultima estatistica, ha no paiz dez mil surdos-mudos. Quantos suppõe o leitor que frequentam o Instituto?

Trinta !

Não se admire o leitor, porque talvez S. S. mesmo, que sabe que ha uma casa de sortes a 200 reis na rua da Valla, ignore a existencia daquella sublime instituição.

★ ★

No livro *Do amor proprio ao amor de Deus*, de que fallaram as *Filigranas*, no ultimo numero deste periodico, diz o dr. Homem de Mello, juiz critico :

« A obra revela grande cabedal de erudição, muita nobreza de sentimentos, e está escripta em estylo claro e elegante, apparecendo em toda ella uma doutrina san, acuradamente succada (*sic*) nos mais eminentes pensadores e moralistas. »

Na advertencia do auctor lê-se :

« Entretanto, é justamente a *originalidade* o principal e, ao mesmo tempo, o *unico* motivo de desvanecimento do auctor. »

VINCENZO PIFARRO

POESIAS

Farça sobre farça

(SEGUNDA VIA)

L'empereur s'amuse.
Les Chatiments

Esplendido triumpho ! O mundo em de redor
ouviu-te a execução do magico programma,
e ao cabo convulsiva ergueu-se a voz da fama,
saudando inda uma vez o regio *professor* !

Um povo se occultava á sombra do pudor ;
de lá, com esse rir nervoso do epigramma,
o ouvido lhe feria o brado que te acclama
o artista sem rival, o grande imperador !

Te apraz representar o salto, o riso franco
e a grrgalhada alvar d'um velho saltimbanco ?
— Dá rêdea ao gosto teu, funambulo real !

Que um dia do corcel elastico da gloria
de certo has de cahir no trampolim da historia,
sublime polyglota, ó sabio universal ! !

S. Paulo, 1877

FONTOURA XAVIER

Anjo e mulher

No dia do teu noivado,
por sob a gaze do véu,
vi-te o rosto pensativo,
languida rosa do céu...

Que tinhas? O que sentias?
Eram saudades, talvez,
do grato aroma da infancia,
que ias perder de uma vez?

No entanto no teu palacio
tudo era luz, tudo flôr es,
e o teu camarim de noiva
suave ninho de amores.

* *

A noite era um doce idyllio
feito de sons e de lumes;
as flôres dentro dos vasos
doucejavam de perfumes.

Mas no teu semblante maguas
pousaram á vez primeira,
por sob a linda grinalda
de flôres de laranjeira.

Que tinhas? O que sentias?
Eram saudades, talvez,
do candor de tuas azas,
qu'ias manchar de uma vez?

* *

Assim que a noite em mysterios
pouco a pouco desmaiou,
o sonho que tinhas n'alma,
qual fumo se evaporou.

Mas quando a aurora nos montes
debruçou-se rosicler,
beijou a rosa, — era murcha;
riu-se ao anjo, — era mulher!

LINS DE ALBUQUERQUE

Improbis amor...

Seis horas da manhan. Pespega-se no posto
o namorado Quincas. O becco está deserto.
Em um, de quarto andar, postigo mal aberto
da filha de um burguez a medo assoma o rosto.

Sete horas já lá vão. Quincas está disposto
a se deixar torrar por vivo sol esperto.
Sete horas e quarenta. As oito já vêm perto.
E o Quincas fica, tendo um frade por encosto.

O sol se esconde agora. Os pincaros dos morros
pura neblina são. E que horas dão? Dão nove.
Que grande trovoadas! A chuva cáe a jorros!

Dez horas. Chove! Onze. E chove! Doze. E chove!...
A enxurrada cresce, abrigam-se os cachorros.
O becco está deserto. E o Quincas não se move!

1877

ARTHUR AZEVEDO

EXPEDIENTE

Recebemos as publicações :

ESTUDOS MORAES, por Luiz Francisco da Veiga. — Este livro, approvado e adoptado pelo governo imperial para uso das escolas publicas do municipio da côrte, não satisfaz ás exigencias da philosophia moderna. Eis a prova : « A morte é, pois, uma especie de divorcio entre a alma e o corpo, a ruptura da liga que os estreitava ; mas divorcio ou ruptura temporarios e não eternos ; porque, como nos ensina a verdade evangelica, no fim do mundo, no dia do juizo final, as almas dos mortos se juncarão aos seus corpos, no valle de Josaphat, para receberem as penas e as recompensas que tiverem merecido por suas virtudes ou seus maleficios ».

A DESGRAÇA E A CARIDADE, por F. A. (Francisco Antonio) da Veiga Cabral. — Declara o auctor, socio do Club D. P. Democratas da Luva preta (e de varias philharmonicas ?) que nunca pretendeu alistar-se entre os bem-queridos das musas, e nem sequer perguntou jamais para que lado fica o Parnaso.

Olhem que é forte pena !...

A REPUBLICA, 3º anno, n. 1. — São dignos de nota os escriptos, que exornam este numero do organo do club academico republicano.

A redacção compõe-se dos srs : Lucio de Mendonça, Affonso Celso Junior, Magalhães Castro, Severino Prestes, Salvador Penteado e Carvalho Junior, bonissimos talentos da nova geração litteraria do Brasil.

Aos nossos illustrados collegas da *Republica* damos o parabem com toda a alma.

PERIODICOS E DIARIOS. — *Reforma, Mosquito, Revista Illustrada, Figaro, Imprensa Industrial, Monarchista, Monitor Campista, Piracicaba, Piracicabano, Jornal do Commercio* (Porto-Alegre, Pelotas e Alegrete), *Commercial, Tribuna de S. Carlos, Diario de S. Paulo, Diario de Campinas, Sentinella, Ipanema, Revista Gabrielense, Caldense, Theophilo Ottoni, Crença, Provinciano, Diario de Minas, Monitor do Norte, Arauto de Minas, Mercantil, Itatiaya, Primeiro de Março, Angrense, Progresso Litterario, Diario de Noticias, Constituição, Diario de Pernambuco, Jornal do Recife, America Illustrada, Rezendense, Correio de Cantagallo, Aurora, Mosaico, Ouro Pretano, Mercantil, Echo do Sul, Dezenove de Dezembro, Provincia do Paraná, Despertador, Conservador e Liberal.*

Agradecemos.

MATHEMATICA

LXXII

Dynamica. — Theoria do movimento de um systema de corpos

Apreciando o character geral da parte da dynamica relativa ao movimento de um ponto, ou de um corpo cujas moleculas movem-se todas de modo inteiramente identico, examinamos, seguindo a mesma marcha, a parte da dynamica mais difficil e mais extensa, a que se refere ao movimento de um systema de corpos ligados entre si de um modo qualquer, e cujos movimentos proprios são alterados pelas condições dependentes da sua ligação.

Mais tarde havemos de nos occupar com os resultados geraes até o presente obtidos pelos geometras, relativamente a esta ordem de investigações.

Por ora limitar-nos-emos a characterisar o methodo geral pelo qual se chegou a converter todos os problemas desta natureza em puras questões de analyse.

Nesta parte da dynamica cumpre antes de tudo estabelecer uma nova noção elementar, relativamente á medida das forças.

Com effeito, as forças até aqui consideradas, estando sempre applicadas a uma unica molecula, ou pelo menos activando todas sobre um mesmo corpo, para medir a sua intensidade bastava ter em attenção a velocidade maior ou menor, que ellas podiam imprimir ao movel a cada instante.

Mas, quando se consideram simultaneamente os movimentos de muitos corpos differentes, este modo de medir as forças torna-se insufficiente, pois não se poderá deixar de ter em linha de conta a massa de cada movel, bem como a sua velocidade.

Para tomal-a em consideração, os geometras estabeleceram esta noção fundamental, que as forças susceptiveis de imprimir a diversas massas nessa mesma velocidade estão entre si como estas massas: ou, em outros termos, que as forças são proporcionaes ás massas, como, pela terceira lei physica do movimento, são proporcionaes ás velocidades.

Todos os phenomenos relativos á comunicação do movimento por meio do choque, ou por outro meio qualquer, tem sempre confirmado a supposição desta nova proporcionalidade.

Dahi resulta que, quando é preciso comparar, no caso mais geral, forças que imprimem a massas deseguaes velocidades differentes, cada uma dellas deve ser medida pelo producto da massa sobre que actúa pela velocidade correspondente.

Este producto a que os geometras deram o nome de *quantidade do movimento*, determina, com effeito, de modo exacto, a força de impulsão de um corpo no choque, a *percursão* propriamente dicta, assim como a *pressão* que um corpo póde exercer contra todo obstaculo fixo ao seu movimento.

Tal é a nova noção elementar relativa á medida geral das forças com a qual seria talvez conveniente fazer uma quarta lei fundamental do movimento, pelo menos enquanto esta noção não póder, como pensaram alguns geometras, ser logicamente deduzida das noções anteriores, e não póder ser estabelecida com toda a solidez sinão sobre considerações physicas, que lhe sejam peculiares.

Instituida esta noção preliminar, examinemos a concepção geral pela qual póde ser tractada a dynamica de um systema qualquer de corpos submettidos á acção de forças quaesquer.

A difficuldade característica desta ordem de questões consiste inteiramente no modo de ter em conta a ligação dos differentes corpos do systema, em virtude da qual suas reacções mutuas alterarão forçosamente os movimentos proprios que cada corpo receberia, si estivesse só, pela influencia das forças que o sollicitam, sem que se saiba de modo nenhum *a priori* em que possa consistir esta alteração.

Assim, para escolher um exemplo simplicissimo, e todavia importante, no celebre problema do movimento de um pendulo composto, que foi primitivamente o principal assumpto das investigações dos geometras sobre esta parte superior da Dynamica, é evidente que, em consequencia da ligação estabelecida entre as moleculas ou corpos mais proximos do ponto de suspensão, e as moleculas ou corpos mais afastados do mesmo ponto, exercer-se-á uma reacção tal, que nem os primeiros nem os segundos oscillarão como si estivessem livres, o movimento dos primeiros sendo retardado e o dos ultimos acelerado pela necessidade em que estão de oscillar simultaneamente, sem que principio algum de Dynamica já estabelecido possa fazer conhecer a lei, que determina estas reacções.

O mesmo acontece em todos os outros casos relativos ao movimento de um systema de corpos.

Reconhece-se, pois, a necessidade de novas concepções dynamicas.

Os geometras obedecendo, a este respeito, ao habito quasi sempre imposto pela fraqueza do espirito humano, primeiramente tractaram esta nova série de investigações, creando por assim dizer um novo principio particular para cada questão essencial.

Taes foram a origem e o destino das differentes propriedades geraes do movimento, que, primitivamente consideradas como outros tantos principios independentes uns dos outros, são hoje aos olhos dos geometras theoremas notaveis fornecidos pelas equações dynamicas fundamentaes.

Póde-se ver na *Mecânica analytica* a historia geral desta serie de trabalhos apresentada por Lagrange de um modo interessantissimo pelo estudo da marcha progressiva do espirito humano.

Esta maneira de proceder foi constantemente adoptada até d'Alembert, que pôz fim a todas estas indagações isoladas, elevando-se a uma concepção geral, sobre o modo de ter em linha de conta a reacção dynamica dos corpos de um systema em virtude de suas ligações, e estabelecendo, por conseguinte, as equações fundamentaes do movimento de um systema qualquer.

Esta concepção, que depois serviu sempre, e que servirá indefinidamente de base a todas as investigações relativas á dynamica dos corpos, consiste em fazer entrar as questões de movimento em simples questões de equilibrio, por meio do celebre principio geral conhecido pelo nome de principio de Alembert.

(*Continúa*)

A CRUZ DA ESTRADA

(CONTO DE MINHA TERRA)

Ao bom amigo J. E. Teixeira de Souza

I

A estrada volteava como uma grande cobra pelas varzeas e montanhas até se perder ao longe nos matagaes.

Camalhões immensos, produzidos pelas ultimas chuvas, tornavam-lhe o dorso ainda mais semelhante ao corpo do reptil das selvas.

A lua era cheia ; a claridade benefica penetrava pelas ramagens, desenhando mil figurinhas no chão, e intromettia-se pelas regueiras e cavidades, fazendo realçar o leito de barro avermelhado.

Só aqui ou acolá a sombra esguia de uma arvore vinha interromper aquella côr serena.

Só uma ou outra aragem de quando em quando desfazia o silencio, mussitando pelas folhas os segredos da noite.

Arvores, montes e terra pareciam embevecidos perante a magestade da solitaria noctambula dos céus.

Assim, tudo inspirava paz e socego ; mas, não obstante, os filhos dos arredores não se animavam a transitar pela estrada naquella noite do anno. A propria serenidade os aterrorisava, e si lhes perguntassem por que, nenhum responderia sem se persignar três vezes e sem tres vezes bater nos peitos.

Era que naquelle deserto, onde passaros e animaes emmudeciam, velava o vulto branco como um phantasma !

E não estava nisto uma illusão do povo ; porque realmente neste momento qualquer pessoa o poderia ver apparecer lá n'um cotovello do caminho.

Elle movia-se baralhando com os pés a folharada ; e caminhando parecia um condemnado que vae subir á forca.

Ao chegar a um monticulo de terra, onde batia em cheio o luar, parou. Então ficára firme como uma estatua, e, estendendo os braços para os lados, projectára no chão a figura perfeita de uma cruz alli plantada.

A gente do povo temia aquella cruz ambulante e evitava-a tanto quanto procurava e adorava a cruz de pedra da Capellinha da villa.

Naquella noite o vulto branco parecia mesmo a — alma do deserto ! Apenas cessára o estalido da folharada, o silencio vasto e continuo se estendera de novo por alli além.

II

Meia hora se passára sem que o mysterioso solitario se afastasse de cima daquella peanha de terra.

Echoando pelas quebradas, veio de longe um canto fresco e varonil, que em suave toada dizia os versos do sertão :

Em cima daquella serra
passa boi, passa veado ;
tambem passa mulatinha
do cabello cacheado.

A'quelle timbre de voz a sombra como que vacillou.

Quem tão fóra de proposito viria alli perturbar o silencio costumeiro ?

A voz continuava cada vez se approximando mais :

Mas porém na encruzilhada
só passam cabras de bem...
Quem tem medo não vem cá
nas horas de Deus. Amen.

O vulto, estremecendo de novo, balbuciou estas palavras, que mais pareciam gemidos :

— Já basta, ó minha mãe !

A voz ao longe cantava :

Corra, corra, minha gente,
que o dégas vae passar,
nem de sombra, nem de homem
ninguem o vio recuar.

Por fim appareceram dous cavalleiros na estrada : o de detraz cantava alegre e via-se logo que era um matuto ; o da frente ia pensativo e as roupagens denunciavam nelle um praciano em passeio. Estavam já proximos do cotovello do caminho, quando o matuto calou-se por um pouco e o praciano, sahindo do embevecimento em que cahira, lhe perguntára de repente :

— O que quer você dizer com estas cantigas, camarada ? Então tinham razão de ser aqui para estas bandas os receios de toda gente do José Clemente, quando me resolvi a partir esta noite.

— Pois, meu capitão, não sabe que é hoje a primeira quinta-feira de janeiro ?

— Sei, sim ; mas o que tem isso ?

— E' hoje que apparece a cruz da estrada.

— Mas que diabo de historia vem a ser essa ? Até agora ainda não vi nada.

Neste momento iam chegando ao cotovello do caminho e os cavallos começaram a empacar e a escarvar o chão bufando.

— Mau ! disse o praciano. Olhe alli... Sua senhoria não está vendo a cruz debaixo daquella arvore ?

— Onde, homem de Deus ?

O moço olhando sentiu arrepiarem-se-lhe os cabellos ; não porque tivesse medo ; mas porque avivára-se no seu coração uma daquellas im-

pressões das historias phantasiosas com que o ninavam em creança. A cruz, cuja sombra se estendia sem movimento pela estrada naquelle ermo lugar, tinha alguma cousa de triste e imponente; comtudo, passado o primeiro movimento, o moço deixou um risinho corcovear-lhe o fino buço, adelgaçando-lhe os labios de egual belleza.

— Ora, uma cruz de pedra!...

E, enquanto assim disse, enterrou as esporas no cavallo; este, porém, retorcendo-se a resfolegar não sahiu do lugar.

— Patrão, é a tôa sua senhoria teimar: o alazão si passar vae des-embestado em risco de botal-o no chão.

— E havemos de ficar aqui?

— Espere sua senhoria. O' Raymundo, deixa-nos passar; tua mãe já te perdoou, homem!

O moço olhou para o matuto sem comprehendel-o; neste momento, porém, a cruz sumiu-se como por encantamento.

Raymundo attendera à voz de seu amigo, fugira como apparecera: deixando o viajante admirado de seus movimentos.

— Pois era um homem?

— Saiba, meu capitão, que sim.

Desapparecendo o espantalho, os cavallos passaram socegradamente.

Dous pequenos estallos indicaram ao matuto que o pracião engatilhava o *revolver*.

— Para que sua senhoria se está armando, patrão? Não acredite nas *bobagens* do Zé Clemente. Daqui em diante, e na companhia do filho de meu pae, não ha perigo que chegue.

— E o que quer dizer esta farça? Eu bem vi como me olharam admirados, quando o tomei para camarada; e o que quer dizer aquelle homem alli como uma estatua... Seu conhecimento com elle o que denuncia?

— Descanse, que sua senhoria está em companhia de gente de bem; e dizendo isto o matuto achava graça na desconfiança do moço. Socegue, patrão, guarde sua arma no bolso que sua senhoria vae saber de tudo. Aqui por estas redondezas, tirante Raymundo e mais eu que fui sempre seu companheiro, ninguem sabe da historia da cruz da estrada. O resto da gente só acredita em bestidades; dizem que o vulto, que o patrão vio, é uma alma penada; dizem que eu tenho partes de feiticeiro por isso que nunca fujo della. Ninguem quiz ainda se capacitar da verdade; mas eu já estive na praça e bem sei que lá a gente não acredita nas almas do outro mundo, nem em caiporas, nem em lobishons; por isso vou lhe dizer tudo na certeza de que sua senhoria não me chamará de mentiroso nem de mandingueiro.

O moço envergonhado guardou o *revolver* e soltando as redeas ao cavallo começou a esquipar de parelhas com o matuto, enquanto este lhe contava o episodio da cruz da estrada.

III

Só quem nunca viajou pelo interior de nossas provincias, não ouviu ainda uma historia semelhante. Tão rica de crenças e tradições é a gente

dos sertões, tão fecunda é a imaginação do matuto, que bem poucos serão os logares onde uma gruta escura, uma garganta do caminho, uma velha sucupira lascada, um mucambo arruinado, não seja a memória de um caso extraordinario !

A historia que ora cantamos é uma das mais poeticas, que até hoje nos tem chegado aos ouvidos; nella mais que em nenhuma transparece a singeleza e simpleza de coração do filho dos campos ; ahi vê-se o sentimento puro desabrochar francamente sem os arrebiques e *conveniencias* do viver abafado das cidades.

O moço pracião, ouvindo da bocca do matuto a serie de factos que constituem a historia, sentia expandir-se-lhe o coração. Elle não sabia mesmo naquelle momento onde existiria mais magestade e elevação : si no panorama magnifico que se lhe desenrolava aos olhos, si nas palavras rudes do camarada, narrando-lhe o que para muitos não passava, pela ventura, de uma simples historia, mas que para elle então resumia um poema immenso.

Nós tivemos tambem occasião de encontrar um dia Tiburcio e de ouvir a historia da cruz da estrada ; por isso deixando os dous viajantes continuarem seu itinerario entretidos em conversar, contal-a-hemos mesmo defronte do monticulo de terra onde se cravava a cruz humana.

(*Continúa*)

A PELLE DO LOBO

(*Conclusão*)

CARDOSO.— Vamos ! (*Encaminham-se para a porta. Batem palmas*)

AMBOS.— Ah !

CARDOSO (*Fóra de si*).— Não estou em casa !

JERONYMO (*Apparecendo, de chapéo na cabeça*).— Licença para um...

SCENA IV

Os MESMOS e JERONYMO

CARDOSO.— Então é assim que se entra em casa alheia ?

JERONYMO (*Sombrio*).— Assim como ? A casa da auctoridade é uma repartição publica. (*Deita no chão a cinza de um cachimbo ; e esgarra na parede*)

CARDOSO.— E que tal ?

AMALIA.— Vê o que elle quer, Cardoso.

JERONYMO.— Venho prevenil-o de que é falso o que lhe veio hoje dizer um tal Paraguassú, acerca de um furto de gallinhas. E' provavel que elle lhe dissesse que eu, Jeronymo Linhares, vulgo Barriga-cheia, sou o auctor desse furto, como andou por ahi dizendo a quem quiz ouvi-o. E' falso ! (*Cospe outra vez na parede*)

AMALIA (*Empurrando um escarrador com o pé*).— Faz favor de não cuspir no chão... Aqui tem o escarrador... (*Jeronymo nem olha para Amalia*)

CARDOSO.—Era só isso ? Estou sciente.

JERONYMO.—Não, senhor ; por isto só não vinha eu cá, ora viva ! Venho queixar-me do queixoso por crime de injurias verbaes. Chamou-me de ladrão, e, si quizer saber o mais, mande aquella mulher para dentro. (*Cospe outra vez na parede*)

CARDOSO.— Pois apresente a queixa e as testemunhas.

JERONYMO. — A queixa aqui está. (*Apresenta um papel sujo, que Cardoso pega com repugnancia. Vae á porta do fundo.*) O' compadre ! O' seu Manuel Maria ? O' seu Victorino ? Podem entrar... Nada de ceremonias !

CARDOSO (*A Amalia*). — O tratante dispõe desta casa como si fosse sua !

SCENA V

OS MESMOS, MANUEL MARIA, depois O COMPADRE, depois VICTORINO.

MANUEL MARIA (*Entrando*).— Aqui estou eu !

COMPADRE (*Entrando*).— E eu...

VICTORINO (*Entrando*).— E eu...

AMALIA. — Cardoso, dize-lhes que venham em outro dia... (*Á parte*) Como cheiram a cachaça !

CARDOSO.— Meus senhores, tenham a bondade de voltar amanha.

JERONYMO. — Ahi vem o maldicto systema da demora e do papelorio !

CARDOSO. — Cala-te dahi, insolente, que não tens auctoridade para fazer considerações neste logar... Appareçam terça-feira ou mesmo amanha ! Mas terça-feira é melhor, porque é o dia da audiencia. Não posso estar agora com isto... Estamos promptos para sahir ha muito tempo !

AMALIA.— Ha tres horas !

CARDOSO (*Consultando o relógio*).— Ha tres horas e tres minutos !

JERONYMO (*Cuspindo na parede*). — Então, podiam ter dicto logo ! Escusava a gente de estar aqui á espera ! E' isto sempre ! A auctoridade vae para a pandiga, e o povo que soffra !

CARDOSO.— Insolente ! Espera que te ensino ! (*Agarra n'uma cadeira que está perto do toucador*)

AMALIA.— Cardoso ! O que vaes fazer ? ! ...

JERONYMO.— Ah ! Elle é isso ? (*Tira uma faca e deita a correr atrás de Cardoso. Amalia fecha-se no quarto. As tres testemunhas correm atrás de Jeronymo, para retel-o. Cardoso apita*)

MANUEL MARIA.— O que é isto, seu Jeronymo ? !

COMPADRE.— Compadre, tenha mão !

VICTORINO.— Não se deite a perder !

(*Cardoso continúa a apitar. Confusão. Amalia grita de dentro— Aqui d'el-rei !*)

SCENA VI

OS MESMOS e DOUS SOLDADOS

SOLDADOS.— O que é isto ? O que é isto ?... (*Correm todos em redor da scena*)

CARDOSO.— Prendam-n'o ! Prendam-n'o ! (*Jeronymo é afinal preso*)
Levem-n'o ! (*Os soldados levam o preso. Sahem tambem as testemunhas*)

SCENA VII

CARDOSO, depois AMALIA

CARDOSO (*Cahindo extenuado em uma cadeira*). — Uf !

AMALIA (*Entrando*).—Feriu-te o maldicto, feriu-te ?

CARDOSO.— Creio que não. (*Apalpando-se*) Não feriu, não, Sinhá !
Si não fossem as ordenanças que estavam na porta, a estas horas estavas viuva !

AMALIA.— Credo ! Viuva !

CARDOSO.—Maldicta subdelegacia ! Maldicta a hora em que acceitei semelhante cargo !

AMALIA.—Como estás suando ! Essa camisa está incapaz de apparecer no baptisado...

CARDOSO.—E' verdade ! O baptisado ! Vou mudar de camisa...

AMALIA.—Mas isso depressa... depressa ! (*Sahida falsa de Cardoso*)
O' Senhor Deus ! Isto contado lá se acredita ! E' bem feito, sr. meu marido, é bem feito ! Quem não quizer ser lobo, não lhe vista a pelle.
(*Rolo na rua. Apitos. Gritos. Pancadaria. Amalia vae d janella*) Que vejo !
Uma malta de capoeiras ! Cardoso ! Cardoso ! Não tardam a entrar...

CARDOSO (*Entra em mangas de camisa e com o fitão de subdelegado*).
— O que é isto ? (*Espirra*) Atchim ! constipei-me... Atchim ! O que é isto ?
Atchim ! Atchim ! (*Sae a correr pelo fundo.*)

SCENA VIII

AMALIA depois PERDIGÃO

AMALIA.—Meu Deus ! Hoje parece ser o dia de S. Bartholomeu !
Si não anda o diabo solto na cidade, ao menos nesta freguzia...

PERDIGÃO (*Entra apressado pelo fundo, vestido para a cerimonia*).—
O' comadre ! O' comadre !

AMALIA.—Mais uma parte !

PERDIGÃO.—Deixe-se de partes !

AMALIA.—Meu marido não está... (*Reparando*) Ah ! é o compadre !

PERDIGÃO.—Estamos até estas horas á espera dos padrinhos, e nada !

AMALIA.—Queixe-se da maldicta subdelegacia, compadre ! Estamos vestidos ha tres horas... (*Consultando o relógio*) Ha tres horas e um quarto.

PERDIGÃO.—Ora ! Para que foi o compadre buscar sarna para se coçar...

AMALIA.—O compadre não imagina! Quantas vezes, alta noite, está elle socegado a dormir, quando, de repente, é despertado pelas maldictas partes...

PERDIGÃO.—Por força!

AMALIA (*Indo á janella*).—Já está applacado o rôlo... (*Voltando*) Hoje quasi o matam!

PERDIGÃO (*Dando um salto*).—A quem?

AMALIA.—Ao Cardoso.

PERDIGÃO.—Ah! Elle descia a escada com tanta impetuosidade! Ia em mangas de camisa e de fitão... Olhem que figura! Espirrava, que era um Deus nos acuda! « Viva! » lhe disse eu; elle, porém, não me conheceu, apesar de responder: « Dominus tecum », em vez de: « Obrigado! »

SCENA IX

OS MESMOS e CARDOSO

CARDOSO (*Entra e cde espirrando em uma cadeira*).—Atchim!

PERDIGÃO.—Viva!

CARDOSO.—Dominus te... Quero dizer: Obrigado... Atchim! Ah! é o senhor, compadre? Desculpe.

PERDIGÃO.—Já sei de tudo... Está mais que desculpado... Mas não perca tempo!

AMALIA.—Sim, não percamos tempo!

CARDOSO.—Vamos! (*Ergue-se e deita o chapéo*) Estou prompto!

PERDIGÃO.—Em mangas de camisa, compadre?

CARDOSO.—É verdade! (*Corre ao quarto e volta vestindo a casaca*)

AMALIA.—De fitão, Cardoso?

CARDOSO.—É verdade! (*Despedaça o fitão zangado*) Atchim!

PERDIGÃO.—Já leu o que traz hoje o *Jornal* a seu respeito?

CARDOSO.—Já: descompostura bravia! E' o pago que dão a tantos sacrificios.

PERDIGÃO.—Diga antes: é o castigo que inflingem ao erro de acceital-os.

AMALIA (*Impaciente*).—Vamos embora! (*Vão todos sahindo*)

SCENA X

OS MESMOS e UM SOLDADO

SOLDADO (*A Cardoso*).—Trouxeram este officio e esta carta para V. S. (*Entrega a carta e o officio e sahe*)

CARDOSO.—Dê cá. (*Abrindo a carta*) Com licença. (*Lê*) E' um bilhete em que o official do gabinete do ministro me participa haver sido nomeado outro para a vaga do Cantidiano... E mettam-se!

PERDIGÃO.—Heim?

CARDOSO.—E mettam-se a servir o paiz! (*Abrindo o officio*) Com licença! (*Depois de lêr o officio*) Sabem o que é? Minha demissão.

PERDIGÃO e AMALIA.—Demissão!

CARDOSO.—A' vista do que a meu respeito tem apparecido na imprensa periodica !

PERDIGÃO.—Não fallemos mais nisso ! Vamos embora.

CARDOSO.—Poupou-me o trabalho de pedil-a.

AMALIA.—Quem não quizer ser lobo...

PERDIGÃO.—Mas o compadre acaba de despir a pelle do lobo. (*Apanhando o fitão*) Eil-a !

CARDOSO.—Atchim ! (*Sahem todos tres e cahe o panno*)

ARTHUR AZEVEDO

THEATROS

A Loteria, a pêra e a espada de Satanaz.— *Sixto V.*— D'Ennery e Alexandre Dumas Filho.— *O Pae prodigo.*— *O Alcazar.*— A litteratura e a arte.

Anda o diabo, e o diabo a quatro, pelos theatros !

Sinão vejamos :

Está annunciada para hoje a primeira representação da *Loteria do Diabo*.

No S. Luiz está em scena *A Pêra de... Satanaz*, e no S. Pedro (S. Luiz e S. Pedro !) ensaia-se *A Espada de... Satanaz* !

E' o diabo com botas !

Em compensação neste ultimo theatro está em scena um dramalhão de... de quem ha de ser ? de d'Ennery, cujo protagonista é um papa, e só o Sr. Saldanha Marinho seria capaz de enxergar, tambem alli, um diabo.

Só no Alcazar é que não ha diabo... mas ha *diabas*, o que é trinta mil vezes peor.

Que o digam as respectivas metades de outros tantos *tentados*.

Até o Cassino vae dar-nos o seu diabinho : ensaia-se alli uma traducção do *Petit Faust*, onde é sabido que ha *un serviteur fidèle de l'ange déchue, qu'on nomme Satan*.

E com certeza hão de estragar a pintura, o que ha de ser... o diabo.

As representações do *Sixto V* têm corrido regularmente.

Os srs. Dias Braga, Guilherme da Silveira e a sra. Antonina Marquelou esmeraram-se no desempenho de seus papeis.

O sr. Dias Braga, depois de fazer o papel de Papa, vae desempenhar o de Satanaz. Ha coincidencias na vida dos actores... Esta não deixa de ter sua graça.

Das peças, que andam agora em scena pelos nossos theatros, a *unica* cuja representação ainda não assistimos é a *Filha unica*.

Entretanto que as *filhas unicas* costumam ser sempre as mais procuradas.

— Está annunciado para quarta-feira proxima o primeiro espectaculo da companhia dirigida pelo sr. Furtado Coelho, de torná-viagem do Rio Grande do Sul.

O famigerado e impertinente d'Ennery, em boa hora o escreva, vae ceder o passo a Alaxandre Dumas Filho.

Ainda bem ! Ainda bem !

O drama, annunciado pelo *Jornal do Commercio*, é o *Pae prodigo*.

O chronista esfrega as mãos de contente e brada com o José Fernandes daquelle aleijada *Morgadinha de Val-flôr* : — Ora até que afinal encontro um homem !

O Alcazar, emquanto não nos dá a opereta *Jeanne, Jeannette, Jeannetton*, que tem sido annunciada, talvez de proposito, com o nome de Le Cocq, quando é de P. Lacome, vae esguelando os seus artistas com musica velha e cançonetas de café cantante.

Acha-se annunciada tambem a companhia lyrica. O elenco é escolhido, mas os preços... os preços...

Entretanto as assignaturas hão de ser todas tomadas.

Abençoado o povo para quem, quando se tracta de arte, mais vale um gosto do que quatro vintens.

Si elle, o povo, tractasse com o mesmo carinho as lettras nacionaes. Mas qual !

Pobre *Revista do Rio de Janeiro*...

Pobre Serafim José Alves...

ELOY, O HERÓE



FILAGRANAS

O *Globo* transcreveu das *Farpas* um trecho em que se diz que a comissão central portugueza de soccorros, presidida por D. Maria Pia, vae ver-se embaraçada por não saber a applicação que deva dar ao dinheiro, que vae de cá para os inundados de lá !

O que o *Globo* não transcreveu foi o trecho em que Ramalho Ortigão aconselha applicação diversa á enorme sobra.

*
* *

Lê-se no *Cearense* :

« O Revd. Scaligero, vigario de Queixada, que acaba de chegar dalli, no intuito de pedir providencias ao governo, pinta-nos o estado daquelle villa e dos logares por onde passou de um modo horrivel.

« O povo acha-se no auge da miseria. Nem pão para matar a fome, nem um trapo para cobrir a nudez !

« Os gêneros alimenticios desaparecem de todo e algum que apparece é por preços fabulosos; entretanto que se vende uma vacca por 4\$000 e não se encontram compradores.

« Offerece-se alli uma oitava de ouro por 1\$000 e isso mesmo é difficil achar quem compre por esmola !

« A caminho desta capital e das praias encontrou elle bandos immensos de homens, mulheres e creanças cobertos de andrajos e n'um estado de commiserção.

« A presidencia officiou á commissão central para enviar para Queixada 30 saccas de farinha, 15 de milho e 15 de arroz.

« O Ceará abysma-se. A nossa situação é horrorosa, não se póde mesmo imaginar o quadro afflictivo que representa a provincia.

« Continúa a affluir para esta capital grande numero de emigrantes. Diariamente aqui chegam caravanas desses infelizes, acossados pela fome e pela miseria. Bandos de mulheres e creanças maltrapilhas, trazendo a miseria estampada na fronte, verdadeiras mumias, percorrem as ruas da capital, esmolando a caridade publica.

« E' um espectaculo desolador!

« Consta-nos que pelos caminhos encontram-se caravanas enormes, como em procissão em busca do littoral. »

*
* *

Lê-se no *Potengy*, do Rio Grande do Norte :

« E' verdadeiramente lamentavel e contristador o estado de miseria e penuria a que se acha reduzida uma parte consideravel dos habitantes do alto sertão da provincia.

« A secca com todo o seu assombroso cortejo de rigores e privações vae talando aquellas regiões : isso já não é desconhecido nem ignorado de ninguem.

« Si a população desvalida soffre muito, os homens abastados não estão longe de coparticipar dos tristes effeitos dessa epocha de terror e de susto.

« Os ataques contra a propriedade começam a manifestar-se. Correm sério perigo a vida e fortuna do cidadão. »

*
* *

Não ha quem, lendo estas noticias, que a nossa thezoura acaba de redigir, não pense que fôra muito acertado mandar áquelles infelizes o que já sobra a nossos irmãos de além-mar (chapa n...).

*
* *

Bem hajam os estudantes da Eschola Polytechnica, a quem se deve a iniciativa de uma subscrição popular, que já sobe a mais de seis contos de réis.

*
* *

Os Srs. gatunos, ao que parece, declararam guerra ás carteiras dos homens illustres do Rio Grande do Sul.

Nestes ultimos dias foram victimas os Srs. general Osorio e Silveira Martins.

Acautele-se o nosso amigo Picanço, que tambem é illustre e do Rio Grande do Sul.

*
* *

A auctoridade policial que preside aos espectaculos da Phenix Dramatica ordenou ao distincto actor Guilherme de Aguiar que tirasse os oculos com que apparecia no papel do vigario do *Abel, Helena*.

O que não sabemos é o que têm os olhos do Sr. Guilherme com a policia da Phenix ou a policia da Phenix com o Sr. Guilherme de olhos.

Deu-lhe para alli.

★ ★

Já uma occasião aquella mesma auctoridade levantou-se, impôz silencio e, dirigindo-se ao publico que impaciente esperava mandassem tocar a symphonia, disse :

— Vocês vêm para aqui se divertir, não vêm para fazer matinada. E' textual.

★ ★

Depois disto, só uma

FABULA INSTANTANEA

Um dia escorregou e foi beijar a lama
franceza do Alcazar por nome Eva Lacombe,
um lobo ri-se muito; um moralista exclama;
Oh! n'insultez jamais nne femme qui tombe!

★ ★

Chegou, á quinta-feira passada, da Europa, no *Sénégal*, nosso precioso amigo sr. João Capistrano do Amaral, official da secretaria de estado dos negocios da agricultura, commercio e obras publicas.

Desejamos ardentemente que S. S. voltasse restabelecido dos incomodos de saude, que o levaram ao velho mundo.

★ ★

A *Gazeta de Noticias*, annunciando a *excursão scientifica* do sr. dr. Ataliba de Gomensoro ao Rio Grande do Sul, diz :

« Tendo adquirido na Europa profundos conhecimentos na especialidade a que se dedicou, o Dr. Ataliba gozou entre nós de merecido credito, que teve a satisfação de ver confirmado pelos sabios do velho mundo, que *certificaram a certidão* de seus juizos clinicos em doentes que lá foram ter, depois de confiados aqui aos cuidados do distincto oculista nacional. »

Ponha-nos o sympathico diario aquillo em trocos miudos, e muito nos obrigará.

★ ★

Depois disto só outra *fabula instantanea*; infelizmente, porém, não temos nenhuma á mão.

★ ★

EPIGRAMMA

— O' seu moço, não me pise!
Por onde anda não vê? —
— Mas como queres que veja,
si elle está de *pince-nez*?

X. Y. Z.

POESIAS

Quando fores ao baile

Não te esqueças de mim, quando enleuada
escutares no baile a orchestra leda,
onde os sentidos a harmonia alada
n'um labyrintho de volupia enreda ;
e si alguém no gyrar da walsa ardente
cingir-te ao seio tremulo, offegante,
ah ! lembra-te siquer que quem te adora
soluça nesse instante.

Teu par sentindo, altivo de levar-te,
o calor do teu rosto côr de rosa,
talvez que com mais força ouse apertar-te,
cheio de febre, a tua mão mimosa ;
talvez que n'uma phrase lisongeira
te queime o bafejar dos labios seus ;
talvez te jure amor, talvez... inferno !
não o escutes, por Deus !

Não o escutes, por Deus ! — e quando á volta
te despires da roupa perfumada,
e tua fronte angelica revolta
revolver-se no leito afadigada,
entre o somno e a vigilia, nesse enleio
em que o baile nos deixa, incerto e brando,
talvez julgues ouvir um murmurio,
tua alma acalentando...

Si a aerea nota te soar no ouvido
como um echo sympathico que desça
do céu para enlevar-te, — e tão sentido
que uma lagryma os olhos te humedeca,
não te esqueças de mim ! são meus suspiros
que ao céu, a Deus e ás brisas confiei ;
são os reflexos pallidos dos cantos
que a teu lado entoei.

S. Paulo, 1876

THEOPHILO DIAS

Assim !

Pobre de amor, vasio de esperanças
ah ! quem póde viver nessa orphandade !
Dá-me vida o perfume dessas tranças
não me deixes morrer por piedade !
pobre de amor, vasio de esperanças.

Si soubesse voar, como a andorinha,
subira contigo á immensidade ;
minh'alma, que sem ti hoje definha,
passaria feliz a mocidade,
si soubesse voar como a andorinha.

Agasalhado á sombra de teu seio,
enlevado n'um goso almo, innocente,
a vida me seria um devaneio,
o amor um poema casto e rescendente,
agasalhado á sombra de teu seio.

N'um beijo apaixonado das Celutas,
meu labio sobre os teus se abrasaria ;
meu coração, que frio não escutas,
ardente e delirante pulsaria
n'um beijo apaixonado das Celutas !

Pobre de amor, vasio de esperanças !
Ah ! quem póde viver nessa orphandade !
Dá-me vida o perfume dessas tranças !
não me deixes morrer, por piedade !
pobre de amor, vasio de esperanças !

1870

J. E. TEIXEIRA DE SOUZA

Em casa

A mãe embala o berço
do filho, que resomna ;
os pretos n'atafona
resam cantando o terço.

A' mesa da costura
creanças agrupadas
contemplam enlevadas
uma... caricatura.

Um moço de luneta,
Romeu sem Julieta,
escreve um madrigal...

Não tardam dez e meia ;
— Então, demora a ceia ? —
pergunta o general.

MUCIO TEIXEIRA

EXPEDIENTE

Recebemos :

NOVA SELECTA DE AUCTORES CLASSICOS, coordenada pelo professor A. Estevam da Costa e Cunha. — O auctor merece louvado pelo criterio com que coordenou este livro, adoptado para os exames de preparatorios e que tambem pertence á utilissima colleccão de obras didacticas — A ESCHOLA.

Ao illustrado collega o nosso parabem e agradecimento.

PERIODICOS E DIARIOS. — *Reforma, Mosquito, Revista Illustrada, Figaro, Rezendense, Primeiro de Março, Itatiaya, Correio de Cantagallo, Angrense, Mosaico Ouro Pretano, Diario do norte, Diario de Minas, Monarchista, Municipio, Sete de abril, Theophilo Ottoni, A voz de Missões, Echo do Sul, Jornal do Commercio* (Porto-Alegre, Pelotas e Alegrete), *Mercantil, Diario de Noticias, Diario de Campinas, Diario de Pernambuco, Gazeta de Campinas, Jornal do Recife, Provincia, Jornal para todos, Telegrapho, Diario do Maranhão, Publicador maranhense, Liberal do Pará, Diario de S. Paulo, Ipanema, Mosaico, Cruz Altense, Jornal do Pará, Constituição, Cearense, Pedro II, A tribuna do povo, Imprensa, Commercio do Amazonas, Esperança, Progreso litterario, Dezenove de dezembro, Provincia do Paraná, Commercial, Lidador, Tribuna, Monitor Campista, Diario de Campos, Aurora, Jornal do povo, Caldense, America Illustrada, Correio da tarde, Espirito-Santense e Gazeta do commercio.*

Agradecemos.

Sr. T. A. — Deus o favoreça, irmão.

MATHEMATICA

LXXIII

Dynamica.—Principio de d'Alembert.

Quando, pelas reacções que diversos corpos exercem uns sobre outros, em virtude da sua ligação, cada um delles recebe um movimento differente daquelle que as forças que o animam lhe teriam impresso si fosse livre, póde-se evidentemente considerar o movimento natural como decomposto em dous, um dos quaes é o que terá effectivamente logar, e o outro, por consequencia, tem sido destruido.

O principio de d'Alembert consiste propriamente em que todos os movimentos deste ultimo genero, ou, em outros termos, as quantidades de movimento perdidas ou ganhas pelos differentes corpos do systema em

suas reacções, equilibram-se necessariamente, quando se attende ás condições de ligação, que caracterizam o systema proposto.

Esta luminosa concepção geral foi a principio entrevista por Jacques Bernouilli n'um caso particular ; porque tal é a consideração que elle emprega para resolver o problema do pendulo composto, quando encara a quantidade de movimento perdida pelo corpo mais proximo do ponto de suspensão, e a quantidade de movimento ganha pelo que está mais afastado, como devendo satisfazer á lei de equilibrio da alavanca, relativamente ao ponto de suspensão, o que levou-o a formar logo uma equação susceptivel de determinar o centro de oscillação do systema de pezos o mais simples. Mas esta idéa era, para Jacques Bernouilli, um artificio isolado, que nada tira á grande concepção de d'Alembert, cuja propriedade essencial consiste na sua completa generalidade.

Considerando o principio de d'Alembert sob o ponto de vista mais philosophico, póde-se reconhecer o seu verdadeiro germen primitivo na segunda lei fundamental do movimento, estabelecida por Newton com o nome de principio de egualdade entre a acção e a reacção.

O principio de d'Alembert coincide effectivamente com esta lei, quando se considera um systema de dous corpos, actuando um sobre o outro, segundo a linha que os une.

Este principio póde, pois, ser considerado como a maior generalisação possivel da lei de reacção egual e contraria á acção ; e este modo novo de encaral-o é especialmente proprio para pôr em relevo a sua verdadeira natureza, dando-lhe assim um character physico, em lugar do character puramente logico, que lhe havia sido impresso por d'Alembert.

Por consequencia, não veremos mais d'ora em diante neste grande principio sinão a nossa segunda lei fundamental do movimento estendido a um numero qualquer de corpos, dispostos entre si de um modo qualquer.

Tendo em vista este principio geral, comprehende-se que toda questão de Dynamica poderá ser immediatamente convertida em uma simples questão de Statica, pois bastará formar, em cada caso, as equações de equilibrio entre os movimentos destruidos ; o que dá a certeza de poder pôr em equação um problema qualquer de Dynamica, e de fazel-o assim depender apenas de investigações analyticas.

Mas a fórma sob a qual o principio de d'Alembert foi primitivamente imaginado não é a mais conveniente para effectuar com facilidade esta transformação fundamental, attenta a grande difficuldade que ordinariamente se sente em discernir quaes devem ser os movimentos destruidos, como se póde facilmente ficar convencido por um attento exame do tractado de Dynamica de d'Alembert, cujas soluções são, em geral, tão complicadas.

Hermann, e sobretudo Euler, procuraram banir a embaraçosa consideração das quantidades de movimento perdidas ou ganhas, substituindo os movimentos destruidos pelos movimentos primitivos compostos com os movimentos effectivos tomados em sentido contrario, o que vem a dar no mesmo, pois quando uma força tem sido decomposta em duas, póde-se substituir a uma das componentes a combinação da resultante com a outra componente, tomada em sentido contrario.

Desde então o principio de d'Alembert, considerado sob este novo ponto de vista, consiste apenas em que os movimentos effectivos conformes com as ligações dos corpos do systema deverão, sendo tomados em sentido inverso, equilibrar sempre os movimentos primitivos, que resultariam da acção exclusiva das forças propostas sobre cada corpo supposto livre; o que aliás pôde ser estabelecido directamente, visto como é evidente que o systema ficaria em equilibrio, si se imprimisse a cada corpo uma quantidade de movimento igual e contraria á que effectivamente recebeu.

Esta nova fórma, dada por Euler ao principio de d'Alembert, é que mais convém nas applicações, por tomar em consideração unicamente os movimentos primitivos e os movimentos effectivos, que são os verdadeiros elementos do problema dynamico, alguns dos quaes constituem os dados, e os outros as incognitas.

Tal é, com effeito, o ponto de vista definitivo sob o qual se considera actualmente o principio de d'Alembert.

(Continúa)

A ECONOMIA POLITICA

JULGADA POR PEDRO LAFFITTE

A Economia politica reduz-se a estes dous principios : 1º, os phenomenos da vida industrial estão sujeitos a leis naturaes, independentes da vontade humana, individual ou collectiva ; 2º, é mister abandonar estes phenomenos a seu proprio curso, e abster-se sobretudo de toda intervenção systematica.

Si se admittir que os phenomenos sociaes estão sujeitos em sua realisação a leis naturaes, será preciso, para repellir uma intervenção systematica, convir em que elles são modificaveis.

Ora, os unicos phenomenos que estão submettidos a leis naturaes e immutaveis, são os astronomicos ; a partir da Physica, os phenomenos tornam-se tanto mais modificaveis quanto mais complicados são : ficando, todavia, sujeitos a leis immutaveis em suas disposições fundamentaes.

Mui longe de dever a admissão das leis naturaes nos phenomenos industriaes fazer eliminar uma acção systematica, deve, pelo contrario, a isto impellil-a ; porque o conhecimento destas leis deve fornecer a base de uma intervenção que, não sendo arbitraria, será mais efficaz, segundo o typo admiravel das artes physicas e chimicas, depois que as sciencias abstractas lhes forneceram as bases fundamentaes de uma modificação sabia e reflectida.

De modo que os economistas foram levados a admittir verdadeiros mysterios, por consequencia natural de uma tal disposição metaphysica.

Assim, elles proclamaram este principio, tão immoral quão absurdo, que um individuo trabalhando, sem outra preocupação social, para acqui-

sição da sua fortuna pessoal, trabalhava necessariamente para o bem-estar da sociedade.

O egoismo mercantil se deveria considerar feliz por encontrar uma tão doutoral justificação.

Só pensando em si, e não trabalhando sinão para si, trabalhamos forçosamente para o bem estar de todos os outros !

Esta pretendida sciencia exerce taes estragos, ás vezes, sobre bons espiritos, que é necessario entrar a este respeito em algumas considerações.

Em primeiro logar, a instituição deste estudo é radicalmente absurda.

Os phenomenos sociaes são principalmente caracterisados pela sua intima connexão mutua.

Por conseguinte, é irracional querer constituir o estudo dos phenomenos industriaes á parte do estudo dos phenomenos intellectuaes e moraes.

De outro lado, si a Economia politica é mal instituida, a preparação dos que a cultivam é inteiramente irracional.

Os phenomenos sociaes são os mais complicados de todos, e dependem de todos os outros ; por consequencia, é absurdo querer estudal-os sem estar preparado, scientifica e logicamente, pelo estudo dos phenomenos menos complicados.

A sciencia social não póde ter bases solidas, sinão repouzando nas sciencias mais simples, desde a Mathematica até a Biologia.

Ora, em geral, os economistas estuda os phenomenos industriaes com uma preparação puramente litteraria.

A Economia politica é um ramo da litteratura ; e passa-se, sem embaraço algum, do romance á Economia politica e da Economia politica ao romance.

De modo que similhante estudam não pôde produzir resultado algum serio, e póde-se mesmo dizer que ella tende a se reduzir á simples Estatistica.

Mas devo um esclarecimento sem o qual uma tal apreciação poderia parecer injusta e inexacta.

Quando fallo de Economia politica, refiro-me a essa pretendida sciencia que, a partir sobretudo de Malthus, quiz se constituir de um modo distincto, e não estando de modo algum a minha apreciação ás vistas tão engenhosas quão profundas, o mais das vezes, de Hume, de Smith e de Turgot.

Taes homens eram verdadeiros philosophos que, no estudo dos phenomenos sociaes, haviam prestado especial attenção aos phenomenos industriaes, sem nunca desprezar os outros.

De modo que a maior parte das suas concepções, rectificadas e completas, devem ser definitivamente encorporadas á sciencia social.

Assim a minha apreciação não se applica de maneira alguma a taes vistas, que os economistas actuaes fazem circular em sua pretendida sciencia, sem ter sabido, nem completal-as, nem rectifical-as.

Póde-se dizer que o que se chama *Economia politica*, tem por ver-

dadeiro pae o celebre Malthus; e podemos nelle claramente perceber o character puramente metaphysico e litterario desta doutrina.

Permitti-me que eu vos detenha alguns instantes sobre as concepções deste celebre personagem.

Sabeis o problema que elle formulou: « Segundo quaes leis naturaes, precisas, mathematicas mesmo, crescem a população e as subsistencias. »

Primeiro, como observação prévia, só uma cabeça de metaphysico, allucinada por um orgulho desmedido e por uma completa ausencia de sãos estudos scientificos, é que póde estabelecer similhante problema no estado actual da razão humana, e ter a pretensão de havel-o resolvido.

Tomemos primeiro o problema da população.

E' evidente, antes de tudo, que elle é inteiramente prematuro.

Esta questão exige uma prévia elaboração biologica, ainda completamente desconhecida, a saber: quaes são os diversos gráus de potencia prolifica, segundo o gráu de aperfeiçoamento do organismo animal considerado em si mesmo.

Resolvida esta primeira questão, cumpria tractar da questão sociologica, tão prematura, mesmo pela sua immensa complicação, de determinar como, no estado de sociedade, tende a crescer a população humana.

Quanto á lei das subsistencias, é do mesmo modo complicada e inaccessible, no estado actual dos nossos conhecimentos, a uma verdadeira investigação positiva.

Mas, o que é mais extranho ainda, do que a pretensão orgulhosa de resolver taes problemas, é a audacia e irreflexão verdadeiramente inqualificaveis, que emprega o celebre economista em sua solução.

A solução é exposta nas 25 primeiras paginas do seu livro; o resto da sua pezada elaboração é principalmente empregada em explicar como as duas leis, que elle annuncia, jamais se verificaram realmente.

As duas leis de Malthus consistem, como se sabe, em dizer que a população cresce em progressão geometrica, ao passo que as subsistencias crescem em progressão arithmetica.

Em primeiro logar, quando mesmo fosse verdadeiro que as subsistencias crescem menos velozmente do que a população, o que decerto é absurdo na totalidade dos casos, uma tal desproporção poderia ser expressa por uma infinidade de leis mathematicas diversas das indicadas por Malthus; mas a comparação da progressão geometrica com a progressão arithmetica, é no fundo um artificio litterario, proprio sobretudo para fazer sobresahir a espantosa desproporção, que suppunha Malthus entre estes dous elementos da vida social, sem que elle se preoccupasse em saber si outras leis mathematicas não seriam mais razoaveis, por apresentarem uma desproporção menos excessiva.

Mas, si uma tal theoria não é, na realidade, sinão pura metaphysica, apresentada com a maior simplicidade, o que ha de mais lamentavel é a politica que della tirou Malthus.

A desproporção entre o movimento da população e o das subsistencias é por tal fórma excessiva, pela lei de Malthus, que não ha verdadeiramente nenhuma sabia intervenção politica que possa remedial-a.

Dahi a justificação systematica da indifferença das classes ricas por parte das classes pobres.

A miseria e a morte prematura são os dous unicos agentes que podem preencher a desproporção espantosa, que arbitrariamente suppôz Maltus.

E' n'uma tal fonte que cumpre effectivamente estudar o verdadeiro character da economia politica actual: em theoria (salvos estudos de estatistica), habitos metaphysicos e litterarios; em politica, justificação e systematisação da anarchia industrial, proclamando a abstenção de toda a intervenção social no movimento industrial.

Emilia Adelaide

Hoje que, pela segunda vez, visita-nos a laureada actriz portugueza, vem a pello transcrever para estas columnas o seguinte artigo que no *Contemporaneo*, de Lisboa, publicou o Sr. Gervasio Lobato.

As transcripções, quaesquer que sejam, não estão no programma da *Revista do Rio de Janeiro*; desviamo-nos hoje da norma que nos traçamos, para render preito ao grande talento de Emilia Adelaide.

E' este o artigo:

Não foi só o talento que deu a Emilia Adelaide a gloria e a reputação, que hoje circumdam o seu nome festejado. Não foi o acaso, esse deus caprichoso que accende ás vezes nos pequenos cerebros humanos a grande luz que illumina o universo, que a levou ás eminencias da scena portugueza. Não é alheia á sua gloria, como esses inconscientes sublimes, que sem um esforço, sem uma lucta, se acham um dia nos pincaros radiosos do genio, movidos por uma força de que elles são agentes passivos e irresponsaveis, o talento, a maior ou menor dimensão do cerebro, sua forma e modo de combinação; maior ou menor numero de sinuosidades, e profundeza nas anfractuosidades cerebraes, tal ou tal combinação de elementos materiaes, que dão a uns o genio, a outros a imbecilidade.

Emilia Adelaide não se abandonou a seu talento, não deixou ao acaso a applicação mais ou menos feliz de suas poderosas qualidades intellectuaes.

O talento é uma força que, como todas as forças, tem de ser sabiamente dirigida e aproveitada, sem o que póde dar-nos hoje o prodigio, mas dar-nos-á fatalmente amanha a monstruosidade.

Emilia Adelaide applicou-se obstinadamente á cultura de seus vastos recursos, a dirigir, a contornar o talento com que a natureza a dotou, e a pôl-o ao serviço da grande Arte, de que fez sacerdocio.

Auscultar as proprias forças, sujeital-as a um estudo sério, infatigavel, consciencioso e energico, subordinar uma valente intelligencia a uma possante vontade, não deixar ao acaso do talento o que a Arte deve dar, eis o trabalho continuo e glorioso da grande actriz, de que nos occupamos.

Não é parca em talentos a nossa terra ; a maior parte delles, porém, estiolam-se á falta de illustração, á mingua de estudo, á sombra da inercia.

Ora, o talento sem a Arte nunca póde dar um actor ; póde elle ter e terá com certeza rasgos magnificos : elevar-se-á em dadas situações, pela dupla vista do talento ao sublime ; mas cahirá fatalmente dalli a pouco no vulgar, e seu trabalho será desigual, desharmonico, perfeitamente falso e anti-artistico.

E depois, basta a menor impressão moral, basta a mais ligeira preocupação, o mais pequeno incidente, para que a scena, hontem esplendida, seja hoje horrivel. O talendo póde adivinhar tal ou qual character ; apanhal-o por um de seus lados brilhantes ; mas o conhecimento completo do personagem, e a sua realisação nos mais minuciosos detalhes, só a podem dar a observação e o estudo.

Sem estes dois elementos sobre os quaes se baseia toda a sciencia e toda a Arte, o talento e os dotes naturaes são nada para ellas.

A voz, a figura, o olhar, o talento, são preciosissimos dotes para a scena : mas case-se com elles a ignorancia em vez da Sciencia ; a insolencia em vez do estudo ; o capricho em vez da Arte ; que esses elementos não passarão de elementos em que existe em embryão o artista, como no melhor marmore existe a mais formosa estatua : não venha, porém, o cinzel do estatuario, não venha a luz da Arte, a estatua nunca sahirá do marmore, o artista nunca sahirá do embryão.

Emilia Adelaide não ganhou de improviso o logar proeminente que occupa no theatro. Não especulou com a ignorancia do publico, aproveitando a excellencia dos dotes individuaes e a ingenuidade dos espectadores para dar em scena dois rugidos, acompanhados de tres faltas de prosodia e dizer-lhes, parodiando Luiz XIV :—A Arte sou eu !—

Não ! Emilia Adelaide estuda e estuda muito. Antes de apresentar á luz da rampa o personagem, vive com elle intimamente, interroga-o, ausculta-o, estuda-lhe todos os cambiantes de seu character, a significação da mais pequena palavra, o alcance da phrase mais vulgar, e não vem ao publico, sem ter procurado, estudado, com consciencia de verdadeiro artista, a maneira de realisar na scena a creação do dramaturgo.

E' difficil, é gigante mesmo este trabalho n'uma terra, onde é costume adormecer á sombra dos louros, tantas vezes conquistados com prejuizo da Arte.

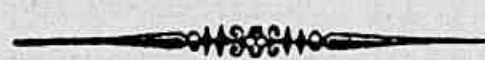
Mas, da mesma maneira que o sabio, o verdadeiro artista nunca descansa. Ir sempre mais alto, mais alto, como dizia Goethe—subir, subir sempre, tal é seu unico desejo.

Os applausos excitam-n'o a novos commettimentos. A Arte é um thezouro inexaurivel de segredos ; é amante sempre nova, que prende, fascina e attrahe. Um triumpho anima a novos triumphos ; uma quéda só esmorece as nullidades, e aos verdadeiros talentos ainda mais os incita : e é nestas luctas constantes do artista com a Arte, a que se junctam ainda as luctas com a convenção, com a indifferença, com a ignorancia, com a intriga e com a inveja, que o actor ou a actriz passa a vida sempre agitada, sempre febril, sempre ruidosa, sacrificando todas as suas ale-

grias, todas as suas tristezas, todas as suas horas, á Arte, vivendo só della e para della; passando longas noites a estudar, a dar o sopro creador a essas Galathéas inanimadas no drama escripto; arrancal-as da téla para lhes dar vida em scena, e para, no fim, terem por unico tribunal as platéas, em que são juizes todos que a phantasia ou o desvastio leva a comprarem bilhete e cujo capricho, ou mau humor, decide n'um minuto, do trabalho acariciado durante longas noites de vigilia e compridos dias de estudo;—creações brilhantes que se evaporam ao apagar do lustre, que vivem no espirito do espectador o tempo que vive a flôr que se atira em recompensa aos valentes luctadores da Arte, como symbolo, talvez, de sua vida brilhante, rapida e depressa esquecida.

Emilia Adelaide conquistou, de muito, seus fóros de primeira actriz. O talento e o estudo foram os guias seguros que a acompanharam á gloria, e que ainda hoje não a deixam. Desde a *Chavena quebrada* até hoje, que de progressos, de vontade energica, de intelligencia possante, não tem ella mostrado! A sua biographia artistica escreve-se em duas linhas: Quinze annos de trabalho, de luctas, de perseverança, de estudo, de triumpho e de gloria. E' brilhante a sua historia, como é brilhante a historia de todos os que trabalham animados pelo grande amor da Arte, guiados pelo estudo, escudados pelo talento.

O seu nome occupa logar de honra na historia de nossa Arte, e para nós é dos que mais prezamos e admiramos, porque representa a alliança de duas coisas das mais sagradas e respeitadas — o trabalho e o talento.



A CRUZ DA ESTRADA

(Conclusão)

IV

Aquella terra não fôra alli accumulada por um acaso caprichoso da natureza: qualquer pessoa que parasse e attentasse bem encontraria nella vestigios do trabalho do homem. O monticulo era uma sepultura.

Muitas vezes nos deparam as estradas do interior uma ou outra cova assim. Em pontos que, com serem demasiadamente distantes dos povoados, são de pessimo e difficil transito, não é raro se enterrar o cadaver do assassinado á margem mesmo do caminho, plantando apenas em cima, como distinctivo, uma tosca cruz fabricada de dous ramos mais regulares.

E á uma porção de terra nestas condições respeitam tanto os camponezes, quanto veneram os sumptuosos mausoléus do Campo sancto.

Era justamente um assassinado quem alli estava enterrado. Seu nome havia-se perdido de todo, pois que ha muito morrera; mas ficára-lhe a fama por todas aquellas paragens. Alli repousava um valente, era quanto se sabia; aquella terra macia e relvosa occultava aos olhos do mundo o unico homem, que o famoso faccinora José Bonito encontrára na vida. Os sertanejos não se cansavam de contar-lhe

as proezas e resumindo diziam : — « passaram ambos tres horas com as facas cruzadas, os olhos fixos e faiscando como carbunculos, e os corpos sem se moverem a modo de dous tócos de pau ! »

Mas um dia encontraram-no morto. Quem commetteu o attentado ? Pessoa alguma tractou de indagar, porque para ninguem existia na terra quem o levasse de vencida ; enterraram-no e nada transpirou nunca jamais.

Entre a gente, que vivia naquellas circumvisinhanças, havia um rapaz a quem cousa alguma incommodava tanto quanto a grande fama do morto. Ouvindo a chronica desde pequeno, só o que sinceramente lastimava era não ter vivido no tempo de então ; elle sertanejo destemido sobrepujaria áquella gente forte. Era o sonho dourado de Raymundo, assim se chamava elle — a historia das valentias do sertão.

Arrebentando as primeiras revoluções do norte, vasto campo desenrolou-se fecundo aos desejos do sertanejo. Elle, apenas lhe chegára a noticia, abandonára entre as lagrymas da carinhosa mãe e os pedidos dos amigos as suas montanhas e campinas. Ao lado de Tiburcio, seu companheiro dos folguedos de creança, Raymundo foi um dos primeiros rebeldes que, devastando, destruindo e saqueando, penetraram nas cidades.

Um dia, finalmente, voltou aos patrios logares ; vinha afeiado, mas vinha coberto de excoriações, enormes attestados de sua valentia. Cheio de verdadeira alegria abraçou ainda a mãe ; pois, apesar de todas as modificações que soffrera seu coração, fôra a imagem della que guardára sempre immacula.

Mas a pobre velha, cheia de prazer ao ver o filho, succumbira ao depois de desgosto, conhecendo que elle já não acreditava nas cousas para ella mais sagradas. As crenças, que a embalaram desde creança, estavam enraigadas de mais para que palavras, ainda mesmo de um filho seu, as povesse em duvida.

O povo o chamou então de amaldiçoado e mau ; no entanto Raymundo pela noite calada chorava como um louco a mãe que tão desastrosamente perdera. Despeitado por semelhante comportamento, começou elle, desde aquelle dia, a fazer alarde e ostentação de suas descrenças ; e juncto a Tiburcio, que tambem voltára, eram os dous apontados no sertão como hereges e maldictos. E lá uns os acolhiam entristecidos, e outros os respeitavam temerosos.

Estas explicações eram necessarias antes de entrarmos no coração do conto. Raymundo é o phantasma noctivago e Tiburcio o camarada do começo de nossa narração.

V

Era a primeira quinta-feira de Janeiro.

Raymundo, Tiburcio e mais seis a sete sertanejos caminhavam pela estrada, que já conhecemos, em direcção ao primeiro povoado, onde se effectuaria uma afamada feira.

Iam alegres e prasenteiros e dentre todos Raymundo destacava-se ainda mais pela galhardia e gentileza do porte. Alli, no meio daquella

cavalgada, elle trajando o guarda-peito, a vestia, as perneiras e o chapéu de couro crú, parecia um general entre os seus officiaes. O semblante bronzeado e retalhado nos combates distinguia-no naquelle bando de moços e velhos.

Tiburcio, que não perdia occasião para lisongear o amigo, cujo fraco conhecia, encaminhára a conversa para a historia de suas proezas.

Neste momento iam elles perto do cotovello onde vimos a cruz da estrada. Então, tinha ainda sobre a cova o pequeno symbolo de madeira.

Ao passarem defronte teve um rapaz a lembrança de apontar dizendo :

— Aqui está com quem Raymundo jamais poderia.

O sertanejo estremeceu de raiva, e todos os olhos se fixaram nelle, como si o bando exigisse uma resposta conveniente.

Raymundo, tomando resolução repentina, adiantára-se alguns passos em direcção á cova e disséra simulando um riso e a levantar o xéquerador :

— Pois si esse cabra é gente, eu o desafio para que venha dos infernos brincar um pouco commigo, hoje, no rancho...

Dizendo isto, acompanhára as palavras com uma chicotada na cruz. A linha do xéquerador ficára enrolada e ao puxal-a elle, justamente quando terminava a falla acima, a cruzinha, já carcomida na base, vacillou e pendeu, como si com um aceno respondesse ao sertanejo.— Neste momento ouviu-se um ranger lugubre e prolongado ; era uma arvore açoitada pelo vento e attritando de encontro a outra, que lhe estava ao lado. Mas os sertanejos nem se lembraram do que poderia ser, e todos, não fallando em Raymundo, se descobriram apavorados e a persignarem-se.

Raymundo sentiu perante aquella attitude umas crispacões pelo corpo, e fel-o saltar na sella a voz de um dos velhos companheiros, dizendo :

— Quem havia de crêr què Maria Paula, aquella sancta mulher, Maria Paula que ia leguas e leguas ouvir as missões, e que não perdia nos domingos a missa, devia ter um filho como Raymundo !...

O velho calára-se de novo, cheio de respeito, ouvindo o atrevido sertanejo rugir furioso :

— Deixe em paz minha mãe e as ninharias todas em que acreditava ; não me lembre nunca seu nome assim, Sr. Mauricio, sinão se arrepende !...

Apóz este incidente, o grupo insensivelmente se poz de novo a caminho ; de alegre que vinha continuava agora pela maior parte triste e abysmado em profundos pensamentos. Alguns dos moços, que tentaram chalacear sobre o facto, desistiram, notando o silencio e embevecimento dos restantes.

Durante o final do trajecto todos os conselhos, que lhe dera Maria Paula, avivaram-se na memoria de Raymundo, como se avivam dentro d'agua os papeis desenhados com tinta sympathica.— As primeiras impressões de creança voltaram, e o homem ao descer do cavallo no rancho estava arrependidissimo e sentindo remorsos do que fizera. Elle, que não

se assombrára nunca, vendo a morte pairar por sobre os combatentes, tremia agora victima de multiplas apprehensões. Seu espirito intelligente, mas inculto, deixava-se dominar pelo mysterioso.

Quando a noite veio e acenderam a fogueira no rancho, Raymundo, de bruços entre os companheiros que dormiam, velava com os olhos meio abertos e immovel na attitude do pavor. Toda a noite estivera assim.

De manhan Tiburcio o vira montar o cavallo e correr á disparada, vingando regatos e vallados, salvando troncos de arvores e barrancos, a gritar como um possesso :

— Eu te obedecerei, minha mãe !

Desde aquelle dia e na primeira quinta-feira de cada anno o viajante, que passasse pelo cotovello da estrada, presencearia a scena, que descrevemos no começo deste conto.

De noite, no rancho, Raymundo julgára ver Maria Paula ordenando-lhe aquella *penitencia*. E sempre que acabava de compril-a sentia-se elle satisfeitissimo e alegre.

VI

A cruz da estrada não era, consequentemente, uma cousa sobre natural ; nem alliandavam *almas penadas* ; nem milagres de sanctas divindades desconhecidas ; nem a cruzinha negra crescia e tornava-se branca, naquelle dia do anno, como resavam as varias crenças dos arredores. A cruz da estrada era o symbolo do respeito e amor filial.

A sombra de Maria Paula vivia...na memoria do filho, velando por elle e livrando-o dos males do céu e da terra.

1877

PAULO SALEMA

THEATROS

Magdalena. — *Morgadinha de Val-Flor.* — *O Pae prodigo.* — *A Loteria do diabo.*
Fausto Junior. — *Occarinistas.*

« Bem viuda sejas sob o céu dourado
desta terra de luz, terra de flôres ! »

disse o inspirado poeta das *Revelações* ao saudar Emilia Adelaide, por occasião de sua estréa no theatro S. Luiz, a 26 de março de 1871.

« Bem vinda sejas sob o céu dourado
desta terra de luz, terra de flôres ! »

repetimos nós, saudando a estréa, a 13 do corrente mez, da companhia dirigida pela insigne actriz portugueza.

Quando, ha seis annos, Emilia Adelaide pela primeira vez se apresentou ante o publico fluminense, acompanhava-a Furtado Coelho, o artista — poeta.

Hoje cada um desses astros percorre a sua ecliptica : um fulge ao lado de S. Luiz, o outro abrilhanta S. Pedro.

Ditosos sanctos !

Entretanto, si Emilia Adelaide não tem agora juncto a si aquelle eximio actor, nem por isso, desde já, se póde dizer que esteja de todo desacompanhada.

Aguardamos, comtudo, novas manifestações dos dotes artisticos dos srs. Maggioly, Alvaro, Mattos, Brandão... e das sras. Livia, Felicidade... para aquilatar devidamente o merito de cada um.

Fallaremos, pois, sómente de Emilia Adelaide, cujo peregrino talento se manifestou com toda a pujança na primeira representação de *Magdalena*, drama em que, a despeito de visíveis imperfeições, transluz a vigorosa e fecunda intelligencia de Pinheiro Chagas.

No desempenho desse drama, que, da parte da protagonista, exige notavel proficiencia artistica, Emilia Adelaide confirmou inteiramente sua justa nomeada.

A voz, o olhar, o gesto exprimiam com tal arte a verdade das situações que, deslembrado da ficção, o espectador suppunha achar-se face a face ante a realidade !

Adstringindo-nos a estas breves palavras terminaremos, como principiamos, repetindo á eminente atriz Emilia Adelaide os versos de Zaluar :

« Bem vinda sejas, sob o céu dourado.
desta terra de luz, terra de flôres ! »

Assistimos á representação da *Morgadinha de Val Flôr*, cujo desempenho, no que concerne á protagonista (Emilia Adelaide), foi realmente magistral, embora se pudesse dizer que se viu quasi inteiramente desacompanhada !...

Que saudades tivemos dos srs. Graça, Aguiar, Gusmão... vendo o modo como foram interpretados os papeis do morgado, de Domingues e até de Leonardo, que aliás, relativamente, foi o melhor.

E o que dizer de Luiz Fernandes sinão...

De que céu em que barathro cahiste ?

Por motivo de força maior não se effectuou a 16 deste mez a primeira representação do *Pae Prodigio*, excellente drama de Alexandre Dumas Filho.

No proximo numero apreciaremos o merito dessa composição e o do desempenho por parte dos artistas do Gymnasio.

Na Phenix foi levada á scena, como annunciáramos, a *Loteria do Diabo*.

E', *mutatis mutandis*, como todas as magicas ; importa entretanto reconhecer que o intelligente empresario daquelle theatro não se poupou a esforços e despesas a bem da encenação, que é realmente vistosa.

Neste ponto recusar-lhe os devidos encomios seria injustiça, como o fôra occultar que a sra. Villiot, os srs. Vasques e Aguiar esmeraram-se no desempenho dos papeis, que lhes foram acertadamente distribuidos.

A musica da *Loteria do diabo* é original do nosso Mesquita.

Escusa, portanto, de elogios.

E' bolicosa, agradavel e apaixonada, podendo apontar-se, entre outros numeros, a *romanza* cantada pela sra. Villiot no 1º acto, o côro dos magnetisados, o dos subditos do reino da sinceridade e dos ladrões, e a *barcarola* em que tanto se distingue o sr. Vasques.

— No Cassino estreou no papel de Margarida, do *Fausto Junior*, Mlle. Rose Marie, que se propõe a fallar portuguez tão bem como sua chará e patricia, Mlle Rose Villiot.

O Sr. Roger é que não arranja nada : no papel de Valentim quiz enterrar seu pae como pôde, mas, coitado...

O papel de Mephisto foi desempenhado pela sra. Gubernatis, e o de Fausto pelo primeiro comico nacional.

Ora, como o sr. Martins falla o francez, e os restantes actores que figuram naquella peça entendem mais dessa lingua que da portugueza, o que é naturalissimo, propomos que, em vez do *Fausto Junior*, dê-nos o Cassino o *Petit-Faust*.

E ninguem perderá com a troca ; nem mesmo o bom senso.

— Fomos convidados pelos srs. occarinistas portuguezes para assistir á execução de diversas peças de musica, em seus originaes instrumentos de barro.

Louvamo-nos no merecido juizo da imprensa fluminense ácerca desses admiraveis artistas ; vêm proporcionar-nos bellissimas noites, que de certo deixar-nos-ão vivas saudades.

O leitor, por mais prevenido que se ache em favor dos occarinistas, não póde imaginar a melodia — estamos quasi a dizer celeste, dos sons daquelles prosaicos e rusticos instrumentos, que se nos afiguram ingratos e difficeis de tractar.

Os occarimistas dão hoje o seu primeiro espectaculo : é de suppôr que haja enchente real.



FILAGRANAS

Ainda desta vez ha *Filagranas*, para não haver chronica.

Receiamos muito que os leitores arrufem-se connosco, não só pela reincidencia, como porque vamos hoje tractar, quasi exclusivamente, de nossos proprios negocios.

Por nosso bem dirigimos a S. Ex. o Sr. Dr. chefe de policia o requerimento, que inserimos nestas colmnas, afim de poupar a estampilha e o trabalho de leval-o á respectiva secretaria.

Convencidos de que S. Ex. dignar-se-á ler-nos, desde já contamos que nos provenha optimo resultado a esta justa petição.

Eil-a :

« Illm. Exm. Sr. — Permitta-me a proverbial pachorra de V. Ex., que me eu refestele nesta preguiceira ao lado de V. Ex., para, em pratica amistosa e lareira, confabularmos — em chinellos, com as pernas estendidas, sem preocupações e sem casacos, ácerca de velha industria, exercitada entre nós com gravissimo damno do trabalho, da moralidade e da saude publica.

« Ventos contrarios de adversa fortuna, Exm. Sr., arrojaram o humilde escriptor destas mal traçadas regras a mares nunca dantes navegados, onde gente remota edificou novo reino que tanto sublimou : a rua de S. Jorge !

« Lastima é que o nome do sancto cavalheiro coubesse em partilha ao femeão reles e charro ; porém dobradamente é lastima a maneira, ou mais acertadamente, a desmaneira com que se descomportam aquellas sujidades, que boiam ao de cima do lodo dos vícios.

« Concórdo plenamente em que ellas, á similhança dos honrados burguezes mercadores que expõem a chita, a flanela, o lenço de alcobaça e a meia de lan nos mostradores de suas lojas, desdobrem aos olhos desattentos e gelados dos transeuntes os tons suaves ou repolhudos de seus corpos. Mas apresentarem-se despeitoradas, quasi como sahiriam do banho ou do leito, e com uma linguagem á proporção das vestiduras !...

« A rua de S. Jorge é, *mutatis mutandis*, uma camara de srs. deputados. Ora comprehende facilmente V. Ex. que não sendo eu affeioado das luctas politicas, não estou obrigado a assistir ás eternas discussões dessa camara *baixa*.

« Os meus males, porém, não param aqui.

« Ha um typo que vagueia pelos largos da cidade, embriaga-se nas tavernas e presta-se ás mais vituperosas praticas de immoralidades. Cognominaram esse infusorio do vicio de *vendedor de azeite* e chega a tanto a ingratidão do populacho, que com o mesmo nome extrema um dos maiores homens da moderna idade. Por via de regra, esse sujeito desprezível e odiento foi em melhores tempos um caixeiro que se desgarrou da bôa trilha honesta de uma vida limpa, um artifice que se entregou de gosto ás voragens das más paixões. Traja uma roupa ensebada, mal cheirosa, com o acre fartum dos prostibulos e das tavernas, despejando nas suas praticas o lixo das palavras vagabundas e que já não pertencem a algum genero.

« Chega a noite.

« Os sinos das egrejas pausada, cançada, somnolentemente deramam pelos ares as badaladas das dez horas.

« A população honesta e operosa põe o seu barrete de dormir, estende-se á ilharga da esposa dispeptica, aconchega ao corpo as frescas cobertas de linho e adormece na larga paz dos batalhadores anonymos.

« E *elles* — os *coisas* ! — vêm vindo aos dous, aos tres, ás duzias, enchendo a rua com o estrupido de seus passos, com os urros de suas vozerias, estupidos e ebrios. Quedam-se ás portas das mulheres de má morte, dirigem-lhes chalaças como quem atira pedras, espancam-nas, beijam-nas, apalpam-nas e tornam a espancal-as.

« E *ellas* — as tristes ! — por seu turno, chafurdam-se nos atasca-deiros, batem com os pés e com as mãos, salpicando de lama a consciencia desses grandes miseraveis.

« O policial alli está, encostado ao portal de minha casa, fumando um venenoso cigarro de papel pardo, com o estomago em revolução, com o olho frio e material das bestas de carga a contemplar aquillo, placido, rindo a espaços, a comparar talvez a largueza daquella vida airada e revolta com a fatalidade de seu destino, que o fez soldado, que lhe dá um miserrimo salario, que o arranca dentre a mulher e os filhos, que

passam muitos dias sem comer, que vivem n'uma casa immunda, sem ar nem luz.

« Os varredores das ruas, que vêm depois, silenciosos e escuros, levam talvez as almas daquelles desgraçados de envolta com as immundicies.

« Ahi tem V. Ex a traços largos e mui aquém da verdade a exposição de meus tormentos; peço, pois, a V. Ex. se digne ordenar que os varredores se apresentem ás dez horas, para desentulhar a rua desses perversos inimigos de meu somno e de minha pudicicia.

« Da paternal bondade de V. Ex., espero ser deferido nisto que requeiro ».

...

Os empregados do correio da côrte, á frente dos quaes está o presente Sr. F. Pereira da Silva, resolveram organizar entre si uma commissão, com o fim de agenciar donativos para as victimas da secca do norte.

A commissão desde já recebe os favores dos que quizerem auxiliar-a no sacratissimo empenho de minorar os soffrimentos e desgraça de que foram presas aquelles infelizes.

Applaudindo e louvando a nobre resolução do Sr. F. P. da Silva e seus dignos companheiros, fazemos um appello á provada caridade dos habitantes desta cidade.

...

O mundo anda ás avessas !

Dantes eram as gallinhas roubadas pelos gatunos; hoje são os gatunos roubados pelas gallinhas.

E si não, leiam a seguinte noticia, inserta na *Gazeta* de quinta-feira passada :

« Nada menos de 14 gallinhas furtaram os larapios da casa n. 72 da rua das Flôres. »

Que *ladrões de gallinhas* !

...

A mesma *Gazeta* publicou uma poesia inedita de Bruno Seabra.

É serviço de que lhe serão gratos os apreciadores do originalissimo poeta brasileiro.

*
* *

A actriz Julia Camara (Conhecem? Nem eu...) protestou contra a empreza do theatro S. Pedro, por ter publicado o seu nome no programma de um espectáculo, dizendo que era isso illudir o publico.

Damos toda a razão á celebre actriz.

Si não figurasse o seu nome naquelle programma, ninguem iria a tal theatro.

A eminente artista é um chamariz.

*
* *

Um marido, aborrecido das inefaveis delicias de seu lar domestico, mandou-nos a seguinte quadra, para as *Filagranas* :

Anda o homem de um lado para outro
e a mulher desta para aquella banda ;
elle anda em busca de ajunctar uns cobres ;
ella á procura de gastal-os anda.

*
* *

Um solteirão, que estava a nosso lado, quando recebemos essa quadrinha, escreveu o seguinte :

O solteiro é como o cego,
dizia um sabio profundo,
como cego de um só olho :
só vê metade do mundo.

Entendam-os !

Infelizmente não havia a nosso lado nenhum viuvo, que houvesse por bem desabañar tambem.

*
* *

Já estavam promptas estas *Filagranas*.

Levamol-as a nosso amavel editor, que as leu e exclamou :

— O' sr X Y Z, mande mentiras !

Julgavamos que o homem houvesse embirrado com verdades que as ditas *Filagranas* encerram, e dissemos :

— Publique o que ahi está e deixe-se de escrupulos, homem !

Ao que elle retrucou :

— Os typographos não gostam disto.

Nós :

— Mas o que têm os typographos com as sujidades da rua de Jorge e os pequeninos enganos da redacção da *Gazeta de Noticias* ?

Elle, o editor :

— Mas quem lhe falla em rua de S. Jorge e *Gazeta de Noticias*, homem de Deus !

Nós, já um tanto massados :

— Ou eu não entendo, ou o sr. está mettendo as mãos pelos pés. Pois não acaba de pedir que lhes mande *mentiras*?

Elle, o editor, a rir-se (o que lhe acontece poucas vezes) :

— Ora pelo amor de Deus ! O que eu lhe disse é que me mandasse as *Filagranas* em tiras.

— Ah ! mande-me em tiras !

E rimo-nos, o que nos succede sempre.

De facto, é nosso costume escrever as *Filagranas* em meias folhas de papel.

E não fizemos rir os leitores, o que tambem nos succede sempre.

X. Y. Z

EXPEDIENTE

Recebemos :

PERIODICOS E DIARIOS. — *Reforma, Mosquito, Revista Illustrada, Figaro, Imprensa Industrial, A Republica, Gazeta de Campinas, Diario de Campinas, Diario de S. Paulo, Correio Paulistano, Espirito-Santense, Gazeta do Commercio, Diario de Minas, Correio de Cantagallo, Ipanema, Barreirense, Aurora, Diario do Norte, Jornal do Povo, Rezendense, Itatiaya, Cruz Altense, Commercial, Diario de Pernambuco, Jornal do Recife, Diario de Noticias, Lidador, Progreso Litterario, Echo do Sul, Jornal do Commercio (Porto-Alegre, Pelotas e Alegrete), Mosaico, Ouro Preto, Monarchista, Provincia, America Illustrada, Diabo a quatro, Correio da Tarde, Diario de Sergipe, Jornal do Aracajú e Caldense.*

Agradecemos.

Sr. L. J. — Indeferido.

MATHEMATICA

LXXIV

Dynamica.— Sua equação geral

As questões relativas ao movimento sendo, pelo emprego do principio de d'Alembert, geralmente reduzidas, do modo o mais simples possível, a puras questões de equilibrio, o methodo mais philosophico de tractar a Dynamica racional consiste em combinar este principio com o das velocidades virtuaes, que fornece directamente todas as equações necessarias ao equilibrio de um systema qualquer.

Tal é a combinação imaginada por Lagrange, e tão admiravelmente desenvolvida na sua *Mecanica analytica*, que elevou a sciencia geral da Mecanica abstracta ao mais alto gráu de perfeição que, sob o ponto de vista logico, póde o espirito humano ambicionar, isto é, a uma rigorosa unidade, todas as questões do seu dominio estando d'óra em diante uniformemente ligadas á um unico principio e não apresentando desde então a solução definitiva de um problema qualquer sinão maiores ou menores difficuldades analyticas.

Para estabelecer do modo o mais simples possível a equação geral da Dynamica, imaginemos que todas as forças acceleratrizes do systema pro-

posto tenham sido decompostas parallelamente aos tres eixos coordenados, e sejam X, Y, Z , os grupos de forças correspondentes aos eixos dos x, y, z ; designando por m a massa do systema, deverá haver equilibrio, pelo principio de d'Alembert, entre as quantidades de movimento mX, mY , e mZ , e as quantidades de movimento effectivas, tomadas em sentido contrario, que serão expressas por $-\frac{md^2x}{dt^2}, -\frac{md^2y}{dt^2}$ e $-\frac{md^2z}{dt^2}$, segundo os tres eixos.

Assim, applicando a este conjuncto de forças o principio geral das velocidades virtuaes, tendo cuidado em distinguir as variações relativas aos differentes eixos, obter-se-á a equação :

$$Sm\left(X - \frac{d^2x}{dt^2}\right) \delta x + Sm\left(Y - \frac{d^2y}{dt^2}\right) \delta y + Sm\left(Z - \frac{d^2z}{dt^2}\right) \delta z = 0,$$

que póde ser encarada como encerrando implicitamente todas as equações precisas para a completa determinação das circumstancias relativas ao movimento de um systema qualquer de corpos sollicitados por forças quaesquer.

As equações explicitas deduzir-se-hão, em cada caso, desta equação geral, reduzindo todas as variações ao menor numero possivel, pelas condições de ligação, que caracterizam o systema proposto, o que fornecerá tantas equações distinctas quantas variações realmente independentes ficarem.

Afim de fazer sobresahir toda a fecundidade dessa equação, e mostrar que ella abrange rigorosamente toda a Dynamica, convem observar que poder-se-ia della deduzir, como um simples caso particular, a theoria do movimento curvilineo de uma molecula isolada.

Com effeito, é evidente que, si todas as forças continuas propostas actuarem sobre uma unica molecula, a massa m desaparecerá da equação geral, a qual, distinguindo o movimento virtual relativo a cada eixo, fornece immediatamente as tres equações fundamentaes, que convem ao movimento de um ponto.

Mas, embora se deva considerar esta filiação, sem a qual não se comprehenderia toda a extensão real da equação geral da Dynamica, a theoria do movimento de uma molecula não exige verdadeiramente o emprego do principio de d'Alembert, que se destina essencialmente ao estudo dynamico dos systemas de corpos.

Esta primeira theoria sendo mui simples por si mesma, e resultando immediatamente das leis fundamentaes do movimento, é indispensavel apresental-a primeiramente isolada, para tornar mais claras as importantes noções geraes a que dá origem; embora devamos, no intuito de attingir uma coordenação mais perfeita, acabar por fazel-a entrar na equação invariavel, que comprehende todas as theorias dynamicas possiveis.

Seria sahir dos limites de simples considerações philosophicas, si indicassemos alguma applicação especial da precedente equação geral a solução effectiva de um problema dynamico qualquer.

Lembraremos, todavia, como uma concepção verdadeiramente relativa ao *methodo* mais do que á *sciencia*, a distincção necessaria entre os movimentos de *translação* e os movimentos de *rotação*.

Para estudar convenientemente o movimento de um systema qualquer, cumpre, com effeito, consideral-o como composto de uma translação commum a todas as suas partes, e de uma rotação propria a cada um de seus pontos em torno de um certo eixo constante ou variavel.

Por motivos de simplificação analytica, os geometras consideram sempre de preferencia o movimento de rotação de um systema qualquer relativamente ao seu centro de gravidade, isto é, ao seu centro das distancias médias, que apresenta, sob este ponto de vista, propriedades geraes muito notaveis, cuja descoberta é devida a Euler.

Desde então a analyse completa do movimento de um system animado de forças quaesquer consiste essencialmente : 1º, em determinar a cada instante a velocidade do centro de gravidade e a direcção em que elle se move, o que basta para fazer conhecer tudo quanto diz respeito á translação do systema ; 2º, em determinar egualmente a cada instante a direcção do eixo instantaneo de rotação de cada parte do systema em torno deste eixo.

E' claro, com effeito, que todas as circumstancias secundarias do movimento poderão ser deduzidas, em cada caso, destas duas determinações principaes.

(Continúa)

A INERCIA

(PHYSICA GERAL)

Como se sabe, estuda a Physica a materia e suas propriedades : uma destas propriedades, a inercia, é o assumpto do presente artigo.

Que *todo o corpo inanimado não póde por si mesmo passar do estado de repouso para o de movimento* foi um dos primeiros resultados obtidos á sciencia, desde o principio de sua formação, pela observação directa dos phenomenos naturaes.

Com effeito, ninguém jamais viu uma pedra ou outra substancia qualquer transportar-se, por si, de uma posição para outra. E' claro, portanto, que a acção de um agente exterior qualquer, de uma força, como se diz, faz-se precisa para que do estado de repouso possa um corpo passar para o de movimento : eis uma primeira consequencia deduzida immediatamente daquelle resultado da observação natural.

Outra consequencia é que um corpo uma vez em movimento não póde augmental-o por si mesmo ; porque então poderia elle crear movimento e não seria incapaz, como acabamos de ver, de passar, independentemente de influencia externa, do repouso ao movimento : esta segunda consequencia logica comprova-na os effeitos familiares, que observamos quotidianamente em derredor de nós.

Outra consequencia ainda vem a ser, que é um corpo incapaz de diminuir o movimento que lhe haja communicado um agente qualquer. Os factos parecem aqui mostrar exactamente o contrario, pois a mór parte

dos movimentos que o observamos, ou cuja realisação provocamos, vão todos pouco a pouco diminuindo até que acabam afinal, se não é renovada a acção da força que os produziu.

Atire-se uma bola ou faça-se girar uma roda que ellas pararão em um tempo maior ou menor, mas sempre diminuto. Esta diminuição de movimento até sua extincção total era attribuida pelos antigos á acção do proprio corpo em movimento; e dahi sua crença em que a materia *tinha mais tendencia ao repouso do que ao movimento*: elles comparavam-na assim a uma pessoa preguiçosa. Tal a origem da denominação *inercia* e hoje ainda, de um individuo sem iniciativa, que nada faz por si mesmo, se costuma dizer « *é uma massa inerme.* »

Mais attento exame, porém, veio mostrar a existencia de causas exteriores, que em maior ou menor gráo impediam o movimento e que, diminuindo-o assim gradualmente no corpo, obrigavam-no por fim a parar.

Lançai com effeito uma bola sobre uma superficie horisontal; ella parará logo se a superficie fôr aspera, desigual; seu movimento continuará por mais tempo, se fôr a superficie polida; e tanto mais continuará quanto mais polida fôr a superficie.

Um pendulo oscilla no ar: seu movimento mais e mais retardado vem a extinguir-se dentro em pouco tempo; diminue, porém, os effeitos das resistencias, e a oscilação perdurará consideravelmente.

A experiencia completando a observação prova, pois, que quanto menos intensas são as causas de resistencias, ou quanto menores seus effeitos, tanto mais se approxima o movimento de continuar o mesmo, de modo que é permittido affirmar, por inducção, que, se pudussemos desviar completamente todas as causas de resistencia no movimento de um corpo, elle proseguiria sem a minima alteração indefinidamente.

A causa da diminuição gradual do movimento não existe, portanto, no corpo e sim fóra d'elle; e se o corpo, por si, não póde diminuir o movimento, muito menos poderá extinguil-o.

Demais confirma ainda a experiencia, que uma mesma causa, que produz o movimento n'um sentido, póde destruir igual movimento em sentido opposto, e vice-versa que uma mesma causa, que destróe certo movimento n'um sentido, produziria igual movimento em sentido opposto: donde resulta que se um corpo podesse diminuir ou aniquilar seu movimento, poderia igualmente passar, por si só, do repouso ao movimento, o que vai de encontro á observação dos factos.

Assim, pois, *a materia é incapaz não só de passar, por si mesma, do estado de repouso ao de movimento e vice-versa, como tambem de augmentar ou diminuir o movimento recebido.*

E não sómente isso: é tambem incapaz de mudar e direcção de seu movimento: outra consequencia não menos verdadeira que as precedentes.

Com effeito, comprova ainda a experiencia que a causa, que produz uma mudança de direcção no movimento de um corpo, não só, se actuasse neste corpo em repouso, fal-o-ia mover-se, como tambem, se nelle actuasse em movimento, fal-o-ia parar; vindo assim a mudança de direcção pertencer á mesma classe de phenomenos que a mudança de repouso ao mo-

vimento ou vice-versa ; de sorte que torna-se sempre necessaria a acção de agente externo para que haja mudança de direcção no movimento de um corpo.

Em virtude, portanto, do raciocinio e da observação dos phenomenos naturaes podemos affirmar : que a modificação na velocidade ou na direcção do movimento de um corpo é devida sempre á acção de uma ou mais forças ; que as modificações produzidas não continuam a manifestar-se, desde que cessa a acção das forças, e que um corpo guardaria sua posição fixa no espaço ou teria um movimento rectilíneo e uniforme se nenhuma força nelle actuasse ou se os effeitos das forças que nelle actuassem mutuamente se neutralisassem.

Mais resumidamente *todos os corpos têm natural tendencia a continuarem no mesmo estado em que uma vez se acham, quer seja esse estado o de repouso, quer o de movimento.*

Tal o enunciado da lei conhecida com o nome de *lei de inercia*.

Os corpos organisados não escapam a esta lei : a faculdade automotora dos animaes, providencialmente nelles ligada á sensibilidade, não é inherente á materia ; cessa com a vida, e o movimento espontaneo dos animaes jámais se manifestando na materia, deve ter por causa um principio differente, immaterial.

Fallando da inercia, diz Ed. Bour : « Esta propriedade da materia é uma das que distinguem a alma da materia e demonstam a immaterialidade d'alma, pois que devemos considerar differentes duas substancias quando ellas se nos revelam por phenomenos differentes e contradictorios mesmo. A materia é divisivel, o eu não o é ; demais a materia é inerte, tem necessidade para mover-se de ser influenciada por uma causa externa ; ao passo que a alma possui actividade propria, em virtude da qual decide e obra independentemente de influencia exterior. »

Vejamos agora applicações e exemplos que é o meio mais simples e natural de esclarecer uma noção e melhor fixal-a na memoria.

Tomemos uma carta de jogar ou um cartão de visita : colloquemol-o sobre um dos dedos de uma das mãos e sobre o cartão, por cima do dedo, uma pequena moeda ; com a outra mão por meio do indice ou do dedo medio demos rapido impulso ao cartão ; elle passará por debaixo da moeda e esta ficará sobre o dedo.

Se, igualmente, collocarmos sobre dous copos uma lamina metallica ou uma taboasinha bem lisa e delgada e sobre ella, por cima de cada copo uma moeda, e se impellirmos rapidamente para um dos lados uma das extremidades da taboa ou da lamina, esta escapará por debaixo das duas moedas e ellas cahirão dentro dos copos.

Nos dous casos as moedas tendem a conservar sua velocidade nulla, não havendo tempo sufficiente para ser-lhes vencida a inercia e communicado o movimento.

A differença dos esforços, que exercem os animaes empregados na tracção dos vehiculos, no principio e durante o movimento, é outro exemplo da inercia de repouso : com effeito, no momento da partida, têm elles de vencer, além do attrito do caminho, a tendencia do vehiculo a permanecer no estado de repouso ; uma vez, porém, superada essa tendencia,

communicado o movimento, basta-lhes o esforço preciso para vencer tão sómente o attrito.

Quando sentados ou em pé n'um vehiculo, que do estado de repouso passa bruscamente ao de movimento, somos lançados em sentido contrario ao movimento, isto acontece ainda pela tendencia de nossos corpos a conservarem sua velocidade nulla.

A inercia de movimento se manifesta :

1º na machnia de Atwood, quando dado o movimento vertical dos dous pesos por meio do peso addicional, retirado esse, o movimento se torna sensivelmente uniforme, podendo-se verificar assim a lei de variação da velocidade na quéda dos graves ;

2º na difficuldade que encontramos em parar de repente, quando corremos uma pequena distancia ;

3º em sermos arremessados para diante quando correndo a cavallo, este inopinadamente pára, ou quando, n'um escaler ou n'um bend em movimento, um obstaculo qualquer retarda-os ou fal-os parar subito ;

4º em irem os cavallos, nas corridas, muito além das balizas, não obedecendo promptamente aos cavalleiros, etc.

E' ainda a inercia de movimento que explica porque quando imprudentemente saltamos de um bond em marcha, sem esperar que elle pare, cahimos ou tendemos a cahir na direcção da marcha.

Emquanto a resistencia do sólo destróe o movimento dos pés, conserva o resto de nosso corpo o movimento adquirido.

Afim do neutralisar o effeito da inercia, neste caso, deve-se imprimir ao corpo um movimento em sentido contrario e é o que se faz para não cahir.

Nos circos, quando, estando o cavallo a todo o galope, salta o cavalleiro por cima da corda estendida em sua passagem, elle não faz mais do que imprimir ao corpo um simples movimento vertical, sendo a inercia, que o conduz para o outro lado precisamente na direcção desejada.

Todos conhecem este facto em que é posta em jogo a inercia : quando se trata de saltar um fosso de certa largura, tomamos primeiro a carreira afim de augmentar com o movimento adquirido nosso impulso muscular.

Na caçada da lebre, ella desviando-se opportuna e dextramente da direcção seguida, obriga ao seu perseguidor perder caminho, enquanto avança na direcção nova; e é assim que frequentemente consegue, inda que menos agil, escapar-se do galgo veloz. A conservação do movimento do galgo em cada direcção successiva deve ella a conservação propria.

Uma bala de fuzil animada de grande velocidade atravessa uma porta sem movel-a e produz simplesmente um furo no vidro de uma janella : são ainda exemplos de inercia de facil explicação.

Nas machinas é a inercia utilizada não só para accumulção de força armazenando, por assim dizer, em certos órgãos, o movimento produzido, como tambem para regularisação do movimento, actuando como potencia quando a força motriz diminue, e como resistencia quando ella augmenta.

E ainda ella utilizada na flecha do indio, no martello do ferreiro, na foice dos segadores, etc.

Nas vias ferreas, quando a locomotiva se detem bruscamente, é em virtude della que, tendendo os vagões a conservar o movimento communicado, chocam-se e produzem desencarrilhamentos e outros graves accidentes.

E' porém nos céos que se ostenta a mais decisiva e magestosa prova dessa tendencia natural dos corpos a conservarem sua velocidade. Com effeito, os corpos celestes, descrevendo suas orbitas com maravilhosa ordem e regularidade, e conservando sem modificação sensivel seu movimento, como prova a confrontação das mais recentes com as mais antigas observações astronomicas, constituem a mais grandiosa e sublime manifestação da lei da inercia.

Ligamos agora a esta palavra um sentido definido : ella significa para nós completa indiferença da materia para qualquer dos dous estados —repouso e movimento ; falta de capacidade em si mesma para passar de um para outro desses estados ; necessidade de uma força para passagem ou para qualquer augmento ou diminuição do movimento adquirido, necessidade finalmente de ser seu estado ou o de repouso ou o de movimento uniforme e rectilíneo, se nenhuma força lhe é applicada.

Os exemplos são sobremaneira aptos para facilitar a comprehensão de uma noção qualquer e melhor imprimil-a no espirito. Cumpre, porém, não perder de vista que são elles *casos particulares* e que devemos remontar sempre ao principio do qual são manifestações, habituando-nos deste modo á generalisação indispensavel na sciencia.

E o valor da lei só póde ser cabalmente reconhecido, quando se tem avançado no estudo da Physica geral e especialmente daquelle de seus ramos que tem por objecto o movimento.

A Physica ensina que não ha manifestação de phenomeno algum sem movimento ; ora, sabemos já que o corpo não póde mover-se por si, que para isso é necessaria acção externa ; segue-se , pois, que a materia é incapaz de mudar seu estado, suas qualidades, seu modo de ser, e que ha exercicio constante de forças na natureza, visto como transformações innumeras se realizam continuamente em seu seio.

Para o physico, movimento ou tendencia ao movimento importa força, força de movimento, força activa, força viva ou força de tensão, de posição, potencial : á conservação de movimento se prende a idéa de conservação de força, conservação de energia, constancia de força, persistencia da força, como quer que se denomine.

No mundo moral encontrará cada um lindos similes destes factos ; por exemplo : o que se chama força de habito, a persistencia de nossas primeiras idéas, e sua constante influencia sobre e durante nossa existencia inteira, donde resulta ser a educação a cousa mais seria da vida, quer individual quer collectiva, e, portanto, o ponto objectivo capital a que devem tender os desvelos da familia e a solicitude das nações ; — a ligação entre a lei do progresso e a grande lei do trabalho, etc., etc.

Temos procurado mostrar em que consiste a propriedade da materia, chamada *inercia*, e a consequente lei natural que rege invariavelmente todos os phenomenos que se passam á nossa vista.

Vamos terminar mencionando o nome do illustre philosopho que

primeiro desvendou á sciencia tão importante lei, do grande astrónomo, immortal constituidor da Geometria celeste, um dos genios mais entusiastas da criação — o venerando João Keppler.

M. Z. A.

Os agentes physicos nos phenomenos chimicos

Muito claro é que os agentes physicos exercem notavel influencia nos phenomenos chimicos.—O hydrogeno e o oxygeno, corpos que têm entre si extrema affinidade, approximados e deixando de combinarem-se, antes que de permeio se estabeleça uma nova fonte de energia, o calor de uma chamma por exemplo; os mesmos dous corpos combinados constituindo a agua, na proporção de duas vezes o primeiro para uma vez o segundo, e não sendo possivel a decomposição sem que um novo agente — uma corrente electrica passando por elles — a venha operar; são d'entre muitos outros, exemplos frisantes do facto. — Não é por isso nosso fim dar aqui conta destes phenomenos, faceis de serem apreciados por qualquer, ou no laboratorio do chimico, ou na immensa natureza que nos cerca; no presente estudo pretendemos tão sómente encarar a questão pelo lado mais curioso por que se nos apresenta, queremos estudal-a sob o ponto de vista da engenhosa explicação que della dão as theorias modernas tendo por unicas bases os dous principios geraes — atomo e movimento.

A theoria dymnamica, fundada e justificada hoje pela imaginosa hypothese da energia potencial dos átomos, presta-nos, a este respeito, grande auxilio fazendo que a chimica moderna nada mais preveja em suas composições e decomposições do que o exercicio das leis mecanicas nos infinitamente pequenos.

Porque, admittido que seja um corpo, como sabemos, uma quantidade limitada de materia, estabelecido que esta nada mais seja que um conjuncto de molleculas equilibradas, compostas por sua vez de conjunctos de átomos que se equilibram n'um *movimento constante*¹; admittido ainda que impulsões que se propaguem no ether sejam de maravilhoso effeito nos equilibrios e desequilibrios atomicos; a nada mais se reduz o estudo desta questão que a considerações relativas ás applicações da força nas partes infimas da materia.

Começaremos tratando da influencia da luz, que com ser uma das mais importantes é a que se acha melhor estudada.

Ora, a theoria dymnamica considera um raio de luz como uma fila de ondas innumeraveis a se propagarem em uma mesma direcção no ether. Assim pois, si suppuzermos uma mollecula, constituida como acima disse-mos, em posição de poder ser affectada por uma serie de ondulações desta natureza, não é difficil comprehender que a resistencia por ella apresen-

¹ Gaudin em sua « Architecture du monde des atomes » diz ser « ellipsoidal » este movimento.

tada fará passar-se alguma cousa de extraordinario em suas partes constituintes. A principio os átomos reagirão a estas ondas com esforço identico, do principio geral da Mecanica—a acção igual á reacção; depois, porém, o synchronismo que estabelecerão entre si trará a accumulção de impulso sobre impulso, e por fim a desassociação da mollecula pela des-harmonia dos átomos ¹. Por ahi vê-se que, contra o que pareceria á primeira vista, as ondas mais curtas, mais capazes de succederem em menor periodo, são precissmente as que se mostram mais aptas para qualquer acção chimica, ao passo que as mais longas, succedendo-se com a maior intermittencia—não obstante serem reconhecidas como possuindo maior quantidade de força mecanica,—mostram-se inefficazes e impotentes.

Tyndal ² conclue, por isso, que os raios violetas e ultra-violetas—raios chimicos—da luz do sol são mais efficazes que os raios vermelhos e ultra-vermelhos—raios mecanicos,—visto ser o periodo de recorrença dos primeiros menor que o dos ultimos, e não obstante os raios chimicos, em comparação aos raios mecanicos, possuirem apenas uma energia infinitesimal. Nada ha de admirar, porém, pois que «permitta-se-nos uma comparação grosseira, as grandes vagas mostram-se impotentes na producção de effeitos que se obtêm por uma successão de redesinhas á superficie d'agua.» ³

Tudo depende, pois, do periodo de recorrença. Mas é preciso notar que a direcção do movimento das ondas do raio não deve ser contrario ao de que é eternamente doctado o átomo, pois que assim estabelecer-se-hia pelo maior numero de vezes, o equilibrio entre ambos e o effeito seria nullo :—Forças iguaes e contrarias neutralisam-se.

Com o calor não se dá, de certo, o mesmo; não é elle o resultado de filas de ondulações. O calor é movimento, diz a Physica moderna e nós já tivemos occasião de repetil-o ⁴ mas este movimento, em vez de se propagar em filas, propaga-se antes em camadas em todos os sentidos, ou em *superficies* concentricas, o que facilmente póde-se experimentar aquecendo ou attritando um corpo metallico qualquer. Elle tem pois *energia*, mas a sua energia executa dous trabalhos a um tempo, parte passa como accrescimento de movimento actual molecular para o corpo affectado, parte separa entre si as moleculas contra a força de cohesão.

Balfour Stewart ⁵ cita um exemplo que, pela clareza que traz a este duplo trabalho do calor, não podemos furtar-nos ao desejo de transcrevel-o aqui; diz elle: «Si eu fizer voltar horizontalmente um peso ligado á minha mão por um fio elastico de borracha, a energia por mim dispendida empregar-se-ha de dous modos; em primeiro lugar, communicará uma velocidade ao peso, em segundo, estenderá o fio de borracha em virtude do phenomeno da força centrifuga. Ter-se-ha trabalho em opposição

¹ A theoria da «conservação da energia» fundamenta-nos esta hypothese.

² Tyndall.—«Sur les rayons chimiques et la lumière du ciel.»—Traducção de Moigno.

³ Tyndall.—Obra citada.

⁴ Veja-se o estudo, «Energia potencial dos átomos», que publicamos no supplemento do n. 6 da 1ª série da «Idéa.»

⁵ Balfour Stewart—«La conservation de la energie.»

com a força elastica do fio e gastar-se-ha augmentando o movimento do peso.»

Por ahi póde avaliar-se que a influencia exercerá o calor nos phenomenos chimicos, porque assim como elle entre as moleculas oppõe-se á cohesão, entre os átomos oppor-se-ha á affinidade e conseguindo afastal-os por este modo, torna-se-lhes facil a combinação com outros cujas affinidades sejam maiores.

Sabemos que innumerous corpos gozam de affinidades mui grandes entre si e que não obstante acharem-se muitas vezes em presença não se opera a combinação, ao passo que outros quasi indifferentes conservam-se combinados em altas temperaturas; sabemos tambem que no primeiro caso não se opera a acção chimica por se acharem os átomos de cada um fóra de suas *espheras*¹ de affinidade, e que no segundo tem ella lugar em virtude da maior quantidade de energia que lhes empresta o calor. Por isso é que se entre os átomos, no primeiro caso, introduzirmos este agente e no segundo o eliminarmos, os phenomenos serão inversos.

Sirva-nos ainda de exemplo o hydrogeno recolhido em um provêtte e o calor da chamma nelle introduzida combinando-o com o oxygeno do ar e resultando d'ahi a agua; ou mesmo, a chamma de uma vela stearina produzida pela intervenção do calor entre o oxygeno do ar e o carbono que entra na composição da vela; ou então o oxydo de prata decompondo-se em uma baixa temperatura em virtude da diminuta affinidade entre o oxygeno e a prata.

Em qualquer dos exemplos citados é de facil admissão o duplo trabalho do agente physico.

Tratemos finalmente da influencia da electricidade.

Diz-nos a mecanica que uma percussão é capaz de transformar as ligações de um corpo ou de destruil-as completamente, assim como, que uma mudança de ligações brusca em um systema em movimento occasiona uma perda de força viva, igual á força viva devida ás velocidades perdidas.²

Ora segundo a theoria moderna da electricidade uma faisca póde ser comparada a uma percussão, e por ahi julgamos poder explicar-se as composições e decomposições chimicas por ella produzidas. O éther existente na massa do corpo³ ou é rarefeito ou condensado segundo as exigencias de choque electrico, e os átomos já desligados podem assim ser approximados ou afastados de suas *espheras* de combinação e a força viva ou antes o excesso de energia communicado pela faisca transforma-se em calor ou luz, como se observa no eudiometro.

A corrente electrica póde tambem produzir a composição ou decomposição, tem-se um exemplo na *electrolyse*, mas é muito menos energico que o da faisca seu effeito, e isto póde explicar-se pela perda de força viva

¹ «Ellipsoides,» segundo Gaudin.

² Theorema.

³ O padre Secchi em sua «Unidade das forças physicas» considera a electricidade como o desequilibrio entre o éther existente na massa do corpo e o éther emabnte, isto é, da condensação ou rarefação do éther nas massas dos corpos.

—energia de posição transformada em energia actual—que tem o éther ambiente afim de constituir a corrente.

D'entre todas é a influencia da electricidade a sobre que mais densos véos se estendem ainda, mesmo porque não estão com a mesma sufficiencia estudados os seus phenomenos, comtudo cremos não ser completamente destituido de visos de probabilidade o que deixamos dito.

Junho de 1875.

PEREIRA SIMÕES.

ROSA BRANCA

(Continuação)

O mancebo pegou na mão a Kildare :

— Perdi, Patrick ; perdi o unico bem que possuia no mundo ; de todas as paixões não conservei mais nada, do que esta angustia de que tu me recriminas e sem a qual eu já não viveria !

A estas palavras, levou-o até juncto da liteira, que pouco e pouco se fôra aproximando com lugubre pompa, e abrindo as cortinas della mostrou ao guerreiro Catharina ainda insensivel sob o seu branco véu.

— Vês?—disse elle.—Ella não teve a tua força; duvidou e a duvida matou-a. Ella deixa-me, Patrick, ella deixa-me sem me ter amaldiçoado ou perdoado !

O ancião ficou por momentos anniquilado. Ha soffrimentos semelhantes ás voragens do oceano. Ao cabo de alguns instantes, porém, despertou lord Kildare do seu abatimento e replicou com voz mal firme :

— Ao pé da honra nada vale o amor ; e nesta occasião a menor fraqueza vos avilta. Si lady Catharina se restabelecer, deveis-lhe uma corôa ; si morrer, deveis-lhe o funeral de uma duqueza de York. Um Perkin Warbeck poder-se-ia matar sobre este tumulo ; Ricardo de York não tem esse direito. Vamos ! espada em punho ! Vamos a Exeter provar a vossa origem com a victoria, e o rumor della despertará lady Catharina. Marchemos, meu principe, marchemos !

O destino desta creatura é um dos mais dolorosos que a historia registra : simelha-se aos dias de outomno, cuja manhan se esvae n'um nevoeiro, cujo meio-dia resplandece de subito por uma funda nas nuvens e se extingue quasi logo n'uma nevoa mais escura ou em negra tempestade.

Quanto a Ricardo, o brilho do meio dia já havia cessado. Marchou sobre Exeter e a sua tentativa mallogrou-se. Henrique VII antecipára-o com promessas ou com ameaças. Foram-lhe fechadas as portas, e, á mingua de dinheiro, teve de levantar o cerco da cidade.

Além disso o exercito do rei de Inglaterra aproximava-se ; aquelle exercito, que Henrique VII não se havia dignado levantar contra um inimigo tão desprezivel. Porém o Salomão de Inglaterra desprezava tão pouco Ricardo que acudia com as suas melhores tropas a vedar a passagem á torrente que já corria para Londres.

Ricardo não hesitou em acceitar a batalha. Os dois exercitos encon-

traram-se em Taunton; mas sem esperarem a prova, os soldados de York debandaram ao primeiro som das trombetas.

Foi terrível aquella noite. Em seguida ao perigo começou a vergonha, de modo que Ricardo só conheceu seu infortunio quando se achou em segurança nos matagaes de uma charneca, dominada por um mosteiro em ruínas.

Parando ahi seu cavallo ebrio de cansaço, depôz seu precioso fardo sob o arco mutilado da capella, olhou em torno de si, e ajoelhou juncto de Catharina, tentando aquecer-lhe as mãos com o halito e despertar-lhe o olhar havia tanto tempo adormecido sob as suas palpebras azuladas. O mancebo soluçava: as suas lagrymas amolleceriam as loisas de granito. Elle que havia tantos dias esperava de Catharina o perdão, atterrava-se com a idéa de não poder offerecer-lhe sinão a ignominia e então supplicava ao céu que prolongasse o torpor de sua esposa.

—Não soffre,—murmurou elle;—dorme, ignora, sonha talvez consigo celestes felicidades. Oh! Catharina, deixa esta vida sem recobrades a memoria. Catharina, á ultima vez que me viste amavas-me; a ultima palavra que me disseste era um juramento de amor! Morre, Catharina, morre e volta para juncto de Deus, antes de me accusares ou de te separares de mim.

Julgava elle fallar áquella creatura que, desde a revelação da duqueza de Borgonha, não tinha mechido os olhos nem os labios; mas de repente a estatua levantou-se.

—E então,—disse ella,—para que me fazeis vós esperar pela morte?

—Catharina!—exclamou o mancebo.

E recuou ante aquelle phantasma, cujos accentos lhe incutiam terror.

—Esperava,—continuou ella,—que não me punirieis, forçando-me a viver. Essa morte, minha unica salvação, não m'a posso dar a mim mesma sem crime. Porém vós porque ousaes recusar-m'a?

—Eu?—disse Ricardo,—dar a morte ao unico ente que amo?

Catharina levantou-se mais. Estava quasi de pé, com a mão apoiada no fuste de uma columna, os cabellos soltos, o rosto illuminado pelo clarão da lua.

—Amaes-me,—murmurou ella,—amaes a triste victima de vossas imposturas, a lastimavel companheira de vossos infortunios! Pois não é bastante ter-me tirado á minha familia? não é bastante ter-me inspirado um amor destinado a extinguir-se na ignominia? Resta-vos a esperanza de me conservar em similhante opprobrio!

Ricardo, como si este golpe terrível o ferisse pela primeira vez, apertou as mãos e com voz supplice:

—E' impossivel que Catharina me creia um impostor; Catharina, que tornou a encontrar em mim como eu tornei a encontrar nella todas as nossas alegrias; a minha querida Catharina que não póde suppor que, amando-a eu com uma paixão tão ardente, conservasse no coração outro affecto!

—Enganastes-me,—disse ella,—ainda neste momento.

—Oh! Catharina!—exclamou Ricardo.

—A duqueza renegar-vos-ia si fosseis Ricardo, seu sobrinho, a unica paixão da sua vida?

—A duqueza delira.

—Não delira, está vigilante e queria salvar-me a vida e a honra; que assim o jurou quando me levou á pia do baptismo. Ella falla-me em nome da minha religião, em nome de Nosso Senhor. Como ousareis asseverar o contrario? Que provaes vós?

A seu pesar, Catharina sentiu penetrar-lhe aquelle grito nos mais profundos reconditos do coração.

—Quero acreditar,—disse ella,—que vós mesmo fostes ludibrio dos vossos instigadores; creio que por algum tempo luctasseis contra a impostura com o valor de uma alma que Deus fez leal; mas a ambição, o orgulho dominaram-vos e vós cedestes.

Ricardo batia no peito, donde lhe sahiam soluços abafados.

—Não podieis,—continuou Catharina—caminhar ao vosso alvo sem me arrastardes pela mão ao vosso lado?

(Continúa)

THEATROS

Romance de um moço pobre.— Emilia Adelaide.—Conselho.— *Celebre e celebre.*— S. Pedro, Pedro II e Cassino

A companhia portugueza deu-nos, nestes ultimos dias, cinco dramas dos quaes só dous são novos para o publico fluminense: o *Amor* que se inspirou, na *Dalila* e em outras modernas composições do theatro francez e *La belle au bois dormant*, traduzido com o titulo de *Nobres e Plebeus*; peças escriptas por dous bons dramaturgos do velho mundo: Giacometti e Fœuillet.

Os velhos são: *Romance de um moço pobre*, deste ultimo autor, *As duas orphãs* de d'Ennery, e sobre a qual o chronista já emittiu juizo, quando representado pela sra. Ismenia, e *A dama das camelias*, de Dumas Filho.

Infelizmente, em que pezasse á imperiosa obrigação de o fazer, não podemos assistir á representação de todos esses dramas, e em que é provavel se manifestasse em toda sua pujança o talento da actriz emprezaria; só nos foi dado assistir a um quadro dos *Nobres e Plebeus*, que nem merece ser notado, e á representação inteira do *Romance de um moço pobre*.

Lamentamos a pessima traducção deste bellissimo drama, um dos mais perfeitos da moderna escola.

O tal sr. Annaya póde limpar as mãos á parede!

Entre outras cousas a fazer abrir a bocca ao palurdio mais hospede em regras de grammatica, notamos essa phrase, que textualmente repetimos:

—E' a sra. Larocque quem falla: *Tanto has de fazer que has de obrigar este rapaz a sahir daqui, cujos serviços me tem agradado.*

E quanto gallicismo intoleravel !

A desgraça de semelhante traducção principia pelo titulo : *A vida de um rapaz pobre*....

Si a traducção não está na altura do original, o desempenho esteve na altura da traducção.

Margarida Larocque não é um dos melhores papeis de Emilia Adelaide. Os seus multiplos e consagrados dotes artistiticos não sobressahem nesta como em outras peças. A conhecidissima scena das ruinas, aliás aquella em quem mais se poderá fazer admirar, pareceu-nos falsamente interpretada. A accusação violenta que Margarida fulmina contra Maximo não lhe devera sahir do peito virgem com tanta precipitação. Ella não teve tempo de alimentar em sua alma aquella suspeita horrivel, de formular n'um cerebro na occasião por sensações desencontradas, a referida accusação. Ella não estudou a situação em que se achava : adivinhou-a. Eis o que fez Margarida ; eis o que Margarida não devera fazer.

O sr. Alvaro, á força de gritar, fez-se applaudir freneticamente pelas galerias, onde a *nobre classe* está habituada aos florindos e pereiras de tres gerações para cá. Maximo Odier nos parecia mais um mordomo feito marquez do que um marquez feito mordomo.

O sr. Maggioli e a sra. Gertrudes, aquillo no papel do velho Larocque e esta no da sra. do mesmo nome, andaram discretamente : assim o sr. e a sra. que desempenharam, com bastante sabor comico, os papeis de Germano e da viuva Auby, e cujos nomes não nos occorre de prompto faltando-nos tempo para recorrer ao *Jornal do Commercio*.

O mais... adeus minhas encommendas !

A franqueza é a divisa inabalavel destas ligeiras chronicas ; nol'a releva a gentilissima emprezaria.

Ninguem, mais do que a *Revista do Rio de Janeiro* admira o bello talento de que é dotado, e disso prova cabal deu ella em seu ultimo numero, transcrevendo para suas columnas o encomiastico artigo do sr. Gervasio Lobato, que os leitores viram.

Mas por isso mesmo que lhe prezamos o talento, que a distincta actriz se esforce em cultivar pelo estudo consciencioso e nobre, permita-nos um modestissimo conselho :

Mande riscar do programma de seus espectaculos aquelle adjectivo que precede sempre o seu nome : Emilia Adelaide não é celebre : ser conhecida em Portugal e no Brazil, em dois paizes não se falla uma só lingua, não é ser celebre.

E si elogio em bocca propria é vituperio, na phrase popular, o que será si esse elogio não fôr verdadeiro ?

Si Emilia Adelaide é celebre, Adelaide Ristori, Frederico Lemaitre, Dejazet, Salvine, Talma, Rossi, Rachel o que serão ?

Perguntae... Aonde ? onde quer que seja : em Cuba, em Washington, em Paris, em Buenos-Ayres, em Pekim, em Guaratinguetá... perguntae quem é Ristori ; todos dir-vos-hão quem é.

Perguntae, porém, naquellas mesmas paragens, quem é Emilia Adelaide, e ninguem saberá responder-vos...

Ou, então, ha *celebre* e celebre ; cremos, porém, que a só celebre, de *colo*, venerar, e *vir*, homem.

Não admira que a distincta (*distincta c'est le mot*) actriz se intitule celebre, quando um celebre Antonio Pedro, que por cá moirejou com tres typos dentro da malla, e de quem já se não ouve fallar-se intitulava tambem.

Ignoramos que haja celebridade em Portugal e no Brazil... si as houver, não sabemos quaes sejam, ou possam ser.

Si ser conhecido aqui e lá é ter adquirido direito á cognominação de *celebre*, o autor destas linhas, daqui a dois dias, o será, si o já não é.

— No S. Luiz está em scena *O tumulto da Virgem*, de Theodoro Barrière, um dos melhores autores dramaticos de França.

Ainda não assistimos á representação desta peça, que foi representada pela primeira vez em benefício da sra. Aurora de Freitas, *celebrité portugaise*.

— No S. Pedro ensaiam-se diversas peças de aparato e o aparato de diversas peças.

— Para o Cassino vae o sr. Furtado Coelho intercalar a parodia com a alta comedia; o jaquetão de ganga com a casaca de aba; a luva de peliça com a luva de algodão, etc.; mas no fim, dá certo.

— Os occarinistas continuam a arrancar no Pedro II (theatro) espontaneos, explosivos, e expressivos applausos.

ELOY, o heróe.

POESIAS

O carrasco

SOBRE A PENA DE MORTE

Ao Dr. Antonio Figueira—Legista

Le borreau, c'est l'executeur !
H. STUPUY, *L'Anarchie morale*.

Existe ; está na lei ; é a pena humanicida,
do galé sae o algoz, da jaula sae a hyena.
E' um monstro : ainda está na servidão da pena
e cae na servidão do crime fraticida.

E' frio, é calmo, é atroz — a fronte deprimida,
embotada a consciencia, olhar de trige. Acena
com alegria feroz ao ver sangue. Ordena
a lei que elle « execute » e elle arranca a vida.

Depois... volta da forca, odiando a sociedade,
que o obriga a matar sem responsabilidade,
e o traz inda em prisão por outro crime igual.

E a fêra tem razão ; não ha mesmo equidade ;
— si mata impunemente, a lei é crueldade,
prendel-o por ter morto : — a lei é mais brutal.

S. Paulo, 1877

GENERINO DOS SANTOS

O pó de arroz

A'S BRASILEIRAS

Entre as pomadas, que a nação franceza
nas mãos do mundo pôz,
mais superflua não ha nem mais burgueza
de que o tal pó de arroz.

O' filhas do Brasil, que da beldade
apaniguadas sois,
do vosso toucador, por caridade,
bani o pó de arroz !

Bani p'ra longe o perfumoso pó,
da mocidade algoz !
A natureza ! a natureza só !
E fóra o pó de arroz !

Mas nesta terra qua á franceza imita
andam os carros aos bois :
até mesmo a *né-né* mais pequenita
usa o tal pó de arroz !

A ELLA

E tu, em cuja face duas rosas
com mão de mestra a natureza pôz,
deixa que tire das maçans formosas
as camadas, que têm, de pó de arroz.

Lembras-te da tarde em que me achaste
a scismar no jardim ? — Junctos os dous,
— *eu te amo* — te disse, e não coraste...
Mas por causa de que ? Do pó de arroz !

A fronte reclinaste no meu seio...
e vieste p'ra casa... Eu vim depois.
O teu rosto de um lado limpo veio,
e eu trazia no peito o pó de arroz.

Lembras-te ? Os beijos a *maman* mordeu,
e o *papá*... nem eu sei no que suppoz !
Eu passado fiquei, a pezar meu...
Mas por causa de que ? Do pó de arroz !

ÁS BRASILEIRAS

Aquelle caso ouvistes ? Assim pois,
bani para bem longe o pó de arroz !

1874

ARTHUR AZEVEDO

EXPEDIENTE

Recebemos as publicações :

MADEIRA OU OS ESCRAVOS DA METROPOLE, drama em 4 actos, por L. C. Silva Lisbôa. — O auctor, em uma *simples nota*, pede para o seu trabalho não só benevolencia como *conforto*; e diz que, não obstante o necessario cuidado, sahiu com muitos erros typographicos.

Console-se comnosco o sr. Silva Lisbôa, que estamos envergonhados pelo modo porque fomos tractados pelos srs. compositores no ultimo numero desta *Revista*.

O drama de que se tracta é politico e, em nosso conceito, devia conservar-se por mais algum tempo na pasta do auctor.

E' pouco honroso fazer lembradas as dissensões havidas outr'ora entre portuguezes e brasileiros, hoje completamente confraternisados pelos costumes, pela familia, pela religião e pela linguagem.

PERIODICOS E DIARIOS. — *Reforma, Mosquito, Revista Illustrada, Figaro, Gazeta de Campinas, Diario de Campinas, Diario de S. Paulo, Correio Paulistano, Espirito-Santense, Gazeta do Commercio, Diario de Minas, Correio de Cantagallo, Ipanema, Barreirense, Aurora, Diario do Norte, Jornal do Povo, Rezendense, Itatiaya, Cruz Altense, Commercial, Diario de Pernambuco, Jornal do Recife, Diario de Noticias, Lidador, Progresso Litterario, Echo do Sul, Jornal do Commercio (Porto-Alegre, Pelotas e Alegrete), Mosaico Ouro Pretano, Monarchista, Provincia, America Illustrada, Diabo a quatro, Correio da Tarde, Diario de Sergipe, Jornal do Aracajú, Caldense, Diario de Sergipe e A Verdade.*

Agradecemos.

Sr. P. R. — Ainda desta vez não podemos abrir espaço em nossas columnas para seus versos.

MATHEMATICA

LXXV

Mecanica.—Considerações geraes sobre a Hydrodynamica

A equação geral da dynamica é, por sua natureza, tão directamente applicavel ao movimento dos fluidos como ao dos solidos, com tanto que se tomem na devida consideração as condicções caracteristicas do estado fluido, quer liquido, quer gazoso.

Assim d'Alembert, depois de haver descoberto o principio fundamental que lhe permittiu, attentos os progressos da statica, tractar em seu conjuncto a dynamica de um systema qualquer, immediatamente applicou-o ao estabelecimento das equações geraes do movimento dos fluidos, inteiramente desconhecida até então.

Estas equações se obtêm, sobretudo, com extrema facilidade, pelo principio das velocidades virtuaes, tal qual é expresso pela equação geral da dynamica.

Esta parte da sciencia nada deixa, pois, que desejar sob o ponto de vista concreto, e não apresenta mais sinão difficuldades puramente analyticas, relativas á integração das equações das differenças parciaes a que se chega.

Cumprê, porém, reconhecer que esta integração geral, offerecendo até o presente obstaculos insuperaveis, os conhecimentos effectivos que se pôdem tirar desta theoria são ainda extremamente imperfeitos, mesmo nos casos mais simples; o que parecer-nos-á, sem duvida, inevitavel, considerando a grande complicação que já reconhecemos, a este respeito, nas questões de pura statica, cuja natureza é entretanto muito menos complexa.

Assim, o problema do escoamento de um liquido pesado por um orificio dado, por mais facil que pareça, não pôde ainda ser resolvido de um modo verdadeiramente satisfactorio.

Afim de simplificar consideravelmente as investigações analyticas de que elle depende, os geometras foram obrigados a adoptar a celebre hypothese, proposta por Daniel Bernouilli, sob o nome de *parallelismo das camadas*, que permite considerar o movimento por camadas em logar de consideral-o molecula por molecula.

Mas esta hypothese, que consiste em considerar cada secção horizontal do liquido, como movendo-se em sua totalidade e tomando o logar da seguinte, está evidentemente em contradicção formal com a realidade em quasi todos os casos, excepto n'um pequeno numero de circumstancias escolhidas por assim dizer expressamente, por causa dos movimentos lateraes de que uma tal hypothese faz completa abstracção, e cuja existencia sensivel impõe a lei de estudar isoladamente o movimento de cada molecula.

A sciencia geral da Hydrodynamica não pôde, pois, ser ainda encarada, sinão como estando em sua origem, mesmo relativamente aos liquidos, e com mais forte razão quanto aos gazes.

Mas importa reconhecer, de outro lado, que todos os grandes trabalhos, que cumpre realizar sob este ponto de vista, consistem essencialmente nos progressos da Analyse mathematica, as equações fundamentaes do movimento dos fluidos estando irrevogavelmente estabelecidas.

.

Depois de ter considerado sob os seus differentes aspectos principaes o caracter geral do methodo em Mecanica racional, e mostrando como todas as questões do dominio desta sciencia reduzem-se a investigações puramente analyticas, cumpre-nos, para completar o seu exame philoso-

phico, examinar os grandes resultados theoricos obtidos, isto é, as principaes propriedades do equilibrio e do movimento descobertas até o presente pelos geometras.

Estas differentes propriedades foram em sua origem encaradas como outros tantos verdadeiros *principios*, cada um dos quaes era destinado a fornecer a solução de uma certa ordem de novos problemas mecanicos, superiores aos methodos até então conhecidos.

Mas, depois que o conjunto da Mecanica racional assumiu o seu character systematico definitivo, cada um destes antigos *principios* ficou reduzido a um simples *theorema*, mais ou menos geral, resultado necessario das theorias fundamentaes da Statica e da Dynamica abstractas: é unicamente sob este ponto de vista philosophico que consideral-os-hemos, começando pelos que se referem á Statica.

(Continúa)

Da acção e reacção

PHYSICA GERAL

No precedente artigo vimos como da interpretação reflectida dos phenomenos naturaes, nasceu o conhecimento de uma das mais importantes qualidades da materia, a inercia, e sua consequente lei, descoberta por Keppler.

Sobre esta noção repousa toda a mecanica: é o fundamento necessario, sobre que assenta esta sciencia; é sua noção *base*, do mesmo modo que a noção de espaço o é em geometria, a de atomicidade em chimica ou as de riqueza e de valor em economia politica. Por ella, com effeito, fica definida a natureza particular de todo o movimento simples; e determinado seu character proprio, qual vem a ser a uniformidade constante nos dous elementos que o constituem, a saber: a direcção sempre identica a si mesma, a velocidade a mesma sempre, e consequentemente o movimento rectilíneo e uniforme.

Vamos nos occupar agora de uma outra lei não menos geral nem menos importante que a lei de inercia. É a lei denominada de *acção e reacção*, devida a Isaac Newton, que primeiro a enunciou nos seus immortaes *Principios mathematicos de Philosophia natural*.

Como a primeira lei, tem esta seu fundamento nos phenomenos naturaes e é a estes que devemos recorrer para explical-a.

Si prendermos dous cordeis eguaes em um ponto fixo, e nas extremidades livres duas bolsas de argilla ou de uma outra substancia não elastica, ou quasi nesta condicção, de modo que fiquem em contacto e possam oscillar em torno do ponto de suspensão, que será tambem centro de um arco graduado, situado no plano vertical dos cordéis e que as bolas percorram em seu movimento: separando uma dellas e deixando-a descer de um certo numero de gráus ao longo do arco sobre a outra em repouso,

ella tocará a outra com certa velocidade correspondente ao numero de gráus de que tiver descido, e depois do choque mover-se-ão junctas com velocidade commum ; a qual poderá ser medida pelo numero de gráus do arco que percorrerem.

Acharemos que a velocidade commum, no caso de serem as bolas eguaes, se aproxima tanto mais de ser igual á metade da velocidade da primeira bola antes do choque, quanto menores forem os effeitos de resistencia ao movimento ; de sorte que nos é permittido affirmar que, si não houvesse attricto, resistencia do ar, deformação dos corpos, etc., o que tudo impede a transmissão integral do movimento ; si não se dessem em summa os effeitos de resistencia que não se pódem de todo evitar ; suppondo dous corpos esphericos, homogeneos, eguaes, não elasticos *A* e *B*, *B* em repouso e *A* em movimento na direcção *AB*, *A* aproximar-se-á de *B*, encontral-o-ha, e depois do choque seguirão ambos com movimento commum, e a velocidade deste movimento commum será metade da velocidade de *A* antes do choque.

Portanto *A* veio a perder metade de sua velocidade, e *B*, que nenhuma tinha, ganhou exactamente essa mesma metade, isto é, *B* ganhou precisamente tanto movimento quanto perdeu *A*.

Si *B*, cuja massa suppozemos ser igual á de *A*, tivesse massa dupla, a velocidade commum depois do choque se acharia ser um terço da velocidade primitiva de *A*.

Depois do choque *A* teria perdido, pois, dous terços de sua velocidade, e como *B* se compõe de duas massas eguaes egual cada uma á massa de *A*, segue-se que cada uma das duas massas componentes de *B* teria recebido um terço da velocidade de *A*, e assim todo o movimento adquirido por *B* seria exactamente egual ao movimento perdido por *A*.

Qualquer que seja a relação entre as massas dos dous corpos, é sempre o mesmo o resultado final ; será sempre transportado para um delles todo o movimento que houver perdido o outro.

Diz-se então que o movimento de *B* é devido á acção de *A* e que a perda de movimento de *A* é devida á acção em sentido contrario, ou á reacção de *B*, denominando-se reacção a força que um corpo, sujeito á acção da força de outro corpo exerce, sobre este ultimo, na mesma direcção e em sentido opposto.

As palavras — acção e reacção — aqui empregadas, comquanto pareçam importar principio activo existente nos corpos, o que vem de encontro ao principio já estabelecido da inercia, todavia não exprimem sinão o phenomeno ou o effeito que se considerar, e é nesse sentido que lhes deve ser tomada a significação. O que se quer, pois, por ellas exprimir, é tão sómente a transmissão, a translação do movimento de *A* para *B*; e se denomina — acção — no corpo que perde o movimento e — reacção — no que recebe ; acção e reacção sempre egual e opposta uma á outra.

E é necessaria esta egualdade : não podia deixar de dar-se em virtude da inercia, como é facil explicar.

Com effeito, si pelo choque podesse *A* dar a *B* quer mais quer menos movimento do que perde, nem *A* nem *B* seriam mais inertes, pois po-

deriam por si mesmo produzir ou destruir movimento; ou *A* daria a *B* movimento que não possui, e que seria preciso que elle creasse, o que não póde, ou *B* destruiria parte do movimento recebido, o que lhe é igualmente impossivel.

Portanto esta segunda lei confirmando a primeira é ao mesmo tempo sua consequencia logica e necessaria. Assim é que pelo raciocinio demonstrativo podemos, partindo de um conhecimento adquirido pela observação de certos factos, chegar á previsão de outros, cujo conhecimento por sua vez serve de ponto de apoio para a aquisição de novos, o que é uma das grandes vantagens e o caracter proprio das sciencias.

Suppozemos acima, um dos corpos, *B* em repouso. Consideremol-o agora em movimento: *B* movendo-se na mesma direcção e sentido que *A*, mas com velocidade menor.

Necessariamente *A* encontrará *B* e depois do choque continuarão a mover-se junctos com velocidade commum. Este movimento commum das duas massas reunidas depois do choque não póde deixar de ser exactamente igual á somma dos dous movimentos de *A* e *B* antes do choque, porque, como já dissemos, nem *A* nem *B* podem crear ou destruir movimento; portanto, si *V* fôr a velocidade de *A* e *V'* a velocidade de *B* antes do choque, a velocidade commum depois do choque, na hypothese figurada das duas massas eguaes, será metade da somma $V + V'$, porque esta somma distribuir-se-á egualmente pelas duas massas. Si as massas, porém, são deseguaes, designando-as por *M* e *M'*, o producto $m v$ medirá o movimento de *A* antes do choque, assim como $m' v'$ o de *B*: as duas massas depois do choque tendo velocidade commum, será seu movimento medido pelo producto dessa velocidade commum pela somma das massas, e como os dous movimentos antes e depois do choque devem ser eguaes, teremos

$$m v + m' v' = (m + m') v''$$

representando v'' a velocidade commum, cujo valor, portanto, ser-nos-á dado pela formula

$$v'' = \frac{m v + m' v'}{m + m'}$$

Particularisando, se tivermos

$$m, = 10, v, = 9, m' = 5, v' = 6$$

$$v'' = \frac{10 \times 9 + 5 \times 6}{10 + 5} = \frac{120}{15} = 8$$

Oito, pois, será a velocidade commum. *A*, que antes do choque tinha movimento representado por $10 \times 9 = 90$, fica depois do choque com um movimento igual a

$$10 \times 8 = 80$$

e *B*, que antes do choque tinha seu movimento representado por $5 \times 6 = 30$, fica depois d'elle com movimento $5 \times 8 = 40$, tendo assim perdido *A* uma parte de seu movimento igual á $90 - 80 = 10$, quantidade exactamente igual á que foi adquirida por *B*.

Acabamos de vêr que o movimento de um dado corpo depende do producto de dous numeros, o que exprime sua massa e o que exprime sua velocidade: a esse producto da massa pela velocidade se deu o nome

de quantidade de movimento e é facil de ver que para massas eguaes as quantidades de movimento crescem proporcionalmente ás velocidades e vice-versa, para a mesma velocidade são as quantidades de movimento proporcionaes ás massas. Assim um pequenino corpo, por menor que seja sua massa, póde ser posto em movimento com a mesma força que qualquer outro corpo por maior que seja a massa deste; bastando para isso que se dê ao corpo menor uma velocidade que esteja para com a velocidade do maior na mesma proporção da massa do maior para com a do menor.

Um grão de areia, por exemplo, que tivesse massa dez mil vezes menor que a de um projectil de artilheria, terá a mesma quantidade de movimento que o projectil, si fôr animado de velocidade dez mil vezes maior.

E estes dous corpos, si se movessem em sentido opposto e se encontrassem, o movimento de um destruiria o do outro. E' o que nos diz ainda a formula acima, convenientemente modificada para o caso supposto.

Com effeito, as quantidades de movimento sendo de direcções oppostas, devemos trocar o signal de um dos termos do binomio numerador e a formula será :

$$v'' = \frac{mv - mv'}{m + m'}$$

E como neste caso

$$mv = m'v'$$

Segue-se que

$$v'' = 0$$

A massa do grão de areia teria portanto perdido todo seu movimento; este movimento, por elle perdido depois do choque, póde ser supposto transportado para o projectil, que, por sua vez animado de movimento egual na mesma direcção e em sentido opposto, seria reduzido ao repouso.

Neste caso cada corpo teria transportado para o outro todo o movimento que houvesse perdido, e a lei seria ainda verificada.

Suppozemos os corpos destituídos inteiramente de elasticidade. Si em vez de não elasticos fossem os corpos da nossa hypothese dotados de elasticidade, achariamos que as duas massas eguaes teriam depois do choque trocado velocidade entre si.

E' o que se demonstra nos cursos de Physica por uma experiencia das mais simples.

São muitas bolas de marfim do mesmo diametro, suspensas de modo que seus centros fiquem na mesma linha horizontal: levanta-se uma das bolas extremas e deixa-se que ella caia: encontra a bola immediata e communica-lhe sua velocidade; a segunda bola em contacto com a terceira troca com esta velocidade e fica immovel; a terceira troca velocidade com a quarta ficando tambem immovel e assim por diante até a ultima que se desloca e sóbe até quasi a mesma altura, donde se deixou cahir a primeira bóla, descendo depois sobre a penultima da qual recebeu velocidade, e communicando-lh'a por sua vez fica immovel; a penultima troca velocidade com a que se lhe segue, e assim por diante em sentido inverso

até a primeira bola, que de novo se desloca para dar lugar á repetição do phenomeno das oscillações neste pendulo singular, phenomeno que perduraria indefinidamente si as bolas fossem perfeitamente elasticas e nenhuma causa de resistencia prejudicasse o movimento. Os corpos, porém, possuindo em maior ou menor gráu elasticidade, isto é, não sendo inteiramente destituídos della, nem della, completamente dotados, cumpre na pratica attender a isso.

Tomamos o choque para exemplo da lei de reacção, ella rege invariavelmente todo o phenomeno de movimento de qualquer modo que sejam os corpos affectados uns pelos outros, quer por attracção ou repulsão, quer por tensão, pressão, etc. Sempre o movimento recebido por um corpo n'uma direcção dada é acompanhado de uma perda igual e no mesmo sentido ou de igual acquisição em sentido contrario, ou simultaneamente de perda no mesmo sentido e acquisição em sentido contrario, de modo que a somma dos dous effeitos (perda e acquisição) seja precisamente igual ao quantum do movimento recebido.

Dous corpos que se movem um para o outro e se encontram soffrem choque igual ao que receberia cada um delles si, estando em repouso fosse encontrado pelo outro com as forças reunidas de ambos: por exemplo, si o movimento de um fôr 30 e o do outro 90, soffrerá cada um o mesmo choque que soffreria si, estando em repouso, fosse encontrado por um corpo que se movesse para elle com um movimento $90 + 30 = 120$.

Dentro de um escaler não conseguiríamos desvial-o por mais esforços que fizéssemos sobre as bordas, porque a reacção immediata á acção neutralisaria o effeito desta, por lhe ser igual e opposta; para deslocar o escaler é necessario um ponto de apoio exterior que pela reacção restitua o esforço recebido e produza assim o movimento.

A natação é outro facto que confirma a lei, como passamos a expôr.

Todos sabem que o homem para nadar estende para a frente os braços approximando-os, abre-os para os lados e levando-os depois para traz com certa velocidade procura com elles actuar sobre a maior superficie d'agua, ao mesmo tempo que retrahindo os membros inferiores com elles tambem impelle a massa liquida: estas acções exercidas, e que crescem com a superficie e velocidade e se transmittem ao meio fluido, produzem reacção neste e é esta reacção que faz avançar o nadador. E porque ao retrahir seus membros afim de reconduzil-os para a frente procura elle não só dar-lhes minima velocidade, como tambem apresentar minima superficie possivel?

Precisamente porque a reacção sendo igual á acção, reduzida esta ao minimo, ficará tambem aquella reduzida ao minimo e portanto será diminuta a reacção que tende a impellir o nadador para traz, e predominará sempre a que tem sentido proprio para fazer continuar o movimento.

O vôo das aves é outro exemplo ainda, e nelle o mesmo phenomeno se observa. Como suas azas formam na parte inferior uma superficie concava desigual, e ao contrario convexa e lisa na parte superior, como levam ellas maior rapidez quando são abaixadas do que quando são erguidas e como finalmente acham-se estendidas no movimento descen-

dente e escolhidas no movimento ascendente, segue-se que exercem sobre o ar acções mais fortes n'um movimento do que no outro, acções analogas ás do nadador n'agua, e que produzem como naquelle caso reacções maiores n'um sentido do que no outro, o que determina a progressão do movimento.

A attracção que a lua exerce sobre a terra é igual e contraria á que ella recebe do nosso globo, ou a força com que a lua é attrahida pela terra é igual áquella com que reage.

Tractando da acção e reacção chegamos assim naturalmente á força que prende os astros na amplidão do espaço ao laço ingente que mantem a ordem e a harmonia dos mundos, á grande lei da gravitação emfim, devida tambem ao genio de Newton, e que na opinião de Comte, é o resultado mais sublime do conjuncto dos estudos do homem sobre a natureza.

Como se sabe, é sobre essa lei tão simples, conhecida hoje de todos e ensinada até em collegios de instrucção primaria, que se formou a mecanica celeste, até então obscurecida nos turbilhões de Descartes, e é a seu conhecimento que são devidos os importantes progressos da astronomia moderna.

Não faltam exemplos que comprovem esta importante verdade. Assim, si tomarmos um cordel e fixarmos uma de suas extremidades e pucharmos pela outra, a parte fixa reagirá sobre as nossas mãos, e reagirá tanto mais fortemente quanto maior fôr o esforço empregado. A acção será igual e contraria á reacção.

Fixo um iman attrahirá um pedaço de ferro que d'elle aproximarmos suspenso n'um fio, mas si fixarmos o ferro e fôr movel o iman, a reacção do ferro é que agora attrahirá o iman. Si forem moveis ambos, cada um attrahirá o outro com igual intensidade. O mesmo se observa no desenvolvimento das forças animaes, nas attracções e repulsões electricas, etc.

Na marcha dos homens e dos animaes o sólo é repellido e sua reacção é que os impelle para diante.

No salto igualmente imprime-se certa acção contra o sólo, o sólo reage e é esta reacção que transmite ao corpo a velocidade que o eleva. Estas acções e reacções tornam-se por assim dizer visiveis, quando o phenomeno se passa sobre um vehiculo bastante leve collocado sobre um terreno horizontal : move-se então o vehiculo em sentido contrario ao impulso dado ao corpo.

Um homem que cahir de certa altura receberá na quéda um choque, precisamente igual ao que elle houver produzido sobre o sólo.

Voltando, porém, ao principio, assumpto especial desde artigo, diremos que a reacção é tambem denominada por alguns — força de inercia, e no estudo das machinas e das construcções de qualquer genero deve ser ella considerada, assim como que tendo-a em vista que se consegue reduzir o estudo do movimento e equilibrio de um corpo sujeito a ligações, ao estudo do movimento e equilibrio de um corpo no estado de liberdade.

Acrescentaremos ainda que este principio, elemento importantissimo

de ordem natural, não só applica-se ao movimento dos corpos inorganicos e sim tambem parece reger em geral a todo phenomeno de actividade. Influencia das funcções de nutrição e circulação sobre a inervação desta sobre aquellas; acção reciproca da alma e do corpo, da linguagem e do pensamento, dos individuos e das sociedades entre si, etc.

Seja-nos licito ao terminar transcrever as palavras com que já em 1741 exprimia Voltaire á Frederico o Grande este mesmo principio da acção e reacção ou da pressão e contra-pressão, que acabamos de expor.

Songez que les boulets ne vous respectent guère,
Et qu'un plomb, dans un tube entassé par des sots,
Peut casser d'un seul coup la tête d'un héros;
Lorsque, multipliant son poids par sa vitesse,
Il fend l'air qui résiste *et pour, et autant qu'il presse.*

M. Z. A.

THEATROS

(SEM SUMMARIO)

Illms. Exms. Srs. Compositores da *Revista do Rio de Janeiro*. — Durante toda a semana não tive animo de assistir a um unico espectáculo. Mais: não tive animo de sahir á rua, porque, a cada passo, temia ver surgir um leitor qualquer destas malfadadas chronicas e bradar-me, sacudindo o dedo indicador como Armenio Euripedes:

— Eil-o! E' elle, é o proprio, aquelle insensato Eloy, o heróe, escrevinhador de parvoçadas! Elle, que nos anda a impingir gato por lebre, mettendo-nos á cara um desconchavo de idéas e palavras, pretenciosamente disfarçado em chronica de theatros!

Sempre direi aos Exms. Srs. Compositores que, si houvera topado em plena rua e em pleno meio-dia tão violenta apostrophe, iria leval-a a S. S. E. Ex. intacta, fresquinha de desafigos e audacias.

V. V. E. E. ficam responsabilisados pelas *sarças typographicas*, no dizer de Chico, o contador a esmo, mencionadas com as competentes emendas no horroroso quadro, que em seguida apresento, para intelligencia de meus leitores e remorso eterno de VV. EE.:

PAGS.	LINHAS	ERROS	EMENDAS
125	6	inspirou,	<i>inspirou</i>
»	15	e em	<i>em</i>
»	16	manifestasse	<i>manifestasse</i>
»	18	merece ser notado	<i>merece notado</i>
»	22	a	<i>de</i>
»	23	essa	<i>esta</i>
126	9	quem	<i>que</i>
»	9	poderá	<i>podéra</i>
»	13	ocasião por	<i>ocasião perturbado por</i>
»	20	aquillo	<i>aquelle</i>
»	23	Auby	<i>Aubry</i>
»	23	occorre	<i>occorrem</i>
»	27	releva	<i>releve</i>
»	29	dotado	<i>dotada</i>
»	37	não	<i>onde</i>

PAGS.	LINHAS	ERROS	EMENDAS
»	42	Dejaret	<i>Dejazet</i>
»	42	Salvine	<i>Salvini</i>
»	48	a	<i>ha</i>
127	3	fallar-se	<i>fallar, se</i>
»	12	benefício	<i>beneficio</i>
»	14	aparato	<i>apparato</i>
»	14	»	<i>apparato</i>
»	17 e 18	pellica	<i>pellica</i>

Termino, pedindo a V. V. E. E. que d'ora avante sirvam-se de tractar-me com mais consciencia, e componham, em vez de descompôr, minhas já de si imprestaveis resenhas theatraes.

Si me quizerem auxiliar com suas luzes acerca desta ou daquella peça, muito grato serei a VV. EE.; dispenso, porém, toleimas, pois disso ha cá por casa com fartura e, felizmente, com sciencia nossa.

De VV. EE.

Amigo e victima
ELOY, o heróe

FILAGRANAS

Mais uma vez dá ponto o chronista e cede o logar ao *filagranista*.

Tambem, a fallar verdade, nestas semanas, baldas de maior novidade, só *filagranas*.

*
* *

O nosso estimavel amigo sr. José Leão, semi-collaborador desta *Revista*, (dizemos *semi*, porque apenas uma vez lhe deu o prazer de sua visita) atracou-se nas columnas do *Jornal de Commercio* com o sr. Padre João Manoel e tem-lhe dado bordoadas de crear bicho.

O sr. Padre, querendo dizer mal de José Leão, chamou-o de *bohemio*, como a ultima expressão de uma represalia ruim.

Nós defendemos o *bohemio*.

Ignoramos si o sr. José Leão o é: conhecemol-o sempre empregado, bem trajado, de unhas limpas e trazendo estampado no rosto esse todo de beatitude, que nos deixam as noites bem dormidas.

Não é, pois, ao sr. José Leão que defendemos; mas a essa mocidade *bohemia* que escreveu tantos primores que nos ficam e que vão, a pouco e pouco, constituindo o nosso patrimonio litterario.

O proprio sr. José Leão, que está longe de ser *bohemio* como o Varella, já nos deu dois livros, tem um a reclamar a luz da publicidade e jamais (é esse o seu verdadeiro merito) e jamais redigiu a *Nação*, *jornal da tarde*, *traz a lista da loteria*.

Esmurre o sr. Padre seu talentoso comprovinciano, mas poupe a rapaziada pseudo bohemia.

O auctor dos *Miscroscopios* saberá defender-se dos botes de seu coroado contendor.

Si o *carvalho* é o rei dos vegetaes, o *leão* é o rei dos animaes : são ambos da mesma força, aparte o raciocnio, que, si não tem o leão, muito menos o carvalho.

*
* *

O outro dia, achavamo-nos, nós e a nossa luneta, em um *soirée* lá para as bandas do Andarahy, e reparámos que uma gentilissima senhora, sempre que, no redemoinho de uma apaixonada walsa de Strauss, tinha occasião de passar defronte do espelho oval doirado, suspenso por sobre o *divan* placido da sala, lançava-lhe uns olhares vaidosos e inquietos.

Communicámos a nossa observação a um poeta que se achava perto... Foi toda a nossa desgraça ! — Sahe o homem dalli e volta com quatro quadrinhas escriptas em uma folha de sua carteira.

— Leia.

— Já li : está muito bom !

— Pois publique-as !

— Aonde, homem ?

— Nas *Filigranas*; isto está dentro do programma.

— Muito bem, disse eu, visivelmente contrariado, o seu pedido será satisfeito.

E aqui vimos nós, em consideração a um senhor, que apenas conhecemos, publicar quadrinhas de cá-cá-rá-cá, que se parecem tanto com a loura walsante, que as inspirou, como a Phyché da rua do Theatro com o filho do sr. dr. Maximiano Marques de Carvalho.

Nada ! os versos é que não vão sem este rotulo :

PUBLICAÇÃO A PEDIDO

ATÉ WALSANDO...

Quanta vaidade, faceira !
Deliras, bella, deliras ?
No espelho grande da sala
mesmo walsando te miras ?

*
* *

Temes da côr de teu rosto,
ou dar-se-á caso, anjo ou fada,
estejas como Narciso
por ti mesmo enamorada ?

*
* *

Quando passas pelo espelho,
suspiras ; porque suspiras ?
Saudades de tua imagem ?
Menina, por que te miras ?

*
* *

Escuta, não corras, ouve
prudentissimo conselho,
ah ! não divulgues na sala
as confidencias do espelho !

Os versos trazem a data de 26 de maio e vêm assignados por V. da *
(Não confundir com o sr. visconde da Estrella).

*
* *

EPIGRAMMA

Contam que certo francelho,
que vivia a fazer rir,
collocava o seu espelho
na cama (caso inaudito !),
para ver si era bonito,
quando se punha a dormir.

*
* *

No S. Pedro de Alcantara acha-se em ensaios uma peça, tirada do
immortal poema *A Jerusalem libertada*.

Sabendo disto o sr. ..., estudante, perguntou no café Brasil a seu
collega T. de Souza :

— Quem fará o papel de Torquato Tasso ?

E mordeu o bigode, como solicitando applausos de presumido.

*
* *

Um nosso distinctissimo amigo, estudante da Academia de S. Paulo,
acaba de remetter-nos a seguinte carta, que, satisfeitos, publicamos.

Só agora recebemol-a: é *a historia eterna dos nossos correios*, como diz
o padre Cascaes.

Muito prazer dar-nos-á o nosso obsequioso correspondente, si conti-
nuar com a apreciável remessa, que agradecemos.

Eis carta :

« ACADEMIA DE S. PAULO

« Rapazes.—Abriram-se as aulas da Faculdade e installaram-se di-
versos *clubs* e um *circulo* de academicos.

Cada *club* tem seu jornal, cujo titulo basta para designar as
idéas que representa:—*A Republica*, *O Liberal* e *O Constitucional*.

O *Circulo* quiz ser original e anti-vernaculo: não chamou-se *club*,
porque *club* era o republicano e elle quiz evitar esse ponto de contacto.

Não chamaram *Circulo* o jornal, porém chamaram-o *Reacção*; e,
como o nome nada significa, dão-se ao incommodo de declarar-nos que
são catholicos, e como taes, defensores do ultramontanismo.

*
* *

Realisou-se, no principio deste mez, a sessão solemne de installação
do *Circulo* dos estudantes catholicos. O presidente honorario, o sr. Bispo
diocesano, presidiu a sessão.

Os diversos *clubs* e sociedades da Academia, a convite do presidente
circular, enviaram os seus representantes. O *Club* republicano não foi
convidado, e a unica razão foi temerem os catholicos que o orador, o ta-

lento joven Magalhães Castro, dêsse á sua reverendissima o tractamento anti-parlamentar de *cidadão*.

Aberta a sessão, tomaram a palavra cinco oradores do *Circulo* e, do alto do *pulpito*, arremessaram pedradas de injurias sobre a cabeça dos livres pensadores.

O sr. Bispo fallou... um ou outro caroço...

*
* *

A *Republica* é redigida e collaborada, *vox populi*, pelas intelligencias mais robustas da Academia: Lucio de Mendonça, Affonso Celso, Magalhães Castro, Pitta, Carvalho Junior, Prestes, Fontoura Xavier e outros.

O primeiro e o segundo numeros da *Republica* affrontam as iras da critica.

Além dos artigos politicos traçados por pennas habilmente aparadas e de um artigo litterario sobre questões de arte, de Laurindo Pitta, occulto no pseudonymo de Cezar Doria, trazem bellissimos versos e uma *chronica patusca*, assignada por um tal *Zé Academico*, que é, na realidade, patusca.

Zé Academico algumas vezes rima a pilheria; a proposito da fundação do *Circulo Catholico*, sob a protecção dos corações de Maria e de Jesus, arremessou-lhe esta:

Collocaram o *circulo debaixo*
da protecção dos sacros corações
de Maria e Jesus,
talvez p'ra receber (é o que eu acho)
a graça do senhor em injeccões,
em clhysteres de luz!

Já tivemos occasião de apertar particularmente a mão aos redactores da *Republica*, por isso deixamos de fazel-o agora, com o testemunho do publico.

*
* *

A politica e a questão religiosa não absorvem a nossa mocidade academica.

A litteratura e a poesia têm os seus representantes nas pessoas de Carvalho Junior, Pitta, Lucio, Ezequiel Freire, Theophilo Dias, Fontoura Xavier e outros.

Cahiui-me irreflectidamente dos bicos da penna o nome do auctor das *Flores do Campo*.

Ezequiel Freire, por preguiça, deixou de escrever versos. Fal-os de encomenda e só para os amigos.

Vem a ponto esta anedota de Ezequiel:

Os redactores da *Opinião Republicana* abriram um concurso aos vates da Paulicéa: o que apresentasse o melhor soneto da eschola socialista, ganharia um mimoso volume das poesias de François Coppée. Freire, convidado, mandou o seguinte, capeando quatro cartas de jogar, dedicado aos que elle chama *papões* da Monarchia:

PRO REGE DEOQUE

A FONTOURA XAVIER, AFFONSO CELSO, POMPILIO, LUCIO DE MENDONÇA E
GENERINO DOS SANTOS.

Tendes fome canina e ventres universos;
quereis tudo engulir! a Monarchia, o Altar!
Podeis difficilmente, ó typos, saciar
esse appetite atroz que revelaes... em versos.

Vós sois, consoante a Fama, uns sujeitos perversos,
que ingerís ao almoço um rei, outro ao jantar;
e haviéis de — glutões — ainda apóz ceiar
o nosso rei *hebraico* e outros reis diversos!

Andaes constantemente a arrebentar pelouros!
Nada vos satisfaz, patrioticas pestes,
cordeirinhos — no agir, na fanfarrice — touros.

Pois bem: sendo vós cinco, ó traga — reis — estouros,
e *Pedro* um só, tomae; envio-vos mais estes:
— o de espadas, de páus, de copas e de ouros.

★
★ ★

A nova escola poetica, tão arrenegada pelos nossos vovós litteratos,
vae ganhando terreno no Brasil.

Affonso Celso, o bardo melancolico dos *Devaneios*, tem mostrado
que na sua lyra não ha simplesmente a corda *do eu*. Alliou-se aos so-
cialistas e tambem, como elles, sabe rir da sociedade e chorar as misérias
humanas.

Como admiradores do socialismo, saudamos ainda uma vez o talen-
toso joven.

S. Paulo, Maio de 1877. »

★
★ ★

E disse.

X. Y. Z



POESIAS

A flôr da epocha

(A FONTOURA XAVIER)

O teu vulto ideal com vestes roçagantes
encheu-me de clarões a mente deslumbrada ;
eras a visão d'opio, a vaporosa fada,
que em sonhos transformava os bailes deslumbrantes.

Doia-me passar as noites estuantes
a ver-te doudejar na walsa arrebatada,
e voltar para a casa.... a alcova socegada
calava os sonhos meus, ardentes, delirantes !

Mas um dia fallei-te ; armei-me de coragem ;
cançado de seguir de longe a tua imagem
que em borbotões de luz, aerea, me fugia...

Mas oh decepção ! fallando revelaste
ser puro pechisbeque em primoroso engaste,
soberba esculptural, porém... como eras fria !

LINS DE ALBUQUERQUE

A' beira de uma valla

(A ARTHUR BARREIROS)

E's uma féra horrenda e de feição funerea !
A tua fauce sempre ao mundo escancarada
parece-me uma bocca informe, desdentada,
de tanto mastigar os ossos da miseria ! !

Que fazes da legião de vermes deleteria,
gerada da primeira á ultima camada
de corpos pela força enorme concentrada
nessa invisivel mão potente da materia ?...

Mas eu não venho aqui turbar-te o somno eterno,
pedir tua salvação das penas do inferno
ao deus do Vaticano, ó tumulto — Caim !

Eu venho erguer um canto aos grandes miseraveis,
que nesses carcavões immensos, insondaveis,
repousam sem lençol nem bençams em latim.

S. Paulo, 1876

FONTOURA XAVIER

Ideal romantico

(A ARTHUR AZEVEDO)

Ella diz-se estrangeira ; e no entanto
nasceu aqui na nossa capital;
e tem as attracções, a graça, o encanto
de morena roceira, sensual.

Em guerra aberta com a economia,
compra os vestidos seus ao... *bon marché*...
e — como a actriz que 'stá n'ordem do dia —
usa medalha e brincos de *plaquet*.

Caprichosa e frenetica, é custoso
confessar que na loja do Cardoso
comprára as polonezas... — brasileiras.

Gósta de procissões e de retretas ;
e traz constantemente em luvas pretas
as gordas mãos — crivadas de frieiras.

MUCIO TEIXEIRA

No tumulto de uma creança

(A MEU TIO A. J. VICTOR DE MEDEIROS)

Ah ! tu tinhas nos olhos
a luz sufficiente
por desta vida atravessando abrolhos
conduzir-nos, talvez, alma innocente.

O melifluo gorgueio
com que tu alegravas nossos lares,
ó travessa avesinha,
a estação da morte escutar veio ;
e levou-te a cruel a outros ares,
como o inverno a garrula andorinha.

No coração ficou-me a visão doce
dessa graça infantil, que evaporou-se
como o subtil aroma se evapora...

Quem é que esquecer ha de
o dia annunciado nessa aurora ?
Foi mais uma illusão ! Chora, saudade !

1876

J. E. TEIXEIRA DE SOUZA

EXPEDIENTE

Recebemos e agradecemos.

ARTIGOS OFFERECIDOS EM FOLHETO Á CAMARA DOS SRS. DEPUTADOS DO AMAZONAS, por Clementino José Pereira Guimarães.

PERIODICOS E DIARIOS.—*Reforma, Mosquito, Revista Illustrada, Figaro, Imprensa Industrial, Diario de Campinas, Jornal do Povo, Correio de Canatgallo, Jornal, de Valença, Publicador Maranhense, Rezendense, Diario de S Paulo, A Republica, Diario do Norte, Barreirense Itatiaya, Ipanema, Cruz Altense, Jornal do Commercio, (Pelotas, Porto-Alegre e Alegrete), Diario de Noticias, Lidador, Alabama, Diabo a Quatro, Jornal do Recife, Diario de Pernambuco, Provincia, Liberal victoriense, O Tempo, Jornal para todos, Diario de Sergipe, Conservador penedense, Liberal, Conservador, Despertador, Revista Gabrielense, Constituição, Liberal do Pará, Commercio do Amazonas, Correio do Assú, Progresso Litterario, Echo do Sul, Mercantil, Commercial, A voz de missões, Diario de Minas, Monarchista, Theophilo Ottoni, Noticiador, Dezenove de Dezembro, S. Joannense e Provinciano.*

Recebemos tambem, pela primeira vez, o *Constitucional, Leitura do Domingo e Guttemberg*, a quem desejamos todas as prosperidades.

Sr. R. P. — Não tem logar.

MATHEMATICA

LXXVI

Statica.—Theorema de Torricelli

O theorema mais notavel, que foi deduzido das equações geraes do equilibrio, é a celebre propriedade descoberta por Torricelli relativamente ao equilibrio dos corpos pesados.

Consiste ella em que, quando um systema qualquer de corpos pesados está em sua posição de equilibrio, o seu centro de gravidade está necessariamente collocado no ponto mais baixo ou mais alto possivel, comparativamente a todas as posições, que poderia tomar em toda e qualquer outra posição do systema.

Torricelli apresentou primeiramente esta propriedade como immediatamente verificada pelas condições de equilibrio conhecidas de todos os systemas de pesos até então considerados.

Mas as considerações geraes pelas quaes tentou depois demonstral-a

directamente, são realmente pouco satisfactorias, e offerecem um exemplo sensível da necessidade de se desconfiar, nas sciencias mathematicas, de toda idéa cujo character não é perfeitamente preciso, por mais plausível que possa aliás parecer.

Com effeito, o raciocinio de Torricelli consiste em notar que a tendencia natural do peso sendo descer, haverá necessariamente equilibrio, si o centro de gravidade estiver collocado o mais alto possível.

A insufficiencia desta consideração é evidente, pois ella não explica a razão porque ha egualmente equilibrio, quando o centro de gravidade estiver collocado o mais alto possível, e tenderia mesmo a demonstrar que este segundo caso de equilibrio não póde existir; ao passo que, sob o ponto de vista theorico, é elle tão real como o primeiro, embora pela falta de estabilidade, tenhamos raras vezes occasião de observal-o na pratica.

Assim, para escolher um exemplo muito simples, a lei de equilibrio de um pendulo exige que o centro de gravidade do peso esteja collocado na vertical tirada pelo ponto de suspensão, o que offerece uma verificação palpavel do theorema de Torricelli; mas, quando se faz abstracção da estabilidade, é evidente que este centro de gravidade póde estar indifferente acima ou abaixo do ponto de suspensão, pois o equilibrio tem egualmente logar nos dous casos.

A verdadeira demonstração geral do theorema de Torricelli consiste em deduzil-a do principio fundamental das velocidades virtuaes, que a fornece immediatamente com a maior facilidade.

Basta, com effeito, para isso, applicar directamente este principio ao equilibrio de um systema qualquer de corpos pezados, a respeito do qual dá logo a equação: $SPdz = 0$, onde P designa um dos pezos, e z a altura vertical do seu centro de gravidade.

Ora, pela definição geral do centro de gravidade de todo systema de pezos tem-se evidentemente, chamando P o pezo total do systema, e z a ordenada vertical do seu centro de gravidade, a relação $SPdz = Pdz$.

Assim a equação das velocidades virtuaes torna-se, neste caso, $dz=0$; o que, conforme a theoria analytica geral dos maximos e minimos, demonstra immediatamente que a altura vertical do centro de gravidade do systema é então um *maximo* ou um *minimo*, como o indica o theorema de Torricelli.

Esta importante propriedade, independentemente do grande interesse que apresenta sob o ponto de vista physico, póde mesmo ser vantajosamente empregada para facilitar a solução geral de muitos problemas essenciaes de Statica racional, relativamente aos corpos pezados.

Assim, por exemplo, é sufficiente para a completa resolução da celebre questão da *catenaria*, isto é, da figura que toma uma cadeia pezada suspensa a dous pontos fixos, e depois livremente abandonada á influencia exclusiva da gravidade, suppondo-a perfeitamente flexível, e além disso inextensível.

Com effeito, o theorema de Torricelli indicando então que o centro de gravidade deve estar collocado o mais baixo possível, o problema per-

tence immediatamente á theoria geral dos isoperimetros, pois que reduz-se a determinar entre todas as curvas do mesmo contorno, traçadas entre os dous pontos fixos dados, qual é a que goza desta propriedade característica, que a altura vertical do seu centro de gravidade total seja um *minimo*, condição que basta para determinar completamente, com o auxilio do calculo das variações, a equação differencial, e depois a equação finita da curva procurada.

O mesmo acontece em alguns outros problemas interessantes relativos ao equilibrio dos pezos.

(*Continúa*)

MECANICA RACIONAL

EQUAÇÕES GERAES DO EQUILIBRIO

A mecanica racional, eivada até ha pouco tempo de concepções metaphysicas, acha-se hoje constituida, graças á influencia do methodo da philosophia positiva, como sciencia natural, e como tal, tendo ponto de partida na observação e na experiencia.

Reunidos os factos do movimento sob o dominio de leis naturaes, essa sciencia, com o poderoso auxilio do calculo infinitesimal, não é mais do que uma longa deducção dessas leis. Si é verdade que no principio, em virtude do modo metaphysico do espirito humano, as abstracções tomaram o lugar das realidades; si é verdade que, ainda por um resto de influencia desse estado mental e pela embriaguez que produziu a descoberta do calculo das funcções indirectas¹, se quiz applicar este maravilhoso instrumento como meio de demonstração de certos principios fundamentaes²; não é menos verdade que a medida que a philosophia positiva espaneava as sombras, que ainda obscureciam certos pontos da sciencia, o methodo se esclarecia e os factos se apresentavam sob aspectos novos. E, digamol-o de passagem, é esta correspondencia entre a philosophia positiva e a sciencia que constitue a força e a gloria daquella.

Um dos novos aspectos, provocados por essa influencia, teve a sua manifestação no ensino da sciencia, que nos occupa neste momento. Conseguiu-se introduzir nella o maior gráu de unidade, attestado pela *Mecanica Analytica* de Lagrange³; reduzir as questões de estatica a questões de movimento, considerada aquella um caso particular deste; e transformar tambem, graças ao principio de Alembert, as questões de *dynamica* em questões de equilibrio. Não nos accusem, porém, de ana-

¹ Augusto Comte — Curso de Phil. Positiva — 1º vol.

² Vejam-se as demonstrações analyticas do pararellogrammo das forças nas Lições de Mecanica de Navier e no tractado de Collignon.

³ Aug. Comte — Obra citada.

chronismo por considerar effeitos da philosophia positiva factos anteriores á fundação da doutrina por Comte, como sejam a publicação da Mecanica Analytica de Lagrange e á descoberta do principio de Alembert. Si a philosophia positiva, que não é mais do que a generalisação das consequencias do methodo positivo das sciencias, foi só reunida em um corpo de doutrina por Comte, esse methodo existia desde que se observára o primeiro phenomeno e se lhe reconheceu uma lei. Identidade perfeita no methodo.

Como dissemos, o equilibrio ficou considerado um caso particular do movimento, aquelle em que as forças applicadas annullam-se reciprocamente. Primeiramente, no periodo de gestação da estatica, os principios em que se baseava a theoria do equilibrio eram outros. Modernamente Varignon, Lagrange e Poinsoit assentaram-na em bases indestructiveis, fornecendo o primeiro a theoria dos momentos, firmando-a o segundo para sempre no theorema do trabalho virtual e concorrendo o terceiro com a luminosa concepção dos conjugados.

Aqui só tractaremos de fundar as equações de equilibrio pela combinação da theoria dos momentos com as propriedades dos conjugados, reservando para um estudo ulterior o tractar do theorema do trabalho virtual.

As forças applicadas a um solido podem ser reduzidas a uma resultante de translação e a um conjugado resultante. Supponhamos que, dado um systema, as forças sejam reduzidas a uma resultante de translação R e a um conjugado resultante $(P, -P)$. Para o equilibrio subsistir é evidente que, não podendo o effeito de um conjugado contrabalançar o effeito de uma força, torna-se necessario que o conjugado e a força sejam nullos individualmente. E' quanto é necessario e sufficiente para que o solido permaneça em equilibrio.

Chamemos X, Y e Z as componentes da resultante de translação segundo tres eixos coordenados, e x, y e z as coordenadas correntes dos pontos de applicação das forças. E' claro que cada uma destas componentes será egual á somma das forças applicadas ao solido, segundo o mesmo eixo, o que será expresso da seguinte maneira :

$$\begin{aligned} X &= X' + X'' + X''' \text{ etc.} \\ Y &= Y' + Y'' + Y''' \text{ etc.} \\ Z &= Z' + Z'' + Z''' \text{ etc.} \end{aligned} \quad (1)$$

representando por X', X'', X''' ; Y', Y'', Y''' ; e Z', Z'', Z''' , as componentes, segundo os eixos, das forças applicadas.

Para exprimir por meio daquellas equações a condição de equilibrio basta fazer

$$X = 0, Y = 0, Z = 0.$$

Consideremos agora o conjugado resultante. Tem elle para conjugados componentes segundo os eixos :

$$\begin{aligned} L &= (Zx' - Yz') + (Z''y'' - Y''z'') + \dots \\ M &= (X'z' - Z'x') + (X''z'' - Z''x'') + \dots \\ N &= (Y'x' - X'y') + (Y''x'' - X''y'') + \dots \end{aligned} \quad (2)$$

Para termos aqui tambem a condição de equilibrio faremos

$$L = 0, M = 0, N = 0$$

As equações (1) e (2) podem ser escriptas de uma maneira abreviada, representando por um termo a somma de todas as forças componentes e por outro termo a somma de todos as conjugadas componentes: assim teremos:

$$\begin{aligned} SX=0, \quad SY=0, \quad SZ=0; \\ SM=0, \quad SL=0, \quad SN=0. \end{aligned}$$

Examinando mais detidamente estas equações, ver-se-á que as tres primeiras exprimem « que a somma das projecções das forças sobre os tres eixos é nulla, e que as outras tres equações exprimem que a somma dos momentos das forças, em relação aos tres eixos, é também nulla. »

São estas as condições necessárias e sufficientes para que exista o equilibrio, e como se vê, são ellas expressas por seis equações.

Este numero, porém, pôde ser reduzido a um numero menor em certos casos especiaes:

1º Si todas as forças passam pela origem, as equações dos momentos ficando satisfeitas por si mesmas o numero se reduz ás tres restantes.

2º A's tres ultimas equações si as forças dadas, tomadas duas a duas, constituem um systema de conjugados.

3º A's duas equações do primeiro grupo e a uma das do segundo, si as forças todas estão situadas em um dos planos coordenados.

4º A uma das tres primeiras equações e a duas das equações do segundo, si todas as forças são parallelas a um dos eixos coordenados ¹

Procurando agora ver como cada uma das seis equações acima estabelecidas concorre, ou por outra, qual o papel de cada uma dellas no facto do equilibrio, lembremos primeiramente que todo o movimento de um solido pôde ser decomposto em um movimento de translação e em um movimento de rotação, segundo tres eixos quaesquer. De maneira que um grupo de equações representa a ausencia do movimento de rotação segundo os tres eixos e o outro grupo a ausencia do movimento de translação segundo os mesmos eixos. ²

As seis equações, que acabamos de estabelecer, dissemos nós, são necessárias e sufficientes para fornecer o equilibrio, mas é mister accrescentar, o equilibrio dos solidos geometricos ou invariaveis. Em relação a outro qualquer systema material, si estas equações são necessárias, todavia não são sufficientes.

Estendendo as seis equações aos systemas não solidos, chega-se ao theorema seguinte:

« Em todo systema material em equilibrio, a somma algebrica das componentes das forças exteriores, estimadas parallelamente a um mesmo eixo, é igual a zero, e a somma dos momentos das forças exteriores em relação a um eixo é também igual a zero. »

Para verificar o equilibrio de um systema qualquer não invariavel, é necessario procurar que as seis equações fiquem satisfeitas não só no

¹ Collignon.—Tractado de Mecanica Racional, 2º vol.

² Veja-se sobre isto Augusto Comte, obra citada.

conjuncto do systema todo, porém em qualquer de suas partes por mais pequena que ella seja.

E' assim que nos solidos naturaes que, em virtude da elasticidade de que são dotados, se deformam sob a acção de uma força, torna-se necessario, para que o equilibrio tenha logar, que a deformação faça nascer entre as molleculas acções capazes de contrabalançar em cada mollecula o esforço exterior, que ella tem de supportar.

O estabelecimento do equilibrio nos solidos naturaes, em que se tem de attender ás reacções das molleculas regidas pelas forças naturaes, já é, porém, do dominio da mechanica applicada. Mas a ligeira approximação que fizemos bastará para dar idéa da differença que existe entre o methodo das duas mecanicas, racional e applicada. Na primeira abstraimos das forças naturaes e de seus effeitos nos corpos, afim de estabelecer as leis abstractas do movimento do equilibrio, ao passo que na segunda tractamos de applicar esses resultados aos corpos existentes, attendendo ás reacções molleculares que ahi tem logar. Daqui infere-se evidentemente que as questões de mechanica applicada são por sua natureza de uma complexidade maior e portanto de maior difficuldade. E, como succede em toda sciencia de um character mais complexo e difficil, as hypotheses enchem as lacunas das theorias, porém felizmente de uma maneira provisoria, sendo obrigadas a deixarem o campo aos factos de observação e de experiencia a medida que estes apparecem, confirmando ahi como em toda a parte a efficacia do methodo da philosophia positiva.

Rio, 15 de abril

MIGUEL LEMOS



Equação differencial do movimento permanente

O presente estudo comprehenderá a deducção da formula differencial do movimento permanente de uma massa fluida, e sua applicação ao caso do escoamento d'agua por um pequeno orificio, aberto em uma das paredes de um vaso, suppondo-se constante a altura do nivel d'agua sobre o orificio.

Para a deducção desta fórmula admittimos demonstrado o principio da egualdade da transmissão das pressões, e conhecido o theorema das forças vivas, pois que apoiada nestas verdades da physica e da mechanica é que se funda a determinação da equação differencial do movimento permanente. Nem poderia ser de outro modo: demorarmo-nos nellas seria desviar o nosso pensamento do fim a que se propõe.

As equações de equilibrio dos fluidos são fundadas sobre a propriedade que elles têm de transmittir egualmente, e em todos os sentidos, as pressões applicadas em sua superficie; e a de exercer sobre cada elemento de superficie, em torno de um ponto qualquer de sua massa, em virtude de acções moleculares, uma pressão egual em todos os sentidos, e normal ao elemento de superficie sobre a qual ella actúa.

Certos factos, porém indicam que esta ultima propriedade nem sempre tem logar quando o fluido está em movimento ; isto é, certos factos indicam que, quando o fluido está em movimento, a pressão, póde não ser normal ao elemento sobre o qual ella se exerce, nem ser a mesma em todas as direcções em torno do mesmo ponto.

Entretanto na deducção da equação, que vamos estabelecer, supporremos que o fluido goza de uma fluidez perfeita, ou melhor, que não existe viscosidade, e que aquellas propriedades tenham logar.

O movimento da massa fluida, que consideramos reunida na molecula M , é permanente : não é um movimento qualquer.

Suppor o movimento permanente é suppor que, em um ponto qualquer, a pressão é sempre a mesma, e que a velocidade de cada molecula que passa por esse ponto é tambem constante em grandeza e em direcção, de tal sorte que as moleculas percorram a mesma trajectoria de uma maneira identica, quando occuparem uma mesma posição.

Para estabelecermos a equação differencial do movimento permanente, partiremos do Theorema das forças vivas.

E, como se comprehende, sendo sempre possivel referir as circumstancias do movimento a tres eixos coordenados, sejam Ox , Oy e Oz os eixos a que se devem referir o movimento de uma molecula (M) da massa m fluida considerada.

Sejam ainda :

V , a velocidade da molecula.

X , Y , Z , as componentes, segundo os tres eixos, das forças exteriores, referidas á unidade de massa.

dx , dy , dz , as projecções sobre os tres eixos da distancia entre duas posições successivas da molecula, distancia que chamaremos ds ou MM' .

p , pressão para unidade de superficie.

P , componente da pressão total, exercida sobre a massa considerada.

ρ , densidade, que podemos suppor invariavel de um ponto a outro n'um instante dado.

Pelas condições do problema, a força viva da molecula da massa fluida, no caso actual, tem para expressão $\frac{1}{2} m V^2$ (a molecula é considerada como reunindo a massa inteira).

Qual será a variação ?

Sem duvida $mVdV$.

Mas, pelo theorema das forças vivas, a variação da força viva é egual ao excesso do trabalho das forças moventes (forças applicadas) sobre o das resistentes, ou, em outros termos, é egual ao trabalho da resultante de translação de todas as forças.

Portanto, si reunirmos de um lado o trabalho das forças applicadas (forças exteriores), durante o caminho MM' da molecula considerada, e de outro o da pressão total, produzida pelas mesmas, — o excesso destes trabalhos representará aquella variação $mVdV$.

Ora o trabalho das forças exteriores, sendo representado por
 $m (Xdx + Ydy + Zdz)$
 e o da pressão total por
 Pds

temos a equação

$$mVdV = m (Xdx + Ydy + Zdz) - Pds \dots (a)$$

O signal — Pds tem origem na direcção, em que actua o trabalho motor : o primeiro, mantendo a resistencia, bem se vê que manifesta um effeito em sentido contrario ao que produz o trabalho das forças moventes.

Avaliando a intensidade da força P , exercida sobre cada molecula, tendo em vista que p , que é a pressão sobre a unidade de superficie, exprime tambem a pressão exercida sobre cada molecula, chega-se, considerando a acceleração de cada uma das mesmas moleculas, á equação

$$Pds = \frac{P}{m} dp \dots (1)$$

a qual nos dá o valor de Pds , que substituido na equação (a), modifica-a assim :

$$mVdV = m (Xdx + Ydy + Zdz) - \frac{P}{m} dp, \text{ ou}$$

$$VdV = (Xdx + Ydy + Zdz) - \frac{P}{m} dp \dots (b)$$

Ha necessidade da equação (1) que chamaremos de condição. De condição, porque, tractando-se de fluidos, convinha que se exprimisse no termo, que revela a resistencia da pressão, a egualdade de pressão distribuida.

A fórmula (1), dando em resultado a equação (b), faz com que esta equação nos represente a equação differencial do movimento de uma massa fluida, arredando para bem longe a idéa de que possa ella referir-se a solidos.

Consideremos o movimento para uma molecula M : e do modo por que elle se dá na molecula considerada se daria tambem em todas.

Vimos que não se levou em conta o tempo : não ha variação emquanto ao tempo, e sim quanto ás distancias.

Os termos

$$(Xdx + Ydy + Zdz) \text{ e } \frac{1}{P} dp$$

variam só com as distancias, e não com o tempo.

Qual o movimento, em que tudo póde variar com as distancias, porém não com o tempo ?

E' o permanente.

Diz-se que uma massa liquida tem movimento permanente, quando as velocidades das moleculas só dependem de suas coordenadas.

E a equação (b), portanto, que satisfaz a todas as condições expostas, é a equação differencial do movimento permanente de uma massa fluida, suppondo-se a fluidez perfeita.

Por hypothese $Xdx + Ydy + Zdz$ deve ser differencial exacta de uma função T de x , y , e z , ou melhor

$$d. T = Xdx + Ydy + Zdz$$

E isto é preciso para que a differencial $Xdx + Ydy + Zdz$ possa ser integrada.

A mecanica racional ensina que a expressão

$$Xdx + Ydy + Zdz$$

é sempre uma differencial exacta, quando as direcções das forças passam constantemente por pontos fixos, e a intensidade de cada força só é dependente da distancia do ponto fixo ao ponto de applicação da força.

Para o caso de que nos occupamos, supponhamos as forças emanando de centros fixos, de accordo com o que nos ensina a mecanica, e portanto, por termos

$$d. T = Xdx + Ydy + Zdz$$

a equação (b) tornar-se-á

$$VdV = dT - \frac{1}{p} dp \dots (c)$$

Esta fórmula (c) é um outro modo de escrever a equação differencial considerada, deixando ver logo a possibilidade de sua completa integração.

O ultimo termo $-\frac{1}{p} dp$ exprime a condição de transmissão de pressão, a qual nos serviu de base para o estabelecimento da equação differencial.

Quando não se admitte a hypothese da permanencia do movimento a equação deixa de ser integrada immediatamente, pois que as differenciaes dV e dp não são mais da mesma especie, como é necessario para a possibilidade da integração.

ROSA BRANCA

(Continuação)

— Oh ! é de mais, — balbuciou Ricardo. Tendes razão, senhora ; só a morte póde terminar similhante agonia. Suspeitado, odiado por vós, que tenho que invocar sinão a morte ? Ah ! senhora, eu queria morrer nesse campo de batalha, onde a minha fortuna acaba de succumbir, queria cair como homem de coração ; unicamente a vossa lembrança me deu animo para fugir e accrescentar um opprobrio aos meus infortunios. Por vós foi que conservei a vida. Figurava-se-me que tinha uma divida a pagar-vos, julgava dever-vos todo o meu futuro de grandeza e felicidade em troco da vossa amizade. Já vos não devo nada. A minha consciencia diz-me que paguei com excesso. Adeus, senhora ; vivei livre, feliz, eu perdôo-vos ; dá-me direito para isso a minha innocencia e a minha probidade. Um dia talvez vireis trazer-me os vossos pezares e a vossa reparação. Nesse dia voltae aqui ; pois será aqui que o filho de York terminará suas misérias. Adeus.

Ao dizer isto correu a tomar do arçã do seu cavallo a curta espada que nelle se balouçava ao lado de uma hacha de-armas ; porém uma

sombra se interpoz entre a luz e elle, um braço nervoso segurou o seu, uma voz resouo naquella solidão. Ricardo vio-se seguro por um guerreiro cujas armas frias estavam manchadas de nodoas de sangue.

— Patrick!... meu amigo,—murmurou Ricardo.

— Quem falla em morrer?—disse o nobre Kildare.

— Desesperei eu de ti, Ricardo? Recusei-te o meu sangue? Vê como elle corre. Resta-me ainda algum que tambem é teu. Está perdido o teu exercito? Levantar-te-emos outros. Renega-te e insulta-te uma mulher? não te encolerises: perdôa; as apparencias são contra ti e tu não podes exigir dessa menina a confiança de um cavalleiro.

— Kildare,—replicou o principe,—não é Catharina quem duvida: é a Inglaterra, é o mundo; e eu não tenho provas para lhe dar.

— Enganas-te, Ricardo; tens uma que te trago.

O infeliz meneou a cabeça. Catharina, curvada e palpitante, endireitou-se para escutar.

— Sim,— continuou Kildare,— uma prova irrecusavel, invencivel. Póde um amigo duvidar do seu amigo, uma mulher de seu esposo, um filho poderá duvidar de sua mãe; mas nunca uma mãe se engana a respeito de seu filho; nunca acceitará um impostor em vez desse filho tão chorado. Tu tens uma mãe, Ricardo; porque a esqueces? Não é aos teus subditos, não é aos teus amigos, não é a tua mulher que deves perguntar si és realmente Ricardo de York, rei de Inglaterra; é a Izabel Woodville, viuva de Eduardo IV, é a tua mãe... Já deverias ter partido.

— Oh!— exclamou Ricardo, resuscitado por este conselho.— Deus em pessoa fallou pela tua bocca. E' pois verdade que elle me não abandonou!

— Esta empreza não é de homem ordinario,— continuou o velho.— Ir ter com a rainha viuva no retiro inaccessible onde a esconde Henrique VII, desde que se falla de um pretendente á corôa; forçar a entrada do mosteiro de Bermondsey, que é guardado noite e dia por legiões dedicadas ao usurpador, é uma empreza que bastaria por si só para provar uma alma inteiramente real. Mas si se accrescentar que não é possível chegar a Bermondsey sinão depois de um mez de marcha n'um paiz inimigo, por entre exercitos que te procuram; si se reflectir que uma imprudencia, uma fraqueza podem perder-te e a tua morte seria a de um bandido e de um falsario; a esta idéa, Ricardo, eu que te fallo, sinto-me estremecer. Lembra-te que já não temos soldados, nem thesouros e quasi que nem armas; a prudencia ordena áquelles para quem és e foste sempre York, não te deixarem sacrificar a sua sancta causa a chimeras de orgulho, decepções de amor. Olha para acolá: vês a montanha além dos matagaes, por traz da montanha o mar? Por alli é a nossa salvação. Tornamos á Irlanda, retemperamos o valor dos vossos amigos; e eu quando te tiver posto em logar seguro, vou a Bermondsey...

— Bom Patrick, — atalhou Ricardo com um gesto de admiração,— não estragues, com o que tu chamas prudencia, a licção que me déste. Ha perigo, dizes tu, até temeridade em atravessar dous condados, em pas-

sar as linhas de tres exercitos para chegar juncto da rainha viuva. Fizeste-me bem enumerando-me os perigos que vou correr, porque conheço que elles não farão siquer pulsar-me o coração. A rainha Izabel está em Bermondsey: a seus pés está a prova de minha lealdade. Vês tu, Patrick, ainda que tivesse de ir a Bermondsey sobre um sólo de pontas de espadas, no meio de uma atmosphera de chammas, debaixo de um céu desabando com trovões; ainda que a cada passo topasse uma forca, correria a Bermondsey.

(Continúa)

FILAGRANAS

No terceiro numero do *Constitucional*, folha *academica* que se publica em S. Paulo, tivemos a infelicidade de ler um artigo, que termina assim:

« Caligula fez consul um seu cavallo. É justo que de Victor Hugo façam os eleitores de Belleville um senador inamovivel. »

Esse artigo, que se intitula *Estudos historicos*, está assignado pelas iniciaes S. P.

O que quererá dizer S. P? Sem pudor? sucio pedante? sugeito pretencioso? simples pygmeu? sacrilego, profanador?...

Nada disso: quer dizer uma cousa que a decencia manda calar.

Pobre Victor Hugo!

Quem diria que o teu pedestal, que pedradas de gigantes não poderam alluir, desabaria ao sopro pestifero de um s... p... para ahí?!

Pobre Victor Hugo!

★
★ ★

A nossa repartição dos correios é de uma força!...

No dia 1º do corrente, como tinha de sahir, para os portos do Norte, o vapor *Espirito-Santo*, fechando-se as malas á 1 hora da tarde, mandámos, ao meio-dia, deitar na supracitada repartição uma carta para o Maranhão.

Demos ao portador 200 réis para o porte, segundo a tabella em vigor.

Mas, ao voltar, disse-me o homem:

— « A carta não pagou 200 réis.

— « Como assim? Então quanto pagou? Ora, ora, ora é boa!

— « Pagou 1\$120 réis!

Como tiuham de expedir-se, naquelle mesmo dia, mallas para a Europa, vimos logo que o respectivo empregado metterá as mãos pelos pés, isto é, collocára nossa carta na malla da Europa.

Nós, não pelos 920 réis, mas pelo desejo que tínhamos de que a carta não fosse passeiar ao velho mundo, donde, provavelmente, só voltaria depois de encerrada a proxima Exposição Universal, pois era natural que a exhibissem no Trocadero, á laia de certificado da ordem que reina em nossos correios, fomos fallar com o empregado, afim de desmanchar o engano que elle commettera.

★ ★

O precedente periodo está muito longo...

★ ★

De facto, desmanchou-se o engano; a carta cremos que seguirá para o seu destino; não houve duvida, etc.

— Imaginem, porém, os leitores qual foi nosso assombro ao ouvir do empregado estas palavras que nos ficaram gravadas aqui, e donde cremos, de singulares não sahirão jámais: — « Quanto á differença do porte, tenha paciencia, *amigo*: o senhor é que o perde. »

De modo que, si os senhores empregados do correio commetterem cem vezes por dia arrieiradas semelhantes áquella, o que, sendo difficil em outros quaesquer, é facillimo talvez em suas amaveis senhorias, fica o respeitavel, mas pouco respeitado publico, lesado em noventa e tantos mil réis diariamente!

Mas o Thesouro lucrará com isso, e, nesse caso, bemaventurados sejam os senhores dos correios, e viva a patria! e chôva arroz!...

★ ★

Fôra melhor levarmos a carta em mão propria... com passagens do Estado.

★ ★

RECEBO A VÓS...

(*A proposito*)

Cahiu certa vez um mudo
de casar-se na tollice;
o vigario barrigudo,
ao dar-lhe a bençam, lhe disse:
— « Eu recebo: a vós -- repita. » —

Fazendo força inaudita
o mudo (quê f'licidade!)
recobra a voz de repente
e repete, alegremente :
— « Recebo a voz : é verdade ! » —

*
* *

No dia do beneficio da sra. Emilia Adelaide :

LUIZ XVI

(*fechando os olhos e abrindo a bocca*). Póde vir Mirabeau com toda a sua popularidade...

O PONTO

Dedicação...

LUIZ XVI

...com toda a sua população !

(A população de Mirabeau foi asneira e asneira grossa, inventada pelo celebre sr. Maggiolli).

*
* *

N'um *bond* :

—« Que luz ordinaria dá aquelle candieiro ! diz um sujeito.

Retorque o Sr. bacharel***, empregado publico :

—« Tambem não sei porque estes *bonds* não são illuminados a gaz !

*
* *

N'outro *bond* :

Estão quatro pessoas n'um banco de traz ; ha um banco na frente com tres pessoas apenas.

Uma das pessoas do banco de traz levanta-se e diz : — « Vou para aquelle banco, que só tem tres... Aqui estão quatro.

E faz a troca.

*
* *

BIOGRAPHIA INSTANTANEA

(*Priv. s. g. d. g. do Mosquito*)

PEREIRA DA SILVA

(Biographo-instantaneo)

E' doutor em Valença,
e doutor no Alcazar...
Já fez a barba immensa
e um drama.....do Alencar.

*
* *

OUTRA

LOPES TROVÃO

Tem termos delle só. E' muito activo.
Formou-se nos cafés, a palestrar.
De um gallo as fórmulas tem. Folhetim vivo,
não para lêr, mas para conversar.

*
* *

Promettemos aos leitores biographias instantaneas de alguns outros
representantes de nossa litteratura sinha.

X. Y. Z.

POESIAS

* * *

Quando minha visinha Elvira se debruça
no verde peitoril de ferro da sacada,
e a fronte angelical, de amor illuminada,
veneziana má despotica rebuça,
embora eu (velho ardil !) daqui suspire, tussa,
não ergue a c'rola a flôr, não ergue o rosto a fada,
mas canta, em baixa voz, uma gentil balada...
E' ave que pipila, é anjo que soluça...

Um dia, resolute, hão ver ! animo cobro,
contaminando o templo, imploro á deusa abrande
de desejos o mar iroso em que sossobro !

Ai, misero ! debalde o peito meu se expande !
Eu quando a vejo tremo e meu joelho dobro...
Em peito tão pequeno entrar amor tão grande !

ARTHUR AZEVEDO

Carta ao céu

(A AFFONSO CELSO)

O medico fatal da critica moderna,
a manejar insano os ferros da sciencia,
revelando-te nú, aos olhos da experiencia,
aos poucos disseccou-te a fibra mais interna.

Os crentes e os fieis da geração hodierna
talharam novo deus na paz da consciencia ;
e apenas nos ficou da morta Providencia
ó céu ! essa chimera azul e sempiterna.

— E's triste como a voz dos canticos sagrados,
infundes o terror dos reinos devastados,
e o medo tumular dos ermos cemiterios !

Os vagos ideaes da nossa phantasia
não mais se hão de embeber na vastidão sombria,
onde occultaste outr'ora o *quid* dos mysterios !

FONTOURA XAVIER

Receita

(A ELVIRA DE S.)

Chegaram-te, afinal, as affecções galantes ;
tocaram-te depressa as maguas hodiernas :
as flôres que se colhem nos bailes estuantes,
nas diversões modernas.

Passaste muito cedo ao fremito das salas...
Para o que ? Para ouvir as provocantes fallas
de Faustos imbecis !

E trazer nos ouvidos a musica dolente...
Por isso, Elvira, tens a alma assim doente,
ó minha flôr de liz !

Teu mal eis o que é :
Vens sempre para casa ás tres da madrugada
e segues as visões, quasi narcotisada,
que crêa Arsène Houssaye...

Tens só dezeseis annos, ó minha flôr franzina,
e já na tua idade és sceptica de mais ;
mostras na pallidez da face de menina
uns laivos de descrença e tedios ideaes.

Ás vezes debruçada ás téclas do piano,
si a tua mão-primor descança ou preludia,
Elvira, se adivinha em que labor insano
cavalga o pensamento a louca phantasia !

Tenho pena de ti, pallida flôr burgueza !
Em ondas de marasmo a tua gentileza
não quero que chafurdes !

Escuta esta receita, ó fragil creatura:
em antes de dormir, com tua fé mais pura,
do *Apostolo* (jornal) engole a san leitura,
e bebe agua de Lourdes !

LINS DE ALBUQUERQUE

Americana

(A L. PITTA)

Nascestes nas brancas praias
onde o mar suspira e chora,
e na alva areia sonora
brinca de noite o luar ;
o sol que rompe á flôr da agua,
rugando-a em lucidos frisos,
pôz toda a luz em teus risos,
todo o fogo em teu olhar !

Teu labio é botão vermelho
que se abre tumido, ameno,
cheio de humido sereno
que lhe vertêra a manhan ;
jambo que o dia calmoso
partiu fragrante e corado,
— rubro nefrito arrancado
da corôa de Tupan !

O filho dos altos montes,
ai ! quantas vezes sombrio,
te segue o passo erradio,
ó filha dos areiaes !
contando pelos caminhos
teu rasto rapido, incerto,
sem receio de estar perto,
perto — a taba de teus paes !

Muita vez, sem que me vejas,
amigo vento me lança
o aroma de tua trança
côr das azas dos annuns ;
e o meu olhar, que te espreita,
mergulha inteiro perdido
do matiz do teu vestido
entre os plumosos debruns.

Cendy, Cendy, por um beijo
no teu collo arfado, ardente,
eu dera a maça valente
que me confêre o poder,
e a minha aljava sonora
rica de flechas de plumas
brilhantes como as espumas
do mar que te vio nascer !

Dera o meu collar de dentes
de quarenta prisioneiros
e os arcos dos meus guerreiros,
que eu conto por um milhar :
cujas settas, — quando passa,
alguma ave pressurosa
tiram-lhe a penna vistosa,
que mais me soube agradar !

Dera-te mais as ygaras
que das aguas no regaço,
dos remeiros ao compasso,
vão por estranho paiz,
buscar as pedras mais lindas,
de côres mais delicadas
que as tintas enfeitadas
do corpo dos colibris.

Dera-te a rede de pesca
que em finissimos tecidos
prende os peixes, seduzidos
de encantado talisman ;
dera combates e festas...
e si te não basta isto,
trocára Tupan por Christo,
si acaso fôras christan !

Nascestes nas alvas praias,
eu no cimo da montanha,
que o sol no oriente banha
com seu primeiro clarão ;
a mesma aurora, que tinge
o mar com lucidos frisos,
derrama luz nos teus risos
e fogo em meu coração.

S. Paulo, 1877

THEOPHILO DIAS

EXPEDIENTE

Recebemos e agradecemos :

PERIODICOS E DIARIOS.—*Reforma, Mosquito, Revista Illustrada, Figaro, Diario de Campinas, Correio de Canatgallo, Publicador Maranhense, Rezendense, Diario de S Paulo, A Republica, Diario do Norte, Ipanema, Diario de Noticias, Lidador, Alabama, Diabo a Quatro, Jornal do Recife, Diario de Pernambuco, Provincia, O Tempo, Jornal para todos, Diario de Sergipe, Liberal, Conservador, Despertador, Diario de Minas, Monarchista, Theophilo Ottoni, S. Joannense, Provinciano e Mocidade.*

SR. P. M.—Deferido.

MATHEMATICA

LXXVII

Mecanica. — Theorema de Maupertuis

O theorema de Torricelli experimentou uma importante generalisação pelos trabalhos de Maupertuis, que, sob o nome de *lei do repouso*, descobriu uma propriedade do equilibrio de extensão immensa.

A lei de Torricelli applica-se sómente á gravidade terrestre ou gravidade propriamente dicta.

A de Maupertuis, pelo contrario, estende-se a todas as forças attractivas que podem fazer que os corpos de um systema qualquer tendam para centros fixos, ou uns para os outros, segundo uma função qualquer da distancia, independente da direcção, o que comprehende todas as grandes forças naturaes.

Sabe-se que, neste caso, a expressão $Pdp + P'dp' + \text{etc.}$, que fórma o primeiro membro da equação geral das velocidades virtuaes, é sempre uma differencial exacta.

Por conseguinte, o principio das velocidades virtuaes consiste então em que a variação da sua integral é nulla, o que indica evidentemente, pela theoria fundamental dos *maxima* e *minima*, que esta integral $SPdp$ é constantemente, no caso de equilibrio, um *maximum* ou um *minimum*.

E' nisto que consiste a lei de Maupertuis, considerada sob o ponto de vista mais geral, e deduzida assim directamente, com extrema simplicidade, do principio fundamental das velocidades virtuaes, que, como sabemos, deve conter implicitamente todas as propriedades a que póde dar logar a theoria do equilibrio.

O theorema de Maupertuis foi por Lagrange apresentado sob um aspecto mais concreto e mais notavel, ligando-o á noção das *forças vivas*.

Lagrange, considerando que a integral $SPdp$ encarada por Maupertuis é sempre, pela theoria analytica geral do movimento, o complemento da somma das forças vivas do systema a uma certa constante, concluiu que esta somma de forças vivas é um *minimum*, quando a integral precedente é um *maximum*, e reciprocamente.

Por isso, o theorema de Maupertuis póde ser encarado, de um modo mais simples, como consistindo em que a posição de equilibrio de um systema qualquer é sempre aquella em que a somma das forças vivas é um *maximum* ou um *minimum*.

E' evidente que, no caso particular da gravidade terrestre, esta lei, coincide exactamente com a de Torricelli, a força viva sendo então igual, como se sabe, ao producto do peso pela altura vertical do centro de gravidade, a qual deve pois tornar-se necessariamente um *maximum* ou um *minimum*, si houver equilibrio.

Uma outra propriedade geral muito notavel do equilibrio, que póde ser encarada como o complemento indispensavel do theorema de Torricelli e de Maupertuis, é a que consiste na distincção fundamental dos casos de *estabilidade* e de *instabilidade* do equilibrio.

Sabe-se que o equilibrio póde ser *estavel* ou *instavel*, isto é, que o corpo, infinitamente pouco afastado de sua posição de equilibrio, ou tende a voltar a esta posição, e volta, com effeito, depois de um certo numero de oscillações em breve destruidas pela resistencia do meio, os attrictos, etc., ou tende, pelo contrario, a se afastar della cada vez mais, para só parar em outra posição de equilibrio estavel.

O que denominamos physicamente estado de repouso de um corpo não é realmente outra cousa sinão o *equilibrio estavel*, porque o *repouso* abstracto, tal qual os mecanicos o imaginam, quando suppõem um corpo que não seja sollicitado por força alguma, não poderia evidentemente existir na natureza, onde não póde haver sinão equilibrios mais ou menos duraveis.

O equilibrio *instavel*, pelo contrario, constitue o que se costuma chamar propriamente *equilibrio*, que designa sempre um estado mais ou menos passageiro e artificial.

A propriedade geral, que presentemente consideramos, e cuja demonstração completa é devida a Lagrange, consiste em que, n'um systema qualquer, o equilibrio é *estavel* ou *instavel*, segundo fôr um *minimum* ou

um *maximum* a integral encarada por Maupertuis ; ou, conforme fôr um *maximum* ou um *minimum* a *somma* das forças vivas.

Este bello theorema de Mecanica, applicado ao caso mais simples e mais notavel ao do equilibrio dos corpos pesados considerados por Torricelli, mostra então que o systema se acha n'um estado de equilibrio estavel, quando o centro de gravidade está collocado o mais baixo possivel, e n'um estado de equilibrio instavel quando, pelo contrario, o centro de gravidade está collocado o mais alto possivel, o que é facil de verificar directamente para os systemas menos complicados.

Assim, por exemplo, o equilibrio de um pendulo é evidentemente estavel, quando o centro de gravidade do pezo está collocado acima do ponto de suspensão, e instavel, quando está abaixo.

Do mesmo modo, um ellipsoide de revolução, situado n'um plano horisontal, está em equilibrio estavel quando repousa sobre o vertice do seu pequeno eixo, e em equilibrio instavel quando é sobre o vertice do seu grande eixo.

A simples observação teria sem duvida sido bastante para distinguir os dous estados em casos tão simples.

Mas a theoria mais profunda foi necessaria para fazer ver aos geometras que esta distincção fundamental era egualmente applicavel aos systemas mais compostos, mostrando que, quando a integral relativa á *somma* dos momentos virtuaes é um *minimum*, o systema não póde fazer em torno da sua posição de equilibrio sinão oscillações muito pequenas e cuja amplitude é determinada ; ao passo que, si esta integral fôr, pelo contrario, um *maximum*, estas oscillações podem adquirir e adquirem, effectivamente, uma extensão qualquer.

E' aliás inutil advertir que, por sua natureza, estas propriedades tem logar nos fluidos, tanto quanto nos solidos, o que é egualmente caracter de todas as propriedades mecanicas geraes, cujo exame encetamos.

.....
Consideremos agora os theoremas geraes relativos á Dynamica.

Depois que as differentes propriedades principaes do movimento deixaram de ser encaradas como outros tantos *principios*, para serem tidas como simples resultados necessarios das theorias dynamicas fundamentais, o modo mais directo e conveniente de as estabelecer, consiste em apresental-as, seguindo Lagrange, como consequencias immediatas da equação geral da Dynamica. Deve-se collocar, no judicioso dizer de Lagrange, entre as vantagens mais sensiveis deste methodo, a facilidade que offerece para a demonstração destes grandes theoremas de Dynamica em sua maior generalidade, demonstração a que não poderia chegar de outro modo, sinão por considerações indirectas e complicadissimas.

(Continúa)



SCIENCIA POPULAR

VI

Como se movem os wagões

(PONTO N. 1)

Movimento é o deslocamento de um corpo no espaço; ora, para que um corpo se desloque, é preciso que sobre elle actue uma *força*; logo, si os wagões se movem, é porque necessariamente são impellidos.

— Até ahí morreu o Neves!... Concordo com S. S., Sr. Luiz; mas tenho visto muitas vezes, do viaductosinho da Estação de Pedro II, o trem da serra passar urrando como um boi bravo e a mover as rodas sobre os trilhos, como as multiplas pernas de um embuá; e no entanto nem enchergo cavallos, que o puxem, nem velas, que o empurrem. Outro dia disse-me um sугeito de oculos, tinha-me cara de doutor: — é o vapor, homem, que o faz correr.

— Ora, o vapor! Mas que diabo vem a ser o vapor?

Como faz o milagre o vapor?

Nada de azafama; já vosmecê me está interrompendo! Nós iremos por partes; iremos de vagar que é para chegar depressá.

Realmente é o vapor, este poderoso motor da Industria e do Progresso, que empurra, ora doce, ora vertiginosamente, aquella longa fila de carros.

Vejamos, como vosmecê deseja e como eu pretendia fazer, o que vem a ser elle; e, estudando depois seu modo de actuar, vejamos como faz elle o milagre. Mas não me interrompa... Deixe estar, homem, que eu saberei pôr os pontos nos *ii*.

Primeiramente, fique sabendo que um corpo qualquer se póde apresentar debaixo de tres estados: o solido, o liquido e o gazoso. A agua, por exemplo, apresenta-se no estado solido no gēlo; no estado liquido nos rios e fontes; e no estado gazoso na athmosphera, no *vapor*, que é o que desejamos conhecer. Segundamente, saiba vosmecê que o frio faz o corpo gazoso passar para o estado liquido, e este para o estado solido; e que o calor faz o corpo solido passar para o estado liquido, e este para o gazoso. Ora, muito bem; agora, comecemos.

Quando vosmecê colloca uma chaleira cheia de agua no fogo, dahi a pedacinho apparecem no fundo, dentro, umas bolhasinhas, as quaes por serem mais leves que o liquido tendem a ir subindo; mas vão encontrando camadas mais frias e se vão condensando de novo, sem comtudo perder todo calor que traziam do fundo; e isto continuamente. No fim de um certo tempo, toda agua está quente e as bolhasinhas podem então ir a superficie sem se condensar; neste ponto a agua está fervendo; as bolhasinhas correm depressa umas atraz das outras, produzindo um chiado especial pelo seu deslocamento, e chegam em cima arrebantam e somem-se.

— Estas bolhas, que assim se formam e desaparecem, é o que se chama vapor.

— Continuando no fogo a agua, vae pouco a pouco diminuindo até que em certa occasião nada mais resta na chaleira. Ora, no Universo nada se aniquila; a agua consequentemente transformou-se, mudou de estado. Não se vê o vapor, mas a experiencia mostra sua existencia; não se vê, mas sente-se.

Si sobre a bocca da chaleira collocar vosmecê a tampa, e tiral-a depois verá que ella está coberta de bolhasinhas na sua parte inferior; estava mais fria que o interior da chaleira e o vapor, que não se via, trahiou-se condensando. Si vosmecê fechar hermeticamente a chaleira e continuar a aquecê-la, ella arrebentará porque o vapor tem perfeita analogia com os gases, goza da mesma força expansiva, que cresce na razão do calor.

Na locomotiva ou machina, que se vê na frente dos wagões, existe um grande vaso de ferro muito resistente que se chama *caldeira*, e onde de vez em quando se despeja certa quantidade de agua; existe mais um grande buraco chamado *fogão*, onde de quando em quando o machinista colloca fogo e carvão. Assim temos um apparelho proprio para converter a agua em vapor.

Este ao passo que se vae formando vae junctando n'uma especie de chapéu de ferro, que ha por sobre a caldeira, e que se chama *zimbório*; dahi por tubos especiaes chega a duas caixas collocadas de cada lado e que se denominam *gavetas de distribuição*.

Nestas caixas ha dous furos *A* e *B*; um, *A*, communicando com a face inferior, e outro, *B*, com a face superior de um *embolo*, que se move nos *cylindros* dispostos parallelamente de cada lado da machina; e um terceiro furo, *C*, communicando com a atmospherá.

No interior da caixa uma *corrediza*, movida por uma mola ou apparelho conveniente, — ficando no primeiro caso *B* descoberto e no segundo *A* — faz com que *A* e *C*, *B* e *C*, se comuniquem successivamente.

Vejamos agora como se dá o movimento do embolo.

Supponhamos que a *corrediza* faz os furos *B* e *C* se communicarem: *A*, fica descoberto; o vapor, que tem chegado á caixa, penetra por ahi e actuando sobre a face superior do embolo empurra-o até em baixo. A *corrediza* desloca-se, *A* e *C* communicam-se agora, *B* está descoberto, o vapor entra por ahi e actuando na parte inferior do embolo fal-o subir; enquanto que o vapor, que o havia empurrado, foge por *A* para *C* e dahi para a atmospherá pela *chaminé*. E assim successivamente.

Cada um percurso do embolo chama-se uma *zunchadura*.

Pois bem, em cada *zunchadura* o movimento é communicado á roda da locomotiva por uma haste de ferro, ou *biéla*, e pela combinação desta com uma *manivella* é transformado de rectilíneo alternativo em circular continuo. A roda por aparelhos convenientes communica-o ás suas companheiras e a locomotiva começando a mover-se os wagões tambem se movem, porque a ella estão presos por correntes e ganchos.

Eis como se movem os wagões!

Desculpe-me vosmecê, si dei muito trabalho á sua imaginação, fazendo com que mentalmente idéasse o que fui dizendo.

Desculpe-me, porque esta ultima parte do meu artigo necessitava de uma figura ou duas para maior clareza, e si não leva, a culpa não é minha. O Serafim é o homem mais economico que o céu cobre. Eu disse-lhe :

— Anime-se, mande gravar em chumbo ou em madeira mesmo as taes caixinhas.

Elle me respondeu, coçando a ponta do nariz:

— Mas, sr. Luiz, os gravadores são uns trancas ; ora veja si póde arranjar-se mesmo sem as figuras.

— Enfim...

LUIZ

Feitiços

CONTO DE MINHA TERRA

AO ARTHUR AZEVEDO

I

A TIA LUCIANA E A MENINA ANGELA

Ainda hoje quem, achando-se dentro da meia lua formada pelas casinhas da povoação de Beberibe, seguir o caminho á direita, e fôr andando, andando, encontrará lá entre o Calenga e a Ladeira do Giz as paredes negras do pardieiro.

Alli, moraram Luciana e seu marido ; depois, ella só ; e depois ainda ella, a D. Marianna e sua filha Angela,—a joia daquelles arredores, o rosto mais fresco que pela ventura se banhára nas frescas aguas do rio-sinho a que deve o nome e fâma o aprazivel arrabalde do Recife.

Nosso conto passa-se nesta ultima epocha : saltemos por sobre o tempo e transportemo-nos até lá.

Então, os modos tristes e apprehensivos de D. Marianna, companheiros mudos e incessantes de seus dias, denunciavam que não respirára sempre aquella atmospheria de pobreza. E Angela, encarregando-se de levar ás gerações futuras a passada belleza materna, confirmava, pela educação esmerada e maneiras distinctissimas, que nuvens tempestuosas se accumularam um dia no claro horizonte da familia e a tempestade a arremessára até alli.

E foi assim. Houve tempo em que mãe e filha pisavam alcatifas, finas esteiras e achavam-se no meio de mil commodidades. Mas um dia estabeleceu-se o plano inclinado ! — Começaram as desgraças das duas desde que o Sr. Pedro Paulo, chefe da familia, fazendo bancoroto se atirára de uma das pontes do Recife, terminando nas aguas dos rios unifluentes os dias e dissabores, e abrindo em troca uma grande brecha na alegria e bem estar da mulher e filha.

Na epocha em que começa nosso conto só restavam da opulencia

passada muitas saudades a D. Marianna ; Angela, felizmente, podia ao menos agradecer-lhe as prendas, que lograra conseguir, aperfeiçoando seu espirito juvenil e exornando os dotes com que a favorecera a natureza.

Tia Luciana fôra uma antiga escrava de casa. A boa negra, quando lhe chegára a noticia do estado em que jaziam suas *senhoras moças*, fôra de marcha batida ao Recife e, trazendo mãe e filha até o pardieiro, disse-lhes entre lagrymas verdadeiras :

— Minhas senhoras governarão aqui, si não quizerem ver morrer desesperada a sua negra !

No momento em que Luciana as fôra buscar cresciam sobre maneira as perseguições dos credores, lobos esfaimados ; e pesavam sobre as duas as dentadas impudicas do populacho vadio a derramar-lhes o veneno na alma. Assim o pardieiro que, para outros, seria o inferno, era para mãe e filha o céu aberto. As duas acceitaram o generoso offerecimento da negra abraçando-a reconhecidas.

Para o povo beberibense foi aquillo desgraca sobre desgraca. Diziam elles :

— Esse é que foi o erro ; tudo se arranjará ; os homens chegariam a uma concordata ; muito mal avisada andou a D. Marianna quando deu tal passo. Morar com uma feiticeira ! ora, esta não lembra ao Droga !

No entanto D. Marianna no seu tempo fôra um senhora irascivel e por vezes má ; Luciana muito soffrera-lhe os assomos ; todos sabiam disto e ninguem avaliava os bons sentimentos da negra.

— Ora, qual historias ! continuavam elles ; é que esta gente tem labias, ella quer vingar-se, e ha de se vingar. E então a gente não sabe que a cobra quando quer engulir o sapo se põe a namoral-o ?

O povo é assim injusto muitas vezes ; mas aqui estou eu que tambem sou do povo e me levanto a defender a memoria da boa negra.

Poderás imaginar porque ganhára a tia Luciana o epitheto de feiticeira ; esta historia é quasi sempre a mesma.

Foi, primeiramente, porque se casára com um preto da Costa cheio de abusões e magias ; depois, por causa de preconceitos de que era possuida, tregeitos e gatimanhos que fazia ao fallar, e uma certa predilecção para os animaes pretos. Era feiticeira por causa destas exquesitices de seu espirito ignorante.

— Qual, tem todos os indicios ! não ha duvidar. Aquella, quando morrer, vai direitinho para as *areias-gordas*.

— Nada de amidades com ella ! — disse um dia um camponio. Ninguem mais se importou com a verdade ; todos gritaram : — E' feiticeira !

Feiticeira era pela ventura Angela. E era sim ; porque feitiços tinham seus olhos cheios de fogo como o onyx negro, seus olhos rasgados e de cilios avelludados ; feitiços tinham a covinha do queixo, os labios travessos onde moravam sorrisos e flores ; as fórmãs indeleveis ; feitiços tinham o delicado moreno-brasileiro da tez, as ondas dos negros cabellos que lhe occultavam os encantos a resumar dos seios tão lindos ! Quem teria mais feitiços que Angela, quando andava, orgulhosa e mansa como o *fôgo-pagou* ?

Um dia um poeta matuto surprehendendo-a no caminho se fôra a cantar :

Vi o teu rasto na areia
e puz-me a considerar.
Que mysterios tem teu corpo
que teu rasto faz chorar.

Continuemos o conto. Os beberibenses não desconheciam os encantos de Angela e continuavam com seus discursos :

— E esta ! pois não foi ella que deu á mocinha o poder de *encantar*, como a Mãe da Agua, a todos que a olharem. E todo mundo não sabe que lá pela noite velha vem das bandas da Miruera a negra, montada n'uma porca preta e tendo por acompanhamento um bando de morcegos, corujas e borboletas escuras ?

— E quem não vio ainda as esbarradas damnadas, que ella dá de frente do cruzeiro ?

E assim continuavam elles embalando-se nas azas de sua fecunda imaginação. A negra era que pagava as favas. Ninguém, a não serem estranhos ao povoado e suas crenças, prestava preito á belleza peregrina de Angela.

Mas era uma felicidade para a moça ; como lavadeira podia lavar no riacho a roupa sem ser incommodada pelas impertinencias, ademanes e olhares de apaixonados namorados. Seria comtudo uma infelicidade também, um crime contra a Esthetica, si aquelles encantos infiltrados, não pelos esconjuros e exorcismos da negra, mas sim pela prodiga mão da caprichosa eterna, alli se murcharam a mingua de alento. Seria um crime, uma infelicidade, si Julião...

(*Continúa*)

ROSA BRANCA

(*Continuação*)

Suspendeu-se Ricardo com o olhar coruscante. Catharina encostára-se á parede, com a fronte inclinada, como incapaz de seguir no seu vôo sublime aquella alma arrebatada muito longe da terra.

— Assim, continuou o duque, sou eu e não tu que irei ao mosteiro da rainha Isabel. A ti cabem-te outros deveres não menos importantes.

Quando me chamavam duque de York, uma mulher illustre se me entregou e eu jurei-lhe fidelidade, protecção até a morte. Não fui eu quem jamais duvidou della ; mas por isso que ella me não tem amor, não é razão por que a sujeite a perigos só acceitaveis por uma esposa. Chamarás pois, os escocезes que nos restam, e, conduzirás lady Catharina Gordon aonde ella desejar ser conduzida. Estou certo que ainda que caiam nas mãos do meu inimigo Henrique VII, lady Catharina terá a lealdade de estipular a tua liberdade, assim como a dos nossos. Aprompta-te para partir. Senhora, dignae-vos dar-lhe as vossas ordens.

— Milord, disse Catharina dirigindo-se ao velho, não vos apresseis a affligir-me mais. Vós acreditastes o vosso coração; eu tive de acreditar as accusações da duqueza, minha segunda mãe. Jamais acceitarei o opprobrio, nem pelo preço de um throno; jamais deixarei de ser leal, ainda a custa de um cadafalso. Acceito a sentença da rainha Isabel Woobville como um julgamento sem appellação: e comvosco comparecerei perante ella em Bermondsey.

Ricardo voltou-se ao rumor destas palavras. Quiz agradecel-as a bocca que as pronunciára; mas similhante a Sabina antiga, Catharina, depois de ter patenteado toda a sua alma, acabava de abaixar o seu veu sobre os olhos embaciados.

De repente Suzana, que se suppunha perdida, chegou com o grosso dos escocезes, que tinham permanecido fieis. Correu a sua ama e apertou-a nos braços com alegria e colera.

O exercito acampou nas ruinas aquella noite, que o ceu fez tepida e perfumada. Ricardo reuniu-se aos circulos dos seus defensores, e vigiou-lhes o somno. O seu olhar ia as vezes acariciar, nas ruinas sombrias, o abrigo improvisado sob o qual repousava Catharina; e do fundo daquellas mesmas trevas um clarão de odio partia dos olhos de Suzana, como para anniquilar aquelle falso Ricardo a quem ella accusava das desgraças da sua filha, e a quem votava a vingança das fadas do seu paiz.

XIX

As victorias de Exeter e Tauton não tinham saciado os resentimentos de Henrique VII.

Este principe tão generosamente dotado por alguns historiadores de um conjuncto de virtudes que elle nunca possuio, perseguia com odio o novo pretendente que a Escossia, a Irlanda e algumas provincias inglezas acabavam de acclamar. Lancastre de sangue e de politica, York por todas as suas allianças, lutava em sua casa com sua mulher Izabel, filha de Eduardo IV, com sua sogra Izabel Woodville, viuva do mesmo rei, e cada gemido destas duas senhoras, Henrique VII acolhia-o com um furibundo ranger de dentes, com um estremecimento de terror.

Todavia, este terror era-lhe forçoso dissimulal-o.

Henrique VII dissimulou.

Desde o principio commettêra um erro enorme, o pretendido Salomão, provocando entre os inglezes uma recrudescencia de saudades da Rosa Branca. O rumor da resurreição de um dos filhos de Eduardo, que elle imprudentemente semeára, convertêra-se n'uma tempestade de esperanças que o haviam abalado no throno. D'esta chimera que Henrique VII aventurára como prova, trabalharam os seus inimigos logo em fazer uma realidade. Dahi os manejos da duqueza de Borgonha para criar um novo pretendente; dahi o unanime apoio dado a esse pretendente pelos reis da Europa; dahi na Inglaterra a explosão das sympathias populares ás primeiras noticias da appareição de Ricardo. Para homem prudente, Henrique VII, deve concordar-se, havia sido bem temerario.

Como elle não temia no mundo outra cousa senão aquelle phantasma, como elle o tinha evocado para provar de uma vez o seu nada, ficou trespassado de pasmo quando o viu andar, crescer e ameaçar com o prestigio e a força de uma realidade gigantesca. Foi nessa epocha, como os leitores devem de estar lembrados, que Brakenbury, o assassino dos filhos de Eduardo, tinha ido lançar-se aos pés de Isabel, sua mãe, para lhe dizer que tivesse esperança; foi nessa epocha que Fryon, agente e secretario de Henrique VII, abandonou este principe para passar á Escocia, depois a Flandres, aonde levára á duqueza de Borgonha uma das cartas que o tinham encarregado de interceptar. O leitor nos levará de certo a bem avivar-lhe a memoria de alguns factos atrazados.

A fuga de Fryon deixou Henrique VII cheio de espanto. Ao principio não na pôde perceber. Porém quando viu a exaltação da rainha viuva, a sua louca alegria trahindo uma esperança despertada; quando os seus espias lhe fallaram de um homem desconhecido, um velho singular que, n'um passeio da rainha, se lhe tinha prostrado aos pés, com supplicas e lagrimas e palavras abafadas só comprehendidas da princeza, confrontando todas estas circumstancias, Henrique adivinhou um segredo, um perigo.

Correu a procurar a rainha Isabel, sua sogra; tentou fazel-a fallar: prometeu, ameaçou, violentou. A mãe calou-se intrepida. Sabia que sua irmã de Borgonha lhe prestaria auxilio, confiava que Fryon levaria ao seu destino a sua carta, esperava em Deus, temia de matar seu filho revelando a sua existencia. Todos os assaltos de Henrique VII foram repellidos.

Este de repente voltou-se contra a rainha sua mulher; ella, porém, ignorava tudo. Isabel Woodville que aprendera á força de infortunios, não tinha confiado o seu segredo aos caprichos e fraquezas e um leito nupcial. Onde informar-se? Que fazer? Henrique VII, que não podia forçar a fallar as duas senhoras por não se atrever a infligir-lhes mãos tractos, protestou fazer fallar Fryon. Foi prodigalisado o ouro, lançados por toda a Europa mil agentes, e, como se viu, o desgraçado Fryon foi raptado de Flandres, no momento em que o seu genio acabava de descobrir no pretendido impostor Perkin o verdadeiro Ricardo de York, que elle se preparava para conduzir triumphalmente á duqueza e que não teve tempo de fazer conhecer a esta princeza pelo sobrinho que ella tanto chorava.

Uma vez preso, Fryon reflectiu; havia muito, para melhor dizer, que as suas reflexões estavam feitas. Previra todos os resultados da sua intriga, bons ou funestos; nenhum podia espantal-o. Bem instruido, pela experiencia, do character de Henrique VII, sabia que este principe não perdoava nunca, principalmente quando o seu inimigo já podia servir-lhe para nada.

— Se confesso,—pensou Fryon,—a minha traição é notoria; terão tirado de mim todo o proveito: não prestarei depois para mais nada, a não ser para me estrangularem entre quatro paredes. Se vier a fallar e fôr poupado por Henrique VII, tornarei, cedo ou tarde, a ser agarrado pela duqueza ou pelo joven principe a quem tiver atraído. Morrer por morrer, prefiro calar-me; com isso conservo amigos, nesse caso tenho

outra vantagem ; o rei não tem provas contra mim, póde deixar-me viver na esperança de que por ultimo abrirei a bocca. Mata-se um homem para apagar um segredo ; não se mata o homem que póde revelal-o. Calar-me-hei.

Effectivamente, conduzido perante Henrique VII por aquelles que o tinham raptado. Fryon guardou silencio. Motivou a deserção na miseria em que o rei deixava, por avareza, os seus mais zelosos servidores.

— Quiz,—disse elle,—provar do serviço de um soberano mais generoso.

Tentaram-no com affagos : Fryon conservou-se inabalavel ; ensaiaram alguns mãos tractos : foi insensivel. Henrique VII raciocinou com Fryon : matal-o era inutil. Metteram-no em uma boa fortaleza para amadurecer os fructos da sua lingua. E elle viveu.

Faltava descobrir o homem mysterioso que tinha fallado baixo á rainha viuva. Mas esse homem desapparecêra ; ninguém lhe sabia o nome ; ninguém lhe achou os vestigios. Brakenbury, meio louco, tinha sahido inopinadamente da sombra e nella tornou a entrar do mesmo modo sem que Henrique VII o conhecesse.

A luctar contra esta conspiração, cujos fios eram todos invisiveis e impalpaveis, o rei de Inglaterra gastava cada dia os olhos, cada noite a imaginação. A decifração do enigma rebentou enfim ; a duqueza de Borgonha reconheceu Perkin como rei ; Ricardo appareceu na Escocia ; e os povos levantaram-se. Não havia que duvidar ; um novo competidor, novas guerras civis, a discordia na familia, a Europa hostil suspeita, tal era o golpe desde muito tempo suspensos sobre a corôa de Lancastre.

(Continúa)

THEATROS

Cassino. — *Um pae prodigo*. — Furtado Coelho e Lucinda. — Club Dramatico Fluminense. — *Abel e Caim*. — *A afilhada do barão*. — *A caridade* (ordem do dia). — *A loteria do Heller*.

— Furtado Coelho, a vontade energica que supéra todos os empêcos, o espirito superior que em variadas manifestações da intelligencia ha logrado alcançar renome egregio e sincero applauso, iniciou os espectaculos de sua empreza, no Cassino, com a primeira representação do celebrado drama de Alex. Dumas filho — *Um pae prodigo*.

O theatro da rua do Espirito-Santo passou por uma transformação geral ; já não é *alcouce mal disfarçado com as sanefas de um theatro*, como já disseram delle, mas uma sala elegante, onde se reúne todas as noites boa roda e bom humor.

Obra de folego e cujo fim primario é oppôr barreiras ao desbordamento do amor paterno na educação dos filhos, requeria o *Pae Prodigio* mais estudo na interpretação dos papeis dos varios personagens.

Assim que, si exceptuarmos Furtado Coelho e Lucinda Furtado Coelho, que em verdade obraram maravilhas, mais nenhum desempenho irrepreheensivel nos deparou a nossa má fortuna.

Verdade é que a sra. Luvini e os srs. Galvão, Silva e Torres esforçaram-se por fazer alguma coisa...

Mas pouco fizeram.

É de esperar, nada obstante, que a primorosa peça do dramaturgo francez, no ajustado dizer do cartaz (até o cartaz é bem feito!), careie os applausos e enthusiasmos do publico fluminense, costumado de muito ás magnificas creações dos dous consummados artistas.

A encenação é riquissima e de apurado gosto: nunca vimos peça de salão tão bem montada.

A traducção, com ser clara, não está depurada de uns resaibos de ignorancia e francezismo, como desejáramos.

— Realisou-se em a noite de 11 do corrente o espectaculo do Club Dramatico Fluminense, ao qual agradecemos o obsequioso convite, que nos enviou.

O programma constou do conhecido drama de Mendes Leal (Antonio) *Abel e Caim*, da engraçada comedia *A afilhada do barão* e da recitação da poesia *Caridade*, do sr. L. dos Reis.

Bem que completamente alheio aos mysterios do palco, teve o corpo scenico do Club Dramatico Fluminense occasião de proporcionar a seus convidados um serão mais que divertido.

Discursos aos centos, versos aos milhares, flôres a rôdo e muita voz trememente e roufenha!

— Continúa a andar a roda *A loteria do diabo*, magica dos srs. E. Garrido e F. Palha ou dos srs. F. Palha e E. Garrido.

O povinho dá largas ao seu bom humor, as algibeiras do Heller se entumescem de puro contentamento, a sra. Isabel Porto canta e a arte dramatica dá a si mesmo o parabem de tão felices eventos!

Honny soit qui mal y pense! dizia o fundador da ordem da jarreteira: e nós tambem dizemos o mesmo.

— No proximo sabbado dir-se-á alguma coisa do Gynnasio, do S. Pedro e do Alcazar.

Vincenzo Pifarro

CHRONICA

Cassino Fluminense.—Concerto em beneficio das victimas da secca.—Considerações sobre o luxo que houve.—Dez contos de réis de luvas.—O que Deus não exigisse.—Nós e a nossa roupa.—O senhor... e a sua cara.—A nossa casaca em mãos do sr. Capote.—*Club Gonçalves Dias*.

E' de madrugada.

Vimos do Cassino Fluminense, onde ouvimos cantar e tocar pela caridade, sob a fórma de varias damas e cavalheiros, primorosos trechos de musica de primeira plaina.

O edificio estava repleto : dizem que foram passados cinco mil bilhetes, e assim devia ser.

São vinte contos de réis certos que, provenientes daquella reunião de risos e prazeres, remetter-se-ão ás victimas do flagello da secca.

Dizemos vinte contos, descontando os gastos do concerto e a esportula de muito convite que hade ficar no—ora vejam.

E' sempre digna de applauso a promoção dessas festas em favor dos afflictos, apesar de que nellas entra sempre a caridade como Pilatos no credo.

O que não podemos soffrer (e creio que muita gente commungou do nosso parecer) foi o luxo esplendido das *toilettes*. Veludos, sedas e brilhantes, dizem mal em uma festa de caridade ; é com a maior modestia que devemos levar a esmola ao pobre, e não mostrando, pelo exterior enfeitado, que não vamos depositar-lhe nas mãos a quinta-millionsima parte do que o poderamos fazer.

Abolidas neste concerto as luvas, por exemplo, revertendo em favor dos infelizes o dinheiro que ellas custaram, a receita elevar-se-ia de vinte a trinta contos de réis.

E quantos sacrificios sabe Deus não se fizeram para a competencia da ostentação !

Como si Deus exigisse que um pae ou um marido fosse encher-se de dividas ou desfalcas o patrimonio de sua casa para beneficiar uns desgraçados, a quem não é preciso tanto para salvar.

Quando esse sacrificio fosse causado pelos sentimentos da piedade vulgar e respeitosa, vá ; mas sendo, como é, pelos arrebiques que a sociedade, madrasta embora, não exige nestas occasiões, é peccado que brada aos céus.

— Vinham de molde para aqui algumas palavras de Ramalho Ortigão sobre coisas identicas, fallando das festas havidas em Portugal em favor dos inundados e promovidas pela sra. rainha D. Maria Pia.

Vejam os leitores *As farpas* e dar-nos-ão razão.

— Nós estavamos no concerto de sobrecasaca preta e calça de cazemira de côr, com a consciencia de que este vestuario estava decente e (o que é mais) pago.

Um senhor, que tem um nariz menos apresentavel em um salão de que nossa sobrecasaca burgueza, entendeu que se devia rir á custa de nossa roupa ; vingamo-nos em rir á custa de sua cara.

Si este senhor, por uma dessas esquisitices do acaso, ler a presente chronica, saiba :

I, que se não tractava de um baile dado pelo Cassino sem fim humanitario ;

II, que os bilhetes foram vendidos, sem distincção, entre todas as classes sociaes. Tractava-se, por consequente, de uma festa popular, e ás festas populares ninguem vae de casaca ;

III, que tínhamos mandado nossa *casaca* ao sr. *Capote*, afim de que, cortando-lhe as abas, fizesse della uma jaqueta para uma victima, e das abas coeiros para uma victimasinha.

— Mas agora nos lembramos: fallamos do concerto do Cassino, não porque nos elle deparasse um bom assumpto para estas chronicas, mas porque, dizendo: E' madrugada; vimos do Cassino — estamos desculpados.

Fazer chronicas quando faz frio! e quando um leito honesto nos attrahe, com seus reconcavos quentes e macios...

Decididamente, dou uma noticia só, e vou me deitar:

Moços de estudo e talento inauguraram em S. Christovão o *Club Gonçalves Dias*.

Esta associação propõe-se ao cultivo das lettras, tendo por principal objecto a criação de conferencias publicas e a de uma bibliotheca popular.

Os socios podem ser de qualquer nacionalidade e de um e de outro sexo.

— Estou aqui, estou resonnando e a sonhar com o sujeito do nariz infame.

X. Y. Z

POESIAS

Ao abrir a bocca

(Ao COMPANHEIRO E AMIGO A. BARREIROS)

Perfeita, esculptural, deslumbradora!
pés e mãos pequeninos, seios duros,
faces rubras, tão rubras como a aurora;
cabellos, como a noite, tão escuros.

Caminhar elegante, victorioso;
voz argentina, affavel e discreta:
eis o typo gentil, phantasioso,
dos meus sonhos de moço e de poeta!...

Ao vel-a estremeci... senti desejos
de abraçal-a, mordel-a, dar-lhe beijos...
fiz-lhe um idyllio, madrigaes e odes.

Riu-se de mim a candida donzella;
e eu vi então que a creatura bella
tinha os dentes da côr dos meus bigodes!

MUCIO TEIXEIRA

Os mortos em scena

(A MUNIZ DE SOUZA)

Subia o panno acima. A musa da alegria
illuminava o rosto á prazenteira *claque*,
e deuses e vestaes da morta theogonia
vinham dansar em scena aos cantos de Offenbach.

Ao despedir a orchestra as notas delirantes,
borrados arlequins lascivos como Pan,
nos braços sensuaes d'um grupo de bacchantes
saltavam sem pudor na febre do can-can.

Era a satyra viva, a satyra pungente,
levada no delirio aos baixos entremezes,
expondo ao riso alvar da geração doente
a crença dos fieis dos fabulosos deuses.

E então esses heróes divinos das florestas,
outr'ora a adoração e crença dos pagãos,
tornavam-se histriões que em delambidas festas
viviam de espancar o tédio dos christãos !

E as grandes ovações áquelles decahidos
traziam-me á lembrança o barbaro selvagem,
que vinha sapatear na tumba dos vencidos,
no campo onde travára o prelio da carnagem.

Podeis dormir em paz, ó legião sagrada,
ó Siva e Vichnou, — titans da fé pagan —
e, como tudo marcha ás solidões do nada,
inda ha de rir de nós o crente de amanha.

S. Paulo, 1877

FONTOURA XAVIER

A orgia do seculo

(A FONTOURA XAVIER)

Vae alta a grande orgia : ao lado da Justiça
se assenta a corrupção, que aos poucos a embriaga ;
sorri-lhe o Despotismo aos gritos da Cubiça,
que o vicio sem pudor nos braços seus afaga.

No chão dorme o Direito e ebrio se inteirica,
cantando coplas vis ; a Inspiração divaga ;
e a propria consciencia estulta se espreguiça ;
n'um gesto de bacchante as luzes já apaga.

Mais eis que tudo treme : — á luz da nova aurora,
na porta do bordel, — esplendorosa e sancta
surgia magestosa estranha apparição !....

Ao vel-a finda a orgia : a Consciencia córa,
alteia-se o Direito, o Brio se levanta,
e o Crime cae por terra á voz — Revolução !...

S. Paulo, 1877

AFFONSO CELSO JUNIOR

Os cinco sentidos

Já não te posso vêr, ó pallida senhora !
Pódes mandar, ó Deus, um raio furibundo
a luz dos olhos meus arrebatár agora !
Já não te posso vêr... Que mais verei no mundo ?

Já não te posso ouvir a voz melodiosa,
que me trouxera um dia a brisa perfumada...
Si o cantico celeste, ó pallida formosa,
já te não posso ouvir, não devo ouvir mais nada.

Ai ! não me esquecerei do singular perfume
que tinha o teu cabello, aurifero thesouro !
o candido egoismo, o fervido ciúme
que me causava o odor do teu cabello de ouro !

Não posso mais gostar o mel que distilava
dos labios teus n'um beijo ardente e apaixonado.
Que mais hei de eu gostar, si o Deus dos céus avaro
roubou-me gota a gota o nectar estimado ?

Nem mais de tua mão aos azulados veios
confiar póde á minha incognitos segredos !
nem mais, ó sensitiva, as folhas de teu seio
se hão de retrahir ao toque de meus dedos.

★
★ ★

Leitores meus, dizei-me agora á puridade
vós que passaes a vida alegres e nutridos :
si é morta a minha triste e pallida beldade,
em que posso empregar os meus cinco sentidos ?

1874

ARTHUR AZEVEDO

MATHEMATICA

LXXVIII

Mecanica. — Theorema relativo ao movimento do centro de gravidade

O primeiro theorema geral de Dynamica é o que Newton descobriu relativamente ao movimento do centro de gravidade de um systema qualquer, e a que communmente se denomina *principio da conservação do movimento do centro de gravidade*.

Newton foi quem primeiro reconheceu e demonstrou, por considerações extremamente simples, no seu grande tractado dos *Principios mathematicos da philosophia natural*, que a acção exercida pelos corpos de um systema uns sobre os outros, já por attracção, já por impulsão, em uma palavra, de um modo qualquer, tendo convenientemente em attenção a egualdade constante e necessaria entre a reacção e acção, não póde de fórma alguma alterar o estado do centro de gravidade; de sorte que, si não houver outras forças acceleratrizes sinão estas acções reciprocas, e si as forças exteriores do systema se reduzirem sómente a forças instantaneas, o centro de gravidade ficará sempre immovel ou mover-se-á uniformemente e em linha recta.

D'Alembert posteriormente generalizou esta propriedade e provou que qualquer que seja a alteração que possa introduzir a acção mutua dos corpos do systema no movimento de cada um delles, o centro de gravidade nunca é affectado, e o seu movimento tem constantemente logar como si todas as forças do systema estivessem ahi applicadas parallelamente ás respectivas direcções, quaesquer que sejam as forças exteriores deste systema, e apenas suppondo que elle não apresenta ponto fixo algum.

E' o que se torna facil de demonstrar, desenvolvendo, na equação geral da Dynamica, as equações relativas ao movimento de translação, que, pela propriedade analytica fundamental do centro de gravidade, coincidem com as que fornecem o movimento isolado deste centro de gravidade, quando se suppõe nelle condensada toda a massa do systema e imaginamol-o animado de todas as forças exteriores do mesmo systema.

A principal vantagem deste bello theorema é poder deste modo, no que diz respeito ao movimento do centro de gravidade, fazer entrar o caso de um corpo ou de um systema qualquer no de uma molecula.

Como o movimento de translação de um systema deve ser estimado pelo movimento do seu centro de gravidade, chega-se pois, assim a reduzir a segunda parte da Dynamica a primeira, para tudo quanto se refere ao movimento de translação; donde resulta uma importante simplificação na solução de todo o problema dynamico particular, por isso que podem-se então desprezar, nesta parte da investigação, os effeitos da acção reciproca de todos os corpos propostos, cuja determinação constitue ordinariamente a principal difficuldade de cada questão.

E' pouco commum fazer-se uma idéa justa da completa generalidade theorica dos grandes resultados da Mecanica racional, que são necessariamente applicaveis, por si mesmos, a todas as ordens de phenomenos naturaes, pois sabemos que as leis fundamentaes sobre que repousa todo o edificio systematico da sciencia não soffrem excepção em classe alguma de phenomenos, e constituem os factos mais geraes do universo real, embora ordinariamente pareça, neste genero de concepções, ter-se sómente em vista o mundo inorganico.

Vem, pois, a proposito fazer observar de um modo formal, a respeito desta primeira propriedade geral do movimento, que o theorema tem tanto logar nos corpos vivos como nos inanimados.

Qualquer que seja, com effeito, a natureza dos phenomenos que caracterisam os corpos vivos, não poderão elles consistir, quando muito, sinão em certas acções particulares das moleculas umas sobre as outras, que não se observarão nos corpos brutos, sem que se deva aliás duvidar que a reacção seja nellas sempre como em outro qualquer caso, igual e contraria a acção.

Assim pela propria natureza do theorema geral, que ora consideramos, deve elle necessariamente verificar-se tanto nos corpos vivos como nos corpos brutos, visto que o movimento do centro de gravidade é independente destas acções interiores reciprocas.

Dahi resulta, por exemplo, que um corpo vivo, qualquer que seja o jogo interno dos seus órgãos, não poderá por si mesmo deslocar o seu centro de gravidade, embora possa fazer executar a alguns dos seus pontos certos movimentos em torno deste centro.

Não está bem verificado que a locomoção total de um corpo vivo seria inteiramente impossivel sem o auxilio exterior, que lhe fornece a resistencia e o attricto do solo, sobre o qual elle se move, ou do fluido que o contém?

Pódem-se fazer observações analogas relativamente a todas as outras propriedades dynamicas geraes que falta-nos considerar, e para cada uma das quaes não será, portanto, preciso indicar de um modo especial a sua applicabilidade necessaria tanto aos corpos vivos como aos corpos inanimados:

(Continúa)

PHILOSOPHIA POSITIVA

Objecções e respostas

Defender o positivismo das objecções dos poucos adversarios que por ora se apresentam entre nós, é ainda tarefa que não póde intimidar quem se sente pequeno diante de semelhante philosophia. De feito, os que têm erguido a voz com a pretensão de derrubar um monumento que por si só constitue a gloria deste seculo mostram nos proprios ataques, que

ignoram a existencia do arsenal de defesa que o positivismo tem a seu dispôr para repellir sem custo arguições superficiaes e incompetentes. Assemelham-se ás crianças que, por ignorancia do perigo folgam descuidadas no cairel de um precipicio. Sem educação scientifica que os preparasse para tal commettimento, espiritos viciados pelas fórmulas escolásticas e por uma philosophia bastarda, que pretende consorciar o reinado das leis naturaes com as creações da theologia e da metaphysica, acreditam elles que com uma esteril verbosidade se destroe o que foi fundado á custa de muito estudo e excessiva contensão de espirito. E sinão vejamos.

Começam os adversarios do positivismo por uma insigne deslealdade philosophica. Proclamando que nas applicações de uma doutrina é que melhor se póde julgar da sua bondade, deixam de parte, mui de industria, as primeiras obras de Augusto Comte e arremessam-se valentes contra as ultimas produções do mestre. Ora, aqui a victoria é tanto mais facil quanto é verdade que as armas são fornecidas pelos proprios discipulos, e os mais eminentes, que não aceitam taes consequencias.

Littre, na França e Stuart Mill, na Inglaterra, provaram exuberantemente que o edificio politico e religioso de Comte fôra fructo de um desvio na direcção philosophica deste, desvio que se prende a uma modificação funcional do cerebro e cuja explicação, portanto, depende dos progressos da sciencia biologica. Basta esta consideração para mostrar evidentemente a incompetencia dos que, sem terem passado pelo severo regimen das sciencias positivas, se arvoram em adversarios de doutrinas que não podem abarcar. Foi Tiberghien ¹, professor de philosophia na universidade livre de Bruxellas, quem por este sophisma procurou refutar a philosophia positiva. Os adversarios a que respondemos não fizeram sinão repetir este systema de argumentação, e si Tiberghien foi pouco atilado em querer por este modo destruir uma doutrina poderosa, os seus discipulos brasileiros menos criterio philosophico patenteiam reproduzindo o manejo.

Quando uma doutrina ainda não é conhecida, como é o caso da philosophia positiva entre nós, é dar prova de pouca circumspecção começar por atacar os seus pontos fracos antes de deixar que a parte aproveitavel de semelhante doutrina seja apreciada. Stuart Mil referindo-se aos que se occuparam com Augusto Comte escreveu o seguinte periodo de inteira applicação aqui: « Esses pensadores, diz elle, teriam commettido uma falta, si primeiramente se houvesse occupado em chamar a attenção sobre o que elles consideravam como erros na grande obra de Comte. Enquanto este não havia tomado no mundo do pensamento o lugar que lhe pertence, a questão importante era não critical-o, porém concorrer para tornal-o conhecido. Indicar os pontos vulneraveis aos que não conheciam, nem estavam em estado de conhecer a grandeza da obra, teria sido demorar indefinidamente a sua justa apreciação, sem que podesse allegar a necessidade de se resguardarem de algum

¹ *Introduction à la philosophie*, introduction, pag. 18 e seguintes. Esta parte mereceu uma refutação na *Revista positiva* de Littré, Janeiro e Fevereiro de 1868.

inconveniente serio. » ¹ Esta prudencia não a tiveram os nossos adversarios, que neste caso foram victimas de uma fraqueza muito commum em nosso paiz, de ver pelos olhos de outrem e julgar pela intelligencia alheia. Quem é levado a estudar estas questões philosophicas tão sómente para obedecer a uma necessidade intellectual, com a imparcialidade de um puro amor á verdade, e não com o estímulo vaidoso de uma vã ostentação litteraria, não se louva tanto nas palavras de outrem e vai pelas proprias mãos verificar o asserto. Comprehende-se, é verdade, que seis grossos volumes, que tantos são os do *Curso de philosophia positiva*, não possam ser facilmente lidos e meditados, principalmente quando logo no primeiro os espiritos alheios ás sciencias positivas encontram um escolho formidavel: a *philosophia mathematica*. Mas nem por isso deixa de ser um dever rigoroso do critico o ir procurar o assumpto na propria obra que critica, a menos que não queira ser taxado de superficial e leviano. Si depois de feito este exame nos demonstrassem que a politica e religião de Comte são realmente consequencias necessarias da sua philosophia, então sim, teria cabimento o systema de argumentação que exprobamos aos nossos adversarios, diremos mais: então, sim, seria leal e franco.

A obra fundamental de Augusto Comte contém a philosophia de todas as sciencias abstractas, desde a mais simples, a mathematica, até a mais complicada, a sociologia. Astronomia, physica, chimica e biologia, eis as premissas, de que a philosophia positiva é a conclusão. Desconhecer as premissas, isto é, não poder pronunciar sobre o que ellas contêm ou não contêm, e querer decidir sobre a validade da conclusão, é simplesmente uma cegueira absurda. Os adversarios brasileiros, infelizmente, perderam-se nesta senda.

A nossa resposta poderia limitar-se a isto e não perderia nada do seu rigor, mas não será inutil acompanhar ainda os inimigos gratuitos do positivismo.

Nas pessoas que só conhecem o systema de Comte de outiva e que nunca se deram ao trabalho de folhear a sua obra fundamental, é muito commum a opinião de que, em resumo, esse systema consiste em applicar a mathematica ás demais questões. Este erro grosseiro foi agora reproduzido. A origem de semelhante engano está no facto de ter sido Comte um mathematico; ignorando o mais concluem que a doutrina deve ser caracterisada pela invasão da mathematica no dominio das outras sciencias. E' precisamente o contrario.

O maior inimigo da preponderancia dos geometras, quem determinou até onde podia o instrumento mathematico ser applicavel nas sciencias, foi Augusto Comte. Combateu sempre as tentativas que se fizeram e até fallou com maior desprezo do calculo das probabilidades, applicado ás questões sociaes. ²

Lembra-nos agora que um homem celebre, Guizot, e cuja autoridade

¹ *Auguste Comte et le Positivisme*, traducção de Mr. le dr. Clemence, pag. 4.

² *Cours de Philosophie et le Positive*, 3ª edition, 2º volume, pags. 254 e 255.

foi aproveitada contra Comte, nas suas memorias, chama a philosophia positiva de *materialismo mathematico*. Quem quizer saber do fundamento de semelhante denominação, e os criticos tem tambem o dever de conhecer as obras dos collegas, bastará ler as paginas inimitaveis de Littré, no seu livro *Auguste Comte et la Philosophie Positive*.¹ Guizot, porém, errava por um defeito de memoria, como está provado², os adversarios brasileiros erram porque?

Para criticar uma doutrina não basta prodigalisar-lhe epithetos com profusão que, si servem como recurso oratorio para arredondar a phrase, são impotentes para demonstrar e convencer. Analysar, comparar e deduzir, eis a marcha que deviam ter tomado os adversarios do positivismo. E já que estamos no capitulo dos epithetos não esqueçamos que os de materialista e atheista foram empregados para caracterisar a philosophia positiva. O materialismo é um systema metaphysico como outro qualquer, que pretende explicar as causas dos phenomenos pela materia; o atheismo é um systema que pretende negar a existencia de Deus. Ora, o positivismo proclama que não nos é dado subir ás causas dos phenomenos, mas apenas estabelecer as suas relações de semelhança e successão, de onde decorrem as leis naturaes. Abandona o *porque* e limita-se ao *como*. Emquanto o systema philosophico é, pois, adversario do materialismo, porque é adversario de qualquer fórmula da metaphysica. A philosophia positiva dizendo que as causas primeiras não são do nosso dominio, não nega nem affirma a existencia objectiva de Deus. Encontrando essa idéa na historia do espirito humano explica-a apenas como entidade subjectiva ou hypothese. O atheismo é uma negação, e a doutrina que adoptamos seria bem fraca senão tivesse outro apoio. Deus para o positivista é o incognocivel. Accusar, pois, a doutrina de Comte de materialismo e atheismo, é ainda neste caso ignorar completamente o espirito dessa doutrina.

Já houve entre nós quem dissesse que Comte chamára a terceira phrase intellectual da humanidade de phrase do empirismo puro, e houve tambem quem achasse até paradoxal a reunião destas duas palavras: philosopho positivo. A' primeira accusação só se póde responder pedindo a indicação do topico do mestre onde tal asserção foi encontrada, o que será difficil. Quanto ao pretendido paradoxo é força confessar que só se podia afigurar tal a um espirito victima de uma deploravel confusão. Tomaram a palavra positivismo na sua accepção vulgar e d'ahi concluíram por conta propria que o methodo proclamado por elle consistia em limitar-se ao facto sem conceder ao espirito a liberdade de subir do facto á lei, em resumo, identificaram outra vez a doutrina de Comte com o empirismo. E, julgando completar a destruição do positivismo, oppuzeram-lhe o methodo inductivo, cujas vantagens foram mostradas eloquentemente. Ora, eis-ahi como, pelo simples facto de se não conhecer o que se critica, pensa-se

¹ Pags. 215, 216, 217 e 218.

² Veja-se tambem sobre este assumpto, na *Notice sur l'œuvre et la vie de Auguste Comte* par le Dr. Robinet, as peças justificadas n. 6 bis. Leia-se tambem no *Diccionario Universal* de Larouse o artigo sob o titulo: *Auguste Comte*.

destruir uma doutrina e, pelo contrario, sem o querer, faz-se a sua apologia. O methodo inductivo não só é reconhecido pela philosophia positiva, mas a melhor exposição que se conhece de semelhante methodo é devida a um positivista. ¹

Agora duas citações do mestre : é a melhor resposta. « Desde que a subordinação constante da imaginação á observação ha sido unanimemente reconhecida como a primeira condição fundamental de toda legitima especulação scientifica, uma viciosa interpretação tem levado frequentemente a abusar-se muito desse grande principio logico, para fazer degenerar a sciencia real em uma especie de esteril accumulacão de factos incoherentes, que não poderiam offerecer outro merito essencial sinão o de uma exactidão parcial. Importa, pois, perceber bem que o verdadeiro espirito positivo não é menos afastado, no fundo, do empirismo que do mysticismo, etc. » E mais adiante: « E' nas leis dos phenomenos que realmente consiste a sciencia, á qual os factos propriamente dictos, por mais exactos e numerosos que possam ser, não fornecem nunca sinão materiaes indispensaveis. ²

Depois de se lêr estes trechos se poderá dizer ainda que a philosophia positiva é o empirismo e que ha contradicção entre as duas palavras reunidas, philosopho positivo?

Combater por este modo uma doutrina é facil e mais facil ainda defendel-a de taes arguições. Não ligamos, pois, nenhum motivo de orgulho á victoria que possamos obter dos nossos adversarios, antes como discipulos, contrista-nos o ver que todas as objecções que foram levantadas contra o positivismo são filhas da ignorancia em que se está da sua constituição philosophica. A sociedade brasileira entrou apenas no periodo metaphysico ; o meio social está, pois, favoravel a elles e adverso a nós. Quem tiver o prurido de fallar e fallar muito, caracter distinctivo dos que ainda estão sob o jugo da metaphysica, é apresentar-se e aproveitar a corrente. Quem sabe a que summidades não será levado ?

Quanto a nós, que pela nossa doutrina sabemos que o desenvolvimento de uma sociedade é um phenomeno natural que tem a sua marcha e a sua lei, que o desenvolvimento do individuo é o mesmo que o da especie, esperamos confiados no futuro, porque possuimos uma arma que nunca foi vencida, a sciencia positiva, e só nos resta repetir com um dos nossos mestres : « A funcção social da philosophia positiva é de recolher os espiritos que diariamente escapam á theologia, de assegurar-lhes um modo de viver e de pensar que não vá de encontro ao progresso da sciencia, nem ao desenvolvimento da historia, e de ensinar que d'ora em diante o conjuncto systematico do saber humano é quanto basta para o goveruo intellectual e moral das sociedades. » ³

MIGUEL LEMOS

¹ *A system of logic, ratiotivative and inductive*, by John Stuart Mill.

² *Astronomie Populaire*, discours preliminaire, pag. 16.

³ *Revue Politique et Litteraire*, de 3 de Outubro de 1875.

Feitiços

(Continuação)

II

NA MISSA

Era vespera de Natal; aproximava-se a hora da missa do gallo e o sino da Capella de Nossa Senhora da Conceição atreava os ares annunciando-a aos devotos

Na pateo, algumas creanças, enganando o somno, brincavam ao luar; enquanto no interior das casinhas ia um *fervet opus* capaz de reter de olhos e coração o menos epicurista dos mortaes. Que azafama! Á luz do candieiro batia-se a *massa*; picava-se a carne de porco, que se levára a cevar durante o anno; e n'um canto da sala, rodeada da dona da casa, a frigideira indicava chiando a ultima evolução porque deveriam passar os pasteis costumeiros. Dalli só teriam elles de ir para o prato e deste para o estomago: eis porque eram recebidos com certo prazer os annuncios da frigideira.

Acudindo ao chamamento, foram-se os devotos agglomerando no largo, até que o canto do gallo e uns foguetes atirados ao ar reuniram os restantes no corpo da capellinha.

Do lado do Cahenga tambem vieram as duas velhas e a moça. Quem poderia alli sentir-se insensivel á voz sonora do sino echoando pelas quebradas?

Quando as tres mulheres entraram, um leve borborinho se elevou entre a gente do povo, e, como si uma bala de artilharia rasgasse a massa compacta dos devotos, abriu-se um caminho por onde ellas, soturnas e cabisbaixas, atravessaram a área principal e se foram postar perto do altar-mór. A repugnancia que causavam aquella gente enchia-as de pesar.

Dentre o povo só a uma pessoa impressionou aquella recepção pela populaça, aquelle panico mal disfarçado, que se lia no rosto de cada um, ao passo que ia contemplando cada vez mais embevecido as tres mulheres recém-chegadas. A belleza de Angela attrahia-o e deslumbrava-o. Onde já vira aquelle rosto? O repentino e inesperado da scena nem lhe deixaram lembrar. Fôra em sonho ou em realidade? A exquessitice do trio, o contraste que nelle se via, tornavam-lhe os pensamentos ainda mais revoltos.

Era esta pessoa Julião, que permanecia encostado a uma das columnas onde se arrima o côro.

Passado o primeiro enleio, chamou-o á razão a voz unanime daquella gente reunida, dizendo á surdina:

— Olhem que desafôro! a feiticeira aqui na egreja! Vamos fallar ao sr. Vigario, enquanto não entra a missa...

Nisto um velho beato, que ao lado de Julião se persignava pela quinquagesima vez, disse-lhe, batendo-lhe no hombro:

— Moço, não olhe, que S. S. fica *encantado*!

— E o que tem o sr. com isto?

— Senhor, sim. A gente está vendo logo que S. S. é pracião; pois S. S. não conhece a feiticeira?

O sacerdote subindo para o altar interrompera as palavras do velho e abafára o riso do moço.

Terminada a cerimonia, que Julião levára toda inteira a contemplar estatico o vulto gentil da rapariga, o velho, a quem o seu riso offendera seriamente, perguntára-lhe, emendando as palavras ao *dicta missa est* do padre:

— Então, S. S. não acredita nos feitiços?

— Acredito, acredito... Adeusinho...

Quando o velho quiz retorquir, o vulto de Julião tinha-se sumido por entre a turba, que se retirava.

III

O POVO NÃO SE DESMENTE

No dia seguinte logo pela manhan reuniam-se os freguezes em torno do balcão do sr. Manoel Miguel, o mais famigerado tendeiro do lugar.

Certamente deveria ser momentoso o assumpto da conversa, que os entretinha, a julgar pelas expressões dos semblantes. Era que fallava-se do facto da vespera e tinha a palavra o velho, que se dirigira a Julião na igreja:

— E' o que lhes digo! eu vi com estes olhos, que a terra ha de comer; eu vi, quando todos sahiram, ella apanhar o rasto do moço e atirar-lh'o ás costas, esconjurando a cruz do pateo. E quem disse que elle as deixou mais? Olhem, parou na ponte, ellas passaram e elle seguiu-as, seguiu, seguiu, até sumirem-se ao longe.

— Foi um peccado o sr. Vigario não ceder ao nosso pedido. Elle disse que a igreja é para todo o mundo; mas isto era se a feiticeira fosse gente. Uma prima do Esparralhado! Ninguem me tira da cabeça que elle devia mandar botar para fóra áquella arrenegada: dissera em aparte um rapasola, enquanto o velho proseguia:

— O sr. Padre-vigario disse que ella não é feiticeira, que é uma pobre coitada; homem, si não fosse o sr. Padre-vigario... nem sei o que lhes diga!... Com os diabos! ella é feiticeira, sim; e bem feiticeira. Ora, venham cá, ainda outro dia foi lá minha dona, muito contra minha vontade, já se vê; mas, isto de mulheres... foi lá encommendar á sra. Marianna umas rendinhas para o pequeno; e as meninas, que andavam a esquadrinhar tudo, disseram-me que o demonio da preta levára a atirar punhados de sal no fogão, a botar a vassoura de cabo para o chão atraz da porta, e a pisar o rabo do gato, até minha dona sahir! O sr. Padre está dizendo sempre que é peccado acreditar em *visagens* e feitiçarias; mas o caso é que, quando a mulher chegou em casa, vinha com uma *defluxeira* damnada: com certeza foi praga que lhe rogaram!

— Tambem a uma *sarna* daquellas, compadre, — disse a meia voz a sra. Propicia, mulher do vendeiro, ao sугeito mais proximo; — não precisa a gente ser feiticeira para não querer aturar. Ave-Maria, tres dias! nunca vi cousa assim.

O velho continuava saboreando um golle de aguardente:

— Não quero dizer com isto que a sra. Marianna e lá sua filha, della, não sejam gente capaz, não, senhores; mas, hão deter suas manhas, hão de !... Dize-me com quem andas...

— Lá isto é verdade, sempre são pessoas della.

— O que Vmc. disse é pouco, *seu Chiquinho*; o diabo daquella carcassa anda a revirar todo o sapato rôto que encontra, só porque sabe que é um remedio contra o uivo dos cachorros.

— Ahi está; por esse caminho você não vae bem; a defunta minha mãe, — Deus a tenha em bom lugar! — a defunta minha mãe dizia que sapato virado é tambem signal de desgraca. E não é, minha gente?

— Bom; e ella não fez quasi morrer de susto Sant'Anninha do Antonio Carvoeiro?... *Voute!* A pobre mulher tem seis filhos, todos meninos, e estava de esperanças. A bruxa metteu-lhe em cabeça que pedisse á Senhora Santa Anna para que a creança fosse femea; pois si fosse menino ficaria *lobishomem*. Era o setimo!

Aqui a sra. Propicia dignou-se fallar de novo.

— Tambem aquella sinhá Anninha foi sempre uma grande tola. Que asneira! bastava tomarem o mais velho dos filhos para padrinho da creança; affianço que não ficaria *lobishomem* assim.

O rapazola perguntou:

— Oh! *seu Zézinho*, e foi menino?

— Qual! foi menina, aquella não sei que diga a troco de uns cobres enforcou um gato preto, cortou a orelha de um bóde, e torceu o pescoço de uma gallinha á luz da lua. Mas enguiçou a creança; passou por cima do berço e por isso é que ella nunca mais tomou corpo, coitadinha!

— Ora, *tibi!*.... *seu Zézinho*.

Chegou a vez do sr. Manuel Miguel; remechendo o gordo corpo, com grande prejuizo do olfacto dos mais proximos, disse do balcão, onde estava recostado:

— Ella outro dia fez uma coisa! E eu não acreditava, ahi é que está. A tal Luciana veio aqui e mais *só* Marianninha, vieram comprar uns preparos; e dahi começou a chover, quando iam para sair. Ella não teve duvida, não: cuspiu no terreiro, veio aqui assim e comprou-me um punhado de sal e atirou-o para o ar alli na porta? Querem saber vocês? Quem havia de dizer?...

— A chuva estiou?

— Ahi é que são ellas!...

E discutindo as *bruxarias* da *feiticeira* levou aquella gente muito tempo ainda, com grande alegria do sr. Manuel Miguel, que ouvia de vez emquando o vintem tenir na gaveta do balcão.

Quando o sol já começava a altear, entrou na roda um novo interlocutor; era elle um rapagão bem parecido e afeiçoado.

— Louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo!

— Louvado seja! responderam em côro todos os presentes; e depois deste cumprimento de estylo entre a gente do matto, o novo personagem dirigiu-se ao grupo provando o calice de *cana*, que já havia passado das mãos do sr. Manuel Miguel para as suas:

— Não me dirão vocês que diabo andarás fazendo o Sr. Julião a ron-

dar para baixo e para cima a casa da sra. Marianna ?... O Sr. Julião é incapaz de ser um malvado !...

— Agora, anda ? ejaculou o vendeiro.

— O feitiço ! responderam todos a uma voz; coitadinho, minha gente, está perdido; foi feitiço !

O sr. Chiquinho bateu com a mão no balcão :

— E então, eu não disse ?

Poucos momentos depois, o rapagão, que era um dos mais afamados carvoeiros do lugar, montára a cavallo e tomára o caminho do Recife. Ia meio apprehensivo. — Em que pensaria elle ?

Os freguezes foram deixando os logares um a um e dentro em pouco todo Beberibe sabia da sorte de Julião,

(Continúa)

ROSA BRANCA

Indubitavelmente, Richemond tinha feito grandes coisas antes de tornar-se Henrique VII. Escapar a Eduardo IV, depois a Ricardo III, ganhar a batalha de Bosworth, apanhar a corôa no sangue do vencido, esposar a filha de York depois de lhe ter tomado o throno, viver entre a esposa e a sogra, execral-as e adulal-as para não ser devorado pelo povo, eis sérias dificuldades. Mas quando enfim se está sentado, sentir tremer o assento, principiar de novo tantos trabalhos, tantos enredos, arriscar tantos thesouros n'uma lucta com uma sombra, é mais que desgraça, é uma temerosa fatalidade.

Henrique VII começou por acreditar e sustentar que Ricardo era uma sombra como Simnel. Para desarraigá-la para sempre do espirito dos inglezes a chimera d'um rebento sobrevivente da Rosa Branca, só tinha um meio ; era provar a morte dos dois filhos de Eduardo. Henrique VII mandou averiguar o lugar em que os corpos das duas victimas tinham sido sepultados. Procuraram debaixo de uma escada sombria, designada por algumas testemunhas; descobriram-se umas ossadas, e desinterraram-nas. Em lugar de dois, só appareceu um esqueleto.

Aterrado, mais do que se visse vir o outro arrancar-lhe a corôa da fronte, Henrique fez abafar o menor ruido desta tentativa. Rumores confusos, semeados habilmente entre o povo, desvairaram a opinião e a attenção publica ; mas o alvo que esquece uma multidão variavel, que desprezam interesseiros cortezãos, uma mãe não se deixa desviar d'elle facilmente. Izabel Woodville, demasiado commovida pela revellção de Brakenbury, acolheu avidamente os rumores relativos a Ricardo ; aquella mãe infeliz, sempre em ancia entre a desesperação e a esperança, soube o resultado da exhumção e a entrada do pretendente na Escocia.

Vai immediatamente ter com o rei, força-o a uma conversação cujas consequencias, sem as adivinhar, elle receava que fossem tão sérias como tinham de o ser. Foi uma scena solemne, um combate terrivel entre o amor de mãe e a ambição do tigre. Izabel Woodville exigira que a rainha sua filha estivesse presente á explicação.

Porém ás primeiras palavras, Henrique VII desviou sua mulher, e esta, mãe d'um futuro rei, abaixou a cabeça ante o olhar de sua mãe e deceu ao esposo.

Os dous inimigos ficaram em presença um do outro.

— Senhor, disse Izabel, foi-me revelado que um de meus filhos não tinha sido assassinado na Torre. Vós deveis saber a verdade, pois, que interrogaste a sua sepultura. Compreendo que receeis informar a Inglaterra ; porém a mim, sua mãe, a mim, cuja filha reina, senhor, ao vosso lado e que não quero desthronisar minha filha, disse-me a verdade.

Henrique VII não respondeu. Izabel continuou :

— Na sepultura que abristes havia só uma victima ; onde está a outra ? Muitas vozes me bradam neste momento que o meu outro filho está na Escocia ; que marcha sobre Londres á frente de um exercito. Que dizeis a isto, milord ?

— O pasteleiro Simnel, tambem era vosso filho ? replicou Henrique VII ; esse tambem marchou sobre Londres com um exercito.

— Vi Simnel e envergonhei-me na sua presença ; perdoaste-lhe a estúpida impostura, eu pedia-vos para o castigardes. Pois bem : mostrai-me tambem esse falso Ricardo ; quero vel-o, quero fallar-lhe, quero confundil-o. A vossa causa fica para sempre ganha, se o meu testemunho vos fôr favoravel.

— Haveis de ver o pretendente, replicou Henrique VII, no dia em que m'o trouxerem prisioneiro.

— Oh ! exclamou Izabel, alguma cousa me diz que esse não no haveis de mandar para vossas cosinhas ! Aquelle que esposou uma Catharina Gordon, aquelle que Jacques IV chama seu irmão, a quem minha irmã de Borgonha chama seu sobrinho, esse, milord, não no quereis prisioneiro, quereil-o morto !

Henrique estremeceu.

— E vós, senhora, disse elle, que quereis que elle seja ? Rei, talvez ?

— Se elle fôr ! se fôr o filho que vós não encontrastes na cova aberta pelos assassinos da Torre, se fôr meu filho, milord, persuadi-vos que o deixarei cahir outra vez sob o cutello ou o punhal ? E esperais que deixe minha filha fazer a seu irmão uma guerra impia ?

— Senhora, respondeu Henrique VII, com sombria resolução, já não é a Rosa Branca que reina em Inglaterra : procurai acostumar-vos a isso. Tendes um neto sobre os degraus do throno, que é meu filho, e elle não será sacrificado ao vosso !

— Eu só quero saber se o pretendente é meu filho Ricardo ! Deixai-me fallar-lhe, deixai-me convencer se é. Se fôr, juro-vos que me callarei ; que o levarei em meus braços para o exilio ; que nunca reinará ; mas deixai-o viver. Se fôr um falsario, eu mesma vol-o entregarei !

Um fatal e silencioso sorriso deslisou pelos delgados labios de Henrique VII.

— A sua morte seria um crime mais horroroso, proseguiu a mãe, do que o assassinio commettido em outro tempo na Torre. Como ! Pois

esse mancebo havia de escapar por um milagre de Deus, havia de chamar-vos vosso irmão, havia de estender os braços á sua irmã, á vossa mulher, e vós haveies de ordenar a sua morte ?

— Elle estende a mão para o meu sceptro, senhora, e a sua espada ameaça a cabeça de meu filho !

— Milord, appellarei para a Inglaterra, para o mundo ; declararei a prova leal que vos offereci, e não de julgar-nos : proclamarei por toda a parte que impedis de salvar talvez um filho de Eduardo !

— Por honra vossa, senhora, replicou friamente Henrique, pela de vossa filha, pela segurança da vossa pessoa e da vossa casa, haveis de calar-vos. O homem de quem fallais é um impostor, visto que quer des-thronisar vossa filha e vosso genro. Tendes a liberdade de escolher entre vossas filhas e vossos filhos ; comtudo uma boa mãe deve amal-os a todos sem preferencia. Além disso, eu julgava que York estava estreitamente ligado a Lancastre ; deverieis vós ser a primeira a proval-o ; mas visto que vos affastais desse dever, eu terei o cuidado de vos conservar nelle !

Passada uma hora, Henrique VII em pessoa conduzia sua sogra ao convento de Bermondsey, a uma prisão decorada com o nome de retiro e que a ciosa providencia do genro soube tornar tão muda, tão impenetravel como a mais sombria masmorra das suas prisões de estado. Para a mãe do infeliz Ricardo era o limiar do tumulto.

Foi assim que Henrique VII terminou a questão. Livre enfim das preocupações da familia entregou-se inteiramente á luta contra o temivel pretendente.

A calumnia e os motejos foram o principio do ataque. Ricardo, ridicularisado como doido, stygmatisado como judeu apostata, depois ferido no proprio coração dos seus conselhos e dos seus exercitos com o ouro prodigalisado aos traidores, foi enfim vencido com as armas na mão em Exeter. Henrique VII, em reconhecimento da fidelidade dos habitantes daquella cidade, fez presente da sua propria espada ao governador, que a defendera contra Ricardo, e conferiu-lhe, como a todos os seus successores, o privilegio de usar espada na presença dos reis nos dias de cerimonia.

Emfim, a derrota de Taunton anniquilou os ultimos recursos de Ricardo, cuja cabeça o vencedor pôz n'um preço immenso. O mais já nós sabemos.

Mas, que valiam essas victorias ? Era o proprio Ricardo que era preciso a Henrique VII ; era aquella fronte real que cumpria deshorrar, aquella bocca que convinha fechar para sempre ; era aquelle corpo, salvo das mãos dos assassinos de Gloucester, que cumpria fazer entrar outra vez, por maior que fosse a sua grandeza, no fosso cavado debaixo da escada da torre !

(Continúa)

THEATROS

S. Pedro. — Gymnasio. — Botão sem casa. — S. Luiz. — S. Saraiva e Alexandre Dumas. — Peças em ensaio. — Phenix e Cassino.

Continúa a attrahir gente ao S. Pedro a companhia da sra. Emilia Adelaide, que em uns papeis tem tido azo para mostrar para quanto serve e n'outros mostrado que não está, infelizmente, na altura da fama que a precede

Não demoramos na apreciação das peças representadas pela sra. Emilia Adelaide, a celebre, porque muita gente a tem na conta de um idolo inviolavel e as nossas palavras, não valendo, em coisissima nenhuma, a Arte, capazes seriam de valer-me, a mim, meia duzia de bengaladas, que é como se decidem nesta terra as questões de gosto.

No *Gymnasio* cahio o *Botão de Ancora*.

Pois si não houve uma só casa para aquelle botão !

Que peça ! Eu confesso que não me foi dado apreciar-a devidamente, por isso que aconteceu-me como a certo critico francez : dormi do meio para o fim.

Só ouvia a voz do sr. Arêas que dizia muito alto e bom som na platéa :

— Estes meus collegas quando se mettem a escrever peças ! ...

Está visto que se referia ao sr. Cesar de Lacerda.

O S. Luiz tem variado os seus espectaculos com os occarinistas portuguezes e algumas das comedias do excellente repertorio do Valle.

Este theatro annuncia a *Joanna do Arco* ao mesmo tempo que a *Estrangeira*.

Que coherencia ! um drama intimo e uma opereta burlesca, pela mesma companhia, no mesmissimo theatro.

Quem fará o papel de *Estrangeira* ? A sra. Aurora de Freitas ou aquella atriz anonyma a do nariz comprido que faz a princeza da *Pera de Satanaz* ?

Este Valle !

Emfim, vamos ver o que dirá o sr. Saraiva da *Gazeta*, relativamente á *Estrangeira*.

Pois não sabem que S. Saraiva, em um de seus ultimos folhetins, deu quinãos em Alexandre Dumas Filho ?

Ora o S. Saraiva !

— A companhia do sr. Guilherme da Silveira vae pôr em scena *Jerusalem libertada*, de 1836, e os *Miseraveis*, traducção feita pelo sr. Lino, dos *Lazaros*, do *Chanteur des rues*, peça escripta, cuido, pela nossa aza negra, o famoso D'Ennery.

— A' Phenix continúa a dar enchentes a *Loteria do Diabo*.

— No Cassino, ou antes, no Ex-Cassino, deu-nos Furtado Coelho

o *Romance de um moço pobre*, sendo o desempenho satisfactorio por parte dos dois principaes artistas, da sra. Luvini e do sr. Arêas, que despertou saudades de Joaquim Augusto.

O Cassino ensaia *A viuva* e o *Duque Job*, traducção de nossos compa-
nheiros de trabalho—Arthurs (Barreiras e Azevedo).

Não dizemos *intelligentes, infatigaveis*, etc., porque um delles é o autor destas linhas.

ELOY, O HERÓE.

POESIAS

Lux et tenebra

(A J. PATROCINIO)

Eu nunca dei ouvido á voz do campanario,
chamando o cenobita ás cathedraes da cruz;
mas hontem quiz ouvir a lenda do Calvario,
narrada por um sancto e velho missionario,
em honra de Jesus.

Do antigo templo á porta a livida miseria
erguia para o ar a descarnada mão,
com aspecto theatral d'uma expressão funerea,
mostrando no olhar as chagas da materia,
a mendigar o pão.

Os macilentos cães tristonhos, compassivos
em frente descansando áquelles aleijões,
pareciam dizer, assim contemplativos,
que lhes moviam n'alma os appetites vivos
aquellas podridões.

Creancinhas sem côr, esfarrapadas, núas,
que vão do berço ao catre immundo do hospital,
dormiam com as mães no macadam das ruas,
emquanto iam soffrendo as deleterias puas
da fome bestial.

E os nobres charlatães d'umas grotescas lendas,
por entre os empurrões do bando dos fieis,
passavam com o peito armado de commendas,
em frente áquellas vis e tragicas legendas
pesados como os reis.

E as Venus sensuaes, nevralgicas, franzinas,
ao verem na miseria o seu nefando fim,
com a graça natural ás damas libertinas,
volviam febrilmente as faces purpurinas
manchadas de carmim.

No emtanto entre o latim de um homem mercenario,
lá juncto ao altar-mór da velha cathedral,
ouvia-se o fremir do luxo tumultuario,
o riso de entremez do labio do frascario,
a voz de Belial.

E aquelle que chamou-se o pae dos pequeninos
e Deus da humanidade, o pallido Jesus,
emquanto entregue á fome andavam os meninos,
estava no esplendor dos europeis divinos
prégado n'uma cruz.

Si é certo que ainda existe a tua divindade,
ó Christo ! dá de mão aos mandos de Mastai ;
transforma n'uma escola o templo da vaidade !
e, já que queres ser o Deus da humanidade,
oh ! sê tambem o Pae !

FONTOURA XAVIER

O consorcio maldicto

Elle é um rude sugeito honrado e generoso,
forte e trabalhador. Ella é toda franzina ;
é de antiga nobreza ; e é de raça felina
o seu mavioso gesto electrico e nervoso.

Finge-lhe amor, e tem-lhe um odio rancoroso.
Sobre o peito do athleta o régio busto inclina,
e mette-lhe no bolço a mão fidalga e fina
e despoja-o ; e elle, o bom e cégo esposo,

deixa-se despojar, e trabalha, callado.
Ella com uns padres vís anda na mancebia,
e, fartos, riem d'elle, o enorme desgraçado !

Ella é a Messalina infame, ladra e fria.
 Elle, um trabalhador estúpido e enganado.
 Elle chama-se Povo e ella Monarchia.

LUCIO DE MENDONÇA

Irresolução

(ULHAND)

Ella passeia, e sosinha,
 por este ameno pomar ;
 hei de hoje perder o medo ;
 hei de hoje a bella esperar...
 De uma criança innocente
 que poderei récear ?

Todos, todos a saudam,
 só eu não ousa a saudar ;
 só eu fujo quando a vejo
 para o meu lado avançar ;
 o mais formoso dos astros
 ai ! não me atrevo a encarar.

As flôres, com seu perfume,
 as aves, com seu cantar,
 affecto puro e singelo
 ousam lhe testemunhar ;
 em sua doce presença
 só eu não posso fallar !

Longos dias, noites longas,
 o meu destino é chorar ;
 queixo-me ao céu, que não ouve...
 que não ouve meu queixar ;
 as maguas que dentro sinto
 ousei jamais confessar.

Debaixo daquela arvore
 (que idéa) ! vou-me deitar ;
 ella toma este caminho
 sempre que vem passear ;
 fingirei que estou dormindo
 quando a donzella passar.

E, como fallando em sonhos,
 em sonhos vou confessar
 que as afflicções que padeço
 padeço de tanto a amar...
 Ella ha de ouvir o meu sonho :
 hei de bem alto fallar.

Mas o que vejo ! Desgraça !
 Ella ahi vem ! Vae me avistar !
 Naquelle bosque frondoso
 depressa vou me occultar...
 Ao menos, daquellas moitas,
 poderei vel-a passar.

1875

ARTHUR AZEVEDO